



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ - UFPA  
INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO - ICED  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO - PPGED  
DOUTORADO EM EDUCAÇÃO**

**HELENA DO SOCORRO ALVES QUADROS**

**A Epistemologia da Educação Museal na Amazônia Paraense:  
um estudo sobre o Programa O Museu Goeldi de Portas Abertas.**

**BELÉM - PARÁ  
2019**

**HELENA DO SOCORRO ALVES QUADROS**

**A Epistemologia da Educação Museal na Amazônia Paraense:  
um estudo sobre o Programa O Museu Goeldi de Portas Abertas.**

Tese apresentada à Linha de Pesquisa Educação, Cultura e Sociedade, do Doutorado em Educação, do Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGED), do Instituto de Ciências da Educação (ICED) da Universidade Federal do Pará (UFPA), como exigência para obtenção do título de Doutora em Educação.

Orientador: Prof. Dr. Carlos Jorge Paixão

**BELÉM-PARÁ  
2019**

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBD  
Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal do Pará  
Gerada automaticamente pelo módulo Ficat, mediante os dados fornecidos pelo(a)  
autor(a)

---

A474e Alves Quadros, Helena do Socorro  
A Epistemologia da Educação Museal na Amazônia  
Paraense : um estudo sobre o Programa O Museu Goeldi de  
Portas Abertas / Helena do Socorro Alves Quadros. — 2019.  
263 f. : il. color.

Orientador(a): Prof. Dr. Carlos Jorge Paixão  
Tese (Doutorado) - Programa de Pós-Graduação em  
Educação, Instituto de Ciências da Educação, Universidade  
Federal do Pará, Belém, 2019.

1. Epistemologia da Educação Museal; . 2. Cultura  
Científica; . 3. Educação Museal; . 4. Programa O  
Museu Goeldi de Portas Abertas; . 5. Amazônia  
Paraense.. I. Título.

---

CDD 370

## **HELENA DO SOCORRO ALVES QUADROS**

### **A Epistemologia da Educação Museal na Amazônia Paraense: um estudo sobre o Programa O Museu Goeldi de Portas Abertas.**

Tese apresentada à Linha de Pesquisa Educação, Cultura e Sociedade, do Doutorado em Educação, do Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGED), do Instituto de Ciências da Educação (ICED) da Universidade Federal do Pará (UFPA), como exigência para obtenção do título de Doutora em Educação.

Data de Avaliação: 3/6/2019

Conceito: Excelente – Aprovada, sem alterações

#### **BANCA EXAMINADORA**

Orientador

Prof. Dr. Carlos Jorge Paixão  
Doutor em Educação pela UNESP/SP  
PPGED/ICED/UFPA

Avaliadora Externa

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup> Maria Cristina Oliveira Bruno  
Doutora em Arqueologia pela USP/SP

Avaliadora Externa

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Lucélia de Moraes Braga Bassalo  
Doutora em Educação pela UNB/DF  
PPGED/UEPA

Avaliadora Interna

Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Laura Maria Silva Araújo Alves  
Doutora em Psicologia da Educação pela PUC/SP  
PPGED/ICED/UFPA

Avaliador Interno

Prof. Dr. Salomão Antônio Mufarrej Hage  
Doutor em Educação pela PUC/SP  
PPGED/ICED/UFPA

*Aos meus pais Liodir e Raimunda Alves, pela vida, pelos ensinamentos, conselhos e sempre me incentivarem a estudar. Os seus sorrisos em cada vitória nos estudos me dão imensa alegria e a certeza do amor de vocês dois por mim, minha mãe Neném sempre me diz: eu nasci no mangal (mangue) minha filha, em uma ilha, em Mutucal – Curuçá, eu não aprendi, mas quero que você e sua irmã estudem, sejam alguém na vida, e assim foi, minha mãe!*

## AGRADECIMENTOS

O sonho se cumpriu!

Só posso começar dizendo: obrigada meu DEUS!

Obrigada para a Universidade Federal do Pará – UFPa, ao Programa de Pós-Graduação em Educação – PPGED pela oportunidade de fazer este Doutorado – de pesquisar e provar a importância da Educação! Saudações Freireanas!

Gratidão a papai Liodir e mamãe Raimunda (carinhosamente chamada de Neném), gratidão a mamãe por desde muito menina ter me colocado na aula particular, na casa de meu padrinho, e sempre me lembrar das histórias engraçadas. Gratidão a papai por todos os dias ter me levado em sua bicicleta para a Escola Municipal Sílvio Nascimento para estudar o meu primário, gratidão por comprar todos os materiais necessários para eu estudar, além de meus sempre pedidos de livros e mais livros. Gratidão a papai por fazer de tudo para que eu estudasse no Instituto de Educação do Pará – IEP, porque eu queria, porque queria ser professora, e ter feito a festa mais linda, quando de minha formatura de professora, gratidão papai por ter pago com muito custo meus estudos, e gratidão por tudo, simplesmente tudo! Amo vocês!

Meu marido Mário, obrigada pelos anos compartilhados. Neste 2019 completamos 34 anos de união e nunca terei como agradecer a coisa mais preciosa desta vida que você me deu, que são nossos filhos Igor, Iuri e Camila.

Meu filho Igor, meu primogênito, você é muito especial para mim, tenho muito orgulho de teu caminhar acadêmico e profissional, cada vez que você lança um livro, que você ganha um prêmio pelo teu talento, meu coração se enche de alegria e emoção, minha gratidão por ser esta pessoa que sempre me apoia em todos os segundos de minha vida.

Meu filho Iuri, meu segundo filho, o filho do meio, meu querido, você é para mim um ser humano iluminado, que me acalma por meio da música, que quando quero que o tempo volte atrás, você faz eu refletir, que eu não posso mais consertar e é seguir adiante, e além de ser o arquiteto da família, é meu administrador financeiro, ainda bem.

Minha filha Camila, a caçula, minha parceira da vida, da universidade, do trabalho com a comunidade, a admiração que tenho por você é muito grande, são tantas coisas a te agradecer, mas a principal, obrigada por sempre me incentivar a

continuar, obrigada pelas leituras, pelos livros e teses emprestadas, obrigada por me ensinar tanto, com você sempre estou a aprender.

Agradeço para toda a minha família que me abraça sempre na hora certa. Não tem como nominar todos os meus familiares tão amados, mas, tenham certeza que vocês todos (as) são muito especiais, a começar por você Dindinha Aneci (*in memoriam*), nunca será esquecida, minha segunda mãe. Para a minha única irmã Vânia, cunhado Nelcy, meus sobrinhos Liovanny, Leonny, sobrinha Camila Miranda, a doce Cecília, tem 1 ano e dez meses de mais puro amor. Para Ana Carla e sua mãe Carla, o qual tenho muito carinho. Para a Krisna, e sua família, para a Dina, que cuida de minha casa há mais de trinta anos, com o mesmo cuidado de sempre, muito obrigada família.

Fica difícil citar todos e todas que trabalham comigo no Museu Paraense Emílio Goeldi, o qual tenho muito orgulho de fazer parte de sua história, desde 1982. Cada um de seu jeito colaborou nesta jornada acadêmica, assim, optei por citar o nome de Guilherme de La Penha (*in memoriam*) para homenageá-los. La Penha, um dos diretores dessa instituição, que teve a sensibilidade de iniciar a comunicação desta instituição centenária com o bairro da Terra Firme e, graças à DEUS me deu a oportunidade de coordenar desde 1985 o Projeto O Museu Goeldi leva Educação em Ciência à Comunidade.

Destaco aqui as pessoas queridas que tive a honra de ser orientadora, estagiários (as), bolsistas, voluntários (as), também não correrei o risco de esquecer de alguém, por isso, todos sintam-se abraçados e abraçadas, com minha eterna gratidão.

Gratidão para os (as) Conselheiros (as) do Ponto de Memória do bairro da Terra Firme, Maria Francisca (Chicona), Francisca Rosa (Chiquinha), João Batista, José Maria, Sâmia Queiroz, Jéssica Santos, Maria Madalena, Eliete Santana (Necy), Edevaldo (Índio) por tantos sonhos e lutas conquistadas, sem vocês, nada seria possível, muito obrigada por confiarem tanto em mim, e, do trabalho virarmos grandes amigos e amigas. Meus maiores respeitos, minha família da Terra Firme.

Obrigada para as minhas “Redes” construídas no campo da Memória Social e dos Jardins Botânicos.

Ao Grupo de Estudos e Pesquisas Sobre Teorias, Epistemologias e Métodos da Educação – EPSTEM, pela maravilhosa acolhida e compartilhamento de ideias, gratidão Ilka, Gisele, Cássio, Gabriel, Cléber, Michel, Wladirson, Eli, Márcia, Ricardo,

Letícia, Viviane, Dilza, Cleumir, Rafael e demais pessoas que vem solidificando o EPsTEM. Ao Grupo de Estudo e Pesquisa em Educação do Campo na Amazônia - GEPERUAZ, são tantas pessoas queridas neste grupo, que fica difícil citar nominalmente todos e todas, mas saibam que sinto muito respeito e carinho pela luta de vocês.

Para a minha Banca, composta pelos (as) professores (as), Dr. Salomão Hage, Dra. Laura Alves, Dra. Lucélia Bassalo, Dra. Cristina Bruno, pela disponibilidade, sugestões e avaliação criteriosa desta Tese. Especialmente ao meu orientador, Professor Dr. Carlos Paixão! Sinceramente difícil de colocar aqui o verdadeiro agradecimento, desde a entrevista, a chave da sala, os livros emprestados, a paciência de ler e responder quase imediatamente, entender o meu tempo, e no primeiro dia de aula me dizer: não adoça pela Tese!

Para todos e todas os meus mais sinceros agradecimentos, obrigada pelas mais diversas contribuições, que me permitiram que esta Tese de Doutorado fosse construída.

Obrigada às pessoas que no diálogo, troca e vivência que o “Portas Abertas” nos proporciona, possibilitam a popularização e o fazer da Ciência sem luvas!!

## RESUMO

A Tese de Doutorado *A Epistemologia da Educação Museal na Amazônia Paraense: um estudo sobre o Museu Goeldi de Portas Abertas* faz parte da linha de pesquisa Educação, Cultura e Sociedade do Programa de Pós-Graduação em Educação – PPGED, do Instituto de Ciências da Educação - ICED da Universidade Federal do Pará – UFPa. O objeto de estudo é o Programa Institucional *O Museu Goeldi de Portas Abertas*, gerenciado pelo Serviço de Educação do Museu Goeldi, que vem historicamente constituindo-se em um elo entre a Comunidade Científica e a Sociedade. A problemática desta tese vem da seguinte questão: *até que ponto o Programa Institucional O Museu Goeldi de Portas Abertas proporciona um ambiente pedagógico de socialização do conhecimento científico por meio de vários empreendimentos da ciência formal (áreas científicas), desenvolvidos no MPEG de forma a contribuir para a construção do campo epistemológico da Educação Museal?* O objetivo geral da Tese é analisar, para explicitar, as questões ligadas à cultura científica que perpassam o programa *Museu Goeldi de Portas Abertas*, no sentido da composição do campo da Epistemologia da Educação Museal. A trilha seguida pela pesquisa baseia-se na abordagem qualitativa da Educação, com procedimentos de coleta de dados a partir das referências da pesquisa bibliográfica, da pesquisa documental e do levantamento de campo. A investigação ocorreu em duas fases: na primeira, foram aplicados em 2016 questionários e os sujeitos pesquisados foram os mediadores do Programa: pesquisadores, tecnologistas, educadores e estagiários do Museu Goeldi; os professores e estudantes das redes públicas e particulares da cidade de Belém e conselheiros do Programa Ponto de Memória do bairro da Terra Firme. Na segunda fase foram realizadas entrevistas semiestruturadas com três sujeitos selecionados, devido às suas atuações no Programa: uma pesquisadora do Museu Goeldi; uma representante dos monitores/mediadores e; uma representante da comunidade do bairro da Terra Firme. O texto foi distribuído em cinco capítulos, abordando os temas principais do objeto de estudo. A análise dos resultados obtidos nesta investigação confirma a tese de que o Museu Goeldi de Portas Abertas contribui efetivamente para a composição do campo Epistemológico da Educação Museal na Amazônia Paraense. Palavras-chave: Epistemologia da Educação Museal; Cultura Científica; Educação Museal; Programa O Museu Goeldi de Portas Abertas; Amazônia Paraense.

## ABSTRACT

The Doctoral Thesis *The Epistemology of Museum Education in the Paraense Amazon: a study about the Goeldi Museum of Open Doors* is part of the Education, Culture and Society research line of the Postgraduate Program in Education - PPGED, of the Institute of Educational Sciences - ICED of the Federal University of Pará - UFPA. The object of study is the Institutional Program *The Goeldi Museum of Open Doors*, managed by the Education Service of the Goeldi Museum, which has historically constituted a link between the Scientific Community and the Society. The problematic of this thesis comes from the following question: *to what extent the Institutional Program The Goeldi Museum of Open Doors provides a pedagogical environment for the socialization of scientific knowledge through several formal science ventures (scientific areas) developed in MPEG to contribute for the construction of the epistemological field of Museum Education?* The general objective of the Thesis is to analyze, to make explicit, the questions related to the scientific culture that go through the Goeldi Museum Open Doors program, in the sense of the composition of the field of the Epistemology of Museological Education. The path followed by the research is based on the qualitative approach of Education, with data collection procedures based on the references of bibliographic research, documentary research and field survey. The investigation took place in two phases: in the first one, questionnaires were applied in 2016 and the people surveyed were the mediators of the Program: researchers, technologists, educators and trainees of the Goeldi Museum; the professors and students of the public and private networks of the city of Belém and advisors of the Memory Point Program of the neighborhood Terra Firme. In the second phase, semi-structured interviews were conducted with three selected subjects, due to their actions in the Program: a researcher from the Goeldi Museum; a representative of the monitors/mediators; a representative of the neighborhood community of Terra Firme. The text was distributed in five chapters, addressing the main themes of the object of study. The analysis of the results obtained in this research confirms the thesis that the Goeldi Museum of Open Doors effectively contributes to the composition of the Epistemological Field of Museological Education in the Paraense Amazon.

Keywords: Epistemology of Museum Education; Scientific Culture; Museum Education; Program The Goeldi Museum of Open Doors; Paraense Amazon.

## Lista de Figuras

Figura 1: Retirada do Relatório de Gestão 2017: Localização espacial das bases. ....	23
Figura 2: Mapa do Parque Zoobotânico do MPEG, Belém, 2018.....	23
Figura 3: Bosque - Campus de Pesquisa do Museu Paraense Emílio Goeldi .....	25
Figura 4: Estação Científica Ferreira Penna do Museu Paraense Emílio Goeldi .....	26
Figura 5: Campus Avançado do Pantanal .....	27
Figura 6: Mapa Região Norte do Brasil.....	69
Figura 7: Mapa Estado do Pará, Brasil (Denominado nesta Tese de Amazônia Paraense).....	70
Figura 8: Localização do Parque Zoobotânico do Museu Goeldi, bairro São Brás .....	71
Figura 9: Organograma funcional do Museu Paraense Emílio Goeldi.....	72
Figura 10: Domingos Soares Ferreira Penna .....	765
Figura 11: Emílio Augusto Goeldi.....	78
Figura 12: Quadro Referencial da Disciplina Museológica – Museologia Geral.....	116
Figura 13: Quadro Referencial dos bens patrimoniais.....	15017
Figura 14: Pedagogia Museológica.....	15218
Figura 15: Educação Museológica – Princípios e Métodos.....	119
Figura 16: A interseção entre as Ciências – Museu Goeldi de Portas Abertas - A Epistemologia da Educação Musal.....	15422
Figura 17: Visita dos estudantes do Centro Comunitário Bom Jesus no Campus de Pesquisa.....	15524
Figura 18: Apresentação das culturas arqueológicas da Amazônia por meio de réplicas.....	1568
Figura 19: Pesquisadora do COCTE preparando o microscópio estereoscópico (lupa).....	150
Figura 20: Estudantes observando as caixas com amostras de borboletas.....	151
Figura 21: Visita ao Laboratório de Herpetologia.....	153
Figura 22: Visita ao Laboratório de Herpetologia.....	153
Figura 23: Visita a Coordenação de Zoologia.....	154
Figura 24: Apresentação do Laboratório de Anatomia Vegetal - LAVEG.....	157
Figura 25: Apresentação do Laboratório de Anatomia Vegetal - LAVEG.....	158
Figura 26: Mostra da Coleção Fotográfica do Museu Goeldi, denominada de Mostra de Documentos do Arquivo Guilherme de La Penha/MCTIC/MPEG.....	160
Figura 27: Exposição por meio de banners no Campus de Pesquisa.....	162
Figura 28: A monitora explicando sobre a Trilha dos Mamíferos .....	1653
Figura 29: Exposição Terra Firme: de tudo um pouco.....	1675
Figura 30: Construção do Campus de Pesquisa, na década de 70. ....	199
Figura 31: Visita da Comunidade da Terra Firme no Campus de Pesquisa/MPEG .....	20402

## Lista de Quadros

Quadro 1: Amostra visual dos entrevistados por meio de questionários. (2016) .....	332
Quadro 2: Demonstrativo dos dados quantitativos das visitas no Parque Zoobotânico - 2018 .....	34
Quadro 3: Demonstrativo dos dados quantitativos das visitas no Parque Zoobotânico - 2018 .....	34
Quadro 4: Demonstrativo dos dados quantitativos das visitas no Campus de Pesquisa - 2018 .....	354
Quadro 5: Demonstrativo dos dados quantitativos das visitas no Campus de Pesquisa - 2018 .....	35
Quadro 6: Documentos analisados .....	376
Quadro 7: Dados da Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações – BDTD .....	42
Quadro 8: Dados da Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações – BDTD .....	42
Quadro 9: Dados da Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações – BDTD .....	43
Quadro 10: Trabalhos acadêmicos na área de educação, cultura e sociedade.....	44
Quadro 11: Trabalhos acadêmicos na área de educação museal .....	464
Quadro 12: Elaborado após consulta nas plataformas MuseusBR e Guia dos Museus Brasileiros.....	45
Quadro 13: Número de Visitantes no Parque Zoobotânico, em 2012 .....	64
Quadro 14: Número de Visitantes no Parque Zoobotânico, em 2013 .....	941
Quadro 15: Número de Visitantes no Parque Zoobotânico, em 2018 .....	953
Quadro 16: Número de Visitantes no Parque Zoobotânico, em 2018 .....	964
Quadro 17: Quadro Referencial da Disciplina Museológica – Museologia Geral.....	95
Quadro 18: Quadro Referencial dos bens patrimoniais .....	11829
Quadro 19: Educação Museológica – Princípios e Métodos .....	11932
Quadro 20: Educação Museológica – Princípios e Métodos .....	12038
Quadro 21: Nome dos Centros Comunitários, ano de Fundação e localização .....	13067
Quadro 22: Seleção dos Pontos de Memória .....	13368
Quadro 23: Principais atividades no período de 2009 até 2018 .....	13968
Quadro 24: Perfil dos sujeitos que responderam ao questionário na 1ª fase da Pesquisa.....	1699
Quadro 25: Questão 1 do questionário profissionais do Museu Goeldi.....	17070
Quadro 26: Questão 2 do questionário profissionais do Museu Goeldi.....	17071
Quadro 27: Questão 3 do questionário profissionais do Museu Goeldi.....	17172
Quadro 28: Questão 3 do questionário profissionais do Museu Goeldi.....	1723
Quadro 29: Questão 4 do questionário profissionais do Museu Goeldi.....	1734
Quadro 30: Questão 5 do questionário profissionais do Museu Goeldi.....	1744
Quadro 31: Entrevistados educacionais e culturais (comunidades) .....	1755
Quadro 32: Questão 1 do questionário alunos e comunidades .....	1766
Quadro 33: Questão 2 do questionário alunos e comunidades .....	1766
Quadro 34: Questão 3 do questionário alunos e comunidades .....	1777
Quadro 35: Questão 4 do questionário alunos e comunidades .....	1787
Quadro 36: Questão 1 do questionário dos professores .....	1788
Quadro 37: Questão 2 do questionário dos professores .....	1799
Quadro 38: Questão 3 do questionário dos professores .....	17980
Quadro 39: Questão 4 do questionário dos professores .....	18081
Quadro 40: Questão 4 do questionário dos professores .....	18183
Quadro 41: Questão 6 do formulário dos professores.....	1826
Quadro 42: Perfil dos Sujeitos – Entrevista Semiestruturadas .....	1837
Quadro 43: Quadro síntese dos depoimentos .....	1857
Quadro 44: Quadro síntese dos depoimentos .....	1888
Quadro 45: Quadro síntese dos depoimentos .....	1899
Quadro 46: Quadro síntese dos depoimentos .....	19090
Quadro 47: Quadro síntese dos depoimentos .....	19091
Quadro 48: Quadro síntese dos depoimentos .....	1911
Quadro 49: Quadro síntese dos depoimentos .....	1922
Quadro 50: Quadro síntese dos depoimentos .....	1934
Quadro 51: Quadro síntese dos depoimentos .....	1935
Quadro 52: Quadro síntese dos depoimentos .....	1945
Quadro 53: Quadro síntese dos depoimentos .....	1976
Quadro 54: Quadro síntese dos depoimentos .....	1978
Quadro 55: Quadro síntese dos depoimentos .....	200
Quadro 56: Quadro síntese dos depoimentos .....	200

Quadro 57: Quadro síntese dos depoimentos .....	201
Quadro 58: Quadro síntese dos depoimentos .....	2022
Quadro 59: Quadro síntese dos depoimentos .....	2023
Quadro 60: Quadro síntese dos depoimentos .....	2034
Quadro 61: Quadro síntese dos depoimentos .....	2055
Quadro 62: Quadro síntese dos depoimentos .....	2065

## Lista de Siglas

<b>BDTD</b>	Biblioteca Digital Brasileira de teses e dissertações
<b>CJ</b>	Coletivo Jovens de Meio Ambiente do Pará
<b>COCEX</b>	Coordenação de Comunicação e Extensão
<b>CODEM</b>	Companhia de Desenvolvimento e Administração da Área Metropolitana de Belém.
<b>COMUS</b>	Coordenação de Museologia
<b>COPPG</b>	Coordenação de Pesquisa e Pós-Graduação
<b>COSANPA</b>	Companhia de Saneamento do Pará
<b>CRUTAC</b>	Centro Rural Universitário de Treinamento e Ação Comunitária
<b>CTC</b>	Conselho Técnico Científico
<b>DMU</b>	Divisão de Museologia
<b>DOU</b>	Diário Oficial da União
<b>EMBRAPA</b>	Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária
<b>IBAMA</b>	Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis
<b>ICOM</b>	International Council of Museums
<b>MAST</b>	Museu de Astronomia e Ciências Afins
<b>MCTIC</b>	Ministério da Ciência, Tecnologia, Inovações e Comunicações
<b>MOTUAT</b>	Movimento pela Titulação e Urbanização da Área do Tucunduba
<b>MPEG</b>	Museu Paraense Emílio Goeldi
<b>NUMA</b>	Núcleo de Meio Ambiente
<b>PPBio</b>	Programa de Pesquisa em Biodiversidade
<b>PPGCA</b>	Programa de Pós-Graduação em Ciências Ambientais
<b>UFMT</b>	Universidade Federal do Mato Grosso
<b>UFPA</b>	Universidade Federal do Pará
<b>UFRA</b>	Universidade Federal Rural da Amazônia
<b>UNESCO</b>	Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura
<b>PPGED</b>	Programa de Pós-graduação em Educação
<b>SEPZO</b>	Serviço de Parque Zoobotânico
<b>SEEDU</b>	Serviço de Educação
<b>SNCT</b>	Semana Nacional de Ciência e Tecnologia
<b>TPA</b>	Terra Preta Arqueológica
<b>TPN</b>	Terra Preta Nova
<b>UPC</b>	Unidade Prestadora de Conta

# SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>18</b>
DESVENDANDO O MUSEU GOELDI DE PORTAS ABERTAS: O LÓCUS DA PESQUISA, O OBJETO DE ESTUDO, A PROBLEMÁTICA, OS OBJETIVOS E A ORGANIZAÇÃO DA TESE .....	18
OBJETIVOS.....	20
O LÓCUS DA PESQUISA: MUSEU PARAENSE EMÍLIO GOELDI.....	22
<b>1. PASSO A PASSO DA PESQUISA: REFLEXÕES TEÓRICO-METODOLÓGICAS PARA A CONSTRUÇÃO DO ESTUDO .....</b>	<b>30</b>
1.1 IDENTIFICANDO SUJEITOS, CONSTRUINDO DADOS.....	32
1.2 ANÁLISE DE DOCUMENTOS .....	36
1.3 MUSEU GOELDI DE PORTAS ABERTAS E A PESQUISA DE CAMPO: OS SUJEITOS .....	37
1.4 SOBRE SUJEITOS, ESPAÇOS INSTITUCIONAIS E DADOS DE PESQUISA: AS ENTREVISTAS .....	38
<b>2. O SABER EPISTEMOLÓGICO DAS PRINCIPAIS CATEGORIAS DE ESTUDO: CONSTRUINDO O TERRITÓRIO DE CONHECIMENTO .....</b>	<b>40</b>
<b>3. DE <i>MOUSEION</i>, <i>MUSEUM</i> A MUSEU: ORIGEM, CONCEITO E TIPOLOGIAS .....</b>	<b>51</b>
3.2 OS MUSEUS NA AMAZÔNIA PARAENSE.....	63
<b>4. MUSEU PARAENSE EMÍLIO GOELDI: PRESENÇA SÓCIO-HISTÓRICA E CIENTÍFICA NA AMAZÔNIA .....</b>	<b>68</b>
4.1 É PARQUE OU MUSEU? DESMISTIFICANDO O PARQUE ZOEBOTÂNICO DO MUSEU PARAENSE EMÍLIO GOELDI.....	85
4.2 NA FLORESTA DE CAXIUANÃ TAMBÉM HÁ MUSEU GOELDI: A ESTAÇÃO CIENTÍFICA FERREIRA PENNA – ECFPN .....	96
4.3 COORDENAÇÃO DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO - COPPG .....	98
4.4 COORDENAÇÃO DE COMUNICAÇÃO E EXTENSÃO - COCEX.....	102
4.5 COORDENAÇÃO DE MUSEOLOGIA - COMUS.....	104
<b>5. EXPLORANDO O TERRITÓRIO DA EPISTEMOLOGIA DA EDUCAÇÃO MUSEAL: INTERSEÇÕES, CONFLUÊNCIAS E POPULARIZAÇÃO DA CIÊNCIA POR MEIO DO MUSEU GOELDI DE PORTAS ABERTAS.....</b>	<b>110</b>
5.1 A EDUCAÇÃO MUSEAL.....	119
5.2 O MUSEU GOELDI LEVA EDUCAÇÃO EM CIÊNCIA À COMUNIDADE: ANTECESSOR AO PONTO DE MEMÓRIA DO BAIRRO DA TERRA FIRME.....	124
5.3 O PROGRAMA INSTITUCIONAL O MUSEU GOELDI DE PORTAS ABERTAS: O OBJETO DE ESTUDO .....	140
5.3.1 <i>Coordenação de Ciências Humanas - COCHS</i> .....	148
5.3.2 <i>Coordenação de Ciências da Terra e Ecologia - COCTE</i> .....	151
5.3.3 <i>Coordenação de Zoologia - COZOO</i> .....	152
5.3.4 <i>Coordenação de Botânica - COBOT</i> .....	156
5.3.5 <i>Coordenação de Comunicação e Extensão - COCEX</i> .....	161
5.3.6 <i>Programa de Estudos Costeiros – PEC</i> .....	163
5.3.7 <i>Serviço de Educação – SEEDU/MPEG</i> .....	164
5.3.8 <i>Coletivo Jovens de Meio Ambiente do Pará – CJ</i> .....	165
5.3.9 <i>Ponto de Memória do bairro da Terra Firme</i> .....	166
5.4 ABRINDO AS PORTAS DO MUSEU GOELDI .....	168
5.4.1 <i>Análise dos Questionários</i> .....	169
5.4.2 <i>Análises das Entrevistas Semiestruturadas</i> .....	182
5.4.3 <i>As entrevistas</i> .....	185
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>210</b>

**REFERÊNCIAS .....213**

APÊNDICE A: QUESTIONÁRIO APLICADO A PESQUISADORES / TÉCNICOS / ESTAGIÁRIOS / COLABORADORES.....	249
APÊNDICE B: QUESTIONÁRIO APLICADO AOS ALUNOS .....	253
APÊNDICE C: QUESTIONÁRIO APLICADO AOS PROFESSORES.....	255
APÊNDICE D – ENTREVISTA COM PESQUISADORA DO MUSEU GOELDI.....	257
APÊNDICE E – ENTREVISTA COM COMUNITÁRIA DO BAIRRO DA TERRA FIRME .....	259
APÊNDICE F – ENTREVISTA COM A MEDIADORA/MONITORA DO MUSEU PARAENSE EMÍLIO GOELDI. ....	261

## INTRODUÇÃO

### **Desvendando o Museu Goeldi de Portas Abertas: o *lócus* da pesquisa, o objeto de estudo, a problemática, os objetivos e a organização da Tese**

Em Belém do Pará, o mês de outubro é um mês diferenciado: de festa, de arrumar as casas, do brinquedo de miriti<sup>1</sup> e do Círio de Nossa Senhora de Nazaré. Sobre a história do Círio, Rocque (2014, p. 29) diz que “o culto à virgem de Nazaré, em Belém, data do início do século XVIII. Um homem simples, de nome Plácido, foi o responsável direto por esse culto”.

O mesmo autor também medita sobre o que significa o Círio de Nazaré para os paraenses:

É o Círio, porque o paraense elegeu o dia dessa manifestação como o seu dia. É o dia máximo, o dia em que esquece todos os problemas e vai à rua, saudar a Berlinda que passa; é o dia em que esquece as rixas, as intrigas, e até perdoa os inimigos. É o dia da confraternização paraense. É o Natal do Pará. É interessante analisar este ponto: o Círio representa, para o paraense, o mesmo que os festejos natalinos e de fim de ano representam para a comunidade universal. (ROCQUE, 2014, p. 11)

Portanto, outubro é um mês que se tornou a máxima expressão da cultura paraense. O Decreto Lei 3.551, de 4 de agosto de 2000, instituiu o Registro de Bens Culturais de Natureza Imaterial, que constituem Patrimônio Cultural Brasileiros. A partir daí os bens imateriais passaram a ser inscritos nas seguintes categorias: dos Saberes, das Celebrações, das Formas de Expressão e dos Lugares. Assim, em 2005, o Círio foi reconhecido como Patrimônio Cultural do Brasil e passou a ser o primeiro bem inscrito no Livro de Registro das Celebrações – uma amostra da arte da cultura paraense.

No meio dessa festa religiosa e cultural do Pará, dessa efervescência, em que a cidade fica muito movimentada e com um grande número de turistas, é comemorado o aniversário do Museu Paraense Emílio Goeldi - MPEG. Outubro foi justamente o mês escolhido para a realização da programação do Serviço de Educação, denominada “O Museu Goeldi de Portas Abertas”.

---

<sup>1</sup> O miriti é uma palmeira típica da região de várzea, é um dos componentes marcante no período do Círio. A cidade de Abaetetuba, no sudeste do Pará, confecciona esses brinquedos e a tradição, que é passada de geração a geração, se moderniza, e além de atravessar o rio na época do Círio de Nazaré para ser vendido em Belém, também já ganhou outras cidades do mundo. (<http://g1.globo.com/pa/para/noticia/2013/10/artesanato-de-miriti-encanta-paraenses-e-turistas.html>)

Como o próprio nome anuncia, é um programa do Museu Paraense Emílio Goeldi - MPEG, que tem a missão de apresentar ao público seus estudos e os bastidores da ciência e da educação museal. É o objeto de estudo desta tese.

A origem do interesse em relação a essa temática diz respeito à sua relação direta com a cultura de trabalho da pesquisadora, que vem participando ativamente do Programa Institucional “O Museu Goeldi de Portas Abertas”, desde a construção do projeto; da fase do planejamento, em 1985; na coordenação; na execução de várias atividades e avaliações. Dessa forma, foi possível observar que o programa é capaz de demonstrar os paradigmas científicos desenvolvidos no Museu Paraense Emílio Goeldi.

O *lócus* da pesquisa é o próprio Museu Paraense Emílio Goeldi, situado na Amazônia Paraense, o mais antigo museu da Amazônia e o segundo mais antigo do país. É uma instituição de pesquisa vinculada ao Ministério da Ciência, Tecnologia, Inovações e Comunicações – MCTIC.

Para contextualizar o cenário amazônico paraense em suas múltiplas diversidades, pontua-se o pensamento de Filho e Neto (2017, p. 147):

Partimos do entendimento de que o espaço amazônico é compreendido por uma grande diversidade de sujeitos, tempos, usos, intencionalidades e relações sociais, o que demarca a existência de um conjunto extremamente significativo e múltiplo de territorialidades que se relacionam a partir de interações sincrônicas e/ou diacrônicas, complementares e/ou antagônicas.

Diante dessa análise do espaço amazônico, em que são apontados os sujeitos e toda a conjuntura da sociedade a qual pertencem, percebe-se a importância de a categoria “cultura amazônica” ser indicada neste estudo. É nesse cenário amazônico que se encontra instalado o Museu Paraense Emílio Goeldi.

De acordo com o Art. 4º do seu Regimento Interno (2016), o Museu Paraense Emílio Goeldi tem como “finalidade gerar e comunicar conhecimentos sobre os sistemas naturais e processos socioculturais relacionados à Amazônia, assim como, formar recursos humanos qualificados ao nível de pós-graduação”. Portanto, é uma instituição científica de caráter formativo e território educativo.

Nesse universo de conhecimentos, encontra-se a área de educação, denominada Serviço de Educação – SEEDU. Sua atuação acontece por meio de projetos educativos e culturais, de núcleos especializados e de programas institucionais.

O Programa “Portas Abertas” será detalhado no capítulo 5, mas é importante adiantar aqui o seu objetivo principal: incentivar e divulgar a pesquisa científica, com apresentação para o público em geral, como estudantes, professores, comunitários, gestores e demais interessados em ações de comunicação e de extensão, bem como as pesquisas científicas realizadas pela instituição. Acontece uma vez por ano, no mês de outubro, com o envolvimento de pesquisadores das áreas de Ciências Humanas, Ciências da Terra e Ecologia, a Coordenação de Botânica e a Coordenação de Zoologia, como também técnicos, tecnologistas, analistas, terceirizados, bolsistas, voluntários da Coordenação de Comunicação e Extensão, por meio de exposições, visitas em coleções científicas, laboratórios e jogos didáticos.

A problemática desta tese vem da seguinte questão: até que ponto o Programa Institucional “O Museu Goeldi de Portas Abertas” proporciona um ambiente pedagógico de socialização do conhecimento científico por meio de vários empreendimentos da ciência formal (áreas científicas), desenvolvidos no MPEG, de forma a contribuir para a construção do campo epistemológico da educação museal?

Assim, para obter esse retorno, como resposta à questão, o estudo focou especificamente em documentações, questionários e entrevistas aplicadas aos sujeitos selecionados e aos participantes das atividades científicas de comunicação e de extensão de um museu de ciências.

## **Objetivos**

O nosso objetivo geral é analisar para explicitar à cultura científica que perpassa o programa “Museu Goeldi de Portas Abertas”, no sentido da composição do campo da Epistemologia da Educação Museal.

Como objetivos específicos, buscou-se:

- a) analisar os documentos institucionais do Museu Paraense Emílio Goeldi relacionados com o Programa “Museu Goeldi de Portas Abertas”;
- b) identificar a relação dos sujeitos da comunidade com elementos ligados à cultura científica socializada por meio dos eventos do referido programa;

c) investigar o Programa “Museu Goeldi de Portas Abertas” no sentido da identificação das conexões interdisciplinares entre as respectivas áreas do conhecimento contempladas pelo programa em pauta.

A tese foi organizada por capítulos, conforme descrito a seguir:

Na introdução, teremos a apresentação da origem do interesse em relação ao objeto de estudo, em que detalhamos por meio de fotografias os 4 (quatro) espaços físicos da instituição científica Museu Goeldi. Além disso, fazemos uma breve apresentação do histórico, tanto da instituição quanto do Programa “Portas Abertas”, seguida da conceituação de educação museal.

O Capítulo 1, fará a descrição do Caminho do Estudo, sob o título “Passo a Passo da Pesquisa: reflexões teórico – metodológicas para a construção do estudo”, onde retrataremos os procedimentos, a abordagem utilizada no estudo e o perfil dos sujeitos, ou seja, o detalhamento do caminho da pesquisa e a sua parte empírica.

No capítulo 2, “O Saber Epistemológico das principais categorias de estudo: construindo o território de conhecimento”, traremos as primeiras pesquisas para a sistematização, em trabalhos acadêmicos na área de educação e da epistemologia para em seguida levantar estudos mais específicos na área de educação museal.

O capítulo 3, “Os Preâmbulos da Pesquisa: inserção no doutoramento e o entendimento teórico de museus”, apresentará os preâmbulos da pesquisa e o mapeamento do estado do conhecimento, com levantamento das disciplinas do Doutorado em Educação do PPGED, na linha de pesquisa Educação, Cultura e Sociedade, além da trajetória da origem dos museus, desde a criação do primeiro museu mundial, no Brasil e na Amazônia Paraense.

O capítulo 4, intitulado “Museu Paraense Emílio Goeldi: presença sócio-histórica e científica na Amazônia”, apresenta o processo museológico dos museus, ou seja, os fatos históricos, as rotas paralelas percorridas a partir do século XX entre os Museus de Ciências (apoiados em Coleções) e os Centros de Ciências e as conexões com as missões dos museus, até chegar ao lócus desta pesquisa, ao contexto histórico de um museu na Amazônia – o Museu Paraense Emílio Goeldi.

O último capítulo, “Explorando o Território da Epistemologia da Educação Museal: interseções, confluências e popularização da ciência por meio do Museu Goeldi de Portas Abertas”, focaliza a história do programa institucional “Museu Goeldi de Portas Abertas”, com análise e discussão dos dados e da epistemologia, relacionando os dados empíricos com a teoria, com os fundamentos da educação

museal. Nas Considerações Finais, são apresentados os principais achados desta pesquisa, citando o processo traçado para se chegar ao desenlace da problemática da tese.

### **O *lócus* da pesquisa: Museu Paraense Emílio Goeldi**

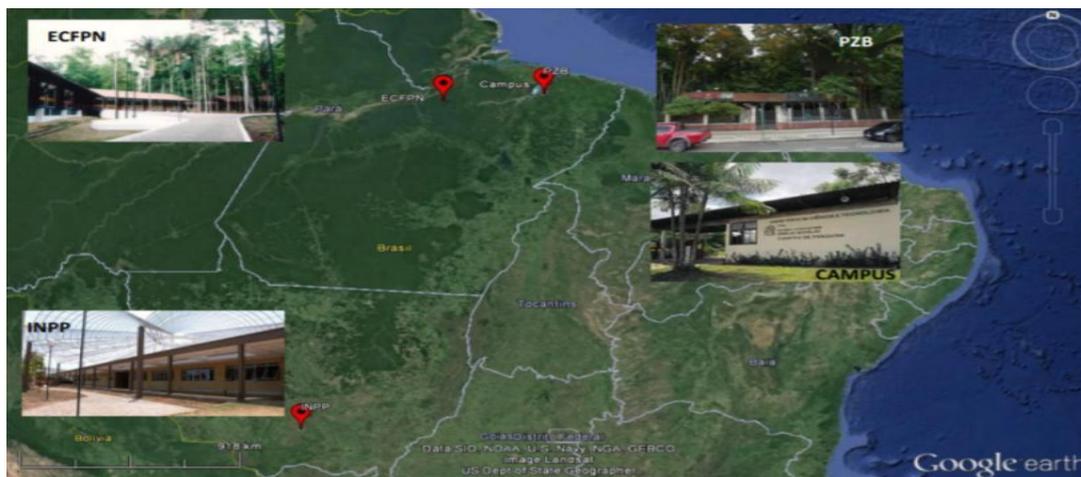
As estruturas arquitetônicas do Instituto de Pesquisa Museu Paraense Emílio Goeldi estão concentradas em quatro bases físicas: o Parque Zoobotânico e o Campus de Pesquisa, na Região Metropolitana de Belém; a Estação Científica Ferreira Penna, na Floresta Nacional de Caxiuanã, Melgaço, no Pará; e o Instituto Nacional de Pesquisa do Pantanal, em Cuiabá, Mato Grosso.

De acordo com o Relatório de Gestão (2017, p. 143), as bases físicas localizam-se conforme segue:

A localização dos imóveis da UPC segue com as seguintes coordenadas geográficas de referência: Parque Zoobotânico (PZB) - 01°27'12.33"S / 48°28'35.45"W; Campus de Pesquisa (CP) - 01°27'06.69"S / 48°26'42.23"W; Estação Científica Ferreira Penna (ECFPn) - 01°44'15.08"S / 51°27'19.39"W; Campus Avançado do Pantanal (INPP) - 15°36'23.84"S / 56°03'41.89"W. A distribuição espacial pode ser acompanhada na Figura 38.

O Museu Paraense Emílio Goeldi já agregou a base física do Campus Avançado do Pantanal, a sua estrutura administrativa. Ainda conforme especificado no Relatório de Gestão (2017, p. 143), a figura, abaixo denominada de 38, foi elaborada especificamente pelo MPEG para apresentar a localização espacial das bases físicas da Unidade Prestadora de Contas - UPC. É colocado que, por questão de escala de representação cartográfica, as bases referentes ao Parque Zoobotânico e ao Campus de Pesquisa estão sobrepostas na imagem.

Figura 1: Retirada do Relatório de Gestão 2017: Localização espacial das bases.



Fonte: Google Earth

Inicialmente, foi adquirido o Parque Zoobotânico, em agosto de 1895, com uma área de 5,4 hectares, situado no centro urbano de Belém, conforme o mapa abaixo:

Figura 2: Mapa do Parque Zoobotânico do MPEG, Belém, 2018



Fonte: arquivo da Coordenação de Museologia-Museu Paraense Emílio Goeldi

Em pleno centro da cidade, o Parque Zoobotânico apresenta ao público a fauna e a flora nativas, bem como totens de personagens anônimos e famosos da

história da instituição centenária (Trilha da Memória), com o intuito de contar a história da Ciência na Amazônia.

O Campus de Pesquisa do Museu Goeldi está localizado no bairro da Terra Firme desde 1978. Atualmente possui em seus espaços as Coordenações de Pesquisa e Pós-Graduação – COPPG; de Planejamento; o Núcleo de Inovação e Transferência de Tecnologia (NITT); os laboratórios e as coleções científicas das Coordenações de Botânica - COBOT, Zoologia - COZOO, Ciências da Terra e Ecologia - COCTE, Ciências Humanas - COCH e Comunicação e Extensão - COCEX, por meio da Biblioteca Domingos Soares Ferreira Penna; e o Arquivo Guilherme de La Penha.

Também integram a estrutura da COPPG um escritório da Estação Científica Ferreira Penna e o Núcleo Editorial Boletim - NUEBL, responsável pela edição do Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi. A existência dessa base física no Campus de Pesquisa no bairro da Terra Firme proporcionou o desenvolvimento de atividades com a comunidade, conforme consta no site da instituição:

A instalação do Campus do Museu Goeldi no bairro da Terra Firme propiciou que a instituição desenvolvesse ações diversas de educação com os centros comunitários do entorno, iniciando uma parceria de mais de três décadas. (MUSEU PARAENSE EMILIO GOELDI, s/p)

Esta referência sobre o Projeto O Museu Goeldi leva Educação em Ciência à Comunidade será mais explorada no Capítulo 4. O “Museu Goeldi leva Educação em Ciência à Comunidade: antecessor ao Ponto de Memória do bairro da Terra Firme”. Abaixo, segue imagem do bosque da Botânica (figura 3) do Campus de Pesquisa, na Avenida Perimetral, bairro da Terra Firme.

**Figura 3: Bosque - Campus de Pesquisa do Museu Paraense Emílio Goeldi**



**Fonte:** Helena Quadros

Outro espaço físico da Instituição é a Estação Científica Ferreira Penna – ECFPn (figura 4), que fica localizada no Município de Melgaço (PA), na Floresta Nacional de Caxiuanã, arquipélago do Marajó – Pará. A estação é destinada mais especificamente à realização de pesquisa científica, como estudos sobre a sociobiodiversidade da Amazônia, além de atividades de educação em ciências e em educação ambiental, em que são realizados cursos de campo para alunos de graduação e pós-graduação, treinamentos de extensão rural para moradores de Caxiuanã e visitas orientadas.

**Figura 4: Estação Científica Ferreira Penna do Museu Paraense Emílio Goeldi**



**Fonte:** <https://www.museu-goeldi.br/assuntos/o-museu/estacao-cientifica>

Desde 2013 o Museu Goeldi possui mais um Campus de Pesquisa, localizado em Cuiabá, Mato Grosso, chamado de Instituto Nacional de Pesquisa do Pantanal – INPP (figura 5). Esta medida foi tomada:

No sentido de estruturar todas as instâncias jurídicas e institucionais, em conformidade com a de um instituto de pesquisa do Governo Federal, foi necessária uma administração de transição, definida e escolhida em 2013 pelo então MCTI, o Museu Paraense Emílio Goeldi.

Desde então, o MPEG é o responsável pelas ações de pesquisa e de infraestrutura do INPP. Atualmente, as instalações são ocupadas pela Rede Centro-Oeste de Pós-Graduação, Pesquisa e Inovação (Pró-Centro-Oeste), linha de pesquisa financiada pelo MCTIC e vinculada à Universidade Federal do Mato Grosso (UFMT); pelo Instituto Nacional de Ciência e Tecnologia em Áreas Úmidas (INAU), projeto de pesquisa financiado pelo MCTIC/CNPq e vinculado à UFMT; e pela Rede de Biodiversidade e Biotecnologia da Amazônia Legal (Rede Bionorte), linha de pesquisa financiada pelo MCTIC e vinculada no estado de Mato Grosso à Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT), compondo, assim, o *Campus Avançado do Pantanal do MPEG/MCTIC* em Mato Grosso. (RUIVO; SILVA, 2017, p. 1).

O Museu Paraense Emílio Goeldi – MPEG, por ter ações vinculadas ao Pantanal, como o Programa de Pesquisa em Biodiversidade - PPBio, se propôs a apoiar a administração central. Assim, definiu-se, no Regimento Interno do Museu Paraense Emílio Goeldi, a criação do Campus Avançado do Pantanal, como forma de ocupação momentânea da infraestrutura recém-construída pelo MCTIC em Cuiabá.

Abaixo, é apresentado o terreno cedido pela Universidade Federal do Mato Grosso - UFMT ao MCTI, que possui área total de 13.535,01 m<sup>2</sup> e está localizado no

Campus da Universidade em Cuiabá, ao lado do Zoológico e atrás do Biotério Central, onde foi construído o INPP. O prédio da unidade é composto por três blocos, chamados de I, II e III. A área total construída corresponde a 4.941,06 m<sup>2</sup> (36,51% da ocupação total do terreno). O total de área verde, de grama e pavimentação, corresponde a 7.522,46 m<sup>2</sup>.

**Figura 5: Campus Avançado do Pantanal**



**Fonte: arquivo do Instituto Nacional de Pesquisas do Pantanal (INPP)**

Portanto, os quatro espaços físicos compõem a instituição de pesquisa científica da Amazônia – o Museu Paraense Emílio Goeldi – e seu histórico são contados pelo Instituto Brasileiro de Museus - Ibram (2016, p. 10) de forma sucinta:

No Pará, no ano de 1866, foi criada a Associação Philomática (Amigos da Ciência), tendo como um dos fundadores Louis Agassiz, um professor suíço que chefiou uma expedição científica nos anos de 1865 e 1866. Em 1871, a Associação passou a ser conhecida como Museu Paraense. Em 1900, o museu recebeu o nome de Museu Goeldi, em homenagem ao zoólogo suíço Emílio Goeldi, responsável pela consolidação da instituição a partir de sua chegada como diretor. Trinta anos depois, já com a instauração do Estado Novo, o museu passou por reformas estruturais e por uma nova alteração de nome, passando a se chamar Museu Paraense Emílio Goeldi, como é hoje conhecido.

Apesar de no trecho acima remeter a Louis Agassiz como um dos fundadores, mas, de uma maneira geral, nas publicações sobre o histórico do Museu Paraense Emílio Goeldi o nome de Domingos Soares Ferreira Penna é o mais citado. Ele é tido como o líder de um grupo de entusiastas pela Amazônia que fundou a Associação Filomática, em 1866.

Outro importante dado sobre o surgimento dos museus no Brasil, dentre eles, o Museu Paraense Emílio Goeldi, é apresentado assim:

Outras experiências de caráter museológico foram surgindo com o apoio das sociedades particulares. As coleções científicas e culturais aos poucos iam se tornando museus, como o Museu Paraense Emílio Goeldi em Belém (1866) e o Instituto Geográfico e Histórico da Bahia (1894). A chegada do período republicano trouxe consigo o crescimento do número de instituições museológicas nas províncias brasileiras. Em 7 de setembro de 1895, foi criado o Museu Paulista, em São Paulo. (IBRAM, 2014, p. 23).

Assim, em vista da sua especificidade para a construção do histórico museal nesta tese, o museu será tratado como um espaço de memória, relacionada à identidade, como é veementemente afirmado por Bosi (2003, p. 53), para quem “a memória é, sim, um trabalho sobre o tempo, mas sobre o tempo vivido, conotado pela cultura e pelo indivíduo”.

Nesta tese será necessário relatar o processo histórico do Museu Paraense Emílio Goeldi e a Educação Museal, além das memórias dos sujeitos selecionados para as entrevistas, que estarão descritas no Capítulo 1. A Epistemologia deu o suporte a este estudo, corroborando que “a epistemologia objetiva o estudo da origem e estrutura dos diversos conhecimentos científicos e, com seu viés interdisciplinar, observa a ciência sob a ótica de várias disciplinas e seus impactos sociohistóricos em diferentes temporalidades” (MORAIS, 2017, p. 20). Nesse sentido, a epistemologia é considerada fundamental para a Ciência, enquanto caminho que possibilita o conhecimento interdisciplinar. O autor aponta que, ao debruçar-se sobre o fazer científico de forma crítica, é possível, ainda, distinguir o discurso que produz conhecimento válido para a pesquisa, daquele que se restringe ao saber empírico não-crítico. Desta feita, é importante que se afirme o valor da epistemologia a partir de sua criticidade, esta capaz de contribuir para o desvelamento e a construção da análise deste trabalho no sentido de confirmar a proposição em torno da educação museal com ênfase na socialização da cultura científica.

Para iniciar a configuração do estudo sobre a educação museal, é preciso primeiramente descrever as ações que a compõem:

- A ação educativo-cultural talvez seja a área que mais se expande nos museus e na Museologia. Para além do tradicional atendimento ao público agendado ou espontâneo que visita as exposições, tem procurado investigar e aproximar os não públicos, refletir e aplicar práticas inclusivas, sair dos muros dos museus. (CÂNDIDO, 2014, p. 205)

A autora sinaliza a importância da área da educação dentro de um museu, indicando um novo caminho: o de sair do cotidiano, sair do comodismo de realizar somente atendimento nas visitas às exposições, sair dos espaços físicos dos museus e ir até as comunidades.

Diante desses quadros mencionados, este estudo está centrado em investigar o programa institucional “O Museu Goeldi de Portas Abertas” com o propósito de apontar a construção do campo epistemológico da educação museal.

No próximo capítulo, será apontado o caminho do estudo.

## 1. Passo a passo da pesquisa: reflexões teórico-metodológicas para a construção do estudo

Este estudo busca analisar as questões ligadas à cultura científica que perpassam o programa “Museu Goeldi de Portas Abertas”, no sentido de compor o campo da epistemologia da educação museal. O objeto é direcionado ao Programa referido. Assim, é necessário um aprofundamento epistemológico em seu caráter investigativo.

Chizzotti (1991, p. 79) indica a importância de o pesquisador decodificar os dados coletados e apontar os signos do objeto estudado:

O conhecimento não se reduz a um rol de dados isolados, conectados por uma teoria explicativa; o sujeito-observador é parte integrante do processo de conhecimento e interpreta os fenômenos atribuindo-lhes um significado. O objeto não é um dado inerte e neutro; está possuído de significados e relações que sujeitos concretos criam em suas ações.

Isso expressa a relação do objeto desta pesquisa, com ênfase em sua área educativa, porque induz o conhecimento produzido nas áreas científicas e culturais com significados e relações a serem decodificadas.

Em relação ao objeto de pesquisa, que neste texto se volta para o Programa Institucional “O Museu Goeldi de Portas Abertas”, Gamboa (2012, p. 28), explica que:

Como a investigação constitui um processo metódico, é importante assinalar que o método ou modo, ou caminho de chegar ao objeto, o tipo de processo para chegar a ele está dado pelo tipo de objeto e não ao inverso como pode ser entendido, quando o caminho ganha destaque, dado o êxito de certos métodos em certos campos, chegando-se a priorizar de tal maneira que o objeto fica descaracterizado (*desnaturalizado*), recortado ou enquadrado nos códigos restritos das metodologias.

O objeto foi estudado utilizando o caminho da abordagem qualitativa, para que o mesmo não fosse descaracterizado, conforme Gamboa aponta. Portanto, a nossa trilha para alcançar o objeto, ou seja, o nosso processo metódico, segue o indicado e utilizado por Severino (2000, p. 117):

Como se viu, a ciência se constitui aplicando técnicas, seguindo um método e apoiando-se em fundamentos epistemológicos. Tem assim elementos gerais que são comuns a todos os processos de conhecimento que pretenda realizar, marcando toda atividade de pesquisa. Mas, além da possível divisão entre Ciências Naturais e Ciências Humanas, ocorrem diferenças significativas no modo de se praticar a investigação científica, em decorrência da diversidade de perspectivas epistemológicas que se podem

assumir no trato com os objetos pesquisados e eventuais aspectos que queira destacar.

Utilizamos as seguintes técnicas de coleta de dados: pesquisa bibliográfica, pesquisa documental, questionários e entrevistas. Sobre tais abordagens, Severino (2000, p. 122) explica:

Com referência à natureza das fontes utilizadas para a abordagem e tratamento de seu objeto, a pesquisa pode ser bibliográfica, de laboratório e de campo. A pesquisa bibliográfica é aquela que se realiza a partir do registro disponível, decorrente de pesquisas anteriores, em documentos impressos, como livros, artigos, teses etc. Utiliza-se de dados ou de categorias teóricas já trabalhados por outros pesquisadores e devidamente registrados. Os textos tornam-se fontes dos temas a serem pesquisados. O pesquisador trabalha a partir das contribuições dos autores dos estudos analíticos constantes dos textos.

O objeto de estudo foi assim direcionado. Em relação à pesquisa documental, Severino (2000, p. 122), diz que:

No caso da pesquisa documental, tem-se como fonte documentos no sentido amplo, ou seja, não só de documentos impressos, mas sobretudo de outros tipos de documentos, tais como jornais, fotos, filmes, gravações, documentos legais. Nestes casos, os conteúdos dos textos ainda não tiveram nenhum tratamento analítico, são ainda matéria-prima, a partir do qual o pesquisador vai desenvolver sua investigação e análise.

Dessa forma, a pesquisa documental foi feita sobre documentos impressos e *on line* do Museu Paraense Emílio Goeldi, sobre fotografias extraídas dos eventos do “Portas Abertas” e sobre documentos do Instituto Brasileiro de Museus a respeito de Educação Museal. Como procedimentos de investigação, utilizamos questionários e entrevistas semiestruturadas. Segundo Severino (2000, p. 125):

Questionário, conjunto de questões, sistematicamente articuladas, que se destinam a levantar informações escritas por parte dos sujeitos pesquisados, com vistas a conhecer a opinião dos mesmos sobre os assuntos em estudo. As questões devem ser pertinentes ao objeto e claramente formuladas, de modo a serem bem compreendidas pelos sujeitos. As questões devem ser objetivas, de modo a suscitar respostas igualmente objetivas, evitando provocar dúvidas, ambiguidades e respostas lacônicas.

No capítulo 5 serão apresentados os sujeitos pesquisados, com questões diferenciadas conforme a categoria (professores, estudantes, comunitários e funcionários da instituição). Para explicar a técnica da Entrevista, citamos mais uma vez Severino (2000, p. 124), para quem:

Entrevista, técnica de coleta de informações sobre um determinado assunto, diretamente solicitadas aos sujeitos pesquisados. Trata-se, portanto, de uma interação entre pesquisador e pesquisado. Muito utilizada nas

pesquisas da área das Ciências Humanas. O pesquisador visa apreender o que os sujeitos pensam, sabem, fazem, representam e argumentam.

Portanto, para este estudo foi utilizada também a entrevista com três sujeitos do sexo feminino, selecionados por serem partícipes do Programa “Portas Abertas” e por nele atuarem por um período longo e em ações diferentes umas das outras.

## **1.1 Identificando sujeitos, construindo dados**

A produção dos dados da pesquisa iniciou-se em 2015 e se estendeu até 2019. Em 2015 foi realizado o primeiro levantamento no Arquivo Guilherme de La Penha, do Museu Paraense Emílio Goeldi, em Relatórios Institucionais do Serviço de Educação, da Coordenação de Museologia, com o intuito de se efetuar leituras a respeito da atuação e do resgate de dados do Programa Institucional “O Museu Goeldi de Portas Abertas”.

Em 2016, houve, por parte da pesquisadora, observação e acompanhamento das atividades do Programa referido, bem como uma pré-sondagem com aplicação de questionários. Foram entrevistadas 81 pessoas, sendo 37 pesquisadores, tecnologistas, estagiários e educadores, todos ligados formalmente ao Museu Paraense Emílio Goeldi. Na área educacional e cultural, foram entrevistados 19 professores e 25 alunos das escolas e comunidades (Escola Municipal Stelina Valmont; Escola Estadual Mário Barbosa; Escola de Aplicação/Universidade Federal do Pará - UFPA; Universidade do Estado do Pará – UEPA; Universidade da Amazônia – UNAMA e Ponto de Memória do bairro da Terra Firme, todos provenientes da Cidade de Belém do Pará).

O objetivo da pré-sondagem foi coletar dados sobre a posição daqueles sujeitos em relação às atividades científicas do “Museu Goeldi de Portas Abertas”. Tais dados serviriam como subsídios para esta Tese, com a verificação da questão principal deste estudo que é: até que ponto o Programa Institucional “O Museu Goeldi de Portas Abertas” proporciona um ambiente pedagógico de socialização do conhecimento científico, por meio de vários empreendimentos da ciência formal (áreas científicas), desenvolvidos no MPEG, de forma a contribuir para a construção do campo epistemológico da educação museal?

Assim, os questionários foram elaborados com questões diferenciadas para cada sujeito da pesquisa, acoplados segundo as categorizações e organizados da

seguinte maneira: juntaram-se pesquisadores, tecnologistas, estagiários e educadores (Questionário 1); Professores (Questionário 2) e Alunos e Comunitários (Questionário 3). Em cada um, as questões foram direcionadas de acordo com as categorizações e utilizadas numerações para preservar a identidade dos entrevistados e das entrevistadas. As instituições de ensino e os (as) comunitários (as) foram convidados (as) anteriormente para participação da programação e na pesquisa. Portanto, em outubro de 2016, os sujeitos de pesquisa foram chegando e conhecendo o Campus de Pesquisa, bem como suas particularidades.

Nos intervalos das visitas os questionários foram sendo aplicados pela pesquisadora. Os materiais coletados passaram por várias etapas de análise. Primeiramente foram separados os questionários por critérios numéricos, conforme citado anteriormente. Após essa distribuição, foi realizada leitura minuciosa de cada questionário, de acordo com as categorias e as respostas para as questões formuladas. Abaixo segue amostra dos entrevistados:

**Quadro 1: Amostra visual dos entrevistados por meio de questionários. (2016)**

Abordagem	Questionário 1	Questionário 2	Questionário 3
Sujeitos de Pesquisa	pesquisadores, técnicos, educadores e estagiários	Professores (as)	Alunos (as) / comunitários (as)
Nº de entrevistados	37	19	25

**Fonte:** elaboração da autora (2019).

Os resultados dos questionários estão expostos no Capítulo 5. Em 2018, segundo o Relatório do Serviço de Educação - SEEDU, o Programa Institucional “O Museu Goeldi de Portas Abertas” apresentou um diferencial na proposta. Houve uma atividade denominada “Pesquisa Qualitativa do Portas Abertas 2018”, em que ocorreram entrevistas nos dias do evento com a equipe de planejamento, os pesquisadores, os visitantes e os demais envolvidos, a fim de mostrar uma visão abrangente do processo de planejamento e execução, além de traduzir os resultados em um relato de experiência. O objetivo da atividade foi conhecer melhor as expectativas pessoais dos participantes a respeito da importância do projeto “Portas Abertas”. Assim, uma equipe de jovens voluntariados realizou as atividades em dois espaços: o Parque Zoológico e o Campus de Pesquisa.

Em 2018, o “Portas Abertas” recebeu a demanda de 2.790 pessoas, incluindo estudantes de vários níveis de ensino, professores e comunitários distribuídos nos dois espaços físicos. Abaixo segue quadro demonstrativo dos dados

quantitativos das visitas, elaborado conforme levantamento do Relatório Anual do Serviço de Educação 2018.

**Quadro 2: Demonstrativo dos dados quantitativos das visitas no Parque Zoológico - 2018**

o	INSTITUIÇÕES	QUANTIDADE DE ALUNOS	TURNO
	Escola Municipal de Educação Infantil Castanheiras	88	Manhã
	Escola Estadual Deodoro de Mendonça	31	Manhã
	Escola Estadual Ulysses Guimarães	83	Manhã
	Colégio Nossa Senhora da Anunciação	31	Manhã
	Escola Municipal Coleipa	32	Manhã
	Casa da Criança Santa Inês	66	Manhã
	PA	23	Manhã
	Maestro Carlos Gomes	28	Manhã
	Centro Educacional ABC Jesus	13	Manhã
	Centro Educacional Kyoto Oti	7	Manhã
	Colégio Ômega	92	Manhã
	Colégio Ômega	82	Tarde
TOTAL : 576 Estudantes			

**Fonte:** Relatório Anual do Serviço de Educação, 2018 - Coordenação de Museologia.

As instituições de ensino participantes provinham das redes estaduais, municipais e particulares de ensino do Estado do Pará. No Quadro 3, são apresentadas as instituições de ensino que visitaram o Parque Zoológico e participaram da exposição “Museu Goeldi de Portas Abertas”. São apresentados dois quadros diferenciados do Parque, devido à atividade ter acontecido em dois dias diferentes.

**Quadro 3: Demonstrativo dos dados quantitativos das visitas no Parque Zoológico - 2018**

o	INSTITUIÇÕES	QUANTIDADE DE ALUNOS	TURNO
	Escola Municipal de Educação Infantil Castanheiras	72	Manhã
	Escola Estadual Deodoro de Mendonça	23	Manhã
	Escola Estadual Ulysses Guimarães	121	Manhã
	E.E.E.F. Nair Rodrigues de Caldas Zahluth	121	Manhã
	Escola Municipal Coleipa	32	Manhã
	E.M.E.F. Nossa Senhora da Paz	76	Manhã
	Centro de Estudos Antenor Reis	26	Manhã
	Centro Educacional Criativo	53	Manhã
	IFPA – Bragança	48	Manhã
0	Escola Albanizia de Oliveira Lima	100	Tarde
1	Escola Municipal Nossa Senhora da Paz	91	Manhã
2	Escola Redivaldo Barbosa	35	Tarde

3	UEPA	20	Tarde
4	Centro Educacional Kyoko Oti	15	Manhã
5	Colégio Ômega	55	Manhã
6	Centro Especializado em Reabilitação	20	Manhã
7	Cursos de Idiomas Aslan	26	Tarde
TOTAL: 934 ESTUDANTES E COMUNIDADE.			

**Fonte:** Relatório Anual do Serviço de Educação, 2018 - Coordenação de Museologia.

Entre 17 e 18 de outubro de 2018, o “Portas Abertas” recebeu 1.510 pessoas, provenientes das redes estaduais, municipais e particulares de ensino do Estado do Pará. Em relação às visitas ao Campus de Pesquisa, os dados foram coletados do Relatório Anual do Serviço de Educação, ano 2018, e, com base nele, foram elaborados os quadros abaixo:

**Quadro 4: Demonstrativo dos dados quantitativos das visitas no Campus de Pesquisa - 2018**

o	INSTITUIÇÕES	QTDE PESSOAS	TURNO
	Escola Estadual Brigadeiro Fontenelle	210	Manhã
	Escola Estadual suboficial Edvaldo	28	Manhã
	Universidade do Estado do Pará – UEPA	10	Manhã
	Escola Estadual Brigadeiro Fontenelle	100	Tarde
	Universidade do Estado do Pará – UEPA	77	Tarde
	Escola Municipal Maria Stelina Valmont	100	Manhã
	Colégio Ômega	39	Manhã
	Colégio Paraense	54	Manhã
	Colégio Ômega	58	Tarde
0	Conselheiros do Ponto de Memória Terra Firme	08	Manhã
TOTAL : 684 pessoas			

**Fonte:** Relatório Anual do Serviço de Educação, 2018 - Coordenação de Museologia.

**Quadro 5: Demonstrativo dos dados quantitativos das visitas no Campus de Pesquisa - 2018**

o	INSTITUIÇÕES	QUANTIDADE DE PESSOAS	TURNO
	Escola Estadual Ulysses Guimarães	8	Manhã
	Escola Municipal Maria Stelina Valmont	27	Manhã
	Escola Estadual Brigadeiro Fontenelle	100	Manhã
	Universidade do Estado do Pará – UEPA	77	Tarde
	Escola Municipal Maria Stelina Valmont	100	Tarde
	Sistema de Ensino Ágape	100	Manhã

	Centro de Ensino Jean Piaget	80	Manhã
	Centro Educacional ABC de Jesus	7	Manhã
	Paraíso do Estudante	40	Manhã
0	Colégio Ômega	49	Tarde
1	Conselheiros do Ponto de Memória Terra Firme	08	Manhã
TOTAL : 596 pessoas			

**Fonte:** Relatório Anual do Serviço de Educação, 2018 - Coordenação de Museologia.

Nos quadros 4 e 5 são apresentadas nominalmente as instituições de ensino e agentes comunitários visitantes, justamente com os horários e o total de estudantes. O somatório de visitantes dos dias 31 de outubro e 1º de novembro de 2018 chegou a 1.280 pessoas. Com essa quantificação e a identidade de quem participou do “Portas Abertas”, é possível mensurar e avaliar as atividades pensadas e dinamizadas nesse processo de popularização da ciência.

## 1.2 Análise de Documentos

Uma das etapas deste estudo envolveu a coleta sistemática de subsídios sobre o “Museu Goeldi de Portas Abertas”. Para isso utilizamos fontes múltiplas de coleta de informações, aplicação de questionários, a entrevista semiestruturada e a análise documental. Os documentos analisados foram a Política Nacional de Educação Museal; o Regimento Interno do Museu Paraense Emílio Goeldi e Relatórios de Gestão de 2016 e 2017.

A respeito da análise documental em uma pesquisa científica, Chizzotti (1991, p. 110) explica que:

Os documentos escritos reúnem informações escritas primárias ou originais; ou informações secundárias (bibliografias de obras e referências) trabalhadas por centros de documentação, a partir de notícias bibliográficas ou de documentos primários, ou, ainda, informações terciárias obtidas a partir de bibliográficas secundárias (bibliografia de bibliografias, catálogo de catálogos etc.).

Nesse sentido, a discussão citada acima justifica a importância dos documentos selecionados, que contêm informações precisas sobre o objeto estudado. Os documentos foram encontrados da seguinte maneira: o da Política Nacional de Educação Museal, no *site* e em material impresso, no Instituto Brasileiro de Museus – IBRAM, e na Rede Brasileira de Educação Museal - REM-BR; o

Regimento Interno do Museu Goeldi, no Diário Oficial da União – 2016; e o Relatório de Gestão (2016 – 2017), no *site* da Instituição: [www.museu-goeldi.br](http://www.museu-goeldi.br).

**Quadro 6: Documentos analisados**

DOCUMENTO	CONTEÚDO DO DOCUMENTO	OBJETIVO
Política Nacional de Educação Museal.	Publicado em 2017, contém os 5 Princípios, os três eixos; a Carta de Porto Alegre; e um total de 19 diretrizes: Eixo I – Gestão; Eixo II – Profissionais, formação e pesquisa; Eixo III - Museus e Sociedade.	A PNEM vem desenvolver a Política Nacional de Museus no campo da educação, tendo como base os demais documentos orientadores do campo da cultura, contribuindo para a instituição de políticas públicas consolidadas e continuadas. O resultado apresenta-se alinhado aos princípios adotados pelo Ibram, como o respeito à diversidade, a promoção da participação social e a valorização do relacionamento da sociedade com o patrimônio.
Regimento Interno do Museu Paraense Emílio Goeldi.	No Diário Oficial da União - DOU de 16.11.2016, Seção I, Pág. 46, por meio da Portaria MCTIC nº 5.160, de 14.11.2016.	O Ministro de Estado da Ciência, Tecnologia e Inovação e Comunicações Gilberto Kassab aprovou o Regimento Interno do Museu Paraense Emílio Goeldi - MPEG, por meio de Portaria, em que contém, objetivos, finalidades, conselho técnico-científico e outras decisões institucionais.
Relatório de Gestão - exercício 2016 – 2017. Unidade de Pesquisa: Museu Paraense Emílio Goeldi	Relatório de Gestão do Exercício 2016 e 2017 apresentado aos órgãos de controle interno e externo, como prestação de contas anual a que esta Unidade está obrigada nos termos do art. 70 da Constituição Federal, de acordo com a IN TCU 63/2010, DN TCU nº 154/2016, DN TCU nº 156/2016, Portaria TCU nº 59/2017 e orientações do órgão de controle interno contidos na Portaria CGU nº 522/2015.	Visão geral da unidade, planejamento organizacional e resultados, governança, gestão de riscos e controles internos, áreas especiais da gestão e relacionamento com a sociedade.

**Fonte:** elaboração da autora (2019).

A análise dos documentos colaborou para a construção dos textos desta tese, sendo essenciais as seções históricas do Museu Paraense Emílio Goeldi, o Serviço de Educação e o processo da Educação Museal brasileira.

### **1.3 Museu Goeldi de Portas Abertas e a pesquisa de campo: os sujeitos**

Os sujeitos desta pesquisa são os pesquisadores, técnicos, tecnologistas, estagiários e educadores das áreas científicas, de gestão e de comunicação do

Museu Goeldi; são os professores e os alunos das instituições de ensino das redes públicas e particulares do Estado do Pará; e os comunitários do bairro da Terra Firme.

No Relatório de Gestão (2016) do MPEG, foram colocados os seguintes dados sobre Estrutura de pessoal da Unidade:

A lotação autorizada para a UPC é de trezentos e dez (310) funcionários, mas no exercício em referência, os servidores efetivos perfazem um total de duzentos e trinta e sete (237), ou seja, aproximadamente 76,5% da lotação regulamentar. Desses funcionários, duzentos e trinta e quatro (234) são servidores de carreira e três (03) não possuem vínculo com a administração pública. No exercício em análise dezoito (18) funcionários tornaram-se egressos, por motivo de aposentadoria. (RELATÓRIO DE GESTÃO, 2016, p.116)

Foi nesse universo que foram selecionados os sujeitos desta pesquisa e, todos foram solícitos e participativos em relação às questões da aplicabilidade para esta tese. Os professores e alunos foram os participantes do “Portas Abertas” em 2016. Eles vieram espontaneamente ao Museu Goeldi e aceitaram prontamente responder às questões da tese. Os comunitários do bairro da Terra Firme estavam participando da atividade e, receberam e responderam os questionamentos da Tese.

Para a segunda etapa, o procedimento utilizado foi a entrevista semiestruturada como instrumento de coleta de dados. Os sujeitos partícipes da pesquisa foram três mulheres, sendo uma pesquisadora com mais de 20 anos no Projeto, uma comunitária atuante desde o início do “Portas Abertas”, em 1985, e uma mediadora/monitora que atua desde 2008 e que participa, portanto, há 11 anos de ações no Programa.

#### **1.4 Sobre sujeitos, espaços institucionais e dados de pesquisa: as entrevistas**

A primeira etapa da pesquisa contou com 19 (dezenove) professores, 37 (trinta e sete) pesquisadores/ tecnologistas/ estagiários/ educadores e 25 (vinte e cinco) alunos e comunitários, com aplicação de questionários de questões abertas.

Assim, para esta segunda etapa da pesquisa, a opção foi de entrevistar 3 (três) pessoas. As mesmas foram entrevistadas no período de dezembro de 2018 e fevereiro de 2019, e suas entrevistas foram gravadas, levando em média 45 a 60 minutos. Todas as entrevistadas assinaram o Termo de Consentimento Livre e

Esclarecido, uma exigência da pesquisa acadêmica, com vistas a resguardar a identidade dos sujeitos e as informações coletadas. De posse de todo o material gravado, foram realizadas as transcrições, após as quais foram feitas suas leituras e análises, reavaliando cuidadosamente cada fala.

A escolha desses sujeitos da pesquisa deu-se por conta do seu envolvimento no Programa Institucional “Museu Goeldi de Portas Abertas”, e o critério principal foi o do tempo cronológico de atuação de cada sujeito. Para todos eles foram usados pseudônimos, conforme solicitado, e as análises das referidas entrevistas estão no Capítulo 5.

## 2. O saber epistemológico das principais categorias de estudo: construindo o território de conhecimento

Nesta fase objetivamos encontrar produções similares e ou temas afins ao objeto desta tese, para detectar seu ineditismo. Para isso, houve uma triagem levando em conta as linhas de pesquisa e as palavras-chave nos catálogos das instituições, com leituras das possíveis obras similares.

Carvalho e Gamboa explicam sobre o sentido de estado da arte em uma pesquisa científica:

Para realizar o estado da arte que atendesse a proposta dessa pesquisa, houve a necessidade de escolher uma palavra-chave para nortear o levantamento bibliográfico, pois as bases de dados das bibliotecas digitais das universidades pesquisadas exigem a utilização dos filtros de buscas, por meio de um título específico ou de palavras-chave. (CARVALHO; GAMBOA, 2014, p. 12)

Com as palavras-chave “Epistemologia em Educação Museal” e “Museu Goeldi de Portas Abertas” foi iniciado o levantamento em *sites* da ANPED, CAPES, SCIELO; nas Bibliotecas da Universidade Federal do Pará - UFPA, da Universidade do Estado do Pará - UEPA e Museu Paraense Emílio Goeldi. A primeira palavra apresentou vários achados e a segunda, nenhum. Das teses e dissertações encontradas pelas bases de dados, foram selecionados trabalhos que trouxessem os termos educação museal e o “Museu Goeldi de Portas Abertas”.

O termo “Epistemologia”, nesta tese, corrobora o que é elucidado por Gamboa (2012, p. 55):

Quando nos referimos ao termo epistemologia da pesquisa educacional, significa que tomamos como objeto a produção do conhecimento gerado como pesquisa científica na área de educação e a analisamos à luz das categorias filosóficas, utilizando para isso esquemas conceituais que propiciam o estudo das articulações entre os elementos constitutivos da investigação (técnicas, métodos, teorias, modelos de ciência e pressupostos filosóficos).

Foram pesquisadas as seguintes bases de dados: a Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações – BDTD, a SCIELO; a Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação – ANPEd; a Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – CAPES; o repositório do Museu Paraense Emílio Goeldi - MPEG; o repositório institucional (Mestrado em Educação)

da Universidade do Estado do Pará e o repositório institucional (PPGED) da Universidade Federal do Pará.

Na Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações – BDTD, foram encontrados 44 (quarenta e quatro) trabalhos com a palavra-chave “educação museal”, mas com o título “epistemologia em educação museal” não foi encontrada nenhuma ocorrência.

Gamboa (2012, p. 50) aponta que:

Quando investigamos, não somente produzimos um diagnóstico sobre um campo problemático, ou elaboramos respostas organizadas e pertinentes para questões científicas, mas construímos uma maneira de fazer ciência e explicitamos uma teoria do conhecimento e uma filosofia. Utilizamos uma forma de relacionar o sujeito e o objeto do conhecimento e anunciamos uma visão de mundo, isto é, elaboramos, de maneira implícita ou oculta, uma epistemologia, uma gnosiologia e expressamos uma ontologia.

O autor nos chama a atenção para um ponto certamente relevante de se expor e ressaltar, pois ao realizarmos uma investigação científica, além da possibilidade de ultrapassarmos a “Pedagogia das Respostas”<sup>2</sup> - comumente enfatizada por Gamboa - , somos capazes, ainda, de elaborar a visão de mundo dita acima pelo estudioso. A partir desse entendimento, remetemos, então, para um dos compromissos assumidos nessa tese: compor o campo da epistemologia da educação museal. Ora, na busca de realizar o exercício de investigar a fim de se elaborar epistemologia, uma das preocupações necessárias diz respeito a “lacuna do conhecimento”, ou seja, verificar a partir do que já foi produzido, o que “ainda não foi dito”. Por isso a importância desse mapeamento a partir das palavras chave, que serviu para identificar a lacuna presente quanto aos estudos de epistemologia da educação museal.

O Quadro 7 apresenta o mapeamento realizado na Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações, a partir dos termos “Epistemologia da Educação Museal” e “Museu Goeldi de Portas Abertas”. A investigação mapeou 44 (quarenta e quatro) pesquisas com o tema “Educação Museal”, distribuídas em 21 instituições, detalhadas nominalmente abaixo.

---

<sup>2</sup> Ver obra do referido autor: “Pesquisa em Educação – métodos e epistemologias”

**Quadro 7: Dados da Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações – BDTD**

Instituições	Número de Dissertações e Teses
Universidade Federal do Ceará – UFC	5
Universidade de São Paulo - USP	5
Universidade Federal do Espírito Santo - UFES	4
Universidade Federal de Minas Gerais - UFMG	3
Universidade Federal de Pernambuco – UFPE	3
Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS	3
Pontifícia Universidade Católica Rio de Janeiro - PUC-RIO	2
Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul - PUC – RS	2
Pontifícia Universidade Católica de São Paulo - PUC – SP	2
Universidade Federal da Bahia – UFBA	2
Universidade Federal de Juiz de Fora – UFJF	2
Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC	2
Fundação Getúlio Vargas – FGV	1
Universidade Regional de Blumenau – FURB	1
Instituto Presbiteriano MACKENZIE	1
Universidade Estadual de Feira de Santana – UEFS	1
Universidade do Estado do Rio de Janeiro - UERJ	1
Universidade Federal do Maranhão – UFMA	1
Universidade Federal do Triângulo Mineiro – UFTM	1
Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP	1
Universidade Federal de Itajubá – UNIFEI	1
<b>TOTAL</b>	<b>44</b>

Fonte: elaboração da autora (2019).

Como se verifica no quadro acima, foram encontrados poucos trabalhos acadêmicos que tocassem o assunto em pauta, sendo que nenhum foi encontrado na Universidade Federal do Pará – UFPa.

As defesas das dissertações e das teses ocorreram por instituição da seguinte maneira:

**Quadro 8: Dados da Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações – BDTD**

Instituições	Ano de defesas
Universidade Federal do Ceará – UFC	2015 (3) e 2018 (2)
Universidade de São Paulo - USP	2009 (1), 2010 (1), 2011 (1), 2012 (1) e 2015 (1).
Universidade Federal do Espírito Santo - UFES	2014 (2) e 2015 (2).
Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG	2008 (1), 2012 (1) e 2015 (1).
Universidade Federal de Pernambuco – UFPE	2005 (1), 2014 (1) e 2015 (1).
Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS	2014 (1), 2016 (1) e 2018 (1).
Pontifícia Universidade Católica Rio de Janeiro - PUC-RIO	2013 (1) e 2018 (1).
Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul - PUC – RS	2010 (1) e 2015 (1).
Pontifícia Universidade Católica de São Paulo - PUC – SP	2013 (1) e 2017(1).
Universidade Federal da Bahia – UFBA	2015 (2).
Universidade Federal de Juiz de Fora – UFJF	2013 (1) e 2015 (1).
Universidade Federal de Santa Catarina –	2008 (1) e 2017 (1).

UFSC	
Fundação Getúlio Vargas – FGV	2011.
Universidade Regional de Blumenau – FURB	2015.
Instituto Presbiteriano MACKENZIE	2014.
Universidade Estadual de Feira de Santana – UEFS	2016.
Universidade do Estado do Rio de Janeiro - UERJ	2013.
Universidade Federal do Maranhão – UFMA	2017.
Universidade Federal do Triângulo Mineiro – UFTM	2015.
Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP	2014.
Universidade Federal de Itajubá – UNIFEI	2015.

Fonte: elaboração da autora (2019).

O ano de 2015 foi o de maior incidência de defesas de dissertações e teses. Dessa maneira, tais pesquisas foram selecionadas e apresentadas no Quadro 9.

**Quadro 9: Dados da Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações – BDTD**

Universidade Federal do Ceará – UFC	Oliveira, Dayana Silva de. O Museu da Cultura Cearense e sua contribuição para a educação patrimonial: apropriações e falas dos alunos sobre o patrimônio e a cultura cearense. 2015. 170f. – Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Ceará, Programa de Pós-graduação em Educação Brasileira, Fortaleza (CE), 2015.	Dissertação
Universidade Federal do Ceará – UFC	Silva, Francisca das Chagas Alves da. A alfabetização científica na formação inicial dos professores de química: contribuições do Museu Itinerante de Química no Instituto Federal do Piauí - IFPI/PICOS. 2015. 127 f. Dissertação (Mestrado em Ensino de Ciências e Matemática) – Centro de Ciências, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2015.	Dissertação
Universidade de São Paulo – USP	Elias, Felipe Alves. Iconografia Paleontológica em narrativas de exposições de história natural. Universidade de São Paulo, Programa de Pós-Graduação em Museologia, São Paulo, 2015.	Dissertação.
Universidade Federal do Espírito Santo – UFES.	Mattos, Ivana de Macedo. Museu e escola: espaços de sentidos. Universidade Federal do Espírito Santo, Centro de Educação, Espírito Santo, 2015.	Dissertação.
Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG.	Segantini, Verona Campos. Maneira decente e digna de expor aos olhos do público: modos de exibição da história natural (séc. XVIII e XIX). Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Educação, Belo Horizonte, 2015.	Tese
Universidade Federal de Pernambuco – UFPE	Melo, Manuela Dias de. Educação Museal: reflexão sobre semelhanças e contrastes com uma forma escolar. Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal de Pernambuco, 2015.	Dissertação.
Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul - PUC – RS.	Souza, Vanessa Martins. Memória e Museus de ciências: a compreensão de uma experiência museal a partir da recuperação das memórias dos visitantes. Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2015.	Dissertação.
Universidade Federal da	Jesus, Daniela Moreira de. Museu e educação: uma experiência no Museu Afro-brasileiro da Universidade Federal da Bahia. -	Dissertação.

Bahia UFBA. –	Universidade Federal da Bahia, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Salvador, 2015.	
Universidade Federal de Juiz de Fora – UFJF	Mauler, Danielle Berzoini. Professores no Museu de Arte Murilo Mendes: leituras e significados no espaço museal. Programa de Pós-Graduação da Universidade Federal de Juiz de Fora. Universidade Federal de Juiz de Fora, Faculdade de Educação. Juiz de Fora – MG, 2015.	Dissertação.
Universidade Regional de Blumenau - FURB	Machado, Andrea. Educação Museal na perspectiva da educação inclusiva: o museu no contexto das pessoas cegas ou com baixa visão. Pós-Graduação em Educação, Centro de Ciências da Educação, Artes e Letras da Universidade Regional de Blumenau, 2015.	Dissertação.
Universidade Federal do Triângulo Mineiro – UFTM	Costa, Regina Maria Martins. Dimensões do Educativo no discurso museal em vídeos institucionais: ao se apresentarem para o público os museus prometem educar? Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Triângulo Mineiro, Uberaba, 2015.	Dissertação.
Universidade Federal de Itajubá – UNIFEI	Moreira, Camila Cardoso. Parceria Museu-Escola: investigação das propostas elaboradas por um grupo de professores de Física e educadores de um Museu de Ciências. Mestrado Profissional em Ensino de Ciências. Universidade Federal de Itajubá, Itajubá, 2015.	Dissertação.

**Fonte:** elaboração da autora (2019).

Foi detectado um equívoco na página de dados da Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações – BDTD, uma vez que, na Universidade Federal do Ceará – UFC constam 3 (três) trabalhos acadêmicos, quando seriam apenas 2 (dois), pois há uma repetição indevida da Dissertação de Dayana Silva de Oliveira.

Nos mapeamentos da ANPEd, Scielo e da Capes não foram encontradas Dissertações ou Teses aderentes ao tema proposto. No Programa de Pós-graduação em Educação – PPGED/UFPa, a seleção dos trabalhos e a produção acadêmica (Dissertação de Mestrado em Educação) foram de 2005 até 2018. Nesse período, uma única dissertação foi encontrada, e foi colocada no Quadro 10. Outro Programa pesquisado foi do Mestrado Acadêmico em Educação da Universidade do Estado do Pará – UEPA, em que também não foi encontrado nenhum estudo acerca do assunto.

**Quadro 10: Trabalhos acadêmicos na área de educação, cultura e sociedade**

Quadros, Camila Alves. Memória Social e Educação Popular: um estudo sobre o Ponto de Memória da Terra Firme, Belém – Pará. Belém: Universidade Federal do Pará - UFPa, 2018.	Dissertação
--	-------------

**Fonte:** elaboração da autora (2019).

Pesquisamos no PPGED/UFPa por Teses de Doutorado em Educação na linha de Pesquisa Educação, Cultura e Sociedade. Entretanto, não foi encontrada nenhuma tese que se aproximasse do tema. Assim, foi necessário sair dos

Programas de Pós-graduação em Educação da Região Norte e estender a pesquisa para outras universidades brasileiras, como a Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo, a Fundação Getúlio Vargas, a Universidade Federal do Rio de Janeiro – UNIRIO e o Museu de Astronomia e Ciências Afins, onde foram encontradas teses de outras áreas, como Ensino de Ciências e Matemática; Museologia e Patrimônio e Antropologia. Elas versam sobre Educação Museal, mas nenhuma trata do Programa Institucional “O Museu Goeldi de Portas Abertas”, objeto de estudo desta tese.

No mapeamento realizado no repositório da Universidade Federal do Pará – UFPa, a produtividade acadêmica encontrada referia-se a Artigos, Dissertações e Tese publicados no período de 2011 a 2018, com o cenário de pesquisa em Belém do Pará. Esse material está retratado na quadro 11, com o título “Pesquisa de dissertações e teses no repositório da Universidade Federal do Pará – UFPa”.

**Quadro 11: Pesquisa de dissertações e teses no repositório da Universidade Federal do Pará – UFPa**

Data do documento	Título	Autor (es)	Tipo
14 março – 2016	Quando o campo é o museu: uma etnografia da relação homem, tempo e os objetos na Cidade de Belém.	COSTA, Dayseane Ferraz da.	Tese
2011	“Indigitado e estrupício”: arqueologia e significados acerca do muro do Forte do Presépio (Belém-Pará).	LOPES, Rhuan Carlos dos Santos.	Artigo de Periódico
25 março – 2010	“A lição de coisas”: o Museu Paraense e o ensino da história natural (1889 – 1900).	MACHADO, Diego Ramos Silva.	Dissertação
26 Fev – 2018	Memória Social e educação popular: um estudo sobre o Ponto de Memória da Terra Firme, Belém-Pará.	QUADROS, Camila Alves.	Dissertação
Ago – 2016	Explorando história da Ciência na Amazônia: o Museu Interativo da Física.	CALDAS, Jocasta; LIMA, Marcelo Costa de; CRISPINO, Luís Carlos Bassalo.	Artigo de periódico.
30 Mar – 2016	O museu na era virtual: uma análise sobre os processos comunicativos on-line do Museu da UFPa.	SOUZA, Lucimery Ribeiro de.	Dissertação.
15 Fev – 2002	Desvendando significados: contextualizando a Coleção	DOMINGUES-LOPES, Rita de	Dissertação.

- 31 Ago - Etnográfica Xikrin do Caeté Cássia.  
2018 - Uma experiência política na Casa-museu: as trajetórias da política cultural empreendida no espaço-cultural Casa das Onze Janelas em Belém-Pará (1998-2018). SAMPAIO, Livia Morbach Condurú Gurjão. Dissertação.

**Fonte:** <http://repositorio.ufpa.br/jspui/EducaçãoMuseal>

O levantamento mostra o mapeamento dos trabalhos e a produção acadêmica de uma forma não linear, uma vez que apenas a Dissertação de Mestrado “Memória Social e Educação Popular: um estudo sobre o Ponto de Memória da Terra Firme, Belém – Pará” cita o Programa “Portas Abertas”, relatando o início de suas atividades em 1985, por meio do Projeto “O Museu Goeldi leva Educação em Ciência à Comunidade”.

O referido projeto da Instituição permanece ativo desde a década de 1980, ano em que o mesmo foi criado, devido a instalação do campus de pesquisa do MPEG, localizado na Avenida Perimetral. Na época em que o Projeto foi elaborado, tinha como principal objetivo aproximar, por meio de práticas de educação ambiental, os moradores da Terra Firme ao Museu Goeldi. (QUADROS, 2018, p. 6)

A Dissertação teve como objetivo principal analisar as conexões entre os elementos da memória social e as práticas pedagógicas vinculadas à Educação Popular no Ponto de Memória da Terra Firme, sendo o bairro da Terra Firme seu cenário de estudo. Dessa forma, a investigação contempla alguns pontos desta tese, assim como o Programa Institucional “Museu Goeldi de Portas Abertas” nasceu do Projeto “O Museu Goeldi leva Educação em Ciência à Comunidade”. Na mesma medida, estão vinculados à mesma linha de Pesquisa (Educação, Cultura e Sociedade), do Programa de Pós-graduação em Educação/UFPa.

O Quadro 12 possibilita visualizar os trabalhos acadêmicos na área de educação museal.

**Quadro 12: Trabalhos acadêmicos na área de educação museal**

Pereira, Marcelle Regina Nogueira. Educação museal – entre dimensões e funções educativas: a trajetória da 5ª. Seção de Assistência ao Ensino de História Natural do Museu Nacional. Rio de Janeiro: UNIRIO – MAST, 2010.	Dissertação
Martins, Luciana Conrado. A Constituição da Educação em Museus: o funcionamento do dispositivo pedagógico museal por meio de um estudo comparativo entre museus de artes plásticas, ciências humanas e ciência e tecnologia. São Paulo: Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo, 2011.	Tese
Costa, Carina Martins. Uma arca das tradições: educar e comemorar no Museu Mariano Procópio. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 2011.	Tese

Monaco, Luciana M. O setor educativo de um museu de ciências: um diálogo com as comunidades de prática. São Paulo: Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo, 2013.	Tese
Costa, Dayseane Ferraz da. Quando o campo é o museu: uma etnografia da relação homem, tempo e os objetos na cidade de Belém. Belém: Universidade Federal do Pará, 2016.	Tese

**Fonte:** elaboração da autora (2019).

A outra Dissertação indicada é de Pereira (2010), intitulada “Educação museal – entre dimensões e funções educativas: a trajetória da 5ª. Seção de Assistência ao Ensino de História Natural do Museu Nacional”. Sua similaridade se dá apenas pelo processo histórico das práticas educativas em museus, uma vez que utiliza um estudo de caso do Museu Nacional. Esta tese concentrou suas atenções em outro museu – no caso, um museu da Amazônia: o Museu Paraense Emílio Goeldi.

Na Tese de Doutorado de Martins (2011), intitulada “A Constituição da Educação em Museus: o funcionamento do dispositivo pedagógico museal por meio de um estudo comparativo entre museus de artes plásticas, ciências humanas e ciência e tecnologia”, as ideias similares com a tese aqui estudada se dá por conta da categoria “educação museal”.

Este trabalho trata da especificidade da constituição da educação museal. Partindo da hipótese de que essa tipologia educacional tem características em seu funcionamento que a diferenciam de outras modalidades educacionais, e que se mantém à revelia das diferentes tipologias institucionais, optou-se por um estudo que possibilitasse a apreensão dos seus elementos singulares. (MARTINS, 2011, p. 7)

Nesse contexto, as Teses se entrelaçam por conta da semelhança de suas concepções. Em “Uma arca das tradições: educar e comemorar no Museu Mariano Procópio”, a pesquisadora Costa (2011, p. 12), diz que:

Sua Tese é uma reflexão sobre a construção de escritas da História do Brasil em museus, a partir da década de 1920, momento fulcral para o estabelecimento de uma “pedagogia da nacionalidade” republicana, que tem por suporte o discurso museal. Alguns dos esforços político-pedagógicos dessas instituições foram observados, com o objetivo de compreender as principais características de um paradigma educativo para o saber histórico nos museus.

Apesar de a tese de Costa (2011) seguir em outro sentido, a escolha de citá-la se deu por conta de sua análise das ações educativas desenvolvidas pela instituição museal, em seu diálogo com a sociedade, representada por diferentes atores políticos: pela imprensa, pela escola e por outros museus históricos. Isso será descrito nesta tese por meio das falas, nas entrevistas semiestruturadas.

A Tese “O setor educativo de um museu de ciências: um diálogo com as comunidades de prática”, de Luciana Monaco (2013), apresentou um diferencial pois, durante a disciplina de doutorado “Pesquisa em Educação”, foi possível à pesquisadora realizar um estudo mais aprofundado. Desse estudo, foi aprovado um artigo na Revista Interdisciplinar do Instituto de Educação de Ananindeua - RevISE (Online), de 5 Novembro/2016, intitulado “O Entrelaçamento de teses em educação em um museu científico: o Museu Paraense Emílio Goeldi”. Como explicado por Paixão e Quadros (2016, p. 20),

Este artigo foi construído nos itens indicados na Disciplina Pesquisa em Educação, ministrada pelo Prof. Dr. Carlos Paixão, ou seja, tirando da Tese selecionada as principais discussões apresentadas pela autora, Dra. Luciana Monaco. Os itens foram: Formação Núcleo Conceitual; Composição da Metodologia; Os Instrumentos de Coleta; Considerações Finais e as Referências.

Portanto, a tese de Monaco (2013) apresenta similaridades por estudar o Museu Paraense Emílio Goeldi, conforme apresentado nesta discussão de Paixão e Quadros (2016, p. 20):

O foco da pesquisa da Tese é o estudo sobre a prática educativa em um museu de ciências naturais, o Museu Paraense Emílio Goeldi. Pretende-se ampliar a discussão acerca da educação em museus adotando como premissa inicial que a prática educativa constituída dentro dos seus setores educativos é construída coletivamente.

É importante esclarecer que Monaco (2013) optou por uma prática educativa do Serviço de Educação, intitulada Trilha Vermelha. Segundo a autora, o Núcleo de Visitas Orientadas ao Parque Zoológico – NUVOP realiza trilhas interpretativas e, dentre elas, existe a que foi objeto de estudo da tese aqui indicada. Diferente ocorreu com a tese “A Epistemologia da Educação Museal na Amazônia Paraense: um estudo do Programa Institucional O Museu Goeldi de Portas Abertas”, cujo objetivo foi *analisar, para explicitar, as questões ligadas à cultura científica que perpassa o programa “Museu Goeldi de Portas Abertas”, no sentido de compor o campo da epistemologia da educação museal.*

Paixão e Quadros (2016, p. 24) explicam quais instrumentos de coleta foram utilizados:

Os Instrumentos de Coleta - Foram utilizadas as entrevistas com os educadores responsáveis pelos programas educativos da instituição, a saber a Coordenação de Museologia, o SEC e NUVOP e pesquisadores do Museu diretamente ao tema da biodiversidade; observações e notas de campo; observação de uma atividade educativa: a trilha vermelha e análise documental.

Os mesmos autores (Ibid, p. 27) apresentam detalhes sobre essa posição de entrevistada:

Ler a Tese “o setor educativo de um museu de ciências: um diálogo com as comunidades de prática”, de Luciana Monaco (2013) mostrou a importância e a dimensão de pesquisar a educação museal, como também, deu a oportunidade de pela primeira vez na íntegra rever as respostas que à época respondi aos seus questionamentos, uma vez que fui uma das pessoas entrevistadas. Como também, pude saber o que os outros colegas do setor educativo do Museu Goeldi responderam. E foi um impacto grande, primeiro em ver claramente quem foram os sujeitos de pesquisa e depois as respostas dos mesmos em relação aos projetos que coordenava naquele momento.

Em suas considerações finais, Monaco (2013, p. 151) afirma: “esperamos ainda que a visão acerca dos setores educativos possa levantar questionamentos sobre as suas práticas educativas com a intenção de destacar as aproximações entre eles e, fomentar a legitimação desse recente campo de estudo”.

A mensagem deixada para o setor educativo de museus incentiva estudos nessa área, sobretudo na Região Amazônica. Por último, citamos a tese de Dayseane Costa, de 2016, intitulada “Quando o campo é o museu: uma etnografia da relação homem, tempo e os objetos na cidade de Belém”. Utilizamos citações da tese de Costa nesta tese, uma vez seu caminho ter sido direcionado para a cidade de Belém do Pará. Diferentemente da tese aqui construída, que tem como lócus o Museu Paraense Emílio Goeldi, Costa optou por pesquisar o Museu do Forte do Presépio. Justifica a escolha da seguinte maneira:

A escolha do Forte do Presépio para iniciar as discussões deste estudo está alicerçada, também, no fato de que a narrativa expográfica do museu comunica uma leitura sobre o passado amazônico a partir de coleções arqueológicas, considerando uma linha cronológica que versa sobre o passado das populações pré-coloniais e a ocupação colonial na Amazônia. (COSTA, 2016, p. 23)

Apesar de as duas teses mirarem museus diferentes, seus objetos estão localizados na Amazônia Paraense. Esse critério é importante, pois há poucas escritas sobre o assunto e a região. O mapeamento atual realizado apresenta a situação de escrituração de dissertações e teses, no sentido de detectar suas semelhanças e dessemelhanças. Foi possível observar a carência de pesquisas voltadas à Região Norte. Na sua Dissertação de Mestrado em Educação, Quadros (2000, p. 86) assim aponta:

No Brasil já começa a crescer o número de trabalhos acadêmicos que discutem o potencial educativo dos museus. Esses trabalhos tratam da educação patrimonial ou educação para o patrimônio das mais diferentes

áreas do conhecimento, por exemplo, Maria Cristina Oliveira Bruno, que, tanto em sua Dissertação de Mestrado “O Museu do Instituto de Pré-História: um museu a serviço da pesquisa científica” como em sua Tese de Doutorado “Musealização da Arqueologia: um estudo de modelos para o Projeto Paranapanema”, aborda o potencial educativo da Arqueologia Musealizada. (...) Já o trabalho de Maria Célia M. Santos, “Museu-Escola: uma experiência de integração” (Dissertação de Mestrado) e a Tese de Doutorado “Processo Museológico e Educação: Construindo um Museu Didático-Comunitário” indica o potencial educativo da ação museológica comunitária.

Levando em consideração os destaques referentes a investigação acima, que confirmam a importância da escrituração desta tese para a Amazônia Paraense, não só na área de educação museal, mas também nos princípios da linha de pesquisa do PPGED/UFPa, Educação, Cultura e Sociedade.

### 3. De *Mouseion*, *museum* a museu: origem, conceito e tipologias

A palavra museu é originária do grego *mouseion*, que designava uma instituição filosófica, lugar de contemplação, onde o pensamento, livre de outras preocupações, poderia dedicar-se às artes e às ciências. No interior do *mouseion* eram depositados objetos preciosos oferecidos às divindades, em agradecimento a qualquer favor. Tinham mais o objetivo de agradar aquelas divindades do que oferecerem-se à contemplação dos homens.

Ao se focar Museus, tradicionalmente, associa-se sua imagem ao antigo Templo das musas, colinas de Hélicos, Grécia, local onde se depositavam oferendas às filhas de Mnemosyne e Zeus, respectivamente, a deusa da Memória e o soberano dos deuses do Olimpo. As oferendas, segundo a tradição, iniciaram o que se passou a identificar como “coleções”, conjuntos de bens que fazem parte do histórico museológico. (LIMA, 2012, p. 38)

O museu era “o templo das musas”, alvo de oferendas às filhas que Zeus gerara com *Mnemosyne*, a divindade da memória. Elas eram deusas, donas de memória absoluta, imaginação criativa e presciência, que presidiam as artes liberais. O local significava lugar de estudo, de pesquisa, de guarda e de preservação de objetos de alto significado cultural. Segundo Santos (1990, p. 83), “sob certos aspectos, se antecipa às mais recentes concepções museológicas”.

Aqueles que se debruçam para estudar os museus contam que, depois da morte de Alexandre, em 323 a.C., Ptolomeu I (Soter) reinou no Egito até 285 a.C. e fundou a famosa *Biblioteca de Alexandria*, em uma das alas do seu palácio; era lá que gostava de reunir os sábios e os filósofos mais célebres da época. A esta ala do palácio dava o nome de museu. Ele construiu no Palácio de Alexandria um complexo que compreendia a famosa biblioteca, o anfiteatro, um refeitório, o observatório, o jardim botânico, o zoológico e as salas de trabalho: era o *mouseion de Alexandria*, que também abrigava instrumentos cirúrgicos e astronômicos, esculturas, pedras e minérios de terras distantes.

O contexto desenhado há mais de dois mil anos identifica-se como *locus* da Memória e da Preservação, reunindo o Museu, a Biblioteca e o Arquivo – um quadro no qual o Museu se inseriu, integrando as representações de um local, reunindo fontes de consultas, que constituem elementos fundamentais para sua ação como centro de pesquisa. (LIMA, 2012, p. 39)

A presença da educação é identificada em todo o percurso histórico dos museus, desde a antiguidade até os dias atuais. A trajetória que assinala o nascimento dos museus ligado ao Mouseion de Alexandria é apresentada da seguinte forma por Valente (2003, p. 22):

A ideia principal de museu é atribuída ao Mouseion de Alexandria, fundado por Ptolomeu Filodelfo, no início do século III a. C., com a principal finalidade de preservação e conhecimento do passado, pelo estudo de sua incalculável coleção. Embora tivesse algumas características que se assemelham às do museu atual, como a guarda de objetos (instrumentos científicos, animais, estátuas, etc.), era principalmente uma instituição de ensino e pesquisa.

Surge então uma dúvida por parte de alguns historiadores, sobretudo após a criação do Museu do Louvre, conforme descrito por Andréa Falcão (2009, p. 10):

Existe uma controvérsia sobre o surgimento dos museus e sobre qual deles deve ser considerado o primeiro do mundo. Alguns autores sugerem que deveríamos considerar que os museus teriam começado com a lendária Biblioteca de Alexandria, com seu complexo de salas de estudo, bibliotecas, jardim botânico, parque zoológico e observatório astronômico. No entanto, o primeiro museu criado de acordo com a moderna acepção da palavra, no entendimento da maioria dos historiadores desta área, foi o Museu do Louvre, em 1793, em Paris, na França.

No Egito, ainda no governo de Ptolomeu I (século III a.C.), a palavra *mouseion* passou a indicar um local de discussão e de ensino de todo o saber existente, aproximando-se assim do sentido atual de universidade. No entanto, o processo de abertura das coleções ao público aconteceu de forma lenta.

A palavra *museum* é usada em Roma para especificar um local de discussão filosófica. Por darem muito valor aos objetos de arte, os romanos os exibiam em seus templos, e sua aristocracia colecionava obras de arte e outros objetos provenientes de regiões por eles conquistadas. Esse tesouro foi muito apreciado durante toda a Idade Média, e a igreja era a principal colecionadora de obras de arte e de objetos variados. Tal situação só foi modificada no final do período, quando os príncipes das cidades italianas começaram a formar suas coleções particulares. No século XV, em Florença, a palavra museu designava a coleção que Lorenzo de Médici abrigava em sua residência, mas não somente ela. Designava tanto a coleção quanto o prédio que a acolhera, adotando um significado mais próximo àquele hoje atribuído ao termo. Dito por Valente (2003, p. 23), “Após o período clássico, o termo museu só passou a ser empregado com frequência a partir do século XV, depois de ter sofrido variações que o afastaram de sua primeira acepção e que o foram vinculando à formação de coleções”.

Nos séculos XV e XVI, cresce o interesse pelo conhecimento da cultura grega e romana, até então em poder do Império Árabe. Desperta a atenção dos colecionadores não só pela cultura, mas sobretudo pelo imenso acervo deixado por aqueles povos. Esse período coincide com o Renascimento sobre o qual Suano (1986, p. 14) afirma: “os objetos das civilizações grega e romana passaram a merecer grande interesse por parte dos colecionadores e esburacava-se a esmo em busca desses tesouros do passado”.

A segunda metade do século XVII e todo o século XVIII presenciaram o crescimento do número de gabinetes de curiosidades, que mais tarde poderão ser chamados de museus, gabinetes de curiosidades ou câmaras de curiosidades. O mais antigo deles data de 1335, em Treviso (Itália). Possuía manuscritos antigos, medalhas, entalhes, de gravura ou escultura em madeira, bronzes, vidros, dentre outros. Tais locais continham quadros, livros, instrumentos científicos, objetos vindos das novas terras descobertas e peças do mundo natural, dando origem, tempos depois, aos grandes museus europeus.

Na Idade Média, as principais coleções pertenciam às igrejas, mas no final do período João de França (1340-1416), o duque *du Berry* – possuidor de grandes coleções que enchiam seus dezessete castelos, dentre elas tapeçarias, joias, moedas, pedras preciosas, camafeus, quadros, bordados, um suposto anel de noivado de São José e um dente de leite da Virgem Maria – começou a inventariá-las a partir de 1413. Os Médicis (Florença), no século XVI, também fizeram o inventário de suas coleções, das quais, afirma Suano (1986, p. 16), “faz parte até mesmo um raríssimo manto de plumas dos Tupinambás, índios do Brasil, levados para a Europa ainda no século XVI”.

Percebe-se a importância dada às coleções. Valente (2003, p. 23) explica que “o ato de colecionar é considerado um comportamento universal. O homem sempre colecionou e acumulou objetos, visando a perpetuar sua imagem, afirmar a posse de bens, obter o reconhecimento de seu meio e classificar o mundo à sua volta”. Em 1471 (tempos modernos), foi o Papado que pela primeira vez abriu suas coleções ao público, por meio de um antiquarium organizado pelo Papa Pio VI.

Frederico Borromeo, Arcebispo de Milão, criou em 1601 a Biblioteca Ambrosiana e a Academia de Belas Artes. Ambas funcionavam como centros didáticos para a produção artística, sendo visitadas por um público seletivo, sobretudo

artistas. Serviam como “receituários” da estética aprovada pela igreja (SUANO, 1986).

Na mesma época, o Collegio Romano, sede da Companhia de Jesus<sup>3</sup>, autorizou o padre Atanasius Kircker a organizar um museu, contendo desde material clássico até peças vindas das missões jesuíticas espalhadas por todo o mundo (SUANO, 1986).

O *Ashmolean Museum* é o primeiro museu público, aberto em 1683 na Inglaterra, formado pelas coleções doadas por Tradeskin e Ashmole, e ligado desde o seu início à Universidade de Oxford. A expressão *museu público* deve ser entendida em sentido diferenciado, pois somente artistas e estudiosos eram autorizados a visitar aquelas coleções. Antes disso, em 1681, foi aberta a Galeria de Apolo, no Palácio do Louvre, para um público mais abrangente. Com a Revolução Francesa, no século XVIII, suas portas foram definitivamente abertas ao público em geral. Nessa época surgiram os grandes Museus Nacionais voltados para a educação do povo.

Com esse avanço, houve significativa valorização dos objetos, conforme relatado por Valente (2003, p. 27):

Assim sendo, os novos objetos em função dessa demanda tiveram seu valor aumentado e adquiriram um significado que foi determinado pelo desenvolvimento do conhecimento histórico e científico em torno do estudo das coleções, que passaram a ser reconhecidas. A partir do século XVIII, os detentores do poder e da riqueza deslocaram as coleções na escala de valor, transformando objetos anteriormente desprezíveis em objetos de interesse.

Em 1753, da coleção do médico e presidente da Sociedade Real (de 1727 a 1740), Sir Hans Sloane, surgiu o *Museu Britânico*, fundado como *British Museum Library*. A coleção era composta por uma riquíssima biblioteca, contendo espécimes vegetais e animais que Sir Hans Sloane havia coletado na Jamaica, além de outros objetos de história natural. No seu testamento, ele ofereceu a coleção por ¼ de seu valor à Nação, e o Parlamento criou uma loteria com o fim de adquiri-la, mas só foi abrigada em *Montagu House* em 1759.

Apesar de ter sido estabelecido pelo Parlamento que as coleções e quaisquer adições eventuais feitas deveriam permanecer na instituição para uso do público para toda a posteridade, e que se deveria conceder livre acesso a todas as

---

<sup>3</sup> Foi fundada pelo espanhol Inácio de Loyola, em Paris, e aprovada pelo Papado em 1540. Era uma congregação religiosa com o propósito de combater a Contra-Reforma.

peessoas estudiosas e curiosas, isto não ocorreu, pois o Museu Britânico funcionava como uma coleção privada numa residência particular. Mais uma vez, é perceptível que as coleções existiam estritamente para os colecionadores e seus pares, como é apresentado por Falcão (2009, p. 11):

Podemos, assim, dizer que os primeiros museus surgiram de coleções privadas de pessoas, famílias ou instituições muito ricas. Estes museus, no entanto, eram acessíveis apenas para uma minoria bem restrita de pessoas. Era difícil entrar neles. O primeiro museu verdadeiramente público, como se compreende hoje, foi o Museu do Louvre, aberto após a Revolução Francesa.

O acesso a coleções tão restritas dependia dos nobres que as detinham liberarem ou não a visitação, uma vez que a preocupação não era só com a questão de segurança, mas também pela existência de uma enorme massa de analfabetos da Europa de então.

É fácil compreender as restrições que se faziam à visitação pública indiscriminada. Elas não se atinham somente, como se poderia imaginar, ao problema de segurança contra roubos. O grande problema era que na Europa, até o Século XVIII e mesmo XIX, era muito grande o número de pessoas incapazes de ler ou escrever, sem nenhuma educação ou informação sobre o mundo para além de sua pequena vila ou cidade. (SUANO, 1986, p. 26)

A forma agressiva e elitista dessa exclusão continua com a seguinte narrativa:

E para esse enorme contingente, coisas raras e curiosas estavam associadas aos circos e feiras ambulantes. Dessa forma, suas visitas às coleções da nobreza eram sempre feitas em alegre e “desrespeitosa” algazarra. Tal comportamento servia então para atizar o ciúme que os colecionadores tinham de suas preciosidades, fazendo com que eles afirmassem que “as visitas do povo” rompiam o “clima de contemplação”, em que os objetos deveriam ser apreciados. (Ibid., 1986, p. 26)

Essa questão chegou ao ponto de, em 1773, ter saído uma nota em jornais ingleses, assinada por Sir Ashton de Alkington Hall (Manchester):

Isto é para informar o público que, tendo-me cansado da insolência do povo comum, a quem beneficiei com visitas a meu museu, cheguei a resolução de recusar acesso à classe baixa, exceto quando seus membros vierem acompanhados com um bilhete de um Gentleman ou Lady do meu círculo de amizade. E por meio deste eu autorizo cada um de meus amigos a fornecer um bilhete a qualquer homem ordeiro para que ele traga onze pessoas, além dele próprio, e por cujo comportamento ele seja responsável, de acordo com as instruções que ele receberá na entrada. Eles não serão admitidos quando Gentleman e Ladies estiverem no Museu. Se eles vierem em momento considerado impróprio para sua entrada, deverão voltar em outro dia (Ibid., 1986, p. 27)

Como a autora explica mais adiante, a Europa vivia um momento de grande tensão, com o autoritarismo dos reis e da nobreza em alta.

A coleção de Montagu House, já citada anteriormente, ficava em uma residência de tijolos vermelhos do final do século XVIII, distribuída em dois andares. Com a chegada da Biblioteca de Jorge III, é construído um novo prédio neoclássico e, com a junção das bibliotecas, surgiu a *British Library*, desvinculada do *British Museum*. Seu acervo viria a formar a Biblioteca Nacional da Grã-Bretanha.

Diderot publica, no nono volume da *Encyclopaedie*, um detalhado esquema para a criação de um museu nacional no Louvre, aberto em 1793. Em Viena, o Belvedere havia sido inaugurado em 1783; em Amsterdam, o Museu Real dos Países Baixos foi aberto em 1808. Seguiram-se o Alters Museum, de Berlim (1810); o Museu do Prado, em Madri (1819); e o Museu Hermitage, em Leningrado (1852).

Dessa forma, no século XIX, uma consciência cultural expandiu-se por todo o mundo e timidamente surgiram e definiram-se na Europa as primeiras estruturas da museologia e da museografia como ciências básicas da implantação e da dinamização desses novos centros de cultura.

Os colecionadores, dedicados aos estudos da natureza e orientados pela ideia de que as coleções deveriam apresentar uma classificação sistemática do material existente no mundo, já as apresentavam ordenadas. Elas se formavam a partir de interesses de estudo mais definidos, o que lhes conferia especialização e organização classificatória que se refletiam na apresentação dos objetos. (VALENTE, 2003, p. 28)

Apesar dessa organização, os museus ainda viviam imbuídos do seu restrito papel de guardadores, preservadores e depositores de objetos. Ofereciam aos visitantes inúmeras salas com muitas peças de valor artístico, histórico e científico, expostas de maneira estática, extremamente bem guardadas em armários e espaços propositadamente distanciados do público. A partir da década de 1950, espalha-se pelo mundo europeu e americano uma nova concepção da importância dos museus na dinâmica do processo cultural da humanidade.

Conforme Falcão (2009, p. 11), “Só posteriormente começaram a surgir os museus modernos especializados em determinados temas ou áreas: museus universitários; museus de história, de ciências e artes”. Os museus evoluíram nitidamente de uma atitude meramente depositária e conservadora, em que as obras em si eram as coisas mais importantes, para outras formas de organização, orientadas ao público. Assim sendo, sua finalidade é tanto manter uma obra

(preservar a sua integridade) quanto criar as condições para que essa obra entre no circuito imaginário da cultura, mediante a sua exposição adequada ao público.

Outras mudanças ocorreram. Por exemplo, museus sem acervos, como o Museu de Culturas Populares, do México, passaram a existir, organizados não ao redor da ideia da coleção de obras, mas da proposta de abordar sucessivamente temas individuais integradores de um conjunto maior de aspectos, características e problemas da sociedade. Suano (1986, p. 10) diz que “o termo museu se refere a uma coleção de espécimes de qualquer tipo e está em teoria, ligado com a educação ou diversão de qualquer pessoa que queira visitá-la”.

Em 1946, foi criado o ICOM - *International Council of Museums* (Conselho Internacional dos Museus), instituído como uma organização de caráter internacional associada à UNESCO, com sede em Paris. O ICOM (2001) conceituou museus como:

Instituição permanente, sem fins lucrativos, a serviço da sociedade e do seu desenvolvimento, aberta ao público e que adquire, conserva, investiga, difunde e expõe os testemunhos materiais do homem e de seu entorno, para educação e deleite da sociedade. (ICOM, 2001).

É a definição mais comumente usada pelos museus. Scheiner (1989, p. 60) salienta que eles são instituições basicamente voltadas ao homem, que estariam a serviço da sociedade e do seu desenvolvimento, o que explicaria a sua importância no universo cultural das Nações e a sua característica quase universal de entidade sem fins lucrativos. Esta concepção tem impregnado o pensar museológico de maneira marcante, tanto que boa parte dos especialistas da área e teóricos das Ciências Humanas os tem relacionado a tais funções.

Inúmeros autores têm colaborado com essas discussões, como Santos (1990, p. 73):

O conceito de museu implica, conforme tem sido constantemente apontado, uma atuação dinâmica e persistente junto ao público. Os museus, hoje, não poderão mover-se no interior de uma estrutura rígida, mas, pelo contrário, terão que contar com elementos dinâmicos e flexíveis que lhes permitam adaptar-se às constantes mudanças, que devem ser vivenciadas por uma autêntica atitude crítica dos próprios responsáveis pela instituição, tendo como pressuposto maior, a conservação do patrimônio cultural do homem.

A evolução do conceito está vinculada a um processo histórico, resultado da mentalidade de uma época. No final do século XIX, acompanhando os progressos das Ciências em geral e subordinando-se a elas, os museus especializam-se,

adquirindo um novo caráter, sem deixarem de ser conservatórios das mais altas formas do patrimônio cultural da humanidade.

A fundação dos museus brasileiros data da chegada da Família Real, conforme passagem histórica citada por Ibram (2014, p. 23):

O Museu Real nasceu do desejo da coroa portuguesa de constituir uma instituição destinada ao cientificismo – influência do pensamento inglês que predominava na época, tornando-se um museu de história natural. Seu acervo era composto por exemplares de objetos trazidos por naturalistas, instrumentos e coleções mineralógicas, artefatos indígenas e objetos doados pela Família Real.

Quase todas as literaturas sobre a origem dos museus no Brasil concordam que eles começaram com D. João VI, em 6 de junho de 1818, seguindo os moldes europeus. O Museu Real ou Museu Nacional foi a primeira instituição científica e teve como núcleo uma pequena coleção de história natural, conhecida antes da sua criação como Casa dos Pássaros. Já havia, portanto, a pretensão de dar ênfase à educação, à cultura e à difusão da ciência. Um dos propósitos da criação do Museu Nacional foi a educação, conforme citado em Pires (2017, p. 3): “O Museu Nacional foi criado por um decreto de D. João VI, no dia 6 de junho de 1818. Nele, estava expresso que a educação, a cultura e a difusão da ciência seriam os objetivos da instituição”.

O mesmo é exemplificado assim por Suano (1986, p. 33):

No Brasil, tanto a Escola Real quanto o Museu Real foram criados nos moldes europeus, embora muito mais modestamente. Para o acervo inicial da Escola Real, D. João VI doou os quadros que trouxera em sua bagagem quando deixara Portugal às pressas, fugindo de Napoleão, em 1808. Já o Museu Real, ou Museu Nacional – nossa primeira instituição científica -, hoje o maior museu do país, teve por núcleo uma pequena coleção de história natural, conhecida antes da criação do museu, como “Casa dos Pássaros”.

Abre-se aqui um parêntese que na noite de 2 de setembro de 2018 um incêndio de enormes proporções provocou a destruição quase total de seu acervo científico e histórico, salvaguardado ao longo de seus 200 anos. O prédio, que foi a residência oficial dos imperadores do Brasil, teve sua cobertura destruída; foi danificado com rachaduras e quedas de lajes internas. Grampa (2018, p. 1) relata sobre o incêndio da seguinte maneira:

Um incêndio de grandes proporções destruiu o prédio histórico do Museu Nacional, na Quinta da Boa Vista (RJ). Primeira instituição científica brasileira, fundada ainda no período imperial. Com esse incêndio estima-se a perda de cerca de 200 anos de pesquisas e acervo, aproximadamente 20 milhões de itens, que compunham o patrimônio do povo brasileiro e da

humanidade – de valor inestimado e perda irreparável. Dentre os itens destruídos estão: múmias, fósseis (humanos e animais), coleções inteiras de achados arqueológicos e paleontológicos, peças egípcias e pré-colombianas, meteorito e milhares de documentos únicos da história do Brasil, da América Latina e do mundo. (Grampa, 2018, p. 1).

A perda não se circunscreveu apenas ao Brasil, mas ao mundo, pois com o incêndio foram destruídas a cultura, a história, a memória e muito mais. O risco de incêndio vinha sendo denunciado há muito tempo por professores, técnicos e pesquisadores, sem resultado prático. Araújo (2018, p. 9) expressa sua tristeza assim:

Essa tragédia, sem precedentes, acentua o desafio de conscientização da sociedade brasileira acerca da importância fundamental dos museus. Há entre nós um anseio de que o choque que impactou o campo museológico e a imensa tristeza que se irradiou pelo país sejam, paradoxalmente, propulsores de transformações profundas e efetivas que assegurem no futuro a preservação de nossas memórias.

Assim, ressaltamos a importância de se registrar as histórias e memórias dos museus.

Campos (1968, p. 13) afirma que o primeiro museu no Brasil surgiu na cidade do Rio de Janeiro durante o governo de Gomes Freire de Andrade – o Conde de Bonbadela. Em 1779, com o Vice-Rei D. Luiz de Vasconcelos e Souza, foram tomadas as primeiras iniciativas no sentido de se criar um museu científico. Quem o dirigiu foi o catarinense Francisco Xavier Cardoso Caldeira, popularmente conhecido como o Xavier dos Pássaros. Funcionava numa pequena construção no Campo do Lampadosa, entre a Capela e a Lagoa do Panela, adaptada para as atividades do museu, enquanto se desenvolviam morosamente as obras do edifício-sede, a cargo de presidiários. No barraco, mestre Xavier procedia à preparação das peças para o acervo, ao mesmo tempo em que iniciava seus assistentes na técnica da Taxidermia<sup>4</sup>.

Durante o governo de D. Luiz de Castro foi extinta a Casa dos Pássaros; o acervo ficou encaixotado, sendo depois encaminhado ao Arsenal do Exército para servir aos alunos da Academia Militar do Rio de Janeiro, que funcionava na Casa do Trem, sendo parte do edifício do Museu Histórico Nacional.

Campos (1968) concorda que:

---

<sup>4</sup> Segundo o dicionário *online* de Português, taxidermia provém de duas palavras gregas que significam arranjo e pele. Museus de história natural exibem aves, peixes, esquilos, antílopes, tigres e outros animais selvagens em suas ambiências naturais.

D. João VI, a 6 de junho de 1818, baixava o decreto pelo qual ficava criado no Rio de Janeiro um Museu real, para propagar os conhecimentos e estudo das Ciências Naturais do Reino do Brasil, que encerra em si milhares de objetos dignos de observação e exame e que podem ser empregados em benefício do Comércio, da Indústria e das Artes.

Foram criados, em 1864, no Rio de Janeiro, o Museu do Exército; em 1865, o Museu Militar do Arsenal de Guerra, no Rio de Janeiro; em 1866, a Associação Filomática, hoje Museu Paraense Emílio Goeldi - Belém (PA); em 1868, o Museu da Marinha, no Rio de Janeiro; em 1892, o Museu Paulista, em São Paulo e; em 1905, a Pinacoteca do Estado, em São Paulo.

Esses museus tinham caráter enciclopédico, evolutivo, comparativo e classificatório e nenhum deles tinha em seu objetivo a cultura material voltada à temática nacional. Foi o Instituto Histórico Geográfico Brasileiro, criado em 1838, sob os auspícios de D. Pedro II, que nasceu com o objetivo de formular uma representação da nacionalidade do ponto de vista do Estado Nacional. Seu principal expoente foi Francisco Adolfo Varnhagen.

Era incorporada pelos estudiosos a visão iluminista de que o historiador era um homem esclarecido, capaz de influir com seus conhecimentos nos destinos do País. Abreu (1994) cita dois escritores que, com visões bastante diferentes, foram igualmente atuantes na área cultural, sobretudo na área da preservação, do patrimônio e dos museus. Coloca dessa forma:

Gustavo Barroso (1888-1959) foi um escritor de renome, com muitos títulos publicados, membro da Academia Brasileira de Letras e do Instituto Histórico Geográfico Brasileiro. Sua grande contribuição na área museológica foi a idealização, a fundação e a estruturação do Museu Histórico nacional, em 1922. Mário de Andrade, um dos precursores do pensamento modernista, teve intensa atuação na área cultural, principalmente entre as décadas de 1920 e 1940. Foi idealizador do Departamento de Cultura de São Paulo, fundado em 1935, e responsável pelo anteprojeto que originou o Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional – SPHAN. Esses escritores deixaram registrados, em livros de memória, trechos que revelam a preocupação com uma cultura nacional e, principalmente, com lugares (material didático, museus, símbolos) que disseminassem de forma objetiva a ideia de nação”. (ABREU, 1994, p. 53)

Ao abordar o desenvolvimento dos museus no Brasil, Abreu (1994, p. 51) afirma que o país, antes identificado como “um país sem memória”, consegue em menos de setenta anos passar de uma dezena de museus para mais de um milhar deles. Atualmente há Museus de História, de Arte ou consagrados a personalidades históricas, como a Casa de Benjamin Constant e a Casa de Deodoro. Existem as Casas de Memórias dedicadas a intelectuais, artistas e políticos, como a Casa de

Euclides da Cunha, em São José do Rio Pardo, no interior de São Paulo, o Museu Villa Lobos, no Rio de Janeiro, ou ainda o Museu Francisco Alves, em Miguel Pereira, pequena cidade do Estado do Rio.

Isso é confirmado por Almeida (1991, p. 70), que verifica o crescimento quantitativo dos museus na Europa Ocidental e nos Estados Unidos a partir da década de 70 e afirma que:

No Brasil não conhecemos este 'boom' dos museus, nem enormes investimentos na área da cultura como na política oficial dos países europeus. Percebemos apenas uma maior discussão e atenção aos museus, através de palestras, cursos, seminários, artigos, etc. Em São Paulo foram construídos o MAC/USP, o Museu da Escultura (inacabado), o Memorial da América Latina, o SESC Pompéia, o Centro Cultural São Paulo para abrigar coleções, exposições e eventos culturais. Entretanto não é possível identificar uma política cultural que oriente as atividades destas instituições, mesmo porque pertencem a diferentes esferas do Poder. Além disso, sabemos que estes equipamentos somados aos já existentes ainda não são suficientes para uma população de mais de 12 milhões de pessoas com os mais diversos interesses.

Além da finalidade conservatória e documental, de classificação, estudo, exposição e divulgação de conjuntos de objetos de interesse e de valor artístico, científico e técnico, outras funções culturais mais amplas passam a integrar as atividades dos museus. Tal fato vem satisfazer às novas exigências de uma época, em que o avanço tecnológico e científico faz com que o homem se volte às novas experiências e se apegue àquilo que é material, desprezando outros valores.

Os museus, que antes eram esses santuários discretos, raros, de estetas e diletantes, abrem-se agora largamente às novas classes sociais que antes os ignoravam completamente. A partir da década de 70 e, em particular, de 80, nesta segunda metade do século XX, como é dito por Grossmann, Raffaini e Coelho (1997, p. 271):

Grandes projetos arquitetônicos de museus começaram a proliferar, em particular nos EUA, no Japão, na Alemanha e na França. Museus de variados tamanhos – desde o renovado Louvre com sua pirâmide de vidro e suas novas alas monumentais até uma pequena construção em madeira preta no alto de uma colina na pequena cidade de Shibukawa, no Japão, projetada por Aratá Isozaki, passando pelo novíssimo e não menos espetacular Museu de Arte Contemporânea de Tóquio, inaugurado em março de 1995 – tomam conta do panorama cultural e se apresentam como modos contemporâneos privilegiados do templo da cultura. [...]. Neste final de século, o museu surge assim menos como instrumento cultural de preservação ou conhecimento do passado do que ícone privilegiado da glorificação presente de uma cultura, um povo, uma comunidade, um artista, uma companhia ou uma pessoa, proprietária ou financiadora do museu.

Um prédio específico não é mais exigência para a definição de um museu, pois nas décadas de 1980 e 90 surgem os museus ao ar livre e os ecomuseus. Tanto que, em 1983, na Conferência Geral do ICOM e no 1º Seminário Internacional para discussão sobre o Ecomuseu e a Nova Museologia<sup>5</sup>, foi constituído um grupo organizado que deu origem, em Lisboa, ao Movimento Internacional da Nova Museologia - MINOM.

As instituições museológicas aproximam-se fisicamente de outros estabelecimentos culturais, como os centros de cultura, apresentados como grandes espaços de convivência, recuperando parte do significado mais antigo de um museu. Recentemente, foi publicada no site do IBRAM lei de 2009 que reza:

De acordo com a Lei nº 11.904, de 14 de janeiro de 2009, que instituiu o Estatuto de Museus, “Consideram-se museus, para os efeitos desta Lei, as instituições sem fins lucrativos que conservam, investigam, comunicam, interpretam e expõem, para fins de preservação, estudo, pesquisa, educação, contemplação e turismo, conjuntos e coleções de valor histórico, artístico, científico, técnico ou de qualquer outra natureza cultural, abertas ao público, a serviço da sociedade e de seu desenvolvimento.” (<http://www.museus.gov.br>).

O parágrafo único da lei afirma que “Enquadrar-se-ão nesta Lei as instituições e os processos museológicos voltados para o trabalho com o patrimônio cultural e o território visando ao desenvolvimento cultural e socioeconômico e à participação das comunidades”. (<http://www.museus.gov.br>).

O número de museus existentes no Brasil é imensurável, mas existe uma plataforma chamada Museusbr que desde 2015 vem mantendo atualizados os cadastros dos museus. Existe também o Cadastro Nacional de Museus – CNM, criado em 2006, que utiliza a Plataforma Museusbr para manter atualizado o mapeamento com informações a respeito dos museus brasileiros.

Outra importante ferramenta de visualização do número de museus brasileiros é o **Guia dos Museus Brasileiros**, elaborado pelo Instituto Brasileiro de Museus (Ibram/Ministério da Cultura). O guia apresenta detalhes minuciosos sobre as instituições museológicas, com informações importantes como endereço, horário de funcionamento, tipologia do acervo, ofertas de acessibilidade, infraestrutura e política de recebimento de turistas estrangeiros. Nele, é possível fazer consulta e *download*. O Guia é apresentado por regiões. Segundo o guia, “Constam da publicação um total de 3.118 museus, incluindo 23 museus virtuais. As regiões

---

<sup>5</sup> Movimento definido durante a realização do “Ateliê Internacional Ecomuseus/Nova Museologia”, em Quebec - Canadá, em outubro de 1984 (Bruno, 1996).

Sudeste (1.150), Sul (874) e Nordeste (709) são, nessa ordem, as que apresentam maior quantitativo de museus” (<http://www.museus.gov.br/guiadosmuseusbrasileiros>).

No Guia dos Museus Brasileiros (2011, p. 39) são encontrados museus em 12 municípios paraenses: Altamira, Belém, Bragança, Cachoeira do Arari, Cametá, Itaituba, Marabá, Monte Alegre, Óbidos, Santarém, São Geraldo do Araguaia e Vigia, num total de 44 instituições museológicas de variadas tipologias (de artes, ciências, espaço cultural, corveta e outros).

### 3.2 Os museus na Amazônia paraense

Em sua maioria, os museus da Amazônia Paraense trazem em suas trajetórias a cultura, a memória e a história deste território tão complexo, com uma imensa diversidade de grupos, como os indígenas, os quilombolas e os ribeirinhos, dentre outros. Nesse universo museológico, além do Museu Paraense Emílio Goeldi, detalhado mais adiante, há um complexo de museus, institucionalizados na Secretaria de Estado de Cultura – SECULT e gerenciados pelo Sistema Integrado de Museus e Memoriais – SIM.

São José Liberto - Constitui-se em uma espécie de centro cultural, que além de expor e vender artesanatos locais, possui um espaço para apresentações e um complexo joalheiro que consta de lojas e espaço onde os visitantes podem observar os ofícios de ourives e lapidadores. Também integram o espaço o Museu de Gemas; uma sala (cela) onde possui uma pequena exposição sobre o período em que funcionou o presídio São José e uma capela, que funciona como um espaço para apresentações culturais;

Museu de Gemas do Pará - inaugurado em 2002, localizado no antigo presídio, São José Liberto;

Museu da Imagem e do Som Pará - inaugurado em março de 1971, foi idealizado pela escritora paraense Eneida de Moraes. Atualmente não possui uma sede própria, estando funcionando juntamente com o Sistema Integrado de Museus na Igreja de Santo Alexandre;

Museu do Círio - criado em 9 de outubro de 1986, ficou um período fechado e foi reaberto em 2002, e localiza-se no Complexo Feliz Lusitânia;

Memorial Amazônico da Navegação - constitui de um espaço dentro do Mangal das Garças, criado em 2005;

Museu Histórico do Estado do Pará - criado em 1981, iniciou suas atividades em 1986. Atualmente encontra-se no Palácio Lauro Sodré, antigas e de do Governo do Estado;

Corveta Museu Solimões – antigo navio da Marinha Brasileira, musealizado em 2004. Pertence ao Complexo Feliz Lusitânia;

Museu do Forte do Presépio - constitui-se em um espaço museológico no Forte do Castelo, construção arquitetônica que remete a fundação da cidade de Belém, o museu foi inaugurado em 5 de dezembro de 2002 e pertence ao Complexo Feliz Lusitânia;

Casa das Onze Janelas - espaço cultural inaugurado em 2002, voltado principalmente à arte contemporânea brasileira, principalmente das regiões norte e nordeste. Pertence ao Complexo Feliz Lusitânia;

Museu de Arte Sacra - inaugurado em 28 de setembro de 1998, no Antigo Palácio Episcopal, onde encontra-se a Igreja de Santo Alexandre. Neste mesmo prédio funciona a sede do Sistema Integrado de Museus e o Museu da Imagem do Som. (<http://www.secult.pa.gov.br>)

Portanto, esses museus fazem parte do complexo do Núcleo Cultural Feliz Lusitânia. Além desses constantes do SIM, há também o Museu/Arquivo Histórico da Santa Casa Dr. Alípio Bordalo (MAHSC), inserido na Fundação Santa Casa de Misericórdia do Pará e fundado em junho de 1987. Tem como objetivo preservar, pesquisar e divulgar o patrimônio científico, histórico e cultural do estado. Melo e Veríssimo (2015, p. 456) apontam sua baixa visitação:

No entanto, este espaço museológico é pouco conhecido pelas pessoas da cidade de Belém, até mesmo daquelas que trabalham ou se utilizam dos serviços da Fundação Santa Casa de Misericórdia do Pará (FSCMP). Desconhecimento, que priva a sociedade paraense de usufruir e fruir dos acervos museológicos da instituição. Que ainda necessita de um maior reconhecimento social, para que consiga se articular de forma mais complexa. Cabe lembrar que a Santa Casa é o mais antigo hospital em funcionamento em Belém, sendo a maior maternidade do Estado e consequentemente boa parte da população paraense nasceu em seus leitos.

São vários os fatores que podem justificar o seu baixo nível de visitas. Um deles pode se dar pelo fato de estar localizado dentro de um hospital, além de seu horário de visitas ser restrito. Outro museu é o Museu da Universidade Federal do Pará – MUFPA, criado pela Portaria nº 874/83 de 8 de junho de 1983, em cumprimento à Resolução nº 544/83 de 25 de abril de 1983, do Conselho Universitário. Tem sua constituição e atividades estabelecidas no Regulamento, aprovado pela Resolução nº 1230 de 2 de maio de 1985. Segundo Viana (1989, p. 59), já existia a vontade da Universidade ter um museu: “Apesar deste Museu ter sido criado em 1983, a preocupação da Universidade com a preservação do patrimônio vem desde 1976 com a elaboração do 1º plano Diretor de Extensão”.

Mais adiante descreve o prédio onde está instalado o Museu da Universidade Federal do Pará, Vianna (1989, p. 60):

o prédio conhecido como Palacete Augusto Montenegro foi adquirido na administração universitária de 1962, pelo Reitor Dr. José Silveira Neto, com

objetivo de nele instalar a Reitoria da Universidade Federal do Pará. É uma construção do início do século e servia de residência particular ao então governador do Estado do Pará, Augusto Montenegro. É uma construção característica de um período de prosperidade, marcado pelo ciclo da borracha; um estilo eclético que congrega elementos arquitetônicos variados em uma composição de discreta suntuosidade e inovação no uso de materiais.

O nome de Augusto Montenegro, Governador do Estado do Pará, eleito em 1901, batiza o palacete, que abriga o MUFPA. O prédio foi a residência oficial do governador no período, quando foi contratado um arquiteto italiano, Filinto Santoro, e um mestre de obras, o também italiano Luigi Bisi.

Na Plataforma de informações sobre os museus brasileiros MuseusBR (<http://museus.cultura.gov.br/>) e no Guia dos Museus Brasileiros (2011) foram encontrados outros museus nos municípios do Estado do Pará:

**Quadro 13: Elaborado após consulta nas plataformas MuseusBR e Guia dos Museus Brasileiros**

MUNICÍPIO	NOME DO MUSEU	ANO DE CRIAÇÃO	CATEGORIA
Altamira	Parque Nacional da Serra do Pardo	2005	Público - Federal.
Belém	Museu de Arte Brasil Estados Unidos	1998	Privado – Sociedade
Belém	Museu Paraense Emílio Goeldi	1866	Público – Federal
Belém	Museu de Geociências da UFPA	1984	Público - Federal.
Belém	Museu da Universidade Federal do Pará	1983	Público - Federal.
Belém	Ecomuseu da Amazônia	2007	Público - Municipal.
Belém	Museu da Medicina do Pará	1999	Privado – Associação
Belém	Museu de Arte de Belém	1991	Público – Municipal
Belém	Museu da Imagem e do Som do Pará	1971	Público – Estadual
Belém	Espaço Cultural Casa das Onze Janelas	2002	Público – Estadual
Belém	Corveta Museu Solimões	2004	Público - Estadual.
Belém	Museu de Arte Sacra do Pará	1997	Público - Estadual.
Belém	Museu do Forte do Presépio	2003	Público - Estadual.
Belém	Museu do Estado do Pará	1983	Público - Estadual.
Belém	Memorial Amazônico da Navegação	2003	Público - Estadual.
Belém	Museu do Círio	1986	Público - Estadual.
Belém	Museu de Gemas do Pará	2002	Público – Estadual
Belém	Museu/Arquivo Histórico da Santa Casa	1986	Público - Estadual.
Belém	Memorial da Justiça do Trabalho da 8ª Região - Juiz Arthur Francisco Seixas dos Anjos	1988	Público - Federal.
Belém	Casa da Memória – UNAMA	1986	Privado - Associação.
Belém	Museu da Marujada - Universidade Federal do Pará	Não encontrado data de inauguração.	Público – Federal
Belém	Parque de Ciências	2000	Não citado a categoria.
Belém	Museu Diplomático do Setor Amazônico	Não encontrado data de	Não citado a categoria.

		inauguração.	
Belém	Exposições Permanentes Memorial do Porto e Arqueologia e Restauro	Não encontrado data de inauguração.	Privado - Associação.
Belém	Parque Ambiental de Belém	1993	Público - Estadual.
Belém	Museu Naval da Amazônia	O museu está fechado e não há previsão de reabertura.	Público - Federal.
Belém	Museu do Porto de Belém	O museu está fechado e não há previsão de reabertura	Público - Federal.
Bragança	Museu de Arte Sacra Nossa Senhora do Rosário	2006	Privado - Associação.
Bragança	Teatro Museu da Marujada	Não encontrada data de inauguração.	Não citado a categoria.
Cachoeira do Arari	O Museu de Marajó - Padre Giovanni Gallo	1981	Privado - Associação.
Cametá	Museu Histórico de Cametá	1987	Público - Municipal.
Itaituba	Museu Municipal de Itaituba Aracy Paraguaçu	2006	Mista
Itaituba	Parque Nacional da Amazônia	1974	Público - Federal.
Marabá	Museu Municipal de Marabá	1984	Público - Municipal.
Marabá	Pinacoteca Municipal Pedro Morbach	1984	Público - Municipal.
Monte Alegre	Parque Estadual de Monte Alegre	2001	Público - Estadual.
Óbidos	Museu Integrado de Óbidos	1985	Privado - Associação.
Santarém	Centro Cultural João Fona	1986	Público - Municipal.
Santarém	Museu de História e Arte Sacra de Santarém	2003	Privado - Fundação.
Santarém	Museu de Arte Dica Frazão	1997	Mista - Particular com apoio do Município
Santarém	Museu Esperança de Ciência e Cultura	Não encontrada data de inauguração.	Privado - Fundação.
Santarém (Alter do Chão).	Museu do Índio	Sem informações	Sem informações
São Geraldo do Araguaia	Parque Estadual Serra dos Martírios /Andorinhas	1996	Público - Estadual.
Vigia	Museu da Cidade de Vigia de Nazaré	2004	Público - Municipal.

**Fonte:** Elaboração da autora (2019).

Além destes cadastrados nos sistemas museológicos, o Ponto de Memória do bairro da Terra Firme é citado por Melo, Carvalho e Monção (2015, p. 486):

Já o Ponto de Memória da Terra Firme, surgiu do projeto do Instituto Brasileiro de Museus do Ministério da Cultura de promoção da Sociomuseologia no país. Tal projeto selecionou várias áreas de comunidades pelo país e auxiliou a implantação do Ponto de Memória, promovendo a troca de experiências entre eles. Na região do Pará, houve a disputa de duas comunidades vizinhas da cidade de Belém, a do Guamá e a da Terra Firme, ganhando a segunda por ter se articulado mais eficientemente no período de seleção. Devemos destacar que antes de ser um Ponto de Memória esta comunidade já era ponto de intervenção social,

cultural e científica do MPEG, que foi e é um dos grandes responsáveis pela percepção museológica da comunidade

Apesar desse significativo número de instituições museológicas no Estado do Pará, ainda é grande a disparidade em relação às outras regiões brasileiras.

Essa apresentação preliminar do processo histórico dos museus mostrou a reformulação dos conceitos, a alteração de seu conceito como uma instituição que passa a exercer um papel mais dinâmico, fortemente ligado ao desenvolvimento sócioeconômico e cultural de uma sociedade.

No universo da cultura, o museu assume funções as mais diversas e envolventes. Uma vontade de memória seduz as pessoas e as conduz à procura de registros antigos e novos, levando-as ao campo dos museus, no qual as portas se abrem sempre mais. O museu é o lugar em que sensações, ideias e imagens de pronto irradiadas por objetos e referenciais ali reunidos iluminam valores essenciais para o ser humano. Espaço fascinante onde se descobre e se aprende, nele se amplia o conhecimento e se aprofunda a consciência da identidade, da solidariedade e da partilha.

Por meio dos museus, a vida social recupera a dimensão humana que se esvai na pressa da hora. As cidades encontram o espelho que lhes revele a face apagada no turbilhão do cotidiano. E cada pessoa acolhida por um museu acaba por saber mais de si mesma. (<http://www.museus.gov.br/os-museus>).

Nessa nova estruturação da função dos museus, questiona-se também sobre quais espaços são considerados museus. Portanto, são assim considerados não só os espaços onde se guardam bens culturais, mas também “os sítios e os monumentos naturais, arqueológicos e etnográficos e os sítios e monumentos históricos que possuam a natureza de um museu pelas suas atividades de aquisição, de conservação e de transmissão dos testemunhos materiais dos povos e do seu meio ambiente”. (<http://www.museus.gov.br/os-museus>).

Aqui se incluem Zoológicos, Jardins Botânicos e outros espaços.

## 4. Museu Paraense Emílio Goeldi: presença sócio-histórica e científica na Amazônia

A Amazônia Paraense é assim descrita:

O Estado do Pará, com 1.248.042 km<sup>2</sup> de extensão, representa 16,66% do território brasileiro e 26% da Amazônia. É cortado pela linha do Equador no seu extremo norte. Encontra-se dividido em 144 municípios, onde vivem cerca de 8.074 milhões de pessoas (IBGE, 2017). É o segundo maior estado da federação em extensão territorial. Está localizado no Norte do Brasil e se situa entre a Guiana e o Suriname, ao norte; o Amapá e o Oceano Atlântico, a nordeste; o Maranhão, a leste; Goiás, a sudeste; Mato Grosso, ao sul; e Amazonas e Roraima, a oeste. (FAPESPA, 2018, p. 7)

O Estado do Pará, portanto, é o segundo maior estado brasileiro em área territorial, sendo o primeiro lugar o Amazonas, que possui uma área maior, de 1.570.745, 680 km<sup>2</sup>. Segundo Bezerra, o Estado do Pará:

É um estado rico em biomas, desde o seu litoral, no oceano Atlântico, até as águas salobras do estuário do rio Amazonas. A sua fronteira oeste divide o território amazônico com o estado do Amazonas, na chamada Amazônia Central. O solo é recoberto por mangues, restingas, várzeas, campos, savanas, matas ciliares, florestas de terra firme, campinas e campinaranas, que, no seu conjunto, formam um mosaico representativo dos ecossistemas amazônicos. (BEZERRA, 2013, p. 11)

Na verdade, o Pará tem um número maior de riquezas naturais e abundância de águas fluviais e oceânicas, o que “permite ligar quase todos os seus rincões por navegação, como também são celeiros de produção de peixes e crustáceos, que alimentam o povo paraense e ajudam a movimentar a economia estadual através das exportações” (Ibid., 2013, p. 11).

Uma das maiores fontes de riquezas do Estado são as florestas, que apresentam inúmeras espécies da fauna e da flora amazônica. Exemplo disso é a Floresta Nacional de Caxiuanã: “a Floresta Nacional de Caxiuanã, destaca-se como uma das mais importantes, tanto pela exuberância e riqueza biológica, ambiental e humana, quanto pelo seu notável estado de conservação” (Ibid., 2013, p. 11).

Para apresentar toda essa dimensão, que é a área territorial do Estado do Pará, é exibida a imagem do mapa da Região Norte, mostrando claramente suas dimensões.

**Figura 6: Mapa Região Norte do Brasil**



**Fonte:** Google imagens, 2009. Pesquisado por Dr. Carlos Paixão para o Projeto: A Pesquisa Educacional na Amazônia: Um estudo sobre epistemologias e metodologias que servem de suporte à produção do conhecimento em educação nas Universidades da Amazônia Paraense.

É possível verificar no mapa a disparidade da dimensão territorial do Pará com os demais estados da Região Norte.

Em toda a Amazônia brasileira existem atualmente 32 Florestas Nacionais, também conhecidas como Flonas. Deste total, cerca de 14 Flonas estão localizadas no estado do Pará e, dentre estas, encontra-se a Floresta Nacional de Caxiuanã – FNC ou Flona Caxiuanã. Nos demais estados da Região Norte, as Florestas Nacionais estão assim distribuídas: Acre: 3, Amapá: 1, Amazonas: 9, Roraima: 2 e Rondônia:3. (Ibid., 2013, p. 11).

O Museu Paraense Emílio Goeldi abriga acervo em áreas diversas, como Botânica, Zoologia, Ciências Humanas, Ciências da Terra e Ecologia, com peças e espécimes principalmente da Região Amazônica. As mais importantes e completas são as coleções de Ornitologia e de Etnografia, além do Herbário João Murça Pires. Há também uma Biblioteca especializada com um acervo de obras raras e um Arquivo documental. Esse rico acervo está sob a guarda do Museu Paraense Emílio Goeldi, que tem a missão de realizar pesquisas, promover a inovação científica, formar recursos humanos, conservar acervos e disseminar conhecimento relacionado à Amazônia nas áreas das Ciências Naturais e Humanas.

A Amazônia é reconhecidamente um grande centro de diversidade biológica, mas as dimensões da biota e os processos que levam à

coexistência de tantas espécies são ainda assuntos de pesquisas. Buscamos preservar a vida na Amazônia e amortecer os impactos de desenvolvimento regional. Estudos de campo e de laboratório fazem-se necessários para sondar a biodiversidade na Amazônia. Coleções sistemáticas de animais e plantas em museus são básicas para esses estudos. Assim, o Museu Paraense Emílio Goeldi, apesar de ter 133 anos de idade, é uma instituição cuja missão científica permanece hoje importante e relevante para o mundo. (OVERAL, 2001, pp. 700-701)

O mesmo autor mostra a contribuição da Amazônia na área biológica:

A Amazônia contribuiu com muitas ideias à nossa civilização. Na área de Biologia, podemos destacar avanços como a seleção natural, o mimetismo, o tamanho mínimo de ecossistemas, a manutenção da biodiversidade através de perturbações de porte intermediário, a interligação entre os rios e florestas inundadas através da migração de peixes, o modelo de refúgios pleistocênicos e muitos outros. (Ibid., 2001, p. 702)

Overall refere-se ao ano de 1999, quando o Museu Goeldi completou seus 133 anos. Segundo ele, o Museu ainda é uma instituição cuja missão científica permanece hoje importante e relevante para o mundo. Tal relevância perdura nos dias atuais, e sua missão continua a mesma.

Na Amazônia Paraense, existem 144 municípios assim distribuídos:

**Figura 7: Mapa Estado do Pará, Brasil (Denominado nesta Tese de Amazônia Paraense)**



**Fonte:** Google imagens, 2009. Pesquisado por Dr. Carlos Paixão para o Projeto: A Pesquisa Educacional na Amazônia: Um estudo sobre epistemologias e metodologias que servem de suporte à produção do conhecimento em educação nas Universidades da Amazônia Paraense.

O Museu Paraense Emílio Goeldi está localizado no Município de Belém, no bairro de São Brás, conforme apontado no Google Maps (<https://www.google.com/bairroSãoBrás>).

**Figura 8: Localização do Parque Zoobotânico do Museu Goeldi, bairro São Brás**

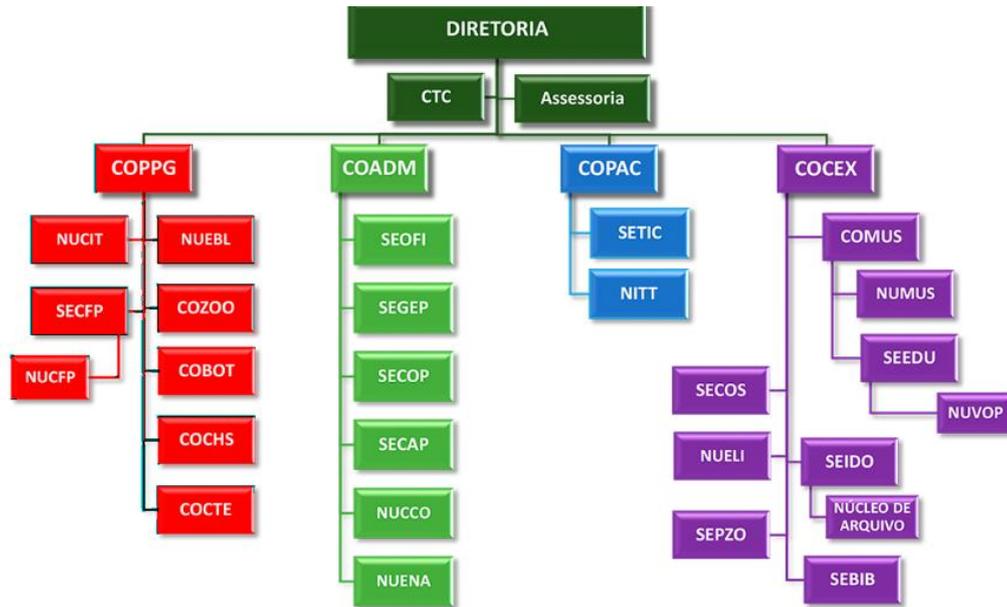


Fonte: Google maps

O Museu Goeldi está ligado ao Ministério da Ciência, Tecnologia, Inovações e Comunicações – MCTIC e é uma instituição que se estabeleceu e se faz presente nos meios científicos nacionais, internacionais e na vida da população paraense há mais de cem anos. Desde o seu início, foi pensado para ser um local que estudasse e valorizasse as coisas amazônicas. Comprovadamente, hoje, o Museu Goeldi é uma instituição de renome internacional que possui amplo material sobre a região.

Atualmente sua estrutura funcional está dividida por coordenações, conforme apresentação de seu organograma.

**Figura 9: Organograma funcional do Museu Paraense Emílio Goeldi**



Fonte: <https://www.museu-goeldi.br/assuntos/o-museu/organograma>

O organograma está assim apresentado por cores:

As células de cor vermelha representam as unidades da Coordenação de Pesquisa e Pós-Graduação; - as células de cor verde claro representam as unidades da Coordenação de Administração; - as células de cor azul clara representam as unidades da Coordenação de Planejamento e Acompanhamento e - as células de cor roxa representam as unidades da Coordenação de Comunicação e Extensão. (MUSEU PARAENSE EMILIO GOELDI, 2019, s/p)

Mais adiante será detalhado o que representa cada coordenação na Instituição. A partir do organograma funcional da instituição, é possível visualizar o Museu Paraense Emílio Goeldi no cenário de atuação na Amazônia. No Diário Oficial da União - DOU de 16.11.2016, Seção I, pág. 46, por meio da Portaria MCTIC nº 5.160, de 14.11.2016, o Ministro de Estado da Ciência, Tecnologia e Inovações e Comunicações - MCTIC, Gilberto Kassab, aprovou e assinou o Regimento Interno da Instituição. De acordo com seu Art. 1º,

O Museu Paraense Emílio Goeldi - MPEG é unidade de pesquisa integrante da estrutura do Ministério da Ciência, Tecnologia, Inovações e Comunicações - MCTIC, na forma do disposto no Decreto nº 8.877, de 18 de outubro de 2016. (Vide Anexos)

Assim foi decretada a sua finalidade:

Art. 4 - O MPEG tem como finalidade gerar e comunicar conhecimentos sobre os sistemas naturais e processos socioculturais relacionados à Amazônia. (Vide Anexos)

As Competências são detalhadas no Art. 5º, conforme abaixo:

Ao MPEG compete:

I - Elaborar e executar programas, projetos e atividades de pesquisa e desenvolvimento técnico-científico, no âmbito de suas finalidades;

II - Comunicar conhecimento científico e tecnológico;

III - Formar recursos humanos no âmbito de suas finalidades;

IV - Desenvolver e disponibilizar serviços decorrentes de suas pesquisas, contratos, convênios, acordos e ajustes, resguardados os direitos relativos à propriedade intelectual;

V - Promover, patrocinar e realizar cursos, conferências, seminários e outros conclave de caráter técnico-científico;

VI - Formar, manter e custodiar acervos científicos e documentais; e

VII - Fornecer subsídios para a formulação de políticas públicas para o desenvolvimento de projetos estratégicos para a Amazônia. (Vide Anexos)

Em 2016, de acordo com o Relatório de Avaliação Anual (2017, p. 1):

O Museu Paraense Emílio Goeldi consolidou sua posição como instituição de ensino e pesquisa, com filiação aprovada pelo Conselho do Fórum de Pró-reitores de Pesquisa e Pós-Graduação - FOPROP. (Relatório de Avaliação Anual, 2017, p. 1)

O mesmo relatório ainda afirma que

O desempenho institucional mensurado pelos indicadores no exercício 2017 consolida a posição de destaque do Museu Paraense Emílio Goeldi no contexto científico nacional, bem como reitera a missão de produzir e comunicar conhecimentos sobre os sistemas naturais e processos socioculturais relacionados à Amazônia, assim como formar recursos humanos qualificados ao nível de pós-graduação. (Relatório de Avaliação Anual, 2017, p. 1)

De acordo com o Diário Oficial da União - DOU, página 5 da Seção 2, de 29 de junho de 2018, o Ministro de Estado da Ciência, Tecnologia, Inovações e Comunicações, Gilberto Kassab, nomeia a atual diretora por meio da Portaria nº 3.374, de 28 de junho de 2018:

Nomear ANA LUISA KERTI MANGABEIRA ALBERNAZ, CPF 090.156.108-86, para exercer o cargo em comissão de Diretor, código DAS 101.4, do Museu Paraense Emílio Goeldi – MPEG deste Ministério (processo SEI nº 01250.011955/2018-41). (DOU, 2018).

Apesar de ter uma diretoria geral, o Museu Paraense Emílio Goeldi conta com o suporte científico no CTC – Conselho Técnico Científico, especificado no Diário Oficial da União, em seu Capítulo IV – Órgão Colegiado, Art. 42, p. 21: “O Conselho Técnico Científico – CTC é órgão colegiado com função de deliberação e

assessoramento ao Diretor no planejamento das atividades científicas e tecnológicas do MPEG”. (DOU, 2018).

O Art. 43, p. 21, assim trata dos membros participantes:

O CTC contará com onze membros, todos nomeados pelo Ministro de Estado da Ciência, Tecnologia, Inovações e Comunicações, e terá a seguinte composição: I - o Diretor do MPEG, que o presidirá; II - três servidores, de nível superior, do quadro permanente das carreiras de Pesquisa em Ciência e Tecnologia, de Desenvolvimento Tecnológico e de Gestão, Planejamento e Infraestrutura em Ciência e Tecnologia; III - três membros dentre os dirigentes ou titulares de cargos equivalentes em unidades de pesquisa do Ministério da Ciência, Tecnologia, Inovações e Comunicações, ou de outros órgãos da Administração Pública, atuantes em áreas afins às do MPEG; e Regimento MPEG (1449803) SEI 53900.053606/2016-36 / pg. 22 IV - quatro representantes da comunidade científica e tecnológica, não pertencentes às carreiras do Ministério, de setores produtivos e de movimentos sociais, atuantes em áreas afins às do MPEG.

Parágrafo único. Os membros mencionados nos incisos II, III e IV terão o mandato de dois anos, admitida uma única recondução, e serão escolhidos da seguinte forma: a) Os do inciso II serão indicados a partir de lista tríplice, obtida a partir de eleição promovida pela Diretoria da Unidade, entre os servidores do quadro permanente das carreiras de Pesquisa em Ciência e Tecnologia, de Desenvolvimento Tecnológico e de Gestão, Planejamento e Infraestrutura em Ciência e Tecnologia; b) Os do inciso III serão indicados, fundamentadamente, pelo CTC; e c) Os do inciso IV serão indicados a partir de lista tríplice elaborada pelo CTC, na forma do Regimento Interno. (DOU, 2018).

A respeito do Conselho Técnico Científico – CTC:

O CTC tornou-se realmente um colegiado respeitado e decisório, com nomes ilustres emprestando sua cooperação e seu aconselhamento. Levamos anos discutindo critérios de análise e gerado uma estrutura não muito diversa da que hoje ainda vigora. (LA PENHA, 2001, p. 720)

A mais recente composição de seus membros está organizada da seguinte maneira, conforme a Portaria nº 2.661, de 18 de maio de 2018, o Diário Oficial da União (2018, p. 4):

O MINISTRO DE ESTADO DA CIÊNCIA, TECNOLOGIA, INOVAÇÕES E COMUNICAÇÕES, no uso das atribuições que lhes são conferidas pelo art. 87, parágrafo único, inciso I, da Constituição Federal, em conformidade com o que dispõe o art. 43 do Regimento Interno do Museu Paraense Emílio Goeldi -MPEG, aprovado pela Portaria MCTIC nº 5.160, de 14 de novembro de 2016, publicada no Diário Oficial da União de 16 de novembro de 2016, resolve:

Art. 1º Designar os seguintes membros para compor o Conselho Técnico-Científico - CTC do Museu Paraense Emílio Goeldi - MPEG:

I - Representantes do quadro permanente das carreiras de Pesquisa em Ciência e Tecnologia, de Desenvolvimento Tecnológico e de Gestão, Planejamento e Infraestrutura em Ciência e Tecnologia:

a) FRANCISCO BERREDO REIS DA SILVA (recondução), da Coordenação de Ciências da Terra e Ecologia/MPEG;

b) JOSÉ ELIAS DE ALMEIDA JÚNIOR, da Coordenação de Museologia/MPEG; e

c) CLEVERSON RANNIERI MEIRA DOS SANTOS, da Coordenação de Zoologia/MPEG.

II - Dirigentes ou titulares de cargos equivalentes em unidades de pesquisa do Ministério da Ciência, Tecnologia e Inovação, ou de outros órgãos da Administração Pública, atuantes em áreas afins às do MPEG:

a) EMMANUEL ZAGURI TOURINHO (recondução), Reitor da Universidade Federal do Pará - UFPA;

b) ADRIANO VENTURIERI (recondução), Chefe-Geral da Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária - Embrapa/Amazônia Oriental; e

c) MARCEL BOTELHO, Reitor da Universidade Federal Rural da Amazônia - UFRA.

III - Representantes da comunidade científica e tecnológica, não pertencentes às carreiras do Ministério, de setores produtivos e de movimentos sociais, atuantes em áreas afins às do MPEG:

a) JOSÉ OSWALDO SIQUEIRA (recondução), Diretor Científico do Instituto Tecnológico Vale - ITV Desenvolvimento Sustentável;

b) JOÃO CARLOS DE SOUZA MEIRELES FILHO (recondução), Diretor-Geral do Instituto Peabiru;

c) PEDRO FERNANDO DA COSTA VASCONCELOS, Diretor do Instituto Evandro Chagas; e

d) SUE ANNE COSTA, Paleontóloga e Professora no Curso de Museologia da UFPA.

Art. 2º Esta Portaria entra em vigor na data de sua publicação. GILBERTO KASSAB.

Para a instituição é fundamental a atuação do CTC junto à diretoria, uma vez que, segundo o Diário Oficial da União, Art. 44, compete ao CTC:

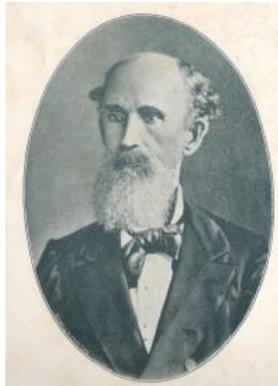
I - apreciar e opinar a respeito da implementação da política científica e tecnológica, pós-graduação, comunicação, gestão e suas prioridades; II - pronunciar-se sobre o relatório anual de atividades, bem como avaliar os seus resultados; III - apreciar e opinar a respeito das diretrizes de qualificação de pessoal e valorização institucional; IV - opinar sobre critérios de avaliação funcional e acompanhar a avaliação de desempenho de servidores do quadro de pesquisadores, tecnólogos e dos analistas de C&T, quanto as atividades que influenciem diretamente nos resultados científicos e tecnológicos do MPEG; V - acompanhar a aplicação dos critérios de avaliação de desempenho institucional, em conformidade com os critérios definidos no Termo de Compromisso de Gestão; VI - participar efetivamente, através de um de seus membros externos ao MPEG, indicado pelo Conselho, da Comissão de Avaliação e Acompanhamento do Termo de Compromisso de Gestão; e VII - apreciar e opinar a respeito de matérias que lhe forem submetidas pelo Diretor. Art. 45. O funcionamento do CTC será disciplinado na forma de Regimento Interno, produzido e aprovado pelo próprio Conselho. (2018, p. 22). (DOU, 2018).

Dessa forma, há possibilidade de maior transparência na gestão da diretoria do Museu Goeldi, em vista desse aporte técnico-científico.

Diante disso, torna-se necessário retornar ao passado e relatar como se chegou ao reconhecimento nacional e internacional, pois muito já se escreveu da história do museu. Tudo começou com o mineiro Domingos Soares Ferreira Penna e alguns entusiastas que, em 1866, instituíram uma associação, a Associação Filomática, que passou por várias fases, com mudanças de nomenclaturas e de marcas institucionais, até chegar ao nome de Museu Paraense Emílio Goeldi.

No livro “As origens do Museu Paraense Emílio Goeldi: aspectos históricos e iconográficos (1860-1921)”, Crispino, Bastos e Toledo (2006) pesquisaram na fonte a criação do museu. Afirmam que, bem antes de sua criação, a ideia já existia e várias iniciativas foram frustradas por falta de apoio político. Somente em 1866 Ferreira Penna criou a Associação Filomática, germe do museu.

**Figura 10: Domingos Soares Ferreira Penna**



**Fonte:** Arquivo do Museu Paraense Emílio Goeldi

A figura de Domingos Soares Ferreira Penna que se tem em imagens retratadas nos livros sobre a origem do Museu Paraense Emílio Goeldi é a de um homem magro, calvo, de uma barba comprida, semblante sisudo e olhar tristonho. Ele tinha 48 anos quando foi criada a Associação Filomática. Quadros (2000, p. 91) o descreve como:

Ferreira Penna, autodidata, pesquisador nato, tornou-se um estudioso da Geologia, Arqueologia, Geomorfologia, Zoologia e Botânica. Dedicando-se à Geografia Econômica, Física e, em particular do Pará. Na Arqueologia, foi o pioneiro nas pesquisas sobre a cerâmica e outros vestígios dos grupos primitivos que viveram aqui, pois anotava aspectos importantes das populações regionais e dos grupos indígenas

Ao longo de toda a trajetória da Instituição, as nomenclaturas foram sendo modificadas. A instituição primeiramente chamou-se Associação Philomática, fundada em 6 de outubro de 1866 por Domingos Soares Ferreira Penna. Na origem tratava-se de:

Um instituto dedicado aos estudos científicos, tendo por base a História Natural e a Etnografia do Vale Amazônico. Mais ainda, divulgaria e mostraria os resultados das pesquisas, através de exposições e conferências; serviria também para ministrar aulas de ciências naturais a alunos dos colégios e escolas e aos interessados, atraindo desse modo vocação para a Ciência. (CUNHA, 1989, p. 25)

A Associação Philomática foi instalada em outubro de 1867 em uma casa alugada na Rua Santo Antônio, nº 26, entre as atuais Rua Leão XIII e Avenida Presidente Vargas. Em 1869, foi transferida para salas do Colégio Paraense, atual Escola Estadual Paes de Carvalho. Depois passou para um prédio ao lado, na rua São João, que hoje se chama João Diogo (QUADROS, 2000).

Em 25 de março de 1871, o Museu Paraense adquiriu caráter oficial por ordem do Presidente da Província, Dr. Joaquim Machado Portela, permanecendo no mesmo local. Seu segundo nome foi Museu Paraense. Ferreira Penna aumentou o acervo etnográfico por meio de compras e doações. Passaram a pertencer ao Museu Paraense as coleções de Frei Gil de Vila Nova (índios Kayapó); de Roch-Guinberg (grupos tribais da área Norte-Amazônica); de Lauro Sodré (Juruna e Tapayúna) de Henri Coudrean (índios Parintintin) e; de Farabee (Kokáma e Kunibo), (QUADROS, 2000, p. 93).

Sanjad (2010, p. 17) cita Domingos Soares Ferreira Penna como um dos intelectuais comprometidos com o mundo regional no século XIX, assinalando sua importância para a idealização de um museu.

Antônio Ladislau Monteiro Baena (1782-1850), Domingos Antônio Raiol (1830-1912) e Domingos Soares Ferreira Penna (1818-1888) são os três nomes arrolados como matrizes desse pensamento. Este último, além de ter deixado obra impressa, idealizou um museu que deveria concentrar seus estudos na própria região. Contudo, Ferreira Penna não viveu o suficiente para ver esse museu em plena atividade. Somente após sua morte e quando já se aproximava a crise que derrocara o ideal de progresso e civilização da Amazônia, um museu voltado para as questões regionais ganharia vida e cresceria a passos largos pelas mãos dos primeiros governantes republicanos.

Ferreira Penna não teve o seu nome citado ou homenageado pelo museu que idealizou, mas ganhou um monumento no Parque Zoológico, inaugurado em

22 de junho de 1908 pelo diretor à época, Jacques Huber (1867-1914). Nesse contexto, Sanjad (2010, p. 37) conta os pormenores dessa inauguração:

Os jornais anunciaram o evento na primeira página. “A Província do Pará” descreveu a cerimônia pormenorizadamente, enumerou as várias autoridades presentes e reproduziu na íntegra os dois discursos feitos pelo diretor da instituição, Jacques Huber (1867-1914). A “Folha do Norte”, por sua vez, no melhor estilo de um jornal de oposição, destacou um detalhe omitido pelo concorrente: “a bela festa de homenagem aos saudosos naturalistas que perustraram a região amazônica, Domingos Soares Ferreira Penna, Spix e Martius, foi quase totalmente prejudicada pela chuva torrencial e prolongada que desabou à hora marcada para a solenidade da inauguração das hermas”.

Portanto, a cerimônia não se ateve a Domingos Soares Ferreira Penna, muito menos se resumiu a uma homenagem aos naturalistas bávaros Karl Friedrich von Martius (1794-1868) e Johann Baptist von Spix (1781-1826).

Em 1884, um zoólogo suíço assumiu a diretoria do Museu com a missão de transformá-lo em um grande centro de pesquisa sobre a Amazônia. Seu nome era Émil August Goeldi, nascera em Ennetbühl, Suíça, no dia 28 de agosto de 1859. Goeldi, tal qual Ferreira Penna, usava barba comprida, cabelos bem penteados e era extremamente elegante.

**Figura 11: Emílio Augusto Goeldi**



**Fonte:** Arquivo do Museu Goeldi

Assim, em 1894, Emílio Augusto Goeldi, indicado pelo escritor José Veríssimo ao Governador Lauro Sodré, ocupou o lugar de Ferreira Penna na direção do museu. O novo diretor concretizou e implantou os métodos voltados ao aspecto do funcionamento da instituição, tão almejados por Ferreira Penna, definindo e intensificando suas linhas de pesquisa. Aumentou e preservou os acervos, realizando atividades de extensão e de difusão científica e cultural. A instituição passou a se chamar Museu Paraense de História Natural e Etnografia, passando a

ser conhecido no mundo inteiro por pesquisas científicas. Goeldi publicou, em setembro de 1894, o primeiro exemplar do Boletim do Museu Paraense de História Natural e Etnografia, antecipando-se à instalação definitiva do mesmo Museu.

Em 1895, ocorreu a transferência definitiva do Museu para a Avenida Magalhães Barata, sede da antiga Rocinha. No mesmo ano foram construídos laboratórios, o Parque Zoológico e o Horto Botânico, o primeiro do Brasil, que, após sucessivas ampliações, alcançou uma área de 5,2 hectares. Nesse período, a instituição fez intercâmbio com congêneres da Europa, apoiando cientistas, participando de exposições internacionais, enviando coleções e publicações para outros museus e recebendo doações de obras raras (QUADROS, 2000).

Emílio Goeldi foi responsável por duas obras de referência científica: o primeiro Catálogo Sistemático dos Mamíferos da Amazônia e o primeiro Catálogo de Aves da Amazônia, este em parceria com Emília Snethlage, Zoóloga alemã que iniciou seus trabalhos no Museu Goeldi em meados de 1905, destacando-se no estudo da avifauna amazônica. Emília Snethlage foi a primeira ornitóloga de campo no Brasil, como também a primeira mulher a assumir a direção de uma instituição de pesquisa na América do Sul. Ficou na direção até 1921 (QUADROS, 2000).

Em 31 de dezembro de 1900, por decisão do Governador José Paes de Carvalho, o museu passou a se chamar, em homenagem ao cientista que prestou importantes serviços à instituição e ao Brasil, Museu Goeldi. Emílio Goeldi fez pesquisas pioneiras sobre a febre amarela e, já em 1902, publicava no Diário Oficial do Estado medidas preventivas para o controle da doença, bem como para a filariose e a malária, acreditando que, para eliminar tais doenças, seria necessário controlar o ciclo biológico do mosquito transmissor.

Algumas espécies de animais foram batizadas em homenagem ao cientista Emílio Goeldi. Uma delas, *Callimico goeldi*, se trata de um primata encontrado no Acre, no Amazonas e noroeste de Rondônia.

Em 1907, Goeldi voltou à Europa e Jacques Huber passou a dirigir o Museu até 1914, quando faleceu, sendo substituído por Emília Snethlage.

Emílio Goeldi teve grandes colaboradores, dentre eles Jacques Huber, botânico; Emília Snethlage, zoóloga; Friederich Katzer, geólogo; e Adolpho Ducke, entomólogo – até 1916, quando passou a estudar a flora amazônica, tornando-se um dos maiores botânicos do Brasil.

Com a Interventoria do Major Joaquim de Magalhães Barata, mais precisamente em 3 de novembro de 1931, pelo Decreto-Lei nº 525, o Museu Goeldi passou a ser Museu Paraense Emílio Goeldi.

Segundo Quadros (2000, p. 100),

Para salvar o Museu do completo colapso, em 1954, o Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia, órgão subordinado ao Conselho Nacional de Pesquisas, hoje Conselho Nacional de desenvolvimento Científico e Tecnológico – CNPq, realizou um acordo com o Governo do Estado e o Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia – INPA, pelo qual assumiu a responsabilidade administrativa e científica do Museu por um período de 20 anos, prorrogado desde 1969, por mais 20 anos até 1994 e há uma possibilidade deste acordo acabar definitivamente para ficar diretamente subordinado do Ministério da Ciência e Tecnologia.

O Museu Paraense Emílio Goeldi passou para a Administração Federal em 1955, constituindo-se numa das unidades de pesquisa do CNPq até 1994. Desde o ano 2000, o MPEG saiu do âmbito do CNPq, ficando subordinado diretamente ao Ministério da Ciência, Tecnologia, Inovações e Comunicações - MCTIC.

Nessa perspectiva, o Museu Paraense Emílio Goeldi desde os primórdios teve como objetivo a pesquisa e a produção de conhecimento, “o que nos leva à reflexão que todo o conhecimento produzido pela instituição é elemento vivo e não é só referência ou peça de exposição de museus tradicionais, aberto simplesmente a visitas passageiras” (GARCIA, 2006, p. 9).

Com a chegada de Emílio Goeldi a Belém do Pará, o Museu Goeldi ganhou uma nova função, presente até aos dias atuais. Goeldi conseguiu aproximar o museu da população, com a criação de seu horto botânico e do jardim zoológico<sup>6</sup>. A partir dali, firmava-se uma nova relação entre o museu e a população. Para as famílias belenenses, os passeios de domingo ao Museu Goeldi tornaram-se um hábito. Sanjad (2010, p. 234) revela que:

No Museu Paraense, Goeldi manteve o mesmo interesse diversificado pela fauna [...] Esse interesse revela um ambicioso projeto, a publicação de um compêndio sobre a ‘Fauna do Brasil’ [...] Goeldi registrou esse projeto no Regulamento do Museu Paraense e concentrou as atividades da instituição na sua execução.

Com a notoriedade que o Parque Zoobotânico ganhou ao longo dos anos, a instituição se transformou em um ponto turístico da Cidade de Belém, uma vez que turistas de várias regiões do Brasil e do mundo procuravam conhecê-lo.

Assim sendo, afirma Quadros (2000):

<sup>6</sup> Daí, portanto, ser considerado um Parque Zoobotânico (PZB).

O MPEG desempenhava a função de investigar e explorar acerca da fauna, a flora, o solo, o homem da Amazônia e seu ambiente físico e por meio da realização de atividades de extensão e difusão científica e cultural, exercer o papel não só de participantes, mas também de ativo agente da história da Região.

Porém, algum tempo depois houve uma modificação, realizada a partir de um planejamento estratégico que visava agilizar o que era realizado na pesquisa científica e tecnológica: foi definida e implementada uma nova política de difusão científica no MPEG. Dessa forma, a pesquisa do MPEG passou a ser dividida em coordenações de Ciências Humanas, Botânica, Zoologia e Ecologia. Um grande avanço foi a criação do primeiro curso de pós-graduação no MPEG, na área de zoologia, em 1988, por meio de um convênio com a Universidade Federal do Pará - UFPA. Em 2001, em convênio com a Universidade Federal Rural da Amazônia - UFRA, criou-se o segundo curso de pós-graduação, na área de Botânica Tropical.

Em 2005, em parceria com a UFPA, a UFRA e a EMBRAPA, é criado o Programa de Pós-Graduação em Ciências Ambientais - PPGCA, um programa de natureza interdisciplinar centrado nas questões ambientais da Amazônia e aberto às demandas da sociedade. Em 2015, de maneira autônoma, o MPEG criou o Curso de Pós-Graduação em Evolução e Biodiversidade.

Há de se comparar a sua atuação com a dos outros museus da Amazônia Paraense, sendo que no Estado do Pará existe o Sistema Integrado de Museus e Memoriais – SIM/Secretaria de Estado de Cultura do Pará, que é responsável pela administração de oito espaços museológicos e dois memoriais: o Museu do Estado do Pará, o Museu de Arte Sacra, o Museu de Gemas, o Museu Forte do Presépio, o Museu do Círio, o Espaço Cultural Casa das Onze Janelas, o Museu da Imagem do Som, Corveta – Museu Solimões, o Memorial do Porto de Belém e o Memorial Amazônico das Navegações. Todos esses espaços museológicos, localizados em Belém, caracterizam-se por utilizar o objeto como foco, trabalhando a cultura material.

É notória a diferença entre o Museu Paraense Emílio Goeldi e os demais. A este respeito, Costa (2016, p. 17) assinala que “os museus se caracterizam, essencialmente, como os espaços por excelência dos objetos, da cultura material, enfim, do que poderíamos chamar de relíquias do passado”.

Além de ser um instituto de pesquisa científica, o Museu Goeldi é ainda um Jardim Botânico. Encontra-se compartimentalizado em bases físicas separadas, pois

não é possível museograficamente se exercer a centralidade no objeto em si. Suas atividades são pensadas de acordo com cada base física, e as exposições em sua maioria são elaboradas com a finalidade de apresentar os resultados das pesquisas da própria instituição. Soares (2014, p. 2) assim explica:

Visando cumprir a missão institucional, a Coordenação de Museologia apostou na realização de exposições temporárias e/ou itinerantes de curta duração, independentes de espaço físico na casa, em particular representando o Museu em eventos externos de natureza institucional ou científica, como nas reuniões anuais da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência - SBPC ou nas Semanas de Ciência e Tecnologia.

Assim, a Coordenação de Museologia utilizou um projeto museográfico, conciliando o tema dos eventos com as pesquisas realizadas na instituição. Soares (2014, p. 2) diz que:

Nesse sentido, as exposições de curta duração, em especial as itinerantes, exigiam uma museografia desenvolvida de forma transversal, no sentido de se maximizar as possibilidades de se incluir uma pequena amostra dos resultados de pesquisas e das coleções em torno de um eixo temático que explorasse de maneira abrangente o leque eclético dos estudos sobre a Amazônia conduzidos pelos cientistas da casa.

Exemplo desta museografia diferenciada foi o projeto Retratos na Pedra: Arte Rupestre no Pará, em 2004, empreendido pela arqueóloga Edithe Pereira, que resultou em uma exposição no próprio Museu Goeldi.

Costa (2016, p. 38) caracteriza os principais museus do século XIX, dentre eles o Museu Paraense Emílio Goeldi, da seguinte maneira:

Tradicionalmente os museus ao longo do tempo estiveram à frente de grandes discussões científicas, bem como consolidaram discursos sobre identidades nacionais, sendo possível verificar tais questões para o caso brasileiro. Autores pontuam a atuação dos museus no século XIX como instituições que exerceram papel fundamental em pesquisas no Brasil, dentre as quais podemos citar o Museu Real (atualmente Museu Nacional, 1818), o Museu Paraense Emílio Goeldi (1866) e o Museu Paulista (1895), que perpetraram discussões significativas em termos institucionais e científicos acerca das práticas e teorias científicas e discursos identitários.

Com oscilações em momentos áureos e outros nem tanto, o Museu Paraense Emílio Goeldi mantém-se há mais de 150 anos atuando em Belém do Pará. A afirmação é respaldada por Crispino, Bastos e Toledo (2006, p. 15):

O Museu Paraense Emílio Goeldi é hoje considerado um centro de referência de produção do conhecimento científico sobre a Amazônia, seu meio ambiente e sua diversidade cultural. Sua longa, oscilante, mas vigorosa e vibrante história de quase 140 anos vem sendo construída por fundamentos acadêmicos e comprometimento com o rigor científico, na busca constante da descoberta dos saberes sobre a natureza e das populações humanas, do seu passado e do presente.

A instituição se diferencia das demais da Região Norte por ter especificidades próprias, por suas bases físicas<sup>7</sup> e pelo contato com o público, que se dá não somente em exposições, mas em atividades museológicas no Parque Zoobotânico e na Estação Científica Ferreira Pena.

Para Quadros e Sanjad (2013, p. 6),

Passados mais de 100 anos da reestruturação do museu por Emílio Goeldi, as atividades educativas e de comunicação científica estão institucionalizadas e constituem um importante campo de atuação do Museu Goeldi, com forte interação social e permeabilidade em vários setores da população.

Percebe-se a importância da área de educação e comunicação científica do Museu Goeldi, estabelecidas no mesmo patamar das áreas científicas, como a Botânica, a Zoologia, as Ciências da Terra e Ecologia e as Ciências Humanas.

Antes de encerrar este memorial do Museu Paraense Emílio Goeldi, é essencial citar as pessoas que participaram da direção e as nomenclaturas dadas para a instituição, de 1866 até 1986. Tais informações foram retiradas do livro “O Museu Paraense Emílio Goeldi” (1986, p. 287) e atualizadas até 2019 pela autora desta tese.

#### DIRETORES E DENOMINAÇÕES DO MUSEU PARAENSE EMÍLIO GOELDI

1866 - 1986

##### I. PERÍODO PRÉ-CIENTÍFICO (1866 – 1894)

###### 1. O MUSEU DE 1866 a 1871

Associação Filomática (Fundada em 6 de outubro de 1866, como núcleo do Museu)

Professor Domingos Soares Ferreira Penna, Presidente: 6 de outubro de 1866 a 17 de novembro de 1871.

###### 2. O MUSEU DE 1871 a 1890

Museu Paraense (instalado oficialmente em 25 de março de 1871, segundo Portaria de 15 de março desse ano).

Conselho Administrativo do Museu - Professor Domingos Soares Ferreira Penna, Diretor; 25 de março de 1871 a 24 de agosto de 1872. Lei nº 713, de 12 de abril de 1872, aprovando a oficialização do Museu.

###### 3. O MUSEU DE 1890 a 1894

O Museu Paraense restaurado (Decreto nº 187, de 2 de setembro de 1890) Comendador Ernesto de Sá Acton, Diretor: 2 de setembro de 1890 a 31 de maio de 1893.

##### II PERÍODO CIENTÍFICO (1894 aos dias atuais)

###### 1. O MUSEU DE 1894 a 1921

O Museu Paraense Reorganizado (Lei nº 199, de 26 de junho de 1894)

Dr. Emílio Augusto Goeldi, Diretor por contrato e depois honorário: 8 de junho de 1894 a 21 de março de 1907.

<sup>7</sup> O Parque Zoobotânico, no centro urbano de Belém-PA; o Campus de Pesquisa, na periferia de Belém; a Estação Científica Ferreira Pena, em Melgaço-PA e; o Instituto Nacional de Pesquisa do Pantanal – INPP, em Cuiabá, Mato Grosso.

Dr. Jacques Huber, Diretor: 21 de março de 1907 a 18 de fevereiro de 1914.  
Dra. Emília Snethlage, Diretora Interina: 18 de fevereiro de 1914 a maio de 1917.

## 2. O MUSEU DE 1921 a 1930

Dr. Antônio O' de Almeida, Diretor: 1 de Junho de 1921 a 9 de novembro de 1930.

Sr. Rodolpho de Siqueira Rodrigues, diretor substituto várias vezes nesse espaço de tempo.

## 3. O MUSEU DE 1930 a 1955

Professor Ernesto Barandier da Cunha, Diretor interino: 10 a 19 de novembro de 1930

Dr. Carlos Estevão de Oliveira, Diretor: 20 de novembro de 1930 a 2 de fevereiro de 1945

Dr. Mário Machado Sampaio, Diretor: 18 de janeiro de 1945 a 2 de julho de 1945

Sr. Inocêncio Machado Coelho Neto, Diretor: 2 de julho de 1945 a 19 de março de 1951

Dr. Armando Bordalo da Silva, Diretor: 20 de março de 1951 a 6 de abril de 1955.

## O MUSEU PARAENSE EMÍLIO GOELDI EM NOVA ORGANIZAÇÃO

(Através de um Convênio celebrado entre o Governador do Estado do Pará e o Conselho Nacional de Pesquisas, no dia 7 de dezembro de 1954, o Museu Paraense seria administrado pelo Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia pelo espaço de 20 anos. Em 6 de abril o Museu é entregue e então passa a ter nova estrutura científica e administrativa sob novo Regulamento. Prorrogação do Convênio por mais 20 anos, a partir de 1974, porém em 1983 o CNPq finalmente viria a lhe outorgar autonomia própria como unidade de pesquisa, independente do INPA).

### 1. MUSEU DE 1955 AOS DIAS ATUAIS

Dr. Olympio Oliveira Ribeiro da Fonseca, Diretor: 6 de abril de 1955 a 15 de abril de 1955.

Dr. José Cândido de Melo Carvalho, Diretor: 15 de abril de 1955 a 19 de setembro de 1955.

Dr. Walter Alberto Egler, Diretor: 19 de setembro de 1955 a 28 de agosto de 1961

Dr. Eduardo Enéas Gustavo Galvão, Diretor: 5 de setembro de 1951 a 13 de novembro de 1962

Dr. Dalcy de Oliveira Albuquerque, Diretor: 13 de novembro de 1962 a 22 de dezembro de 1968

Dr. Paulo Bezerra Cavalcante, Diretor Interino: 23 de dezembro de 1968 a 4 de fevereiro de 1969.

Dr. Luiz Miguel Scaff, Diretor: 5 de fevereiro de 1969 a 20 de fevereiro de 1982

Dr. José Seixas Lourenço, Diretor: 24 de março de 1982 a 23 de julho de 1985

Prof. Antônio Gomes de Oliveira, Diretor Interino: 23 de julho de 1985 a 19 de agosto de 1985

Dr. Guilherme Maurício Souza Marcos de La Penha, Diretor: 19 de agosto de 1985 até 1991

Dr. José Guilherme Maia, Diretor: 1991 até 1995

Dra. Adélia Maria Engrácia Gama de Oliveira Rodrigues, Diretora: de 1995 até 1999

Dr. Peter Mann de Toledo, Diretor: de 1999 até 2004

Dra. Ima Célia Guimarães Vieira, Diretora: de 2005 até 2009

Dr. Nilson Gabas Jr., Diretor: de 2010 até 2018

Dra. Ana Luiza Kerti Mangabeira Albernaz, Diretora: 2018 aos dias atuais.

## DENOMINAÇÕES DO MUSEU ATRAVÉS DO TEMPO

### MUSEU PARAENSE

Criado pela Associação Filomática em 1866, assim permaneceu até 1894

### MUSEU PARAENSE DE HISTÓRIA NATURAL E ETNOGRAPHIA

Esta denominação foi dada na ocasião de sua Reorganização em julho de 1894, perdurando até 1900.

MUSEU GOELDI

Denominação outorgada pelo Decreto nº 933, de 31 de dezembro de 1900, do Governador José Paes de Carvalho. Assim permaneceu até 1931.

MUSEU PARAENSE EMÍLIO GOELDI

Denominação estabelecida pelo Decreto nº 525 de 3 de novembro de 1931, pelo então Interventor Federal Joaquim de Magalhães Cardoso Barata. O decreto considerava que o Museu devia ser Paraense como havia sido fundado e que permanecia o nome de Emílio Goeldi como uma justa homenagem ao cientista que tantos bons serviços prestou ao Brasil.

DIRETORES FALECIDOS NO CARGO

Dr. Jacques Huber, falecido no dia de 18 de fevereiro de 1914.

Dr. Walter Alberto Egler, falecido no dia 28 de agosto de 1961.

Atualmente, a escolha de quem ocupará a direção do Museu Paraense Emílio Goeldi é feita depois de um longo processo de seleção, conduzido por um Comitê de Busca de alto nível, composto por cientistas de todo o território brasileiro. Tal processo se dá por análise dos currículos, documentos e proposta dos interessados, além da exposição oral pública das propostas e de entrevista individual com o Comitê de Busca. Antes de tudo, o Ministério da Ciência, Tecnologia, Inovações e Comunicações divulga a chamada para os candidatos à direção da instituição. O edital é aberto a doutores com notório conhecimento e experiência profissional nas áreas de atuação do Museu Goeldi. Após isso é gerada uma lista tríplice que segue para o Ministro do MCTIC, que escolhe um dos candidatos para exercer o cargo.

Na próxima subseção será apresentado o Parque Zoobotânico do Museu Goeldi e suas características. Igualmente levantaremos a dúvida que visitantes, funcionários e colaboradores têm: o Parque Zoobotânico é um parque? Ou é um museu?

#### **4.1 É Parque ou Museu? Desmistificando o Parque Zoobotânico do Museu Paraense Emílio Goeldi**

É comum que, ao passear pela Instituição Museu Paraense Emílio Goeldi MPEG, os visitantes assim questionem os funcionários “Por que se chama Museu Goeldi, se na realidade é um Parque?”. Ao adentrarem o prédio da Rocinha, repetem a pergunta.

O Parque Zoobotânico é assim descrito por Cavalcante (2006, p. 13):

É um repositório de plantas vivas da maior importância para estudos fenológicos de muitas essências de valor, além de funcionar como um laboratório natural, frequentemente visitado por professores e alunos de nossas escolas para aulas práticas de botânica. O visitante extasia-se diante do porte de uma sumaumeira com suas enormes sapopemas, de um guajará com seu espesso tronco, da riqueza das palmeiras amazônicas ou, ainda, da singular beleza da vitória-régia.

Cartão postal e cenário da instituição museológica, o Parque Zoobotânico é um local de visitação pública paraense, representando a fauna e flora da Amazônia. Também abriga a casa onde Emílio Goeldi morou com sua família – o Pavilhão Domingos Soares Ferreira Penna, construído em 1897.

No Relatório do Programa de Revitalização do Parque Zoobotânico (2008, p. 2) consta que:

Até a atualidade, o termo Parque Zoobotânico tem sido sinônimo de local de exposição de animais e plantas dentro de um habitat a eles apropriado, mas individualizado. Os zoológicos repetiram essa forma de expor os seres vivos como representantes de reinos fragmentados. Esta separação, que obedece mais à necessidade humana por classificar e ordenar o mundo, contraria a própria natureza, uma vez que nela a biologia dos animais e das plantas se apresenta como um todo indissociável. Nas últimas duas décadas, o conceito de Bioparque tem deslocado paulatinamente, no âmbito dos zoológicos, jardins botânicos e museus de história natural, esta forma tradicional de expor animais, plantas e acervos museológicos.

Assim o Regimento Interno (2016, p. 11) determina as competências da instituição:

Art. 26. Ao Serviço do Parque Zoobotânico compete: gerir, conservar e informar sobre os acervos vivos em exposição, bem como planejar e executar os serviços de limpeza interna, manutenção e conservação predial e gestão de contas públicas, visando a realização das atividades no Parque Zoobotânico, cujas atribuições são:

O Parque Zoobotânico do Museu Paraense Emílio Goeldi foi idealizado pelo próprio Goeldi e em 1895 foi aberto ao público. Possui área de 5,4 hectares com prédios do século XIX e início do século XX. Exibe em seu conjunto paisagístico, formado por monumentos e lagos, representações da fauna e flora amazônica. Possui cerca de 2 mil árvores, aproximadamente 80 espécies de animais representativos da fauna amazônica, sendo alguns em recintos fechados e outros livres.

A respeito da fauna, o Relatório do Programa de Revitalização do Parque Zoobotânico (2008, p. 2) afirma:

O plantel atual do Parque é composto por várias espécies de animais amazônicos, algumas delas ameaçadas de extinção, como a onça-pintada, o coatá-da-testa-branca, a ariranha, o gavião-real, a arara-azul e a

ararajuba. Em 2007, foi registrado o seguinte plantel: 286 mamíferos (13 espécies); 460 aves (44 espécies); 1.269 répteis (23 espécies); e 314 peixes (30 espécies). Houve o nascimento de 210 animais, sendo 44 mamíferos, 16 aves e 150 répteis. [...] No âmbito da flora, em 2007 foram observados 1.185 espécimes, com registro dos eventos fenológicos de floração, frutificação, maturação, dispersão, desfolha parcial, desfolha total e reenfolhamento. Algumas das análises realizadas neste monitoramento foram a de ocosidade do caule, medida pelo *Arbosonic Test*, e a análise de copa *in loco*, ambas realizadas por firma especializada. Em 2007, foram produzidas 865 mudas de 24 espécies diferentes, algumas ameaçadas de extinção, como o mogno (*Swietenia macrophylla* King) e o pau-rosa (*Aniba rosaeodora* Ducke).

Este Parque Zoobotânico utiliza o Sistema de Gerenciamento de Flora – SisFlora para seu registro florístico. Seu acervo consta de 500 espécies entre árvores, arbustos e ervas. O menu de opções possibilita o acesso a cinco módulos: cadastro, manejo, saída, banco de dados e relatórios.

O Parque Zoobotânico está cadastrado como um Jardim Botânico, e é cadastrado como um dos Jardins Botânicos da Região Norte, pois obedece aos critérios solicitados pelo **Conselho Nacional do Meio Ambiente - CONAMA**. Em fevereiro de 2012, o Museu Paraense Emílio Goeldi foi reconhecido pela Comissão Nacional de Jardins Botânicos como um Jardim de categoria “C”. Assim, em conformidade com o Conselho Nacional do Meio Ambiente, resolução 266, art. 8, o Parque Zoobotânico é assim reconhecido por:

- I – Possuir quadro técnico-científico compatível com suas atividades;
- II – Possuir quadro de jardineiros e serviços de vigilância;
- III – Manter área de produção de mudas, preferencialmente de espécies nativas da flora local;
- IV – Dispor de apoio técnico administrativo e logístico compatível com as atividades a serem desenvolvidas;
- V- Desenvolver programas de pesquisa visando à conservação das espécies;
- VI – Possuir coleções especiais representativas da flora nativa, em estruturas adequadas;
- VII – Desenvolver programas na área de educação ambiental;
- VIII – Possuir infraestrutura básica para atendimento de visitantes;
- IX – Ter herbário próprio ou associado com outra instituição;
- X – Possuir um sistema de registro para o seu acervo;
- XI – Oferecer apoio técnico, científico e institucional, em cooperação com parques federais, estaduais e municipais, e unidades de conservação, previstas no Sistema Nacional de Unidades de Conservação da Natureza – SNUC, instituído pela Lei nº 9.985, de 18 de julho de 2000. (CONAMA, 2000).

O reconhecimento do Parque como um Jardim Botânico se dá por atingir todos os critérios solicitados pelo CONAMA. Entretanto, ele não foi o primeiro a ser

assim reconhecido, já que o cientista baiano Alexandre Rodrigues Ferreira<sup>8</sup> defendera diante da rainha de Portugal, D. Maria I, a importância da criação de jardins botânicos no Brasil com objetivos agrícolas, científicos e econômicos, começando por Belém, onde iniciativas embrionárias já existiam. Sua defesa deu resultado positivo, pois em 4 de novembro de 1796 D. Maria I, por meio de carta régia, ordenou a implantação de um jardim botânico em Belém do Pará.

Assim, o governador da capitania do Pará, D. Francisco Maurício de Sousa Coutinho, a pedido de Alexandre Rodrigues Ferreira, concordou com a criação de um Horto Botânico em Belém.

O governador executou a ordem real e designou local e funcionários para a organização do jardim. O Jardim Botânico do Grão-Pará fora criado com a denominação de Horto Público de São José. A estruturação foi obra do capitão de regimento da cidade, Marcelino José Cordeiro, que contou com a colaboração de Grenouillier, que logo veio a falecer, e do conterrâneo deste, Jacques Sahut, que também faleceu no ano seguinte à fundação do horto. (MIRANDA, 2009, p. 24).

O Jardim Botânico do Grão-Pará foi tão bem aceito que serviu de exemplo para outros Jardins.

O bom funcionamento do Jardim Botânico do Grão-Pará serviu de exemplo e apoio para edificação de outros locais de manutenção de espécies entre o final do século XVIII e início do XIX, como em São Paulo, Rio de Janeiro, Olinda e Vila Rica, este criado em 1798. Um catálogo de plantas cultivadas no Jardim Botânico do Grão-Pará foi enviado ao governador da capitania da Bahia, em 19 de novembro de 1798, por Rodrigo de Souza Coutinho, para que também fosse criado em Salvador jardim semelhante. Uma carta entre D. Maria I e o governador da capitania do Pará retrata esse objetivo da coroa. (MIRANDA, 2009, p. 25).

Considere-se a importância do fator histórico para a criação de Jardins Botânicos no Brasil: o Jardim Botânico do Grão-Pará foi destruído na revolta da Cabanagem, entre 1835 e 1840. Apesar de várias tentativas de recuperação, foi definitivamente extinto em 1873. Mais tarde, em 1895, Emílio Augusto Goeldi criou o Parque Zoobotânico.

No Parque Zoobotânico está instalado o Pavilhão Domingos Soares Ferreira Penna – “Rocinha”<sup>9</sup>, nome como eram conhecidas no século passado certas

<sup>8</sup> Obteve o doutorado na Faculdade de Filosofia Natural em 1779, Portugal. Solteiro, com 27 anos, agora tinha a missão de explorar a Amazônia.

<sup>9</sup>No século XIX, um tipo especial de habitação espalhou-se pelos arredores de Belém. As rocinhas, como eram chamadas, constituíram-se em vivendas rurais características da cidade, utilizadas por seus proprietários como casa para temporadas de descanso. A rocinha do Museu Paraense Emílio Goeldi foi construída em 1879 para a residência de Bento José da Silva Santos, cujas iniciais ainda podem ser lidas no alto da porta central. (<http://revitalizacaopzb.museu-goeldi.br>, 2010).

residências da periferia da cidade, geralmente com um pomar. Foi escolhido por Emílio Goeldi como local ideal para fundar um horto botânico e um zoológico. Foi construído em 1879, como moradia da família de Bento José da Silva Santos. Em 1895, o Governo do Estado do Pará comprou-a e ali instalou definitivamente o Museu Goeldi com exposições, biblioteca e gabinetes. Soares (2014, p. 1) diz que a “Rocinha é o próprio símbolo do Museu, estando estampada em sua logomarca, e hoje abriga exposições de curta e de longa duração”. Ou seja, a Rocinha é a logomarca e a expressão visual do Museu Goeldi.

No Parque encontram-se também instalados o Aquário Jacques Huber; a Biblioteca de Ciências Clara Maria Galvão, onde funciona o Serviço de Educação – SEEDU; o Auditório Alexandre Rodrigues Ferreira, a Diretoria; os prédios que abrigam funcionários da área de Recursos Humanos; a Assessoria de Comunicação; o Núcleo Editorial de Livros; o Setor Financeiro; a marcenaria, os Serviços Gerais e a sala de veterinários e biólogos. Dois espaços estão em construção: o Espaço Cultural Raízes e o Pavilhão de Exposições Eduardo Galvão, fechado em 2002 e posteriormente demolido. Além deles, foram instalados novos espaços de atendimento ao público, uma livraria e um café no Espaço Ernest Lohse.

O novo Centro de Exposições Eduardo Galvão, segundo o processo de revitalização, contará com cerca de 1.500 metros quadrados, dos quais mais de 800m<sup>2</sup> de área expositiva divididos em dois pavimentos, e será uma das atrações principais do Parque Zoobotânico. Funcionará como um local privilegiado para a exibição de exposições com mostras das coleções científicas da instituição, embora ainda não haja previsão para a sua inauguração.

Com o acompanhamento da Superintendência Regional do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), já que o Parque Zoobotânico é um bem tombado, a próxima etapa da obra prevê o acabamento total do Centro de Exposições, e contempla os serviços de revestimentos, pavimentação, instalações elétricas, sistemas eletrônicos, climatização, hidro sanitário, entre outros. [...] O novo Centro de Exposições carrega o nome do antropólogo Eduardo Enéas Gustavo Galvão (1921-1976). Galvão é uma referência importante nos estudos sobre populações indígenas da Amazônia e cumpriu papel significativo como teórico da etnologia no Brasil. Conhecido como Eduardo Galvão, ele foi o primeiro etnólogo brasileiro a cumprir todas as etapas da carreira acadêmica e a obter o título de Pós-Doutor no exterior, conferido pela Universidade de Columbia, dos Estados Unidos. Gozou de grande prestígio em sua passagem por instituições de ensino superior do país, da Universidade Federal do Pará (UFPA) à Universidade de Brasília (UNB). Contribuiu decisivamente com a expansão científica dos estudos de campo quando assumiu a chefia da Divisão de Antropologia do Museu Paraense Emílio Goeldi, em 1955. ([www.museu-goeldi.br](http://www.museu-goeldi.br)).

O Aquário Jacques Huber, instalado no Parque Zoobotânico em 1911, é o mais antigo aquário público do Brasil. Esteve fechado ao público por um longo período de 13 anos e sua reinauguração (2017) marcou os 151 anos do Museu Paraense Emílio Goeldi. O extenso período de fechamento ao público deveu-se a vários fatores, como falta de recursos, licitações errôneas e as várias reformas. Segundo especialistas atuantes no local, atualmente o Aquário Jacques Huber é exclusivamente de água doce e amazônico.

Estão expostas ao público espécies exemplares de pirarucu (*Arapaima gigas*), tambaqui (*Colossoma macropomum*), tucunaré (*Cichla ocellaris*), piramutaba (*Branchyplatystoma vaillant*), piranha (*Pygocentrus nattereri*), piramboia (*Lepidosiren paradoxa*), acará (*Pterophyllum scalare*), acari (*Hypostomus plecostomus*) e surubim (*Pseudoplatystoma fasciatum*). Além de peixes, o espaço também abriga um plantel de répteis e quelônios, como a sucuri (*Eunectes murinus*), a jiboia (*boa constrictor*) e a periquitamboa (*Corallus caninus*), além da tartaruga matamatá (*Chelus fimbriata*) e do lagarto jacuraru (*Tupinambis teguixin*).

O Parque Zoobotânico possui também uma área para visita pública de conservação *ex situ* com espécies diversas, como aves, quelônios, jacarés, peixes e mamíferos ameaçados de extinção. Um dado importante é que a propriedade do Parque Zoobotânico é do Governo do Estado do Pará, cabendo ao Ministério da Ciência, Tecnologia, Inovações e Comunicações manter e gerenciar o seu espaço.

O Aquário Jacques Huber, assim chamado para homenagear o botânico suíço de grande contribuição para a ciência da Amazônia.

Cunha (2009, p. 01) assim menciona o botânico Jacques Huber:

Como tantos outros cientistas no Pará, Jacques Huber, o grande botânico e notável incentivador do desenvolvimento deste estado, quase paraense como todos nós, grande amigo dos que com ele privavam, está hoje em dia quase esquecido e só ainda não desapareceu porque a sua lembrança ainda vive dentro deste Museu, por causa das pesquisas e outras tarefas que efetuou como diretor deste instituto e como botânico, que o foi dos maiores. O próprio Parque Zoobotânico do Museu é um Huber redivivo a cada planta e árvore que aqui ainda existe por ele plantada ou por outros, pois este horto foi traçado e organizado por ele a partir de 1895, mas agora totalmente desfigurado. Infelizmente, não existe no Parque um busto, um monumento ou uma simples placa lembrando o nome deste grande cientista que viveu e trabalhou dentro do Museu por 19 anos, embora algumas tentativas tenham sido lançadas para homenageá-lo.

Em relação ao que o referido autor afirma a respeito de não ter ocorrido nenhuma homenagem a Jacques Huber, é válido ilustrar que em 2011 foi criada a

Exposição “Parque Zoobotânico: patrimônio e memória”, amplamente divulgada na mídia<sup>10</sup>:

**Exposição** – No domingo tem início também a exposição “Parque Zoobotânico: patrimônio e memória”, que pretende valorizar o Parque Zoobotânico (PZB) como patrimônio histórico de Belém. Organizada pelo coordenador de Comunicação e Extensão do MPEG, Nelson Sanjad, a exposição vai destacar as principais edificações e monumentos, contextualizando sua construção com o uso atual. Serão montados nove painéis informativos metálicos associados aos principais prédios e monumentos do parque, contendo textos, fotografias e mapas, com fotografias de índios Kayapó, do príncipe D. Pedro de Orleans e Bragança e funcionários do museu, como Jaques Huber, Ernest Lohse, Emília Snethlage, Carlos Estevão de Oliveira, Rodolfo de Siqueira Rodrigues e Paulo Cavalcante. A exposição contará com um roteiro para que o visitante possa identificar a localização de cada painel e placa, e vai até o final de outubro. (<http://www.museus.gov.br/tag/museus-e-memoria>).

Estrategicamente, o painel de Jacques Huber foi colocado em frente ao Aquário e ao lado de uma árvore centenária, uma sumaumeira.

O Museu Paraense Emílio Goeldi, considerado Centro de Excelência, teve sua estrutura abalada no segundo semestre de 2017, por conta de falta de recursos financeiros para executar manutenções necessárias. Conforme notícias veiculadas nacional e internacionalmente em várias mídias, o Governo Federal contingenciou 44% dos recursos de todos os seus órgãos de Ciência e Tecnologia. Isso atingiu o Museu Goeldi, pois o montante do corte orçamentário inviabilizaria o funcionamento integral da instituição e levaria, em outubro de 2018, ao fechamento de seu centenário Parque Zoobotânico e da Estação Científica Ferreira Penna, interrompendo décadas de estudos e de monitoramento da maior floresta tropical do mundo.

O desfecho foi positivo: a população se mobilizou, como também a comunidade técnico-científica da região e algumas lideranças políticas. Como resultado desta pressão, houve o descontingenciamento de três milhões de reais para o Museu Goeldi continuar suas atividades de pesquisa, divulgação, educação e extensão. A população sempre esteve disposta a colaborar com a instituição: em 26 de maio de 1989 aconteceu um abraço simbólico ao Parque Zoobotânico, diante da ameaça da construção de novos edifícios no seu entorno. O fato repercutiu nacionalmente graças ao envolvimento de funcionários, artistas locais e intelectuais.

---

<sup>10</sup> A informação encontra-se disponível no seguinte link: <http://www.museus.gov.br/tag/museus-e-memoria>, de 04/05/2011.

Na imaginação do turista o museu ocupa lugar especial, pois é nele que se encontra, de modo muito particular, boa parte do conhecimento buscado no curso de uma viagem. Os museus atraem não só visitantes locais, como enredam a atenção e o interesse de quem chega a uma cidade e logo quer mergulhar na sua vida cultural e descobrir os atrativos que oferece. (SANTOS, 2014, p. 10)

Assim, deve-se entender o Museu Paraense Emílio Goeldi como um pólo de turismo na Amazônia, destacando-se o Parque Zoobotânico, com uma média de 200 mil visitantes por ano. Isso é demonstrado nos Quadros 13 e 14, elaborados por Cutrim (2014, pp. 11-12).

**Quadro 114: Número de Visitantes no Parque Zoobotânico, em 2012**

Ano 2012	Origem de Dados			
	Bilheteria (público pagante)	Exposição “o Museu que você não Conhece”	Escolas, grupos religiosos e outros.	Total de Público no Parque (bilheteria + escolas, grupos religiosos e outros)
Janeiro	16.732	0	0	16.732
Fevereiro	9.807	0	357	10.164
Março	8.372	0	520	8.892
Abril	11.810	0	780	12.590
Maio	11.001	0	1.726	12.277
Junho	8.573	6.638	2.853	11.426
Julho	18.941	17.569	1.073	20.014
Agosto	13.592	7.728	1.048	14.640
Setembro	14.689	10.656	4.059	18.757
Outubro	11.965	10.171	4.582	16.547
Novembro	12.324	6.584	3.580	15.904
Dezembro	10.085	6.145	2.075	12.160
Total por categoria	147.900	65.491	22.203	170.103

Fonte: Cutrim, Bolsa PCI-DD/CNPq (2014)

O demonstrativo de público visitante no Parque Zoobotânico é distribuído entre a bilheteria, na Avenida Magalhães Barata, o público da Exposição O Museu que você não Conhece, as instituições de ensino cadastradas no Núcleo de Visitas Orientadas ao Parque Zoobotânico – NUVOP e outros públicos. Desde a criação da Museologia no Museu Paraense Emílio Goeldi, em 1982, iniciam-se as primeiras Exposições, distribuídas entre o Prédio Central, a Rocinha e o Pavilhão de Exposições Eduardo Galvão.

Na contemporaneidade, o setor responsável pelos processos expositivos é denominado de Museografia, conforme descrito por Soares (2014, p. 4):

No caso do Goeldi atual, pelas limitações orçamentárias e de pessoal, foi formalmente criado o Núcleo de Museografia da Coordenação de Museologia que se incumbiu de realizar mostras referentes a todas essas áreas e subáreas, cada qual com suas especificidades conceituais e expográficas. Isso trouxe ao núcleo uma grande experiência e versatilidade em trabalhar com materiais expositivos de diversas naturezas, de maneira que eventualmente se chegou a uma situação que demanda não apenas a multidisciplinaridade, mas a transdisciplinaridade.

As abordagens temáticas são realizadas de acordo com as pesquisas desenvolvidas na Instituição.

De 2005 até hoje, a Museografia trabalhou com coleções etnográficas (materiais diversos, da plumária à cestaria), arqueológicas (lítico, cerâmica, gravuras rupestres), antropológica (artefatos de cultura popular, petrechos de pesca artesanal), linguística (gravações sonoras), zoológicas (espécimes taxidermizados ou conservados em meio líquido, esqueletos, réplicas), botânicas (espécimes secos) e paleontológicas (fósseis e réplicas em resina). Também utilizou diversas mídias – ilustrações, pinturas, fotografias, filmes, vídeos, computação gráfica, gravações sonoras, mapas, jogos interativos. Abordou desde a pré-história da Amazônia até a Teoria da Evolução, da cosmogonia Kayapó à linguística Puruborá, das espécies biológicas descritas no século XXI aos brinquedos de miriti do Círio de Nazaré, das viagens de cientistas pioneiros pela Amazônia à história da aviação na região. (SOARES, 2014, p. 4)

Assim, as exposições no Museu Goeldi são elaboradas a partir de suas áreas científicas. Dentre as que já foram exibidas, destacamos a “Reencontros: Emílio Goeldi e o Museu Paraense”, inaugurada em 2006. O seu objetivo foi apresentar o papel pioneiro de Goeldi como naturalista e cientista generalista que trabalhava em vários ramos do conhecimento. Seu legado reside na consolidação desses mesmos ramos em especialidades disciplinares, como as memórias pessoais, locais, regionais e sociais das referidas personagens e de seu tempo. (SOARES, 2014). As exposições mais recentes, segundo o site do Museu (<https://www.museu-goeldi.br/assuntos/visitaçao/exposições>), são:

1. **TRANFORMAÇÕES: a Amazônia e o Antropoceno** - A exposição tem o objetivo de discutir o que alguns cientistas consideram como uma nova era geológica, provocada pelas alterações do homem na superfície da Terra. Em exposição, conteúdos multimídia, simulações em tamanho real de áreas de floresta e exibição de resultados de pesquisa do INCT Biodiversidade e Uso da Terra na Amazônia, com sede no Museu Goeldi.

2. **OS KAYAPÓ E YAIRATI**, descrita assim: Yairati foi o nome pelo qual o povo indígena Mebêngôkre-Kayapó chamava o já falecido pesquisador norte-americano Darrell Posey (1947-2001), que atuou por mais de três décadas na Amazônia. Os Kayapó moram em ambas as margens do rio Xingu, no Pará, e no norte do Mato Grosso. Entre ambientes de floresta e cerrado, os diversos grupos da etnia, falantes de uma língua do tronco Jê, ocupam uma área altamente impactada pela agroindústria, pecuária, mineração e projetos hidrelétricos. Esse povo milenar e guerreiro é o foco da exposição OS KAYAPÓ E YAIRATI – SABERES E LUTAS COMPARTILHADAS, do Museu Paraense Emílio Goeldi, que também

integra a programação do XVI Congresso da Sociedade Internacional de Etnobiologia. (MUSEU PARAENSE EMILIO GOELDI, s/d)

As exposições do Museu Goeldi estão em exibição de terça-feira a domingo, das 9h às 17h, no Pavilhão Expositivo Domingos Soares Ferreira Penna (Rocinha), localizado no Parque Zoobotânico. O ingresso de entrada ao Parque inclui o acesso à Rocinha.

**Quadro 125: Número de Visitantes no Parque Zoobotânico, em 2013**

Ano 2012	Origem de Dados			
	Bilheteria (público pagante)	Exposição “o Museu que você não Conhece”	Escolas, grupos religiosos e outros.	Total de Público no Parque (bilheteria + escolas, grupos religiosos e outros)
Janeiro	15.594	12.495	403	15.997
Fevereiro	10.508	7.863	345	10.853
Março	13.102	8.557	545	13.647
Abril	11.223	9.230	1.392	12.615
Maior	14.344	10.787	2.176	16.520
Junho	12.942	8.194	2.372	15.314
Julho	23.670	18.676	1.217	24.887
Agosto	14.942	8.767	665	15.607
Setembro	15.113	10.935	3.291	18.404
Outubro	15.830	9.164	6.667	22.497
Novembro	10.740	7.567	4.884	15.624
Dezembro	13.291	8.153	2.004	15.295
Total por categoria	171.299	120.388	25.961	197.260

Fonte: Cutrim, Bolsa PCI-DD/CNPq (2014).

A Exposição “O Museu que você não Conhece” tem um significativo número de visitas e apresenta o cotidiano dos servidores, bolsistas, estagiários e colaboradores para manter o Museu Goeldi. As exposições disponíveis no Parque também recebem material do Projeto Arte Pará, de responsabilidade da Fundação Romulo Maiorana, conforme Soares (2014, p. 5):

Em 2007, o Museu Goeldi passou a integrar o circuito expositivo do Arte Pará, um dos mais importantes eventos artísticos da Região Norte, organizado pela Fundação Rômulo Maiorana, associada a um conglomerado de mídia. Essa parceria levou ao encontro da arte com as disciplinas científicas da casa. Dada a peculiaridade do Museu Goeldi como instituição de pesquisa em História Natural e Etnografia, os sucessivos curadores do Arte Pará têm dado preferência, para exibição em seus espaços, de trabalhos artísticos que tenham alguma relação com esses campos de estudo. Isso tem trazido obras em variadas mídias – fotografia, pintura, escultura, vídeo, instalação – muitas vezes ao lado de peças do acervo científico da casa, representando mais um desafio museográfico.

Essa parceria com o Museu Goeldi anualmente reúne e atende à proposta no campo das artes visuais, em qualquer categoria de produção artística, possibilitando o intercâmbio entre regiões e artistas brasileiros. Como dito por Soares (2014, p. 5), “As propostas são sempre diferentes ano a ano, às vezes trazendo arte conceitual de expressão arrojada e apreciação nem sempre imediata, mas invariavelmente com boa repercussão junto ao público, a julgar pelas pesquisas de avaliação”. O Parque Zoobotânico, assim, oferece possibilidade para que todos os tipos de público possam apresentar e usufruir desse espaço centenário no centro da cidade.

O registro mais atual de visitas ao Parque Zoobotânico é de 2018, conforme os quadros abaixo:

**Quadro 16: Número de Visitantes no Parque Zoobotânico, em 2018**

Controle Geral de Visitantes no Parque Zoobotânico Emilio Goeldi													
Ano 2018													
Origem de Dados	ANO: 2018												
	jan	fev	mar	abr	mai	jun	jul	ago	set	out	nov	dez	Total
Bilheteria (público pagante)	10.662	4.453	7.480	6.443	8.770	6.758	17.776	13.221	20.789	14.158	11.520	10.073	132.103
Bilheteria (público gratuito em geral)	7.407	2.614	4.363	4.230	5.522	4.527	11.700	6.314	9.894				56.571
Bilheteria - gratuidade crianças										4.409	3.926	3.545	11.880
Bilheteria - gratuidade - Idosos, PNE's e outros										4.217	3.094	1.814	9.125
Exposição 1* - contador manual	4.186	3.487	5.722	5.062	7.318	8.619	16.423	9.840	14.304	12.394	11.690	9.114	108.159
Exposição 1* - livro de assinatura	644	596	830	722	702	762	1.399	1.010	2.207	1.294	1.532	1.368	13.066
Exposição 2* - livro de assinatura	852	872	1.223	972	1.290	1.032	1.496						7.737
Exposição 3* - contador manual	0	0	0	0	0	0							0
Exposição 3* - livro de assinatura	31	0	0	0	0	0							31
Exposição 4 - contador manual								6.473	14.304	8.905	9.500	8.189	47.371
Exposição 4 - livro de assinatura								943	2.207	1.126	1.282	1.494	7.052
NUVOP	125	179	594	364	1.437	2.814	677	1.553	3.138	3.787	3.229	1.440	19.337
Aquário - contador manual	13.640	6.644	9.510	9.125	13.580	10.580	26.937	18.165	28.001	17.085	16.291	15.708	185.266
Aquário - livro de assinaturas	0	0	0	0	0	0	3.740	2.403	2.930	1.722	1.944	2.116	14.855
ARTE PARÁ 2018- A força da Cultura Indígena										2.012	2.093	2.213	6.318
													0
													0
													0
Total Geral ***	18.069	7.067	11.843	10.673	14.292	11.285	29.476	19.535	30.683	14.158	21.769	16.872	229.016

Fonte: Pesquisa de Ana Cristina Cutrim

Fonte: Cutrim, Bolsa PCI-DD/CNPq (2018).

O quadro acima detalha cada setor alocado no Parque Zoobotânico, no ano de 2018, incluindo as exposições e o aquário Jacques Huber, totalizando 229.016 visitantes.

### Quadro 17: Número de Visitantes no Parque Zoológico, em 2018

Expo 2: "O Museu e Você" (150 anos do Museu Goeldi) - abertura dia 06/10/2016 // encerramento: 05/10/2018

Expo 3: "Origens: Amazônia Cultivada" - abertura em 23/06/2016 às 19h // Encerrou : 03/01/2108

Expo 4: "Os Kayapó e Yairati: Saberes e Lutas Compartilhadas" - Início da Visitação: 07/08/18 (10h) - salão Rocinha fundos

Arte Pará 2018: A força da Cultura Indígena - abertura 11/10/18 às 10:30h

OBS: a partir de 12/10/18, a bilheteria passa a controlar através de bilhetes diferenciados - público pagante, gratuitos nas modalidades: crianças e idosos e outros

Dados Adicionais	Origem de dados	ANO: 2018												Total
		jan	fev	mar	abr	mai	jun	jul	ago	set	out	nov	dez	
Grupos que visitam as exposições/Rocinha	Expo 1**	29	56	323	166	619	557	136	876	1.314	1.955	1.324	638	7.993
	Expo 2	0	0	0	0	0	0	502	1.314	1.583	1.245	638	5.282	
Grupos que visitam o Aquário		79	114	458	244	709	997	251	995	2.120	2.683	2.160	962	11.772
Turistas Estrangeiros / Rocinha	Expo 1, 2 e 3	40	71	79	31	19	39	37	125	72			55	568
Turistas Estrangeiros / Aquário		199	37	57	32	34	26	61	140	54	14	29	37	720
Visitantes PNE'S na Rocinha	Expo 1, 2 e 3	4	6	7	11	11	6	9	9	11	6	16	20	116
Visitantes PNE'S no Aquário		49	28	46	34	55	39	67	6	40	47	66	63	540

Fonte: Pesquisa de Ana Cristina Cutrim

Legenda de grupos: Expo 1\*\* - "Transformações: A Amazônia e o Antropoceno" - abertura dia 01/12/2016

Expo 2 - "Os Kayapó e Yairati: Saberes e Lutas Compartilhadas" - Início da Visitação: 07/08/18 (10h) - salão Rocinha fundos

OBS: A contagem foi distribuída da seguinte forma: os grupos que visitam as exposições estão divididos em 2 quadrantes:

1º quadrante - salão frontal e transversal

2º quadrante - salão dos fundos da Rocinha

Turistas estrangeiros - uma única contagem geral

Visitantes PNE'S - uma única contagem geral

Fonte: Cutrim, Bolsa PCI-DD/CNPq (2018).

No quadro acima são apresentados mais detalhadamente os números de visitantes nas exposições "O Museu e Você (150 anos do Museu Goeldi)", no período de 6 de outubro de 2016 até 5 de outubro de 2018; "Origens: Amazônia Cultivada", que ficou no período de 23 de junho de 2016 até 3 de outubro de 2018; "Os Kayapó e Yairati: Saberes e Lutas Compartilhadas", de 7 de agosto de 2018 a data atual (2019) e; "Arte Pará 2018: A força da Cultura Indígena", com abertura em 11 de outubro de 2018.

Em resumo, os visitantes conhecem um Museu científico que, em sua constituição, ainda oferece um Parque Zoológico e um Jardim Botânico.

## 4.2 Na floresta de Caxiuanã também há Museu Goeldi: a Estação Científica Ferreira Pena – ECFPN

A Estação foi inaugurada em 1993, na Floresta Nacional de Caxiuanã, município de Melgaço (PA). A área foi cedida pelo Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis – IBAMA, e a base foi construída

com recursos da *Overseas Development Administration* (ODA, atual DFID/Reino Unido). A respeito da escolha da área, Bezerra (2013, p. 20) afirma que:

Em meados dos anos de 1960, a riqueza florística e faunística da Floresta Nacional de Caxiuanã chamou a atenção do renomado botânico João Murça Pires, que à época atuava no Instituto de Pesquisas Agronômicas do Norte (IPEAN) – atual Embrapa Oriental. O pesquisador recomendou a área de Caxiuanã para estudos comparativos com os que eram desenvolvidos pelo Museu Goeldi e Embrapa na foz do rio Guamá, na área de Pesquisa Ecológica do Guamá (APEG). A ideia era dispor de uma área florestal para estudos de longo prazo. Murça Pires desejava estender o projeto PEG para uma área conservada, a fim de pesquisar nos ambientes de várzea, igapó e terra firme das duas regiões.

Murça Pires, citado por Bezerra, havia descrito em relatório a Floresta Nacional de Caxiuanã, mas não teve retorno favorável. Mais tarde, na década de 1980, insistiu no assunto, desta vez contando com o apoio de Pedro Lisboa, também botânico. Levaram ao Diretor do Museu Goeldi, Guilherme de La Penha, a ideia da “importância de se manter uma área conservada para estudos de longo prazo” (Ibid., 2013, p. 20). A partir de então foi realizada uma força tarefa para a escolha do melhor local, com o envolvimento, além de Murça Pires, de outros pesquisadores do Museu Goeldi. Em 1988 finalmente decidiram pela região de Caxiuanã. Foi elaborado um Termo de Concessão, em que o IBAMA cedia ao Museu Goeldi 33.000 hectares da Floresta Nacional de Caxiuanã para a instalação da Estação Científica Ferreira Penna.

Estava consolidada, portanto, a Estação Científica Ferreira Penna, recebendo pesquisadores de todo o mundo para realizar o tão sonhado estudo de longo prazo, como pensado por Murça Pires. O Museu Goeldi construiu uma casa na cidade de Breves (PA) para servir de base para os educadores e pesquisadores que precisassem ir até lá, além de um barco para levar as equipes de pesquisa, já que não existia linha regular de transporte para a Floresta Nacional de Caxiuanã.

A área de educação da Estação Científica Ferreira Penna conta com um programa específico, denominado “Programa Floresta Modelo”, com o eixo predominante na Educação Ambiental. Bezerra (2013, p. 28) explica o objetivo da Educação Ambiental na Estação da seguinte maneira:

O Programa propõe o fortalecimento da consciência ambiental das populações envolvidas, por meio da inserção da educação ambiental nas escolas, construindo assim um processo pedagógico participativo, que promova a formação de educandos cidadãos, desenvolvendo valores éticos e de cidadania, tornando os professores e os alunos agentes multiplicadores da temática socioambiental, reconhecendo-os como elementos fundamentais do processo.

As ações ambientais e educacionais realizadas na Estação Científica Ferreira Penna contribuem para a formação das pessoas alocadas no local, que participam ativamente nas ações elaboradas pelos técnicos do Museu Goeldi.

### 4.3 Coordenação de Pesquisa e Pós-graduação - COPPG

Seguindo o organograma institucional, as Coordenações são acopladas de acordo com a Coordenação de Pesquisa e Pós-Graduação - COPPG, a Coordenação de Comunicação e Extensão - COCEX, a Coordenação de Administração – COADM e a Coordenação de Planejamento e Acompanhamento – COPAC. Cada coordenação dessas é subdivida em áreas específicas. De acordo com o Regimento Interno,

Art. 12. À Coordenação de Pesquisas e Pós-Graduação compete coordenar as atividades de Pesquisas e Pós-graduação, da Coordenação de Ciências Humanas, Ciências da Terra e Ecologia, da Coordenação de Botânica, da Coordenação de Zoologia, do Serviço da Estação Científica Ferreira Penna e dos Núcleos de Cooperação Internacional e Editorial dos Boletins do Museu Paraense Emílio Goeldi. (Regimento Interno, 2016, p. 4).

Portanto, na Coordenação de Pesquisa e Pós-Graduação do MPEG estão as áreas de Coordenação de Ciências Humanas - COCH, Coordenação de Ciências da Terra e Ecologia - COCTE, Coordenação de Zoologia - COZOO e Coordenação de Botânica - COBOT, ou seja, as áreas específicas das pesquisas científicas.

A competência da Coordenação de Ciências Humanas assim está assinalada no Regimento Interno:

Art. 17. À Coordenação de Ciências Humanas compete programar, estimular e desenvolver estudos e pesquisas no campo das Ciências Humanas na Amazônia, particularmente nas áreas de Antropologia, Arqueologia e Linguística. (Regimento Interno, 2016, p. 6).

Para se chegar a esses objetivos, houve uma longa trajetória, desde Goeldi aos dias atuais.

Quando Goeldi foi convocado para ir ao Amapá, no auge da crise diplomática entre o Brasil e a França, recebeu uma dupla missão: checar a veracidade das informações divulgadas por Coudreau e sustentadas por Reclus, sobre o Cunani; e proceder a um inventário científico da região, à maneira como o explorador francês havia feito doze anos antes. (SANJAD, 2010, p. 307)

Sanjad (2010, p. 308) ainda detalha essas expedições:

Foram duas as expedições organizadas por Goeldi à Guiana Brasileira na década de 1890, em outubro e novembro de 1895, e em julho a setembro de 1896. Na primeira embarcaram, além de Goeldi, o botânico Jacques Huber, o procurador Max Tänner (que viria a falecer de malária na viagem de regresso), um servente de nome Manoel Paula e o tenente-coronel Aureliano Pinto de Lima Guedes, comissionado pelo museu. O grupo percorreu todo o litoral norte da Guiana, do Araguari ao Oiapoque, e explorou os rios Cunani, Amapá Grande e seu afluente Igarapé do Campo. Uma carta geográfica e dezenas de fotografias foram tiradas, além de coletas de objetos arqueológicos (urnas funerárias), vegetais (220 amostras) e animais (principalmente aves, com 113 peles de 72 espécies).

As expedições trouxeram importantes contribuições para as coleções científicas, e Sanjad (2010, p. 308) fala também da segunda expedição:

Da segunda participaram apenas o tenente-coronel Guedes e seu filho Manoel Pinto de Lima Guedes, preparador de botânica do museu. Ambos percorreram o litoral sul da Guiana Brasileira, principalmente a ilha do Pará e os rios Anauerá-Pucú e Maracá. Nova coleção de plantas foi feita, além de amostras geológicas e de dezenas de urnas funerárias, escavadas e recolhidas em grutas e necrotérios indígenas.

Iniciava-se, assim, a Coordenação de Ciências Humanas do Museu Paraense Emílio Goeldi. Tal processo foi retratado por Goeldi em dois relatórios confidenciais de 19 de novembro de 1895, endereçados ao governador Lauro Sodré, e dois dias depois reendereçados ao Ministro das Relações Exteriores, Carlos Augusto de Carvalho (SANJAD, 2010). Diversos pesquisadores contribuíram para a construção dos laboratórios e das coleções científicas da Coordenação de Ciências Humanas, dentre eles Emília Snethlage, Rodolpho R. Schuller, Curt Nimuendaju, Clifford Evans, Betty Meggers, Petter O. Hilbert, Armando Bordalo da Silva e Eduardo Galvão – cada qual em seu devido tempo e especificidade de estudos.

Emília Snethlage inseriu em suas investigações a coleta de dados etnográficos sobre os índios Xipaya e Kuruaya. Curt Nimuendajú reorganizou as coleções de Etnologia e Arqueologia, acrescentando peças por ele coletadas, além de ter ministrado cursos de Etnologia no Museu Goeldi e elaborado um mapa que mostrava a localização e a migração dos grupos indígenas do Brasil.

No Regimento Interno, consta que:

Art. 18. À Coordenação de Botânica compete programar, coordenar, estimular e desenvolver estudos e pesquisas nas áreas de sistemática vegetal e micologia, morfologia e anatomia vegetal, ecologia vegetal, manejo e conservação e botânica econômica, etnobotânica e fitoquímica. (Vide Anexos)

Emílio Goeldi criou a Seção de Botânica, com o suíço Jacques Huber, em 1895. No mesmo ano foi implantado o *Herbarium Amazonicum Musei Paraensis*,

atual Parque Zoobotânico, e o Herbário, especializado em coleções de plantas amazônicas. Para a criação do Herbário, a participação de Jacques Huber foi fundamental, devido às suas excursões científicas na Região Amazônica, no Arquipélago do Marajó, na Guiana Brasileira, hoje Amapá, na Zona Bragantina (PA) e nos arredores de Belém. Como as espécies não estavam bem identificadas, Huber adquiriu de herbários estrangeiros duplicatas das coleções da Amazônia, feitas por botânicos europeus como *Spruce*, *Ule*, *Blanchet* e *Glaziou*, dentre outros.

A Coordenação de Botânica passou por diversas crises econômicas, a partir da morte de Jacques Huber, em 1914, e da transferência do Entomólogo Adolpho Ducke, em 1918. Mas o Convênio assinado entre o CNPq e o Governo do Estado do Pará, em 1955, inaugurou uma nova etapa, com participação do botânico Walter Egler e do agrônomo Paulo Cavalcante. Eles realizaram excursões para reconhecimento da vegetação, coleta de material botânico e publicação de uma nova série Botânica e de monografias em Coleções Especiais.

Entretanto, a morte de Walter Egler, em 1961, gera outra crise que, graças ao “Projeto Flora”, coordenado pelo pesquisador João Murça Pires, e ao ingresso de onze botânicos iniciantes, consegue ser superada.

A Coordenação de Ciências da Terra e Ecologia está descrita da seguinte maneira no Regimento Interno:

Art. 19. À Coordenação de Ciências da Terra e Ecologia compete programar, coordenar, estimular e desenvolver estudos e pesquisas nas áreas de geociências e ecologia, incluindo o Campus Avançado - Pantanal/Mato Grosso. (Vide Anexos)

Emílio Goeldi foi quem criou o Departamento de Ecologia, sob a chefia de Karl F. Katzer. Entretanto, Ferreira Penna foi quem impulsionou a área, uma vez que na década de 1860 descobriu os depósitos de calcário fossilífero da Formação Pirabas, no litoral nordeste do Estado do Pará.

Como aconteceu aos outros departamentos da instituição, a Coordenação de Ciências da Terra e Ecologia teve seu período de fragilidade após o retorno de Katzer para a Europa, pois a pesquisa em Geologia e Paleontologia do Museu Goeldi passou por curtos períodos de alta atividade científica, que se alternaram com longos períodos de total inexistência.

Com a contratação de vários pesquisadores, em 1988, as pesquisas geológicas do MPEG foram finalmente consolidadas, principalmente porque aqueles investigadores desenvolviam suas pesquisas nas áreas de Geologia Ambiental e

Geologia Histórica, dentro do Programa de Ciências da Terra (PCT). Em 1989 foram acrescentados pesquisadores da Biologia Humana, Ecologia Química e Etnobiologia.

Ocorreu uma ampliação das pesquisas em Ciências da Terra, ocasionada pela capacitação dos pesquisadores no Mestrado e no Doutorado, pela vinda de outros cientistas, fossem externos ou provindos de outros Departamentos do Museu.

Os objetivos da Coordenação de Zoologia constantes no Regimento Interno são:

Art. 20. À Coordenação de Zoologia compete programar, coordenar, estimular e desenvolver estudos e pesquisas sobre biosistemática, biogeografia e ecologia animal. (Vide Anexos)

Na época de Ferreira Penna foram incentivados estudos zoológicos, sem sucesso. Somente com Goeldi foi possível dinamizar e implantar coleções seriadas de espécimes animais de diversos grupos, contendo vertebrados e invertebrados. Em 1874, a Seção de Zoologia começou a funcionar efetivamente. Mais uma vez Emília Snethlage foi de grande importância para a criação do Departamento, pois, além de ser a fundadora da Ornitologia de campo no Brasil, desbravou regiões até então completamente inexploradas e ficou conhecida como a primeira não-indígena a atravessar o interflúvio Xingu-Tapajós a pé.

Em 1921, as coleções zoológicas apresentavam exemplares de aves, mamíferos, répteis, anfíbios, insetos, peixes, conchas de moluscos e outras coleções menores, mas foram esquecidas até 1930, causando danos às peças.

Na administração de Carlos Estevão de Oliveira (1930-1945), as coleções ganharam impulsos, por conta das atividades de Eládio Lima, especialista em mamíferos, e Gottfried Hagmann, especialista em mamíferos e insetos. No período de 1945 a 1955, quando o Museu sofreu por falta de recursos financeiros, a Seção de Zoologia foi muito afetada, principalmente pela carência de pessoal especializado, acarretando grande perda de espécimes.

Outro fato importante ocorrido no período foi a criação, em 1985, do curso de Pós-Graduação em Ciências Biológicas, por meio de um convênio firmado entre a Universidade Federal do Pará – UFPA e o Museu Paraense Emílio Goeldi, oferecendo vagas para Mestrado. Nove anos mais tarde também foram oferecidas vagas para o Doutorado.

Atualmente, o Departamento está informalmente dividido em 5 setores: Invertebrados; Ictiologia; Herpetologia; Ornitologia e Mastozoologia. Cada um deles

setores está associado às respectivas coleções. No organograma funcional do Museu constam as unidades da Coordenação de Administração e as unidades da Coordenação de Planejamento e Acompanhamento, que têm, dentre seus objetivos, supervisionar, coordenar e acompanhar as atividades desenvolvidas pelo Serviço de Tecnologia da Informação do MPEG, assim como elaborar e acompanhar a proposta orçamentária, as solicitações de créditos suplementares e de outros recursos destinados ao desenvolvimento de programas e projetos do MPEG.

#### **4.4 Coordenação de Comunicação e Extensão - COCEX**

À Coordenação de Comunicação e Extensão compete supervisionar, coordenar e acompanhar as atividades desenvolvidas pelo Serviço do Parque Zoobotânico, Serviço de Comunicação Social, Coordenação de Museologia e Coordenação de Informação e Documentação. Esta Coordenação atua propondo e supervisionando a execução de programas, projetos e ações relativas à museologia, educação, comunicação, informação, documentação e Parque Zoobotânico.

Art. 21. À Coordenação de Comunicação e Extensão compete coordenar as atividades de Comunicação Social, de Museologia, de Informação e Documentação, de Editoração de livros, Ouvidoria e Serviço de Informação ao Cidadão - SIC, além das desenvolvidas no Parque Zoobotânico, cujas atribuições são:

I - assessorar o Diretor nos assuntos pertinentes à comunicação da ciência e à divulgação de acervos científicos nas áreas de atuação do MPEG e sobre a Amazônia; II - coordenar, supervisionar e acompanhar as atividades desenvolvidas pelo Serviço do Parque Zoobotânico, Serviço de Comunicação Social, Coordenação de Museologia, Coordenação de Informação e Documentação, Núcleo Editorial de livros, Ouvidoria e Serviço de Informação ao Cidadão - SIC; III - propor e supervisionar a execução de programas, projetos e ações relativas à museologia, educação, comunicação, informação, documentação e parque zoobotânico; IV - presidir e convocar, mensalmente, órgão(s) colegiado(s) que venham a ser criados pelo Diretor destinados a deliberação de assuntos pertinentes a Comunicação e Extensão do MPEG; V. planejar e gerenciar a utilização dos recursos institucionais destinados à Comunicação e extensão; VI - presidir e convocar, mensalmente, órgão(s) colegiado(s) que venham a ser criados pelo Diretor destinados a deliberação de assuntos pertinentes a Comunicação e Extensão do MPEG; VII - promover e acompanhar ações de integração das atividades das áreas da Comunicação e Extensão; VIII - promover a integração e supervisionar as ações integradas entre a pesquisa e a divulgação científica; e IX - exercer outras competências que lhe forem cometidas no seu campo de atuação. (Vide Anexos)

Observando as competências dessa Coordenação, percebe-se que ela é responsável pelo diálogo com a sociedade, propiciando mecanismos de

aproximação com os diversos tipos de público e gerenciando todas as ações de interação.

Um dos setores sob sua responsabilidade é o Serviço do Parque Zoobotânico. Nesse Parque estão o Aquário Jacques Huber, o Pavilhão Domingos Soares Ferreira Penna, o Centro de Exposições Eduardo Galvão e a Biblioteca de Ciências Clara Maria Galvão. Constam também os prédios da Diretoria, da Museologia, da Assessoria de Comunicação e da Editoração. Até os anos 1980, as coleções científicas estavam no Parque e, a partir de então, foram transferidas para o bairro da Terra Firme, Campus de Pesquisa do Museu Goeldi, localização atual.

Outro setor pertencente à Coordenação de Comunicação e Extensão é o Serviço de Comunicação Social. A ele compete desenvolver atividades de assessoria de imprensa, relacionadas à redação de textos (notas, releases, matérias especiais, sugestões de pauta) e ao atendimento de profissionais da imprensa e da publicidade.

A Coordenação de Comunicação e Extensão tem sob sua responsabilidade a Coordenação de Informação e Documentação, que objetiva reunir, custodiar e dar acesso à informação e à documentação nas áreas de especialidades do Museu, tornando-se fonte de apoio indispensável para as atividades científicas, tecnológicas e culturais desenvolvidas na Região. Segundo Regimento Interno do MPEG,

Art. 24. Ao Serviço de Informação e Documentação compete gerenciar, as atividades do Núcleo de Arquivo, além de preservar e disseminar acervos bibliográficos e arquivísticos das áreas de atuação do Museu Goeldi e Amazônia. (Vide Anexos)

Em seu organograma estão a Biblioteca Domingos Soares Ferreira Penna e o Arquivo Guilherme de La Penha. A competência da Biblioteca é assim descrita no Regimento Interno:

Art. 23. Ao Serviço de Biblioteca compete disseminar informações bibliográficas, atendimento ao público sobre as áreas de atuação do Museu e sobre a Amazônia (Vide Anexos)

A Biblioteca Domingos Soares Ferreira Penna possui um acervo especializado em Ciências Naturais e Humanas com foco em Antropologia, Arqueologia, Botânica, Zoologia, Ciências da Terra, Ecologia e Linguística. Reúne um patrimônio valioso, com cerca de 350.000 volumes, dentre estes uma coleção de aproximadamente 3 mil livros raros de inestimável valor histórico e científico; e uma

coleção de periódicos científicos que são base na região, proporcionando trabalhos básicos para qualquer pesquisa sobre a região Amazônica.

O Arquivo Guilherme de La Penha tem a missão de gerenciar informações e documentos arquivísticos para a preservação da memória institucional e da Amazônia: “Art. 25. Ao Núcleo de Arquivo Guilherme de La Penha compete Gerenciar informações e documentos arquivísticos para a preservação da memória institucional e da Amazônia” (Vide Anexos).

Ao longo de sua história, o Museu Paraense Emílio Goeldi, por meio de seus pesquisadores, tecnólogos e parceiros de outras instituições, já publicou inúmeras obras científicas e educacionais, acondicionadas na Biblioteca Domingos Soares Ferreira Penna e no Arquivo Guilherme de La Penha. Os acessos às publicações podem ser presenciais, com acesso no Campus de Pesquisa, local em que está instalada a Biblioteca; ou pelo *site* da instituição, por meio do catálogo de publicações. Ao acessar a parte das publicações, o leitor acessa um leque de possibilidades, pois a instituição possui obras nas áreas de Ciências Humanas e Naturais. O Boletim do Museu Goeldi é assim descrito no site do Museu (<https://www.museu-goeldi.br/assuntos/pesquisa-e-inovacao/boletins>):

O Boletim do Museu Goeldi, um dos periódicos científicos mais antigos do Brasil, é publicado três vezes por ano em duas versões: Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi. Ciências Humanas e Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi. Ciências Naturais. São revistas de acesso aberto, com conteúdo disponível gratuitamente. Criado no primeiro ano da gestão do zoólogo suíço Emílio Goeldi à frente do então Museu Paraense, o Boletim teve o primeiro número publicado em setembro de 1894. Foi um instrumento ímpar para a credibilidade científica conquistada pela instituição a partir daquele ano ao proporcionar visibilidade às pesquisas desenvolvidas na casa. (s/p)

A última versão publicada do Boletim foi o de Ciências Naturais, volume 14, número 1, janeiro – abril 2019 (<http://editora.museu-goeldi.br/humanas/>).

## **4.5 Coordenação de Museologia - COMUS**

A Coordenação de Comunicação e Extensão tem em sua alçada a responsabilidade de gerenciar a Coordenação de Museologia. Segundo o Regimento Interno, seus objetivos são:

Art. 28. À Coordenação de Museologia compete coordenar as atividades do Núcleo de Museografia e do Serviço de Educação, a fim de transmitir ao

público o conhecimento científico relativo à natureza, às sociedades e ao patrimônio material e imaterial. (Vide Anexos)

As Competências da Coordenação de Museologia estão assim descritas no Regimento Interno:

I - buscar junto às coordenações de pesquisa e especialistas, o embasamento científico para ações museais de iniciativas externas e internas; II - atender a demanda das coordenações de pesquisa quanto à difusão do resultado de suas pesquisas; III - promover e executar pesquisas de caráter museológico nas áreas de atuação do MPEG; IV - prover o acesso do público ao Parque, qualificando a visita aos vários ambientes nele localizados através de ações museais; V - buscar meios materiais, financeiros e legais para concretizar os diversos projetos museais VI - elaborar e coordenar o plano anual de exposições do MPEG; VII - desenvolver projetos museográficos e expográficos para as exposições montadas pelo MPEG e para os espaços onde a instituição estiver representada; VIII- realizar ações de comunicação expográfica e educativa nas áreas de interesse do MPEG; IX - procurar capacitar, qualificar e atualizar permanentemente o seu pessoal através de atividades, cursos, visitas técnicas, etc. relativas à área; X - supervisionar e controlar o acesso do público aos espaços expositivos do MPEG; XI - avaliar e emitir parecer sobre propostas de intervenção nos espaços de acesso público do MPEG; e XII - exercer outras competências que lhe forem cometidas no seu campo de atuação. (Vide Anexos).

A importância da Museologia para os museus é imensurável, uma vez que é o principal setor que faz a interlocução com a pesquisa, com a gestão e com o público em geral. Como Bruno (1991, p. 17) conclui, “a Museologia é desafiadora, pois tem exigido um grande repensar dos profissionais que direta ou indiretamente trabalham sob seus postulados”.

Desde 1982, o Museu Goeldi tem organizado suas ações educacionais com a criação da Divisão de Museologia. Em 1987, a Divisão de Museologia passou a Departamento – o Departamento de Museologia/DMU, que objetivava desenvolver trabalhos nas áreas de pesquisa, documentação, conservação do patrimônio museológico, difusão científica e cultural, conservação e melhoria do Parque Zoobotânico, dinamizando o acervo por meio de exposições e de uma vasta programação de eventos, além de cooperar com os demais departamentos.

Para atender a tais objetivos, o DMU foi assim dividido: Divisão de Museologia e Pesquisa Museológica – DIM; Divisão de Apoio Museológico – DAP; Divisão de Parque Zoobotânico – DPZ; Assessoria de Difusão Científico-Cultural – ADC e Divisão de Educação e Extensão Cultural -DEC.

No mesmo ano (1987), ocorreram mudanças novamente no organograma do DMU, passando a ser Serviços: Serviço de Promoção Científica e Cultural – SPC; Serviço de Museografia e Pesquisa Museológica – SEM e o Serviço de Educação e

Extensão Cultural – SEC. Destacamos a atuação do SEC por ter atuado no atendimento pedagógico, orientando professores e alunos por intermédio de cursos, palestras e demais atividades culturais.

Nesta nova fase, o SEC atuava com projetos educativos, sendo responsável pelos projetos “O Museu Goeldi leva Educação em Ciência à Periferia” e “Visitas das Escolas ao Museu”. Para melhor orientação aos professores sobre as visitas no Parque Zoológico foi elaborado o “Manual aos Professores”. Nele havia informações sobre os animais, sua alimentação, seu habitat, suas curiosidades e os cuidados que deveriam ter durante suas visitas com os alunos.

Quadros (2000, p. 2) fala do começo do Serviço de Educação no Museu Paraense Emílio Goeldi da seguinte maneira:

Em 1983, a pedagoga Therezinha Veiga Cunha de Mendonça elaborou em conjunto com a professora Terezinha Valim Oliver Gonçalves, da Universidade Federal do Pará – UFPA, o projeto Laboratório Pedagógico de Ciências e Matemática, aprovado e financiado pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal do Ensino Superior – CAPES e Programa de Apoio ao Desenvolvimento Científico e Tecnológico PADCT e administrado pela Fundação de Amparo ao Desenvolvimento da Pesquisa – FADESP, a partir de convênio assinado entre as duas instituições a 15/12/1983, que no MPEG ficou conhecido como Projeto de Apoio ao Ensino e foi pioneiro para as atividades educativas no Museu Goeldi. Seu principal objetivo era a melhoria do ensino de ciências e Matemática no Estado do Pará.

Por um longo período, as ações na Divisão de Museologia foram realizadas por meio dos recursos do Projeto de Apoio ao Ensino:

A parte do projeto específica do Museu Goeldi estava ligada à ação de apoio complementar ao currículo das escolas, como alternativa pedagógica para enriquecimento do trabalho educativo que formalmente ocorrem nas escolas públicas e particulares da cidade de Belém e/ou do Estado do Pará. (QUADROS, 2000, p. 3).

Na ocasião, o Parque Zoológico passava por um grave problema de invasão imobiliária. Com isso, houve uma mobilização da sociedade civil e dos funcionários da Instituição. Uma das atividades da equipe era a criação de peças teatrais cuja temática era a favor da natureza.

Pereira, Siman, Costa e Nascimento (2007, p. 11) corroboram tais ações em relação aos museus: “Os museus são ambientes culturais e educativos. Pretendem educar por meio da sensibilização e cultivam a comunicação e produção de significados a partir de seus objetos, exposições, propostas educativas e outras”.

A equipe de educação, de maneira didática, iniciava as trilhas interpretativas. A atividade museal de trilhas interpretativas faz parte dos programas educacionais

do Núcleo de Visitas Orientadas ao Parque Zoobotânico - NUVOP, no Serviço de Educação. São trilhas desenvolvidas no Parque Zoobotânico, que levam estudantes, crianças e adolescentes a entrarem no lugar e a conhecerem melhor as características da fauna, da flora e da estrutura física do centenário Parque, localizado no centro da capital paraense.

Na interpretação das trilhas, trabalham-se temas relacionados à sociodiversidade amazônica, aos ecossistemas e suas interações, à fauna e à flora da região, entre outros assuntos relacionados à temática ambiental e cultural das pesquisas do Museu Goeldi. Essas visitas seguem um circuito museográfico-didático pré-estabelecido em consonância com a solicitação do Professor que, na ficha de autorização, deve colocar o objetivo de sua visita. Ao final da visita, são realizadas, em conjunto com o professor da turma, dinâmicas e atividades complementares, como dinamização de cartilhas, gincanas, jogos, pintura, teatro, exibição de DVDs e avaliação de internalização do conhecimento adquirido pelo grupo durante a visita. (QUADROS, 2008, p. 85)

É neste universo que ocorrem as principais ações educativas por meio do Serviço de Educação (SEEDU). Ao longo dos anos, o então Projeto transformou-se no Serviço de Educação - SEEDU. Outros projetos foram sendo aprovados por financiadores externos, como o “Clube de Ciências e Cultura do MPEG”, uma proposta de difusão pedagógica do acervo científico da Amazônia, datada de 1988 e financiada pela Fundação Ford. Houve uma paralisação até sua reformulação, quando ressurgiu com o título de Clube de Pesquisador Mirim; Pesquisa e Educação: uma proposta de avaliação, expansão e interiorização das atividades educacionais pelo Museu Goeldi.

Houve também a criação da Coleção Didática Emília Snethlage e da Biblioteca de Ciências Clara Maria Galvão. O setor de visitas das escolas ao Parque Zoobotânico foi organizado e, em 2003, por Ordem Interna, foi oficialmente criado o Núcleo de Visitas Orientadas ao Parque Zoobotânico – NUVOP. Ele é responsável por atender instituições de ensino, com o objetivo de realizar visitas em seus espaços físicos, ou seja, no Parque Zoobotânico e Exposições.

O NUVOP tem como princípio básico a educação ambiental, suscitando a sensibilidade ecológica e a percepção abrangente quanto aos problemas ambientais urbanos e da região amazônica, e atendendo a instituições de ensino, igrejas, centros comunitários e outros órgãos que visitam o Parque Zoobotânico com finalidade educativa. Organiza eventos educativos a fim de propiciar aos professores, bolsistas, estagiários, líderes comunitários e outros profissionais com conhecimentos gerais de ciências e educação ambiental uma visita de qualidade ao

Parque. Uma das principais ações do NUVOP são as visitas orientadas e ou monitoradas e as trilhas interpretativas.

Em 2016, para o Serviço de Educação, foi elaborado o Regimento Interno da Instituição da seguinte maneira:

ao Serviço de Educação compete planejar e executar programas educativos e de inclusão social, de acordo com as especificidades dos diversos públicos do Museu Goeldi visando o desenvolvimento sociocultural e o exercício da cidadania das populações amazônicas, bem como gerenciar as atividades do Núcleo de Visitas Orientadas, cujas atribuições são: I - participar na concepção e execução das ações educativas e de divulgação do conhecimento científico, de acordo com a política institucional; II - promover cursos, oficinas, palestras e treinamentos para professores, estudantes de nível superior, profissionais especializados, monitores e estagiários, terceira idade; III - manter e dinamizar a Coleção Didática Emília Snethlage e a Biblioteca de Ciências Clara Maria Galvão; IV - produzir e dinamizar material educativo nas diversas áreas do conhecimento da instituição; V - manter e dinamizar a Coleção Didática Emília Snethlage e a Biblioteca de Ciências Clara Maria Galvão; VI - promover a iniciação científica de estudantes do ensino fundamental por meio do Clube do Pesquisador Mirim; VII - realizar práticas educativas que estimulem a organização social de comunidades amazônicas para a melhoria de suas condições de vida e reconhecimento de sua identidade e seu patrimônio cultural; VIII - promover a formação de recursos humanos para a pesquisa na Educação (em ciência, museal, ambiental e patrimonial), por meio de bolsas de iniciação científica; IX - atender o público escolar por meio de programas educativos planejados pelo Núcleo de Visitas Orientadas/NUVOP; X - promover a prática de atividades terapêuticas e da qualidade de vida da terceira idade; XI - divulgar os processos educativos gerados no setor, por meio de publicações e eventos técnicos científicos; XII - participar em fóruns, redes e projetos institucionais e interinstitucionais, visando o fortalecimento de políticas públicas; XIII - realizar práticas educativas de caráter lúdico e cultural voltadas para o público em geral do PZB; e XIV - exercer outras competências que lhe forem cometidas no seu campo de atuação. (Vide Anexos)

Ele é a ligação da pesquisa científica com a sociedade amazônica, especialmente por atuar na valorização da cidadania, pois tem um leque de projetos sob sua responsabilidade, alguns deles aqui destacados: “O Museu Goeldi leva Educação em Ciência à Comunidade”; “Clube do Pesquisador Mirim”; “Projeto Vivências”; “O Jardim Botânico vai à Escola”; “Museologia, Educação e Sustentabilidade”, “Expedição de Férias no Museu Goeldi”; “Festival de Gastronomia Inteligente” e o “O Museu Goeldi de Portas Abertas”. Como parceria: “Ponto de Memória do bairro da Terra Firme” e o “Coletivo Jovem de Meio Ambiente”.

A conceituação desses principais projetos vem das categorias da educação em ciência; educação patrimonial; educação do campo; museologia social e educação museal.

A respeito do Projeto “O Museu Goeldi leva Educação em Ciência à Comunidade”,

Essa atividade foi uma iniciativa do Museu Goeldi em função das constantes depredações que os moradores da redondeza estavam cometendo no Campus de Pesquisa. A proposta inicial era a de proporcionar atividades desportivas que envolvesse crianças, jovens e adultos do local, visando, portanto, uma “política de boa vizinhança”, permitindo, assim, que os moradores pudessem entrar no Campus e sanar a curiosidade em relação à instituição. Para isso, a direção do Goeldi solicitou à divisão de Museologia, por meio do setor educativo 11, em conjunto com a Associação dos Servidores do CNPQ –ASCON que ficassem responsáveis por essa atividade, entretanto, o objetivo não foi alcançado, pois todas as vezes que os moradores iam para o Campus praticar esportes, o incômodo para os pesquisadores era grande, especialmente no que se refere aos jogos de futebol realizados pelos adultos, pois ocorriam próximos ao Departamento de Botânica e, provocavam muito barulho e destruição dos canteiros de plantas ornamentais, sem contar que havia o trânsito de pessoas vestidas inadequadamente, com shorts e sem camisa. (QUADROS; FERREIRA, 1996, pp. 9-10).

Trata-se de um projeto desenvolvido há 33 anos com o bairro da Terra Firme, em Belém (PA), cuja finalidade é, além de divulgar educação em ciência, permitir maior interação com aquela comunidade, que abriga o Campus de Pesquisa do MPEG. Durante seu desenvolvimento, dentre outras atividades, já foram promovidos cursos, palestras, oficinas e acesso por meio de ingresso comunitário aos moradores do bairro.

Nesse quadro é que se reforça o papel do Museu como espaço de educação e de comunicação para a socialização da ciência.

No próximo capítulo, serão apresentados os principais projetos do Serviço de Educação, a conceituação de Educação Museal e as Coordenações do Museu Goeldi, por meio do tema “Explorando o Território da Epistemologia da Educação Museal: interseções, confluências e popularização da ciência por meio do Museu Goeldi de Portas Abertas”.

## 5. Explorando o Território da Epistemologia da Educação Museal: interseções, confluências e popularização da Ciência por meio do Museu Goeldi de Portas Abertas

Neste capítulo, serão retratados os subsídios de território como espaços de memória e de identidades, conforme citado por Costa (2011, p. 35): “o território aqui é, antes de tudo, um território simbólico, ou um espaço de referência para a construção de identidades”. Sendo assim, esta seção apresentará o material do Programa Institucional “Museu Goeldi de Portas Abertas”, com seus dados empíricos e demais elementos, com bases teórico-epistemológicas. Para tanto, é essencial iniciar por conceituar *epistemologia*.

Etimologicamente, a conceituação de Epistemologia provém de termos originários do grego “episteme” - ciência, conhecimento – e “logos” – razão, discurso. De acordo com o explicitado por Gamboa (2013), a *episteme* (ou ciência) surge em um contexto de grandes mudanças econômicas, sociais e políticas.

A *episteme* afeta radicalmente a forma de elaborar as perguntas e as respostas. Essas formas de diferenciar os tipos de respostas têm um critério básico: explicitar a forma como as respostas são produzidas; exige-se, pelo princípio do poder da argumentação (*logos*) e da socialização entre os semelhantes (*Hómoloí*), a revelação do caminho (*methodos*) percorrido na construção da resposta. (GAMBOA, 2013, p. 49)

Ao discutir episteme, o autor reflete a partir da perspectiva filosófica sobre o poder de crítica que ela mesma possui. Por essa razão, explicita que ela afeta a elaboração de perguntas e de respostas, pois se trata de um posicionamento tomado por criticidade e, portanto, por capacidade argumentativa constituída de conhecimento científico, e não mais somente empírico.

A epistemologia é uma palavra que designa a filosofia das ciências, porém com um sentido mais preciso. Não é uma teoria geral do saber ou teoria do conhecimento que seria objeto da gnosilogia, nem é um estudo dos métodos científicos que seria objeto da metodologia, mas é parte da filosofia que se ocupa especialmente do estudo crítico da ciência em seu detalhamento prático, isto é, da ciência como produto e como processo; nesse sentido, é um estudo fundamentalmente *a posteriori*. (GAMBOA, 2013, p. 49)

Assim, a epistemologia não é uma teoria geral do saber, não é uma teoria do conhecimento, não é um estudo dos métodos científicos e, portanto, é importante a explicitação para o campo científico da relevância da Filosofia como articulação da ciência e da educação, na perspectiva do aspecto crítico da ciência.

Em seu livro “Pesquisa em Educação: métodos e epistemologias”, Gamboa (2012) trata do questionamento do tipo de método utilizado nas investigações educativas e desenrolado sobre os estudos de caráter qualitativo, afirmando que os pressupostos epistemológicos ganham significativa importância. Desse modo, a epistemologia dá suporte a este estudo, contribuindo para a reflexão de uma nova categoria – a da epistemologia da educação museal. Nessa perspectiva, é importante assinalar que embora neste estudo não seja aprofundada a história da educação no Brasil, por se tratar de uma pesquisa de Doutorado em Educação, é primordial apresentar um recorte epistemológico do assunto.

Entende-se que a educação proporciona possibilidades para a pesquisa em várias temáticas e com atores sociais diferenciados. Os assuntos trabalhados são diversos, alguns de forma repetitiva, sem, com isso, perder sua credibilidade. Ao contrário: podem explorar ainda mais suas diversas variáveis. Há intensos debates sobre os campos da educação e sobre as diferentes categorias, o que não faz com que seja possível a finalização da questão, visto que, por ser um processo, ela está em todos os campos sociais.

Ao direcionar sua escrita para a educação, Brandão (2013) segue a linha de pensamento que vê a educação como uma especificidade humana, por meio da qual a cultura se realiza, pois são ambas indissociáveis. Portanto, justamente por ser intrínseca ao homem, ela se faz presente em qualquer lugar.

Existe onde não há escola e por toda a parte pode haver redes e estruturas sociais de transferência de saber de uma geração a outra onde ainda não foi sequer criada a sombra de algum modelo de ensino formal e centralizada. Porque a educação aprende com o homem a continuar o trabalho da vida. (BRANDÃO, 2013, p. 13)

Isso leva a refletir e a concordar que a educação existe em todos os lugares, de geração em geração, em espaços sociais educativos – como os museus. Mais: ela não se finaliza, pois está em constante processo.

Para contextualizar a educação no sentido amplo, Severino (2006, p. 2) apresenta um objetivo da educação que apesar de soar utópico, é o almejado:

A educação não é apenas um processo institucional e instrucional, seu lado visível, mas fundamentalmente um investimento formativo do humano, seja na particularidade da relação pedagógica pessoal, seja no âmbito da relação social coletiva. Por isso, a interação docente é considerada mediação universal e insubstituível dessa formação, tendo-se em vista a condição da educabilidade do homem.

A partir dessa concepção é que se constrói o senso crítico e consciente, e a integração entre educação e sociedade. Brandão (2013) apresenta e desperta reflexões, sobretudo acerca de uma educação não escolar, indicando outros caminhos possíveis, quando afirma que “todos os dias misturamos a vida com a educação. Com uma ou com várias: educação? Educações” (BRANDÃO, 2013, p. 7).

Para entrelaçar a vida com a educação, não se pode deixar de apresentar esta última como poder. Paro (2010) traça uma discussão do assunto, afirmando que, na linguagem do senso comum, educação é normalmente associada a ensino, quer para servir-lhe de sinônimo, quer para dele diferenciar-se. Em seguida, o autor faz uma elucidação sobre essa associação da educação com o ensino, exemplificando em relação à família e à escola. Afirma que os dois termos são usados generalizadamente como sinônimos, tanto no senso comum quanto nos meios acadêmicos. Entretanto, caso se pretenda tratar a educação de forma científica, é necessário um conceito mais rigoroso:

A educação consiste na apropriação da cultura. Esta, entendida também de forma ampla, envolve conhecimentos, informações, valores, crenças, ciência, arte, tecnologia, filosofia, direito, costumes, tudo enfim que o homem produz em sua transcendência da natureza. (PARO, 2010, p. 23).

Aqui, a natureza contrapõe-se à cultura, ampliando o campo dos chamados conteúdos da educação, visando à formação do homem em sua integralidade. Na atual discussão sobre a criação de uma cultura científica generalizada para toda a sociedade, por meio dos processos da comunicação pública da ciência, destacam-se os museus e os centros interativos de ciência como instituições capazes de conectar os avanços e as questões relacionadas com a ciência e a tecnologia, aos interesses do cidadão comum. Seus objetivos principais são aumentar a consciência do papel e da importância da ciência na sociedade, proporcionando experiências educativas, para que os indivíduos compreendam princípios científicos e tecnológicos e que se desperte um interesse pela ciência e pela tecnologia.

Dentro dessa questão da comunicação pública da ciência, surge Freire (1981, p. 36), que questiona a política da atividade científica e vai ao encontro do objeto desta tese:

Considero importante, nesta altura de nossa conversa, insistir mais uma vez sobre o caráter político da atividade científica. A quem sirvo com a minha ciência? Esta deve ser uma pergunta constante a ser feita por todos nós. E

devemos ser coerentes com a nossa opção, exprimindo a nossa coerência na nossa prática.

A fala de Freire e sua reflexão sobre o caráter político da atividade científica apresentam-se atuais e necessárias.

O Programa Institucional “O Museu Goeldi de Portas Abertas” tem como objetivo atuar junto à divulgação científica; a sua proposta é ampliar o conhecimento da região amazônica e, principalmente, incentivar e divulgar a pesquisa científica, ou seja, estimular a popularização da ciência. No Brasil, ainda é confusa a fronteira entre popularização, divulgação, difusão e disseminação. Por aqui se tratar de um estudo sobre um museu, compreende-se popularizar de forma mais ampla, indo além de divulgar, difundir e disseminar.

Nesse contexto, inicia-se a discussão do processo da relação entre educação e museus, tendo como ponto de partida o proposto por Quadros (2000, p. 65):

Na verdade, a própria concepção de museu é educativa, uma vez que ele colabora para o exercício da cidadania, indicando para que o cidadão possa se apropriar e preservar o seu patrimônio, pois ele deverá ser a base para toda a transformação que virá no processo de construção e reconstrução da sociedade, sem a qual esse novo fazer será construído de forma alienante.

A concepção aqui retratada vem como uma forma de crítica aos setores educativos dos museus, que consideram a educação museal apenas aquilo que toca o atendimento escolar. Nessa perspectiva, é possível os museus atenderem à sociedade como um todo, em todos os seus aspectos.

Para contextualizar a memória da educação museal no Brasil, faz-se importante o resgate dos seus primeiros passos. Em 1927, Edgard Roquette-Pinto iniciou as ações educativas em um museu. Era um Serviço de Assistência institucionalizado que tinha como missão auxiliar o desenvolvimento de práticas educativas que colaborassem com o aprendizado e com o currículo escolar. Roquette-Pinto nasceu no Rio de Janeiro, em 25 de setembro de 1884. Tornou-se médico, antropólogo, etnólogo, ensaísta, poeta, radialista e principalmente um cientista, que esteve à frente de um amplo movimento científico e cultural do país.

Enquanto funcionário do Museu Nacional do Rio de Janeiro desde 1905, E. Roquette-Pinto tornou-se diretor de 1926 até 1934. Pôde assim promover uma série de contatos com outras instituições, realizou expedições e viagens ao exterior, e soube utilizar diferentes estratégias e meios de comunicação para implementar suas ideias, como o uso do rádio e do cinema, a criação de periódicos, além de produzir programas voltados para a educação e divulgação científica. (LIMA, 2008, p. 1)

A descrição de sua participação em atividades de educação e de divulgação científica é narrada por Pereira (2010, p. 129):

Durante a escrita de Rondônia, Roquette-Pinto participava de inúmeras conferências e também integrou a equipe de montagem de exposições no Museu Nacional. Participou da criação de uma filмотeca, em 1910, e da montagem de novas exposições inauguradas em 1914, com a intenção de aumentar a visitação pública.

A trajetória de Roquette-Pinto na área museológica transcorre por vários feitos, como a elaboração de pôsteres didáticos de História Natural; Guia das Coleções de Antropologia do Museu Nacional; e muitas outras ações que delineavam sua tendência para a educação em museus.

A partir deste ponto será descrito com pormenores o processo da Educação Museal no Brasil. Assim, para contextualizá-la neste universo epistemológico é preciso ir primeiramente à sua conceituação. A Educação Museal é um processo educativo que valoriza as práticas educacionais em instituições museológicas, subsidiando a valorização da atuação dos profissionais da área educacional que atuam nos museus. Em relação as conceituações formadas por pesquisadores da área museológica, Santos (2008, p. 131 e 132) considera que:

a análise da educação, portanto, está sendo aqui realizada compreendendo-a como um processo que deve ter como referencial o patrimônio cultural, considerando que este é um suporte fundamental para que a ação educativa seja aplicada, levando em consideração a herança cultural dos indivíduos em um determinado tempo e espaço e que as diversas áreas do conhecimento não funcionam como compartimentos estanques, mas são parte de uma grande diversidade, resultado de uma teia de relações na qual cultura, ciência e tecnologia, em cada momento histórico, são construídas e reconstruídas pela ação do homem, produtor de cultura e conhecimento.

Dessa forma, é necessário que a comunidade se sinta parte da instituição e que compreenda que esta relação é de suma importância, por entender o homem como sujeito capaz de interferir na ação educativa de um museu. Mais uma vez percebe-se a preocupação dos estudiosos da área museológica, para que a educação museal não se restrinja a um setor, possibilitando assim novas perspectivas e entendendo o Patrimônio, a Cultura, a Ciência, a Tecnologia e outros ramos atuais como prospectos para o futuro.

O museu, para atingir sua função pedagógica, deverá ter uma capacidade de produção própria, com questionamento crítico e criativo, sem, contudo, deixar de interagir com outras áreas do conhecimento. A pesquisa como princípio científico e educativo é o caminho para que o museu possa

contribuir efetivamente para o desenvolvimento sociocultural. (SANTOS, 2008, p. 140)

A afirmação de Santos é primordial para o reconhecimento da área educativa de um museu, que deve elaborar seus projetos e suas atividades sem se fechar apenas às visitas aos seus espaços.

Aproximando os campos da educação e da educação museal, Desvallées e Mairesse (2013, p. 38) afirmam que:

A educação está associada ao mesmo tempo ao coração e ao espírito, e diz respeito aos conhecimentos que pretendemos atualizar em uma relação que coloca os saberes em movimento para desenvolver uma apropriação e um reinvestimento personalizado. Ela é a ação de desenvolver um conjunto de conhecimentos e de valores morais, físicos, intelectuais, científicos, etc. O saber, o saber-fazer, o ser e o saber ser formam os quatro componentes centrais do domínio da educação.

Aqui, percebe-se o quanto acreditam na educação em museus, como valorizam a educação nesses espaços sociais educativos, ao desenvolver o que chamam de quatro componentes, chamando a atenção também aos movimentos não só da área de educação nos museus, mas também da sua articulação com outros setores. Ao buscar na literatura as considerações do que se acredita ser educação museal, a opção recaiu sobre três autoras contemporâneas que em suas pesquisas apontam o seguinte: a) Bruno (1996, p. 36) descreve a função educativa como “uma força importante das atividades museológicas e acarreta o desenvolvimento e aperfeiçoamento da capacidade intelectual, cultural, artística, ideológica, perceptiva e afetiva”; b) Pereira (2010, p. 148) afirma que “a educação é assunto de museu e esses espaços exploram a aura educacional que lhes é peculiar de diversas maneiras”; c) Scheiner (2012) diz que “a principal meta dos museus é a educação e a transmissão de informação e do conhecimento, por todos os meios disponíveis”.

Portanto, todas concordam com a importância da educação dentro de um museu, além de terem a convicção da força que os museus têm na/para a educação e vice-versa. Pereira (2010) afirma compreender que os museus não surgem com a única intenção de educar, pois possuem várias funções e concepções que lhes foram atribuídas ao longo da sua trajetória. Na mesma percepção, explica que, na história dos museus, são discutidos temas atinentes à formação do cidadão, à contemplação como garantia de conhecimento, à instrução do povo, à observação

das coleções para pesquisadores, à difusão de conhecimentos e à divulgação científica.

Em sua trajetória histórica, a Educação Museal foi alvo de muitas discussões e movimentos para o seu fortalecimento, fazendo, assim, surgir vários documentos importantes para a sua institucionalização, como o Preliminar do Programa Nacional de Educação Museal – PNEM. Após um longo processo, somente em 2017 o programa foi legitimado como política pública, por meio da publicação da Portaria Nº 422, de 30 de novembro de 2017, que institucionalizou a Política Nacional de Educação Museal, no Instituto Brasileiro de Museus.

No Documento Preliminar do Programa Nacional de Educação Museal (2016, p. 80), a missão educativa de um museu é explicitada da seguinte maneira:

Missão educativa - Para compreender a missão educativa do museu é preciso antes identificar qual é a missão do museu, já que as duas missões estão intrinsecamente interligadas. A missão educativa deverá compreender que a ação educacional é importante para o cumprimento da missão do museu, bem como para o desenvolvimento do processo museológico, considerando o acervo institucional e operacional como referenciais importantes para o desenvolvimento das ações educacionais. Também deverá levar em consideração os anseios dos atores sociais com os quais os projetos do museu estejam sendo desenvolvidos, para que o trabalho seja realizado de forma harmônica e coerente conceitualmente. (Programa Nacional de Educação Museal, 2016, p. 80).

Concordamos com a missão educativa colocada no PNEM como reflexão, tanto aos profissionais que atuam nas instituições museológicas, quanto aos interessados em conhecer os museus e seus cotidianos. Isso faz com que os pesquisadores das outras áreas atuantes dentro dos museus possam valorizar as ações educacionais. Por seu turno, o público sairá ganhando nesse processo de harmonia entre as equipes responsáveis pelo acervo e pela educação museal.

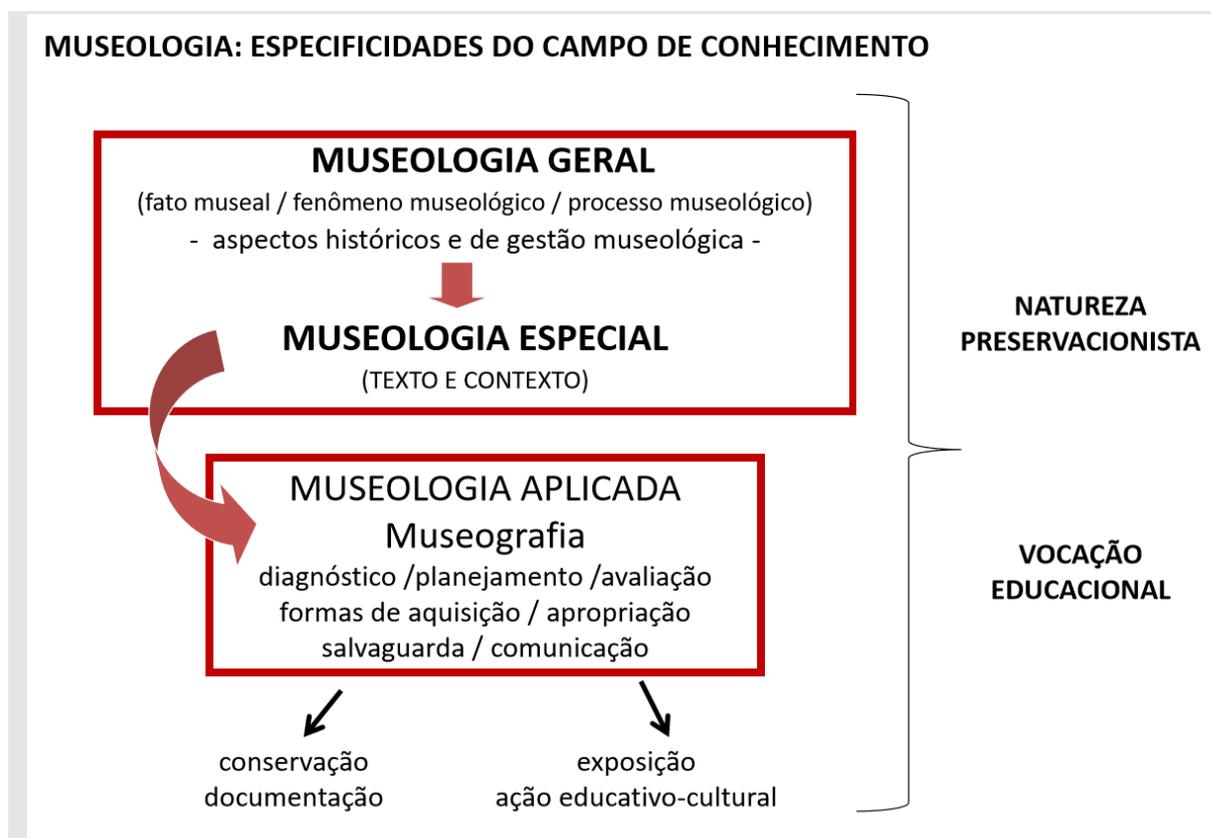
Não se pode deixar de falar da importância da museologia para os museus, discutida por Bruno (1996, p. 24), que diz que “a museologia se interessa, portanto, em administrar, conservar e em organizar novas maneiras de informação, por meio da elaboração de discursos expositivos e estratégias pedagógicas”. Bruno acredita no sucesso dos museus por meio da área educativa, explorando as diversas formas pedagógicas para chamar a atenção do público visitante.

Uma das conceituações mais apresentadas em trabalhos acadêmicos e indicadas em estudos nos museus é de Suano (1986, p. 79). Ela diz que “museologia significa, literalmente, a ciência do museu, (*logia*, sufixo derivado de *logos*, palavra grega que significa ciência)”. Historicamente, a Museologia, no

contexto brasileiro, já passou por várias etapas, adentrando a conjuntura política e o processo de redemocratização, quando houve necessidade de atualização em novas frentes, como o reconhecimento formal dos movimentos coletivos, como o Programa Pontos de Memória e as diversas redes de diversidades culturais. É importante lembrar que em 1984, na Declaração de Quebec, foram consolidadas as propostas de realização do Ateliê Internacional Ecomuseus – Nova Museologia. Entre suas finalidades estava a tentativa de criação de condições de intercâmbio entre as experiências de ecomuseologia e, de modo geral, da nova museologia no mundo, além do esclarecimento das suas relações com a museologia instituída em geral.

Nas próximas páginas serão apresentados quadros caracterizados por Bruno (2012) a respeito da Museologia como disciplina, da definição de Museologia, de Museu e Educação, de processos museológicos e de instituições museológicas.

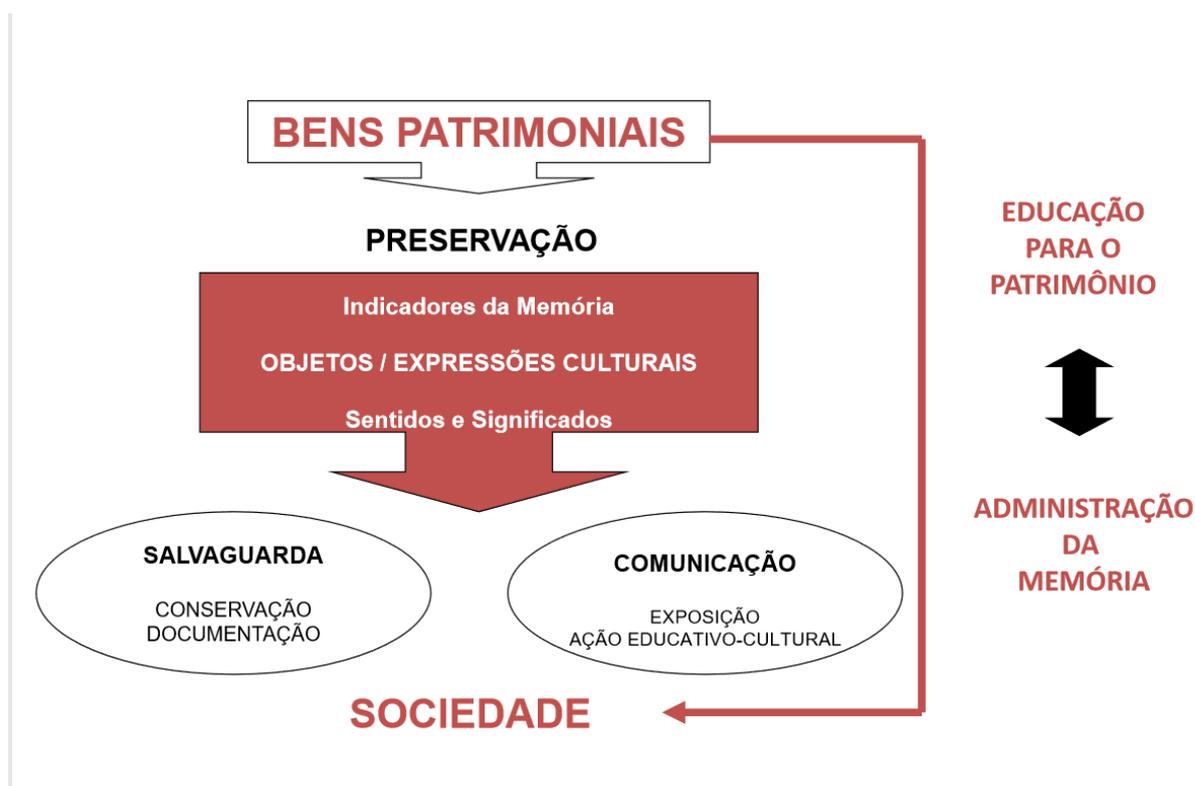
**Figura 12: Quadro Referencial da Disciplina Museológica – Museologia Geral**



A Teoria Museológica é um conjunto de princípios que se articulam a partir da análise das experimentações ou do estudo do fato museal e da sistematização

dessas reflexões, dessas categorias universais. Os estudos acima elencados devem ser orientados a partir da identificação das características do fato museal, a saber: 1. Texto Museológico – relacionando ao tipo do museu ou processo museológico (natureza do acervo ou perfil das referências patrimoniais); 2. Contexto Museológico – referente à sociedade onde o processo museológico está fixado ou o museu localizado (Bruno, 2012).

**Figura 13: Quadro Referencial dos bens patrimoniais**



**Fonte:** Bruno (2012)

Bruno (2012) faz referência aos Bens Patrimoniais por meio da Preservação, dos indicadores da Memória; Conservação: preventiva / restauro / uso qualificado; da Documentação: cadastramento / inventário / banco de dados / gerenciamento de informação e a Comunicação, indicados por meio de exposições e de ações educativas e culturais.

Bruno sintetizou nos quadros a Museologia e suas diversas abordagens, facilitando sua compreensão e detalhando as conceituações, as categorias, a ênfase para a educação museal e os processos museológicos.

## 5.1 A Educação Museal

A educação em museus, ou educação museal, tem ao longo do tempo se tornado essencial para as atividades realizadas nos museus, seja nas práticas sociais ou em relação às ponderações teóricas decorrentes do acúmulo das experiências nos museus.

Cazelli, Marandino e Studart (2003, p. 102) abordam assim essa questão: com base na literatura específica da educação e da comunicação em museus, constata-se que as práticas pedagógicas neles desenvolvidas são próprias e podem ser analisadas a partir de referenciais teóricos advindos desses campos do conhecimento.

Canclini (2015) apresenta os museus como meios de comunicação de massa que podem desempenhar papel significativo na democratização da cultura e na mudança do conceito de cultura. Bruno (2012), utilizando de uma sintetização por meio do quadro Educação Museológica – Princípios e Métodos, faz sua contribuição para a área de educação museal, usando o termo “Pedagogia Museológica”.

Figura 14: Pedagogia Museológica



**Fonte:** Bruno (2012).

Para Bruno (2012), a Pedagogia Museológica se apresenta nos objetos, lugares, coleções e acervos, que têm como referência os bens patrimoniais, as referências culturais e os indicadores de memória. Por conseguinte, ela envolve apropriação, proteção, intervenção e a devolução para o público visitante e apresenta no quadro uma cadeia operatória museológica, ou seja, algo que identifica a musealidade por meio do incentivo à observação e à percepção; do aprimoramento da percepção seletiva, que é o exercício do olhar e identificação; do tratamento dos bens selecionados, que é o uso qualificado das referências culturais; da valorização dos bens patrimoniais, que é a constituição da herança cultural e por fim, da interpretação, extroversão e difusão de bens selecionados, ou seja, a divulgação e a contextualização sociocultural.

Bruno (2012) apresenta o quadro com uma nova nomenclatura, chamando de Educação Museológica e indicando os seus princípios e métodos.

**Figura 15: Educação Museológica – Princípios e Métodos**



**Fonte:** Bruno (2012)

A centralização usada por Bruno (2012) é chamada de Reinvenção das Ações Museológicas, e a dinâmica usada é de noção de autoestima; noção de pertencimento e noção de identidade, em que todos se voltam para a educação da memória. Os pontos em destaque da educação da memória são a mediação, que é comum em todos os museus, as ações artísticas, as ações lúdicas, os exercícios científicos, a discussão comunitária, a inclusão social e as ações políticas. Aqui é demonstrada a essência da educação museal e suas várias formas de ser apresentada, seja como educação em museus ou como Educação da Memória, isto é, uma maneira conceitual que abrange o sentido em que os museus estão atuando.

Bruno (2012) fala da educação em museus como um novo desafio; da mudança nos museus; da educação num mundo em transformações; apresenta desafios, entre museus e escolas; da ação museológica e da ação comunitária; do repertório patrimonial e da identidade cultural; da formação profissional e da produção acadêmica. Para institucionalizar a educação museal, houve um movimento coletivo entre os interlocutores da área, e o documento final foi construído ao longo de vários anos e por várias mãos, como é confirmado na apresentação do Programa Nacional de Educação Museal - PNEM (2016, p. 5):

O documento que aqui apresentamos reúne as propostas surgidas nos fóruns de discussão do Blog do PNEM – ferramenta digital de discussão – lançado na *web*(<http://pnem.museus.gov.br>) em 30 de outubro de 2012 e aberto para o envio de propostas logo após a realização do 5º Fórum Nacional de Museus (FNM), em 26 de novembro de 2013, no Serviço Social do Comércio (SESC) Quitandinha, em Petrópolis, na cidade do Rio de Janeiro.

Apesar de o período ser de um ano, há aí um longo processo histórico em que os profissionais de museus fazem articulações em prol da institucionalização.

No dia 30 de novembro de 2017 foi oficializada, por meio da Portaria nº 422, a institucionalização da Política Nacional de Educação Museal – PNEM, por meio do Instituto Brasileiro de Museus – IBRAM. Araújo (2018, p. 7) explica a forma com que foi construída a documentação da Política Nacional de Educação Museal – PNEM:

A Política Nacional de Educação Museal é produto de um processo iniciado pelo Instituto Brasileiro de Museus (Ibram) em 2010. O documento resultante é representativo da interlocução entre museus de todo o país, com o protagonismo de seus educadores. Essa ampla construção coletiva gerou a constituição de parâmetros, no intuito de impulsionar a área museológica brasileira e contribuir com a reflexão no cenário internacional.

Assim, o Plano Nacional de Educação Museal vem desenvolver a Política Nacional de Museus na área da educação. A base foram os documentos

orientadores do campo da cultura, havendo contribuição para a instituição de políticas públicas consolidadas e continuadas. O resultado se apresenta alinhado com os princípios adotados pelo Instituto Brasileiro de Museus – IBRAM, como o respeito à diversidade, a promoção da participação social e a valorização do relacionamento da sociedade com o patrimônio.

No 7º Fórum Nacional de Museus, em 2017, no âmbito do 2º Encontro Nacional do Programa Nacional de Educação Museal, que aconteceu em Porto Alegre (RS), foi aprovado o documento (Carta de Porto Alegre) que resultou na publicação do Caderno da Política Nacional de Educação Museal (PNEM). No Caderno consta um breve histórico da Educação Museal no Brasil e do desenvolvimento do campo da Educação Museal no Brasil, a partir de marcos do universo museal nacional e internacional, contextualizando a trajetória de implantação das políticas de Educação Museal no país.

Os cinco princípios consolidados no Programa Nacional de Educação Museal (2017) são:

PRINCÍPIO 1: Estabelecer a educação museal como função dos museus reconhecida nas CONSIDERAÇÕES leis e explicitada nos documentos norteadores, juntamente com a preservação, conservação, comunicação e pesquisa.

PRINCÍPIO 2: A educação museal compreende um processo de múltiplas dimensões de ordem teórica, prática e de planejamento, em permanente diálogo com o museu e a sociedade.

PRINCÍPIO 3: Garantir que cada instituição possua setor de educação museal, composto por uma equipe qualificada e multidisciplinar, com a mesma equivalência apontada no organograma para os demais setores técnicos do museu, prevendo dotação orçamentária e participação nas esferas decisórias do museu.

PRINCÍPIO 4: Cada museu deverá construir e atualizar sistematicamente a sua Política Educacional, em consonância ao Plano Museológico, levando em consideração as características institucionais e dos seus diferentes públicos, explicitando os conceitos e referenciais teóricos e metodológicos que embasam o desenvolvimento das ações educativas.

PRINCÍPIO 5: Assegurar, a partir do conceito de Patrimônio Integral, que os museus sejam espaços de educação, de promoção da cidadania e colaborem para o desenvolvimento regional e local, de forma integrada com os diversos setores dos museus.

Para os educadores museais chegarem a esses cinco princípios foi um processo de discussão nos encontros das Redes de Educadores em Museus do Brasil - REM Brasil:

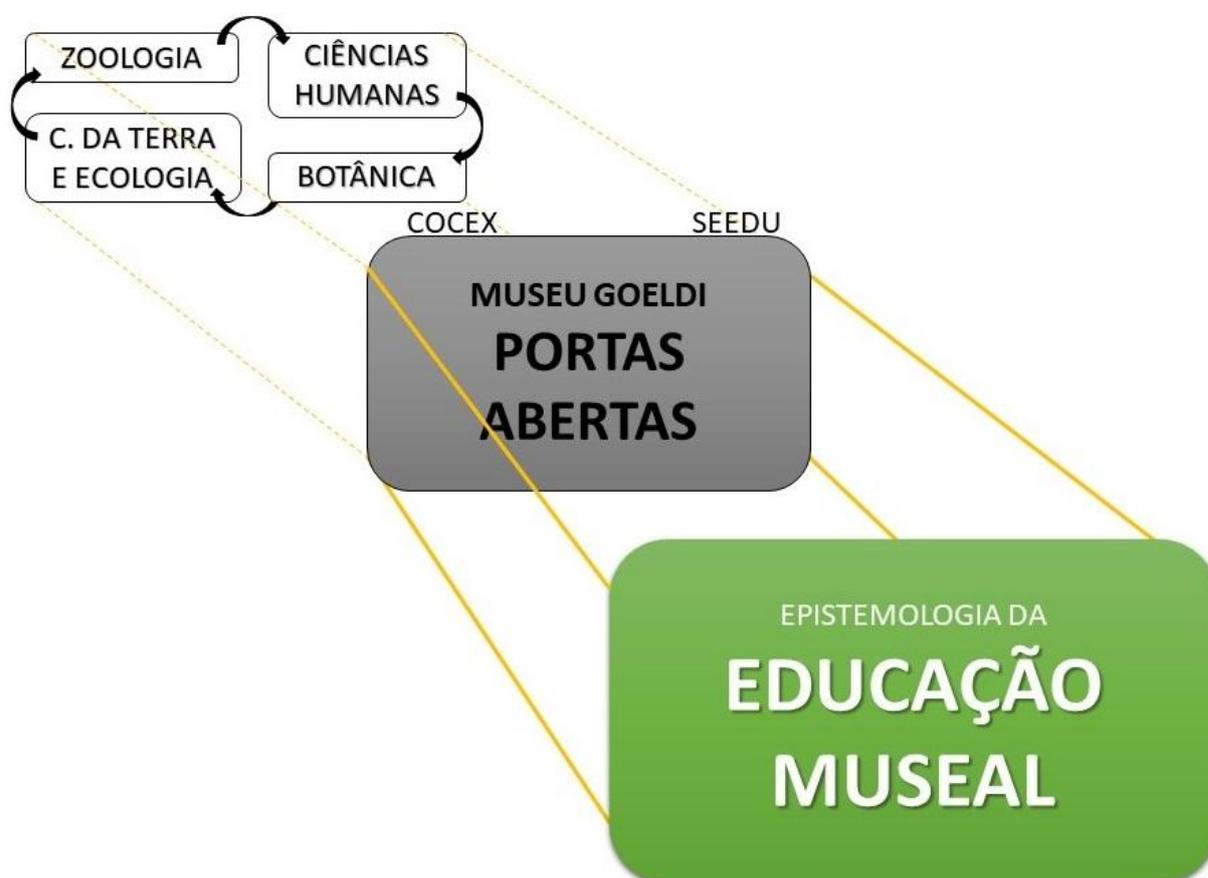
O desenvolvimento das Redes para fins de formação, capacitação e organização profissional é um movimento que se fortalece a cada ano no

campo da Educação em Museus. Observa-se que com o uso das novas tecnologias e o desejo pelo aperfeiçoamento das ações museológicas, os trabalhadores em museus passaram a buscar atualizar os seus conhecimentos e reconhecer no seu cotidiano os processos de educação permanente. Uma vez que, em cada atividade educativa, nos diálogos com o público, é possível fazer novas descobertas e aperfeiçoar-se constantemente. (Programa Nacional de Educação Museal, 2017)

Nos anexos constam as cartas que subsidiaram o Caderno Nacional de Museus, de 2017; a Carta de Belém, com princípios e parâmetros para a criação e posterior implementação da Política Nacional de Educação Museal, de novembro de 2014; a Carta de Porto Alegre, de 3 de junho de 2017; e a Portaria n. 422, de 30 de Novembro de 2017, que dispõe sobre a Política Nacional de Educação Museal – PNEM, e dá outras providências.

A elaboração da figura abaixo foi para mostrar a interseção dessas ciências por meio das ações culturais e científicas desenvolvidas no Programa “Museu Goeldi de Portas Abertas”.

**Figura 16: A interseção entre as Ciências – Museu Goeldi de Portas Abertas - A Epistemologia da Educação Museal**



**Fonte:** elaboração da autora (2019).

Nesta interseção é demonstrado a possibilidade interdisciplinar das conexões entre os campos de conhecimentos que evidencia a Educação Museal.

A seguir, é detalhado o Projeto “O Museu Goeldi leva Educação em Ciência à Comunidade”, iniciado nos anos 1980 e que perdura até os dias atuais.

## **5.2 O Museu Goeldi leva educação em ciência à comunidade: antecessor ao Ponto de Memória do bairro da Terra Firme**

Os museus tiveram que encontrar um caminho próprio para contribuir com a educação, procuram diversos meios de aproximação com as diferentes camadas das sociedades, como por exemplo atuar fora de seus muros, reorganizar e dividir suas coleções, avaliar seus processos de trabalhos. Experimentaram, também, inúmeras formas de organização administrativa. (BRUNO, 1997, p. 48).

Apesar de historicamente a aproximação do Museu Paraense Emílio Goeldi com a comunidade do bairro da Terra Firme ter acontecido por outros caminhos, conforme será narrado nesta seção, de alguma maneira houve a preocupação, explicada por Bruno, de os museus encontrarem caminhos próprios para contribuir com a educação, sendo que o exemplo de atuar fora dos muros é o que caberia ao Projeto “O Museu Goeldi leva Educação em Ciência à Comunidade”.

Assim, o “Museu Goeldi de Portas Abertas” é uma ação institucionalizada que começou graças ao Projeto vinculado ao Serviço de Educação “O Museu Goeldi leva Educação em Ciência à Comunidade”. A primeira visita ao Campus de Pesquisa do Museu Goeldi aconteceu em 1985, com um número mínimo de estudantes e pessoas do Centro Comunitário Bom Jesus. Daí surgiu o título “O Museu Goeldi de Portas Abertas”.

**Figura 17: Visita dos estudantes do Centro Comunitário Bom Jesus no Campus de Pesquisa**



**Fonte:** Arquivo do Serviço de Educação/Museu Paraense Emílio Goeldi.

A imagem retrata os estudantes na frente da Coordenação de Botânica. Pode ser observada em suas vestimentas a logomarca usada na Campanha do Museu Paraense Emílio Goeldi: “Eu Sou Guarda do Museu”.

Canclini (2015, p. 169) aponta que entrar em um museu não é simplesmente adentrar um edifício e olhar obras, mas também penetrar em um sistema ritualizado de ação social. A reflexão soma com a proposta apresentada na primeira visitação ao Campus de Pesquisa do Museu Goeldi, de uma ação social, com exceção ao tipo de museu. Canclini fala dos museus de arte, e o edifício visitado em Belém era um Museu de Ciências. Canclini (2015, p. 169) ainda trata do olhar de que os museus eram objeto da seguinte maneira: durante muito tempo, os museus foram vistos como espaços fúnebres onde a cultura tradicional se conservaria solene e tediosa, curvada sobre si mesma. A partir dos anos 1960, o intenso debate sobre sua estrutura e sua função, com renovações audazes, mudou o seu sentido. Os museus já não eram apenas instituições para a conservação e a exibição de objetos, nem tampouco fatais refúgios de minoria. É nessa perspectiva que surge, em 1985, o Projeto “O Museu Goeldi leva Educação em Ciência à Comunidade”, com o objetivo

da interação do Museu Goeldi com a sociedade; de valorizar as práticas comunitárias que estimulem o desenvolvimento pessoal e de coesão social, em prol de melhorias em suas condições de vida e do reconhecimento de sua identidade.

Na linha de interação dos museus e a sociedade citado no documento de Subsídios para a Elaboração de Planos Museológicos (2016, p. 64), que:

[...] o museu é um espaço múltiplo, que permite uma troca constante de conhecimentos, experiências e vivências. Ao entrarmos em um museu, somos tomados por um universo de sensações e expressões que nos ensinam mais sobre o mundo em que vivemos. Educar: eis uma dimensão e um compromisso social dos museus! (Subsídios para a Elaboração de Planos Museológicos. (Subsídios para a Elaboração de Planos Museológicos, 2016, p. 64).

Com a função principal de cumprir esse papel social dos museus foi elaborado o Projeto “O Museu Goeldi leva Educação em Ciência à Comunidade”. A ideia inicial partiu do Diretor da Instituição à época, Guilherme Mauricio Souza Marcos de La Penha (Guilherme de La Penha). Ao relatar a sua trajetória como diretor de tão renomada instituição científica, La Penha (2001, p. 721) fala do compromisso social dos museus:

as Ciências Humanas passam a ter prioridade e o homem amazônico passou a ter preponderância sobre o seu meio ambiente. A preocupação com o resgate e o retorno social das funções do Museu passou a ser obrigatório em suas ações e projetos.

Chaquiam (2012, p. 86) destaca as principais ações que Guilherme de La Penha realizou à frente da Instituição Científica Museu Paraense Emílio Goeldi

La Penha esteve frente da Direção do MPEG no período de 1985 a 1991 e, neste período, concretizou importantes projetos, a exemplo, a Estação de Pesquisas Ferreira Penna, na Floresta de Caxiuanã, em Melgaço, cujas obras foram iniciadas em 1990 e concluídas em 1992 na gestão do químico Guilherme Maia. Entre 1985 e 1988, La Penha investiu na expansão da infraestrutura física e das áreas de atuação do MPEG, iniciando a pós-graduação por meio de convênios, garantindo pela primeira vez em sua história, a formação de recursos humanos de alto nível na própria região amazônica. La Penha transformou o MPEG numa instituição capaz de realizar pesquisas, promover a inovação científica, formar recursos humanos, conservar acervos e comunicar conhecimentos nas áreas de ciências naturais e humanas relacionados à Amazônia.

A trajetória de La Penha no Museu Paraense Emílio Goeldi na área da pesquisa e gestão, principalmente no incentivo para a formação de recursos humanos e para o aumento de funcionários, é sempre positivamente comentada nos bastidores da instituição:

Dirigir o Goeldi para mim tinha um significado totalmente diferente, experimentado por longos anos no ofício da direção, construir ou reconstruir instituição não se constituía novidade. Mas no Goeldi eu estava voltando para casa, carregado de emoção. Quando criança frequentei-o incessantemente, e não foram raras as escapadas das aulas de religião do Colégio Marista para apreciar o Museu. Creio mesmo que na época, a imagem de ciência que adquiri foi a que o Goeldi me apresentava. Via-o com outros olhos, percorria o Parque com outros sentimentos que o de um simples gestor, respeitando o passado, desejava o futuro, e quase alcancei o ideal. (La Penha, 2001, p. 720).

La Penha (2001, p. 720) continua seu relato, falando também das dificuldades que encontrou:

Lutar contra a incompreensão foi o primeiro desafio, afinal eu era supostamente um estranho no ninho por haver deixado a província por um quarto de século – eu não era mais paraense! Engano de muitos, quando se sai pela jornada mundo a fora, a lembrança da terra berço é conservada como relíquia santa.

Quando La Penha se refere a haver deixado a Província, está falando do tempo que morou fora de Belém e do Brasil, quando era Secretário da Organização dos Estados Americanos (OEA) em Washington.

Em 1985, o então Diretor do Museu Goeldi vivia na efervescência das transferências das Coleções Científicas para o Campus de Pesquisa, no bairro da Terra Firme, que havia sido criado em 1978, e com as lideranças dos Centros Comunitários Bom Jesus, Da Paz e Santa Cruz a procurarem-no, pois queriam explicação do que era aquele prédio no bairro deles. Na ocasião, La Penha agiu com sensibilidade, participando de reuniões com os agentes comunitários e com as autoridades locais, uma vez que, essas reuniões tinham como principal objetivo tratar da legalização daquelas moradias. Em Belém, o Movimento pela Titulação e Urbanização da Área do Tucunduba – MOTUAT tornou-se uma das referências sociais por ter representado as reivindicações populares do bairro da Terra Firme na luta pelo direito de morar em terras consideradas da Universidade Federal do Pará - UFPA.

O MOTUAT surgiu após duas mil pessoas invadirem um terreno da UFPA, que há mais de 30 anos tinha sido doado por diversas famílias paraenses à União. O movimento contou com a participação de 25 centros comunitários do bairro. Suas reivindicações não eram apenas pelo direito de ter onde morar, mas sim por condições dignas de moradia, o que implicava em infraestrutura, saneamento, água potável, iluminação, postos de saúde, escolas, creches, transporte coletivo de qualidade, segurança e áreas de lazer e de esporte.

A luta travada entre os moradores do bairro da Terra Firme e a Universidade Federal do Pará - UFPa em prol da moradia remete à educação contra a educação, de Gadotti (1978, p. 15):

Quando falo de uma educação contra a educação (expressão que tenho usado frequentemente), entendo exatamente isso: a educação é um espaço de luta entre várias tendências e grupos, um espaço que nenhuma ideologia pode dominar inteiramente.

A questão ficou tão premente que foi criado, pelos moradores, o 1º grito da Terra Firme, em março de 1993, na Praça Olavo Bilac, praça principal do bairro. O grito teve formato de audiência pública e contou com a presença de parlamentares, representantes da Prefeitura e do Governo do Estado. Durante a audiência foi entregue um documento contendo um diagnóstico com as questões sociais, políticas e ambientais. Além disso, havia cinco reivindicações imediatas dos moradores: a regularização fundiária com a garantia de titulação definitiva aos posseiros; melhorias nas áreas da educação, saúde, saneamento (rede de água tratada, pavimentação de ruas e passagens, esgotamento sanitário, macro e microdrenagem da bacia do Tucunduba); transporte coletivo com a ampliação e a melhoria do serviço e; segurança.

O progresso não é o massacre das teorias e práticas precedentes, mas o resultado de um esforço comum. A educação sempre foi necessária. Viver é sempre tomar lugar num certo espaço. A educação é uma linguagem pela qual eu tomo assento neste lugar, ascendo a uma certa comunidade, a uma sociedade, onde não estou sozinho. (GADOTTI, 1978, pp. 15-16)

Nessa etapa da Tese, de relatar La Penha em reunião com a comunidade, as lembranças desses momentos surgem à semelhança de como Bergson (2006, p. 2) reflete sobre a memória:

Por mais que o objeto permaneça o mesmo, por mais que eu olhe para ele do mesmo lado, pelo mesmo ângulo, sob a mesma luz, a visão que tenho dele não difere menos daquela que acabo de ter, quando mais não seja porque ela está um instante mais velha. Minha memória está aí, empurrando algo desse passado para dentro desse presente.

Bergson (2006, p.2) continua abordando tal memória, que dá a oportunidade de rememorar a experiência com La Penha em 1985:

Meu estado de alma, ao avançar pela estrada do tempo, infla-se continuamente com a duração que vai reunindo, por assim dizer, faz bola de neve consigo mesmo. Com mais forte razão isso ocorre com os estados mais profundamente interiores, sensações, afetos, desejos, etc., que não correspondem, como uma simples percepção visual, a um objeto exterior invariável. Bergson (2006, p. 2).

Após os encontros com a comunidade, La Penha se reuniu com a equipe da Divisão de Museologia, Serviço de Educação, em conjunto com a Associação dos Servidores do CNPq – ASCON, com o intuito de organizar ações de aproximação com a comunidade vizinha ao Campus de Pesquisa.

A primeira ação direcionada para a comunidade foi a criação dos ingressos comunitários, permitindo, assim, o acesso livre dos moradores e familiares ao Parque Zoobotânico. Os ingressos eram diferenciados dos que eram vendidos ao público visitante na Portaria do Museu. Nele estava escrito em letras grandes: “Ingresso Comunitário”, com carimbo de venda proibida. Eram distribuídos da seguinte forma: o Presidente do Centro Comunitário recebia mensalmente no Serviço de Educação um bloco de 100 ingressos e os distribuía nos Centros, de acordo com os critérios estabelecidos pelos mesmos, sem intervenção do Museu. Este processo permaneceu de 1985 até 2017, mas em vista das novas gestões na instituição ainda não foram confeccionados novos ingressos.

Concomitantemente com as atividades advindas do setor educativo lotadas no Parque Zoobotânico para o Campus de Pesquisa do Museu Goeldi, foram elaborados e aplicados questionários em instituições de ensino, como também em outras instituições, como na Companhia de Saneamento do Pará - COSANPA, na Companhia de Desenvolvimento e Administração da Área Metropolitana de Belém – CODEM e em comunidades organizadas, dentre outras, para a realização do perfil socioeconômico do bairro da Terra Firme. Após a análise dos dados coletados, foi possível a organização das futuras atividades com os moradores.

O Museu Paraense Emílio Goeldi, portanto, aparece em 1985 no cenário nacional com um programa educativo e cultural não somente para o público escolar, mas com um vínculo com a comunidade do entorno, autenticando, assim, o que está no documento de Subsídios para a Elaboração de Planos Museológicos (2016, p. 66):

Além do público escolar, torna-se cada vez mais fundamental o estabelecimento de um vínculo entre o museu e a comunidade à sua volta, criando relações de complementaridade, reconhecimento, identificação e memória local. O museu deve se apresentar como um canal efetivo de comunicação local de ações educativas, de inclusão social e de interações. Para que um museu exerça a sua função social, seus espaços devem ser explorados e constantemente ressignificados e reinterpretados por seus funcionários e visitantes.

A atividade cotidiana nos museus contou com uma abertura a novas possibilidades de aproximação com a comunidade local, principalmente após a criação do programa “Pontos de Memória”, de 2009, instituído pelo Instituto Brasileiro de Museus – IBRAM. Entretanto, no caso do Museu Goeldi, este vínculo entre o museu e a comunidade vem de muito antes, em 1985.

Dando continuidade ao histórico desse vínculo entre o Museu Goeldi e a comunidade, em 2010, por meio do Projeto de Pesquisa “Identificação dos Centros Comunitários e levantamento das ações realizadas no bairro da Terra Firme, Belém – Pará” são identificados os centros comunitários existentes, bem como suas ações no bairro da Terra Firme. Segundo Gibson (2011, p. 25):

Durante a pesquisa foram identificados 16 centros comunitários no bairro da Terra Firme, mas apenas 9 (nove) atuam na comunidade, ou seja, trabalham em prol de uma melhor qualidade de vida, oferecendo serviços básicos à comunidade. Os outros centros comunitários apresentam apenas o espaço físico, ou seja, não há mais ações desses centros, visto que, no passado se mostravam muito presentes nas principais reivindicações dos moradores da Terra Firme.

Um dos centros comunitários com maior relevância de luta em prol da comunidade é o Centro Comunitário Bom Jesus, por ter sido o primeiro centro criado pelos moradores com ações voltadas à melhoria de infraestrutura, saúde, saneamento, educação e outras. O Quadro abaixo apresenta o nome dos Centros Comunitários, o ano de Fundação e a localização no bairro da Terra Firme:

**Quadro 18: Nome dos Centros Comunitários, ano de Fundação e localização**

CENTRO COMUNITÁRIO	ANO DE FUNDAÇÃO	ÁREA DE LOCALIZAÇÃO
Bom Jesus	1978	Passagem Bom Jesus
Associação dos Moradores do Bairro da Terra Firme.	1983	Rua 24 de dezembro
Associação de Moradores Gabriel Pimenta	1984	Rua Nova, 12 – Pass. Souza.
Ursinho Carinhoso.	1985	Pass. Bom Jesus
Associação dos Pais.	1985	Pass. Vitória
Associação dos Amigos da Terra Firme	1986	Av. Dr. Celso Malcher – Pass. D. Manoel
CASE (casa de apoio à saúde e educação).	2004	Rua São Sebastião
Cooperativa dos Catadores de Materiais Recicláveis.	2004	Passagem Brasília

**Fonte:** Gibson, Relatório PIBIC/MPEG/CNPq, 2011.

As lideranças comunitárias começavam uma aproximação maior com o Museu Goeldi, e Cazelli (2000) reflete sobre a relação entre o Museu de Ciência e a sociedade da seguinte maneira: quando se discute a aspiração da sociedade para

adquirir melhor entendimento da ciência, sua imagem pública e como ela se forma, em regra o debate gira em torno daquilo que a população sabe ou deveria saber sobre a ciência.

E isso é notório com o resultado do perfil socioeconômico, pois uma das principais reivindicações foi a questão de melhoria da saúde. Com muito cuidado para que o projeto não se tornasse uma ação filantrópica, iniciou-se o curso de alimentação alternativa, com a consultoria de Clara Takaki Brandão, Pediatra e nutróloga responsável pela criação da multimistura - uso de concentrados de minerais e vitaminas (farelos, pó de folhas, pó de sementes, pó de casca de ovo) em doses mínimas, mas que constantemente acrescidos à alimentação tradicional, forneceria nutrientes indispensáveis para promover o crescimento, aumentar a resistência às infecções, prevenir e curar a anemia nutricional, diminuir diarreias, diminuir doenças respiratórias e manter a saúde.

As oficinas de alimentação saudável foram iniciadas em 1987, e um dos seus objetivos principais era que as pessoas pudessem atuar como agentes multiplicadoras. Isso aconteceu anos depois, dando oportunidades para continuidade do trabalho e para se conseguir recursos financeiros. As oficinas de alimentação saudável se expandiram e transformaram-se anos depois em um Festival anual denominado Festival de Gastronomia Inteligente, criado para ampliar a divulgação científica aos interessados em alimentação saudável. O evento é aberto ao público e conta com uma programação de cultura e lazer, com palestras, oficinas, vendas de comidas típicas e alimentos regionalizados, apresentações culturais e trabalhos de sensibilização para a melhoria da qualidade de vida.

Além da Gastronomia Inteligente, outras atividades foram ocorrendo, como o Seminário de Saúde e Educação, o passeio no Parque Zoobotânico, os cursos para os professores ditos leigos do Centro Comunitário Bom Jesus e a visita ao Campus de Pesquisa dos alunos do Centro Comunitário Bom Jesus, hoje Museu Goeldi de Portas Abertas.

Um dos pontos positivos do Projeto “O Museu Goeldi leva Educação em Ciência à Comunidade” ocorreu em 2009, quando foi criado o Programa “Pontos de Memória” pelo Instituto Brasileiro de Museus – IBRAM.

Moreira (2007, p. 11), quando Ministro da Cultura, explicou a importância da revitalização dos museus brasileiros e do patrimônio histórico do país, que era na ocasião uma das prioridades do Ministério da Cultura – MinC:

Um dos próximos passos será a criação do Instituto Brasileiro de Museus, antigo anseio da comunidade museológica. Coloco boa parte da minha energia neste projeto, por reconhecer o lugar estratégico dos museus na cultura e considerar que esta área demanda um órgão próprio de gestão. Torço para que os nossos museus não tenham medo do novo, do público, do diálogo, da atualização. Que não tenham medo de ser de todo mundo. Os museus são pontos de cultura e interessa tocá-los de acordo com a compreensão ampla do que chamei de - in antropológico (no caso, do - in museológico). Para além dos baús pessoais, os museus brasileiros devem cumprir papel de referência e base para o futuro da cultura. Que eles sejam música e poesia para nossos corpos, mentes e espíritos; que sejam os templos de todas as musas, e de todos nós. E que os brasileiros possam se orgulhar dos seus museus, novos e velhos.

Com essa mensagem de incentivo aos museus, é criado o IBRAM, cumprindo a ideia do diálogo com o público, do fortalecimento da Cultura e do surgimento dos Pontos de Memória, por meio da Museologia Social Comunitária. Quadros (2018, p. 96) assim aborda a criação do Instituto Brasileiro de Museus em 2009:

Em janeiro de 2009, foi criado, em Brasília/DF, o Instituto Brasileiro de Museus, o IBRAM. O responsável pela criação foi o Presidente da época, Luiz Inácio Lula da Silva, que assinou a Lei nº 11.906. O Instituto é diretamente vinculado ao Ministério da Cultura.

Brandão (2016, p. 6) afirma sobre a criação do Programa “Pontos de Memória”:

O Programa Pontos de Memória nasceu articulado com a Política Nacional de Museus e com o Plano Nacional Setorial de Museus, os quais apresentam diretrizes e propostas construídas a partir de diversas instâncias de consulta pública e com ampla participação de profissionais envolvidos com a área museológica no Brasil.

Em relação à inspiração para a criação do Programa “Pontos de Memória”, Quadros (2018, p. 98) explica que:

Dessa forma, inspirados nos Pontos de Cultura, nascem os Pontos de Memória. Mário Chagas, o idealizador do Programa, em conjunto com uma equipe de museólogos, historiadores e técnicos do Ibram organizam, então, uma ação-piloto para a implantação do PPM no Brasil.

A importância da cultura para esse programa foi fundamental, uma vez que os Pontos de Cultura estavam fortalecidos e, com apoio de Editais, por meio da Secretaria da Cidadania e da Diversidade Cultural do Ministério da Cultura (SCDC/MinC). A partir dessa inspiração, Paixão (2004, p. 4) apresenta a seguinte reflexão:

Assim, a cultura pode alterar-se em um mesmo espaço, a mudança pode acontecer dentro de um determinado tempo em uma mesma sociedade. O fato histórico que em um determinado período, pode ser considerado

determinante do comportamento de um grupo social, pode alterar-se, ou até desaparecer, este movimento, dentro da trajetória humana, estabelece a diferença cultural entre grupos sociais que habitam a mesma geografia.

Em 2009, o IBRAM organizou a implementação dos doze primeiros Pontos de Memória, com apoio do Ministério da Justiça e do Programa Nacional de Segurança Pública com Cidadania – PRONASCI, por meio de um Projeto de Cooperação Técnica Internacional com a Organização dos Estados Ibero-Americanos – OEI. A seleção dos Pontos de Memória deu-se regionalmente, conforme o quadro abaixo:

**Quadro 19: Seleção dos Pontos de Memória**

Nº	Ponto de Memória	Localidade	Região
01	Ponto de Memória do bairro da Terra Firme	Belém – PA	Norte
02	Museu de Periferia – MUPE	Curitiba – PR	Sul
03	Ponto de Memória da Lomba do Pinheiro	Porto Alegre – RS	Sul
04	Ponto de Memória da Estrutural	Brasília – DF	Centro-oeste
05	Museu de Favela – MUF	Rio de Janeiro – RJ	Sudeste
06	Ponto de Memória do Grande Bom Jardim	Fortaleza – CE	Nordeste
07	Ponto de Memória Museu do Taquaril	Belo Horizonte – MG	Sudeste
08	Museu Cultura Periférica	Maceió – AL	Nordeste
09	Museu Mangue do Coque	Recife – PE	Nordeste
10	Ponto de Memória Museu Comunitário da Grande São Pedro	Vitória – ES	Sudeste
11	Ponto de Memória do Beiru	Salvador – BA	Nordeste
12	Museu Social da Brasilândia	São Paulo – SP	Sudeste

**Fonte:** elaboração da autora (2019).

A seleção desses doze Pontos de Memória deu-se de uma maneira presencial e consultiva por técnicos contratados pelo IBRAM para visitação nas doze capitais, como detalhado por Oliveira (2016, p. 8):

Para a realização das ações foram sensibilizadas comunidades da periferia de 12 capitais brasileiras. Assim, entre 2009 e 2011, consultores contratados pela OEI e técnicos do IBRAM realizaram visitas técnicas e oficinas de modo a fundamentar conceitualmente e dar apoio técnico às atividades desenvolvidas em cada uma das etapas definidas como necessárias à constituição de um Ponto de Memória.

O trabalho foi árduo para os consultores do IBRAM, principalmente por terem que selecionar apenas um local representativo daquela Capital. Para isso, foi necessário escutar a comunidade, conhecer o local, as histórias, o povo, e o tempo era curto para isso. Também era difícil explicar do que se tratava aquele Projeto. Oliveira (2016, p. 8) esclarece assim:

Desde o início, o respeito aos princípios da autonomia e do protagonismo foi fundamental: não coube ao IBRAM – por meio de consultores e técnicos – realizar as ações. Eles foram resultado do trabalho de cada um dos Pontos, de acordo com suas peculiaridades locais, estruturais e de momento. Mas o reconhecimento das diferenças não se confundia com o distanciar uns dos outros, sendo uma etapa constitutiva da metodologia a realização de Teias da Memória – as quais buscavam articular os Pontos em Rede.

Em 2010, a equipe do IBRAM ministrou a oficina “Museus, Memória e Cidadania” e orientou, por meio de uma metodologia apropriada, que cada localidade elaborasse o seu Plano de Ação, para que ao final fosse possível construir e aplicar o Inventário Participativo, para que fosse valorizada a identidade local. Um marco dessa metodologia foi a exposição que ocorreu durante o IV Fórum Nacional de Museus, em Brasília. Na ocasião, o eixo central foi a terra e cada Ponto levou 3kg da terra de sua localidade para o primeiro dia do Fórum. Essa terra representou o lugar onde as pessoas construíram sua moradia e sua história.

Os objetivos do Programa Pontos de Memória são a valorização e o estímulo para que os grupos comunitários desenvolvam trabalhos voltados para a memória social. Além disso, deve contribuir para que a sociedade conquiste espaços, troque experiências e desenvolva ações de incentivo à cultura e à cidadania de forma pró-ativa.

A escolha do bairro da Terra Firme, em Belém do Pará, como Ponto de Memória, passou por várias etapas. Em 2009, foi feito um levantamento dos bairros mais violentos da Região Norte, no Pará, por consultores do IBRAM. Os dois bairros com maiores índices de violência foram o bairro da Terra Firme e do Guamá. Porém, a parceria entre Terra Firme e Museu Goeldi, por meio do Projeto “O Museu Goeldi leva Educação em Ciência à comunidade”, possibilitou a inserção do bairro no Programa.

A partir daí aconteceu a primeira reunião da equipe do IBRAM, representado pelos Consultores Wélcio de Toledo, Marcele Pereira, Claudia Rose e os comunitários, no Parque Zoobotânico do Museu Paraense Emílio Goeldi.

Ocorreu uma mesa redonda na 1ª Teia da Memória, em dezembro de 2009, no Palácio da Aclamação, em Salvador (BA). Na ocasião, participaram duas técnicas do Museu Goeldi e quatro representantes do bairro da Terra Firme, participantes do Projeto “O Museu Goeldi leva Educação em Ciência à Comunidade”. Sobre esse primeiro evento do Ibram e a representatividade das iniciativas comunitárias brasileiras, Alcântara (2016, p. 46) relata o seguinte:

O evento que ocorreu na Cidade de Salvador, na Bahia, permitiu que as comunidades mapeadas apresentassem uma proposta de implantação do Programa Pontos de Memória em suas localidades. O Instituto garantiu a logística do deslocamento e hospedagem dos representantes, de Belém foram as Chicas, Neco e Jéssica – moradoras do bairro Terra Firme, e também Helena e Ana Cláudia – como funcionárias do Museu Goeldi e atuantes no bairro. Não houve representação do bairro do Guamá, pois não conseguiram demonstrar interesse quando os técnicos estiveram em Belém.

As quatro representantes do bairro da Terra Firme foram Jéssica Gusmão, Eliete Santana (Neco), Maria Francisca (Chicona) e Francisca Rosa (Chiquinha), todas partícipes do Projeto do Museu Goeldi desde o seu início, com exceção de Jéssica Santos, que iniciou em 2008. Representando a instituição Museu Goeldi, estavam as educadoras Helena Alves Quadros e Ana Claudia Silva.

A experiência de Maria Francisca (Chicona) na viagem de Belém a Salvador é recheada de emoções, primeiramente por ser a primeira vez que ela viajava de avião, e a satisfação de estar mais uma vez lutando por Terra Firme. Como Quadros (2018, p. 32) aponta, ela foi uma das líderes nas lutas comunitárias e também professora no Centro Comunitário Bom Jesus, na década de 1970. Maria Francisca (Chicona) não sabia se o bairro da Terra Firme seria premiado com o Ponto de Memória, mas sabia que era algo bom coletivamente para o bairro, para Belém e para a Região Norte. Em suas memórias vinham o passado de militância, tanto que é assim que Bosi (2003, p. 31) fala da memória:

A memória opera com grande liberdade escolhendo acontecimentos no espaço e no tempo, não arbitrariamente, mas porque se relacionam através de índices comuns. São configurações mais intensas quando sobre elas incide o brilho de um significado coletivo.

Maria Francisca, a Chicona do bairro da Terra Firme, nos remete a Brandão (2013, p. 115) quando trata da educação, do acreditar que o ato humano de educar existe tanto no trabalho pedagógico que ensina na escola quanto no ato político que luta na rua por outro tipo de escola, para outro tipo de mundo. Ela é exemplo deste ato político.

O Ponto de Memória do bairro da Terra Firme foi criado com a finalidade de reescrever sua história e sua memória por meio de um museu comunitário e itinerante, ou seja, gerido pela própria comunidade. A primeira reunião do Ponto de Memória aconteceu na Escola Estadual Brigadeiro Fontenelle, em janeiro de 2010. Houve convocação das lideranças comunitárias do bairro, envolvidas na valorização da memória e da cultura, como também de moradores parceiros e jovens, mas, apesar de todo o esforço para a convocação, poucas pessoas compareceram.

Apesar de o número ter sido abaixo das expectativas, Alcântara (2016, p. 48) reforça a importância dessa primeira reunião:

Considero aquele primeiro encontro importante para que iniciassem as primeiras ações de formação do Ponto de Memória da Terra Firme. O grupo formado, a partir de então, veio se reunindo a fim de traçar estratégias que pudessem atingir mais moradores do bairro. A primeira ação a ser adotada foi a realização de rodas de memória (Quadros et.al 2012) em que moradores eram convidados a participar a fim de falarem sobre determinado assunto que envolvia as suas experiências dentro do bairro. Realizamos as rodas nas escolas, casas dos moradores, nas instalações do Campus de Pesquisa do MPEG, com o propósito de coletar informações sobre o bairro e pensar na articulação de novas estratégias.

Nesse sentido, reuniões semanais foram realizadas em locais diferenciados no bairro, no Campus de Pesquisa do Museu Goeldi, em escolas, e em residências cedidas por moradores locais. O intuito era consolidar o Ponto de memória da Terra Firme, por meio de atividades com o fim de reconstruir a imagem negativa do bairro, com a participação da comunidade, pois, por conta dos altos índices de violência urbana na Terra Firme, havia preconceito com os moradores, em vista do bairro ser estereotipado como marginalizado.

Nas reuniões eram elaboradas estratégias para divulgar o Ponto e ao mesmo tempo inserir a comunidade, os centros e as associações comunitárias e as instituições – enfim, qualquer entidade que estivesse disposta a colaborar com as ações. Os principais atores sociais envolvidos com o Ponto de Memória da Terra Firme são o Museu Paraense Emilio Goeldi, os Centros Comunitários, a Universidade Federal do Pará (UFPA), as Escolas Municipais, Estaduais e Particulares, as Associações e os moradores do bairro.

A II Teia da Memória foi realizada entre 26 e 28 de março de 2010, na Cidade de Fortaleza, Ceará. Do Ponto, foram como representantes Francisca Rosa, Maria Francisca e Helena Quadros. Diferente do objetivo da I Teia, aquela objetivava debater o tema “Memória Social”, com trocas de experiências entre os Pontos e atualização de como estava o desenvolvimento das ações por regiões.

Quadros (2018, p. 97) explica do que se trata a museologia social:

A museologia social é uma das áreas do campo da Museologia que percebe a importância de que os museus ampliem suas percepções de sociedade, dando valor, também, a uma cultura imaterial, abrindo espaço para uma visão democrática dentro desses museus, a qual não oprime qualquer tipo de classe.

Assim, seguindo essa conceituação de museologia social, os Pontos de Memória iniciaram as suas construções e as histórias das comunidades periféricas

com o intuito de valorização do patrimônio local. Mapeando as pessoas que atuavam na frente desse trabalho, a pesquisadora Quadros (2018, p. 97) apresenta o museólogo e atual diretor do Museu da República, do Rio de Janeiro – RJ como um dos principais articuladores da Museologia Social no Brasil:

No Brasil, um dos principais militantes da Museologia Social é o museólogo Mário de Souza Chagas. Além disso, ele foi responsável pela criação do Programa Pontos de Memória, projeto que já vinha sendo elaborado antes mesmo da existência do Ibram.

A militância de Chagas em prol da Museologia Social é de grande destaque nos meios museológicos nacionais e internacionais. Assim, segue seu texto de apresentação na Plataforma Lattes do CNPq, conforme informado por ele (<http://lattes.cnpq.br/6889976283803861>):

Poeta. Graduação em Museologia pela Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO-1979). Licenciatura em Ciências pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ-1980). Mestrado em Memória Social pela UNIRIO (1997) e doutorado em Ciências Sociais pela UERJ (2003). Um dos responsáveis pela Política Nacional de Museus (lançada em 2003) e um dos criadores do Sistema Brasileiro de Museus (SBM), do Cadastro Nacional de Museus (CNM), do Programa Pontos de Memória, do Programa Nacional de Educação Museal (PNEM) e do Instituto Brasileiro de Museus (IBRAM). Fundador da Revista Brasileira de Museus e Museologia - MUSAS e criador do Programa Editorial do IBRAM. Atualmente é diretor do Museu da República do Instituto Brasileiro de Museus, presidente do Movimento Internacional para uma Nova Museologia (MINOM), professor colaborador do Programa em Pós-graduação em Museologia da Universidade Federal da Bahia (UFBA), professor visitante do Departamento de Museologia da Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias (ULHT). Tem experiência nacional e internacional no campo da museologia e da museografia, com ênfase na museologia social, nos museus sociais e comunitários, na educação museal e nas práticas sociais de memória, política cultural e patrimônio.

Sob orientação da equipe de Consultores do Ibram, em maio de 2010 foi escolhido o Conselho Gestor do Ponto de Memória do bairro da Terra Firme. O processo aconteceu entre os moradores, as lideranças comunitárias, o Museu Paraense Emílio Goeldi e a equipe do IBRAM.

A partir daí, o Conselho e o Museu Paraense Emílio Goeldi executaram várias ações, como: Seminário Ecomuseu e Museu Comunitário: uma nova perspectiva ao bairro da Terra Firme, cuja finalidade foi discutir experiências de Museus do Pará, em especial o Museu Paraense Emílio Goeldi, voltadas para o desenvolvimento local e buscando a melhoria da qualidade das comunidades envolvidas. Além disso, objetivava-se trocar experiências sobre o projeto Pontos de Memória desenvolvido pelo IBRAM, relatar os 25 anos de ações comunitárias do

Museu Goeldi e do bairro da Terra Firme e apresentar à sociedade as experiências e as perspectivas do Projeto “O Museu Goeldi leva Educação em Ciência à Comunidade”.

A Oficina “Museu, Memória e Cidadania”, ministrada pela chefe do Núcleo de Museologia Social do IBRAM, Cláudia Rose Ribeiro, e pelos consultores do Programa Pontos de Memória, Wécio de Toledo e Inês Gouveia, abordou a criação dos Museus de um modo geral, até a criação do Programa Pontos de Memória.

Em 2011, aconteceram duas grandes atividades: em abril, com participação de diretores e professores, ocorreu o I Encontro Museu Goeldi, Ponto de Memória e Escolas do bairro da Terra Firme, cujo objetivo foi apresentar à comunidade escolar do bairro o Programa Pontos de Memória, bem como estabelecer parcerias com as escolas do bairro para que elas contribuíssem com o processo de construção do museu comunitário no bairro da Terra Firme.

Em maio, aconteceu a I Gincana História e Memória do bairro da Terra Firme, em comemoração à Semana Nacional de Museus, cujo objetivo foi trabalhar a inserção da ideia de patrimônio, memória e história da comunidade, por meio de atividades pedagógicas com as escolas em busca de produtos de memória que pudessem compor o acervo do Ponto de Memória da Terra Firme. Além do mais, a gincana contou com a participação de mais de 60 jovens das Escolas Brigadeiro Fontenelle; Parque Amazônia; Celso Malcher; Virgílio Libonatti; Centro Comunitário Bom Jesus e Pólo São Pedro.

O processo histórico do Ponto de Memória do bairro da Terra Firme vem ao longo desses 10 anos contribuindo com a história e com a memória social e cultural, atingindo jovens, professores e moradores do bairro. Uma de suas ações de maior alcance foi a elaboração de um projeto expositivo itinerante denominado “Terra Firme: de tudo um pouco”, que se iniciou em janeiro de 2012.

Em 2018, o Conselho Gestor do Ponto de Memória do bairro da Terra Firme é formado por Francisca Rosa (Chiquinha) - atual Presidente, Eliete Santana (Necy), Maria Francisca (Chicona), Madalena Pantoja, João Batista, José Maria, Jéssica Gusmão, Sâmia Queiroz, Helena Alves Quadros e a Coordenação Pedagógica de Camila Quadros. Como várias ações museais ocorreram nesse período, o quadro síntese abaixo apresenta as principais atividades no período de 2009 até 2018:

**Quadro 20: Principais atividades no período de 2009 até 2018**

Ações organizadas pelo PMTF	Eventos em que os Conselheiros participaram.
I Gincana História e Memória do bairro da Terra Firme Período: 16 a 20 de maio de 2011 Local: E.E.Brigadeiro Fontenelle	Fórum Nacional de Museus
Encontro de Gestores e Professores do bairro da Terra Firme, com o Ponto de Memória e o Museu Goeldi. Período: março de 2011 Local: Escola Estadual Brigadeiro Fontenelle.	Simpósio Especial Museu e Antropologia Período: 2010 Local: Museu de Arte Sacra do Pará.
Oficina de Inventário Participativo Período: dezembro de 2011 a abril de 2012 Local: bairro da Terra Firme	Feira Pan-Amazônica do Livro Período: 2010 e 2011 Local: stand da Secretaria de Educação do Estado do Pará (SEDUC),
Encontro de Consultores locais dos Pontos de Memória 2011	Teias da Memória Período: 2009, Local: Salvador (BA)
Rede de Pontos de Memória e Iniciativas Comunitárias 2012	Primavera de Museus da UFPA Período: 2011, 2012 Local: UFPA
Oficina Micro Olhar do bairro da Terra Firme 2016, na Unidade Integrada Pro Paz (UIPP), da Terra Firme.	Encontro Nacional de Estudantes de Museologia. Período: 2011 Local: UFPA
Do lixo ao verde: a construção do Jardim Comunitário 2016.	Rede de Educadores de Museus do Pará
Oficina Teatro do Oprimido ano de 2017, na Escola Parque Amazônia	Seminário Brasileiro de Museus – SEBRAMUS Período: 2017 Local: UFPa
Oficina Viver para lembrar, morrer para esquecer.	Reunião presencial do Comitê Consultivo do Programa Pontos de Memória Período: 6 a 9 de setembro de 2018. local: Museu de Artes do Espírito Santo – MAES
Produtos de Difusão 1- Escrevendo nossa história outra vez: Jornal O Tucunduba. 2- Juventude e Imagens do bairro da Terra Firme: reafirmando identidades e garantindo cidadania 3- As diversas linguagens da cultura no bairro da Terra Firme 4- Cartilha “Um Ponto de Memória da Terra Firme”.	
- Roteiro de Visitação do bairro da Terra Firme	

**Fonte:** elaboração da autora (2019).

O Ponto de Memória do bairro da Terra Firme não possui **Cadastro Nacional da Pessoa Jurídica** - CNPJ, portanto não pode concorrer nos editais, e todas as ações se dão por conta dos Conselheiros e de todas as pessoas envolvidas no Conselho ou em atividades de voluntariado.

### 5.3 O Programa Institucional O Museu Goeldi de Portas Abertas: o objeto de estudo

Para a contextualização da narrativa do objeto deste estudo, faz-se necessário apresentar um mosaico de ideias sobre a cultura científica. Dessa maneira, recorre-se a Aragón para falar da institucionalização da ciência na Amazônia Brasileira. Aragón (2001, p. 291) trata o processo de institucionalização na seguinte ótica:

O processo de institucionalização da ciência na Amazônia Brasileira inicia-se na década de 1850, quando a exploração da borracha começa a tomar conta da economia da região. Antes dessa época, a pesquisa científica na região era feita principalmente por naturalistas estrangeiros.

Com a institucionalização da Ciência, houve um salto para as pesquisas científicas. Da mesma forma, a inserção de processos educativos em um instituto de pesquisa científica e/ou centro de ciência é uma preocupação atual, tanto na esfera nacional quanto na internacional. Entretanto, Crespan e Trallero (1979, p. 83) já afirmavam que “[...] a maioria das experiências e investigações realizadas durante os últimos 30 anos sobre o papel e função do museu, centraram-se quase exclusivamente em sua dimensão pedagógica”.

Cada centro de ciência tem sua missão estabelecida, em geral com atividades educativas bem organizadas e abertas. Marandino, Valente, Cazelli, Alves, Gouvêa e Falcão (2003, p. 163), em estudo do processo de transposição museográfica na exposição do Museu de Astronomia e Ciências Afins - MAST, e apoiados em enfoque qualitativo explicam que:

O saber científico não é ensinado nem divulgado da mesma forma que é produzido no âmbito das universidades e centros de pesquisa. Ao ser socializado em diferentes espaços sociais, o conhecimento científico sofre uma série de modificações.

As autoras afirmam que o saber científico é transformador, pois quando é socializado a públicos diversos, torna-se um novo signo, com mudanças e distante daquele originalmente criado nas universidades e centros de pesquisa. Elas dialogam com Cicillini (1997) e Forquin (1993) sobre o tema da produção de conhecimento científico. Na discussão, o primeiro autor aponta para a existência de diferentes padrões da produção científica, exemplificando com textos elaborados por pesquisadores, por revistas de divulgação, pela mídia e pelos livros didáticos. Já o

segundo autor segue pela linha da cultura escolar, que não se limita a fazer seleção entre os saberes e os materiais culturais, acreditando que no campo do ensino convivem processos de seleção – inclusão e exclusão – e que a inserção de dispositivos intermediários faz com que parte da cultura seja transmitida.

O setor educativo dos museus de ciências está tendo essa preocupação com a popularização da ciência, como Monaco e Marandino (2010, p. 14) comentam:

Estudar os processos educativos que ocorrem em museus de ciências é uma preocupação atual tanto na esfera nacional como internacional frente à consolidação das iniciativas de popularização da ciência e à necessidade de reconhecer os espaços de museus como fundamentais para educação ao longo da vida, tais estudos oferecem a possibilidade de análise mais apurada das experiências educativas que vêm sendo realizadas.

Percebe-se, portanto, que os museus de ciências já têm em suas missões o caráter educativo, compactuado por profissionais que acreditam na popularização da ciência e na valorização da educação nos espaços dos museus.

O Instituto Brasileiro de Museus – IBRAM (2016, p. 64) apresenta a importância da educação em todos os espaços do museu, o que condiz com a estruturação do “Portas Abertas”:

A educação é um processo que ocorre em todos os espaços do museu. Basta atravessarmos a porta de entrada e já estamos diante de grandes possibilidades de troca, descoberta e aprendizagem. Tendo como referência o bem cultural e tudo o que envolve a sua construção e reconstrução, o processo educacional nos museus deve ocorrer de forma ampla e diversificada, abrangendo toda a pluralidade de públicos com os quais a instituição se relaciona.

Nesse sentido, Brandão (2013, p. 7) afirma que “a educação está em todos os lugares”, mas deve-se levar em conta o público que o visita. Assim, a educação museal dá-se a partir do ato de se visitar um museu, pois conseqüentemente ali haverá troca, descobertas e aprendizagem.

Com esse potencial, percebe-se os números crescentes de museus e dos centros de ciência, explicados por Massarani (2007, p. 5):

Os museus e centros de ciência têm se multiplicado em grande velocidade no Brasil, especialmente a partir dos anos 1990. Levantamento feito pela Associação Brasileira de Centros e Museus de Ciência (ABCMC), pelo Museu da Vida e pela Casa da Ciência; Universidade Federal do Rio de Janeiro, em 2005, identificou cerca de 110 dessas organizações – de variados portes e finalidades – distribuídas em todo o país.

Estes dados são vistos no Guia de Centros e Museus de Ciência do Brasil, de 2015. Entre 2009 e 2015 houve um aumento de 41% no número de instituições incluídas, passando de 190 para 268. O crescimento é expressivo, mas a distribuição regional permanece desigual: a região Sudeste concentra 155 desses espaços. Na Região Norte são registradas apenas duas instituições, o Museu Paraense Emílio Goeldi e Parque de Ciências.

Dando continuidade ao tema da divulgação científica, Cazelli (2000, p. 4) trata da divulgação científica da seguinte maneira:

A disseminação científica se processa entre os cientistas e seus pares. É veiculada, por exemplo, pelas revistas das sociedades científicas. A divulgação científica está voltada para o público maior. Pressupõe um processo de recodificação e, mais ainda, não se restringe ao campo da imprensa. Inclui os jornais e revistas, mas também livros didáticos, aulas de ciências do ensino médio e superior; cursos de extensão para não especialistas; suplementos infantis; folhetos voltados para a saúde, higiene; documentários; programas de rádio e televisão.

Um aspecto importante nos museus e nos centros de ciência são as formas encontradas pelos cientistas para se comunicarem com o público. Em geral, ela se dá entre os seus pares, por meio dos canais internos, como revistas especializadas e boletins. Raros são os que incluem o público maior, como exemplificado acima, em jornais, revistas, e outros elementos. O prefácio que Barros (2003, p. 7) fez do livro “Educação e Museu: a construção social do caráter educativo dos Museus de Ciência” retrata a divulgação científica, como acontece no objeto desta tese:

A divulgação da ciência, em suas variadas formas, esteve presente desde o surgimento da ciência moderna. Os avanços da nova filosofia da natureza deveriam, segundo os seus principais protagonistas, sair do terreno limitado de alguns filósofos da natureza ou pesquisadores, e atingir a população mais ampla, pois não se tratava de um conhecimento que se pretendia restrito, mas de uma nova visão do mundo natural.

Mais uma vez surge a preocupação, nos museus e nos centros de ciência, em atender à comunidade de uma forma geral, apresentando as pesquisas científicas para o conhecimento de todos, como dito anteriormente.

Sobre as formas de divulgação científica, Barros (2003, p. 7) diz que:

Os exemplos históricos são muitos: desde os trabalhos de Galileu, escritos em italiano para que um número maior de pessoas pudesse ter acesso, às reflexões desenvolvidas no Século das Luzes, ou o grande livro de Darwin tratando da evolução por seleção natural, ou ainda, mais recentemente, os trabalhos de Carl Sagan, Stephan Jay Gould, Stephen Hawkins ou Richard Dawkins, são alguns exemplos que mostram a preocupação de cientistas em ter suas ideias socializadas.

Esta apresentação histórica dá um novo referencial para a relação dos pesquisadores e da divulgação científica, ou seja, os grandes estudiosos já pensavam em socializar os conhecimentos, não se restringindo aos laboratórios, mas expandindo-os para um número maior de pessoas.

Para apresentar mais detalhadamente o objeto de estudo desta tese, e levando em consideração a popularização da ciência e a divulgação científica, primeiramente foi apresentado o objetivo do Programa “Portas Abertas”, que é o de ampliar o conhecimento da região amazônica e principalmente incentivar e divulgar a pesquisa científica, ou seja, a popularização da ciência. O nome “Portas Abertas” foi criado no começo das atividades do Projeto “O Museu Goeldi leva Educação em Ciência à Comunidade”, de 1985.

O Programa faz parte das ações museais do Serviço de Educação do Museu Paraense Emílio Goeldi – SEEDU, promovendo o acesso da comunidade escolar e dos moradores do bairro da Terra Firme às produções científicas e ao acervo museológico do Museu. Os pesquisadores e técnicos apresentam o acervo de suas pesquisas realizadas ao público visitante do Parque Zoobotânico e do Campus de Pesquisa. É nesse processo que acontece o “Portas Abertas”, concentrando suas atividades na popularização do estudo científico e tendo como público escolas (públicas e privadas), acadêmicos e comunidade.

Diferentemente das ações museais organizadas em outros museus, que com pequenas exceções dedicam-se à mediação entre o público e as exposições, o “Portas Abertas” atua com as informações científicas da instituição Museu Goeldi, dinamizadas a partir de uma ação integrada que envolve vários profissionais do Museu que, por intermédio de palestras, exposições temáticas e kits, entre outros recursos, procuram popularizar a ciência como bem cultural da humanidade.

Sobre essa articulação de organicidade para atender ao público dos mais variados institutos, como museus, jardins botânicos, dentre outros, Falcão, Alves, Krapas e Colinvaux (2003, p. 185) assim apresentam:

Neste contexto, os museus e centros de ciência, jardins botânicos e zoológicos, têm desempenhado um papel fundamental, uma vez que, assim como outras instituições similares, estes espaços oferecem, ao público em geral, educação científica e tecnológica ao longo da vida.

O “Portas Abertas” acontece apenas uma vez ao ano, geralmente no mês de outubro, durante a Semana Nacional de Ciência e Tecnologia - SNCT. A Semana é coordenada pelo Ministério da Ciência, Tecnologia, Inovações e Comunicações -

MCTIC, por meio da Coordenação Geral de Popularização e Divulgação da Ciência (CGPC/SEPED). Foi criada por Decreto Presidencial em 9 de junho de 2004, e ocorre desde então em centenas de municípios brasileiros, contando com a participação ativa de governos estaduais e municipais, de instituições de ensino e de pesquisa e de entidades ligadas à Ciência e à Tecnologia.

O objetivo da Semana Nacional de Ciência e Tecnologia é:

A SNCT tem o objetivo de aproximar a Ciência e Tecnologia da população, promovendo eventos que congregam centenas de instituições a fim de realizarem atividades de divulgação científica em todo o País. A ideia é criar uma linguagem acessível à população, por meios inovadores que estimulem a curiosidade e motivem a população a discutir as implicações sociais da Ciência, além de aprofundarem seus conhecimentos sobre o tema. (Disponível em <http://snct.mctic.gov.br/semanact/opencms/Textos/O-que-e>. Acesso em 02 abr 2019)

A Coordenação de Museologia do Goeldi cadastra o “Portas Abertas” na Programação do SNCT-MCTIC anualmente. O planejamento do “Museu Goeldi de Portas Abertas” ocorre desde a divulgação nas escolas, universidades, até a mobilização com os pesquisadores, tecnologistas e técnicos da instituição.

Inicialmente, é realizado no primeiro semestre um Seminário de sensibilização com técnicos, tecnologistas, gestores, bolsistas, estagiários, voluntários, e pesquisadores com o fim de nivelar os resultados ocorridos no ano anterior, dando oportunidade para que as pessoas que participaram na versão passada possam expor as suas experiências e planejar o próximo encontro a ser realizado. No Relatório do Seminário Museu Goeldi de Portas Abertas (2014, p. 1) é relatada a metodologia usada para detectar o grau de satisfação da equipe do Museu Goeldi:

O Seminário foi dividido pela manhã com apresentação oral em uma retrospectiva do que é o Portas Abertas e de tarde foi usada a metodologia de roda de conversa lúdica com os participantes na qual as perguntas direcionadas aos mesmos foram: 1. O que é o Museu Goeldi de Portas Abertas? 2. O que eu faço no Portas Abertas? 3. Quais as minhas sugestões para o Portas Abertas?

As respostas foram de pessoas atuantes no Museu Paraense Emílio Goeldi, dentre elas pesquisadores, técnicos, estagiários e bolsistas. Esse Seminário teve o objetivo de reunir os participantes e avaliar o “Portas Abertas” de 2013, além de **construir a proposição para 2014, tendo como base o tema da Semana Nacional de Ciência e Tecnologia.**

Após o Seminário, geralmente as atividades elaboradas pelas Coordenações de Pesquisa são cumpridas e é organizado na Coordenação do “Portas Abertas” um quadro contendo as respectivas atividades. Com o quadro em mãos, é possível divulgar nas escolas ao redor do Campus de Pesquisa, no bairro da Terra Firme, como também, no entorno do Parque Zoobotânico, bairro de São Braz, Belém do Pará.

A etapa de visitação a cada instituição de ensino é um momento de aproximação da equipe do Goeldi com a equipe técnica das escolas. Durante essa visita já fica agendada reunião com todos os representantes institucionais, o que acontece no Parque Zoobotânico. Em seguida, são organizadas as articulações junto aos pesquisadores dos espaços a serem visitados, ocorrendo em períodos diferentes – o primeiro é realizado no Parque Zoobotânico, e o segundo, no Campus de Pesquisa.

As instituições de ensino são comunicadas por e-mail, primeiramente para uma reunião com os professores. Na ocasião é explicado o que é o “Museu Goeldi de Portas Abertas”, e o que será exibido no decorrer das visitas. É dado um tempo para que as instituições possam articular o dia desejado para a visitação. Essas visitas são agendadas no Núcleo de Visitas Orientadas ao Parque Zoobotânico – NUVOP, que é o setor do Serviço de Educação – SEEDU responsável pelo agendamento e pela monitoria das instituições de ensino que visitam o Museu.

Sobre os objetivos do NUVOP, Quadros (2008, p. 81) diz que:

O Nuvop tem como princípio básico a educação ambiental, suscitando a sensibilidade ecológica e a percepção abrangente quanto aos problemas ambientais urbanos e da região amazônica e atendendo a instituições de ensino, igrejas, centros comunitários e outros órgãos que visitam o Parque Zoobotânico (PZB) com finalidade educativa. Organiza eventos educativos a fim de propiciar aos professores, bolsistas, estagiários, líderes comunitários e outros profissionais com conhecimentos gerais de ciências e educação ambiental uma visita de qualidade ao Parque.

Esse setor se organiza para os dias da programação, voltando-se exclusivamente para o atendimento ao público do “Portas Abertas”. Devido ao limite de espaço nas reservas técnicas, nos laboratórios e nas coleções científicas, há limitação no número de alunos para cada setor. São priorizadas as escolas do bairro da Terra Firme, mas há procura de escolas do interior do Estado, que são atendidas da mesma forma.

Paralelamente à organização interna da programação no SEEDU, acontece a seleção dos voluntários, que são estudantes de graduação e de pós-graduação de instituições públicas e privadas que procuram o Museu espontaneamente para participarem e receberem treinamento especializado com os pesquisadores e os técnicos do Goeldi.

Os estagiários do NUVOP, do Serviço de Educação e os voluntários conhecem todos os setores de pesquisa no Campus de Pesquisa, adentrando as Coleções Científicas, os laboratórios e a Biblioteca Domingos Soares Ferreira Pena. Essas visitas são acordadas com os curadores com antecedência, com dias e horários agendados.

Considerando os espaços físicos do Museu Goeldi, a distribuição dos materiais é feita em formatos diferentes. No Parque Zoobotânico, as coordenações apresentam-se em tendas que ficam distribuídas desde a entrada principal, seguem pelo castelinho, em frente à Diretoria e em algumas trilhas. Nos dias designados para a visita do “Portas Abertas”, primeiramente no Parque Zoobotânico, os estudantes, professores e acompanhantes são recepcionados na Portaria designada para o atendimento, na Avenida Magalhães Barata, e os mediadores e voluntários os recepcionam, conduzindo-os aos locais previamente organizados, tendo o cuidado do tempo de apresentação para cada coordenação.

Nesse cenário de grande fluxo de público, os materiais trazidos do Campus pelos pesquisadores são organizados no percurso das trilhas. São expostos acervos científicos que são explicados por pesquisadores, bolsistas de pesquisas e técnicos das áreas de Ciências Humanas, Botânica, Zoologia, Ciências da Terra e Ecologia, além dos projetos do Serviço de Educação.

Cada setor fica alocado em locais conforme a similaridade com as outras Coordenações. Os alunos do Clube do Pesquisador Mirim e seus orientadores ficam na Alameda central, em frente à Rocinha. A representatividade da Biblioteca de Ciências Clara Maria Galvão, na parte de cima do Castelinho; na parte de baixo, a Coordenação de Botânica, por meio de seus laboratórios de Micologia e de Anatomia Vegetal; em frente à Diretoria do MPEG, a Coordenação de Zoologia: Laboratórios de Entomologia e Aracnologia; Herpetologia e estudo das formigas e jovens biólogos do Coletivo Jovem de Meio Ambiente do Pará, parceiros do Programa “Portas Abertas”.

No Campus de Pesquisa, as visitas são realizadas nas reservas técnicas acompanhadas pelos curadores, no caso da Coleção Etnográfica, Paleontologia e Ciências da Terra, Ciências Humanas, Botânica, na Biblioteca e Arquivo do Museu e na área de Zoologia em pequenas exposições localizadas na área do bosquinho, que é uma área próxima à Coordenação de Botânica, utilizada geralmente na ocasião do “Portas Abertas”.

Segundo Velthem e Guapindaia (2006, p. 27):

Uma coleção etnográfica é constituída por uma categoria de objetos referida em princípios do século XIX como sendo a dos – espécimes etnográficos, entre os quais também estavam inseridas as peças arqueológicas. No presente, os objetos etnográficos e os objetos arqueológicos constituem artefatos que são criados em contextos particulares, referentes a uma sociedade humana específica.

A coleção etnográfica é um dos exemplos das coleções sob a guarda do Museu Paraense Emílio Goeldi, e as autoras (2006, p. 28) explicam também que:

Relatar os primórdios da formação das Coleções Arqueológica e Etnográfica da Coordenação de Ciências Humanas permite revelar a importância desses acervos que, por suas características, inserem-se em um arcabouço patrimonial abrangente: o das culturas que os conceberam e produziram e o da cultura que o recebe e insere no contexto museal, o Museu Paraense Emílio Goeldi.

Assim, as Coleções que estão inseridas nas Coordenações de Pesquisa patrimonializadas no Campus de Pesquisa do Museu Goeldi dão oportunidade para que os grupos percorram as instalações de cada Coordenação, visitando laboratórios, reservas técnicas e salas de pesquisas, além de outras atividades, que incluem jogos educativos, exposição de artesanatos, vídeos e fotografias, bem como observação de espécies de seres vivos com a ajuda de lupa e de microscópio.

As atividades do “Portas Abertas” são planejadas e desenvolvidas pelos pesquisadores, técnicos e bolsistas de cada coordenação. Há o envolvimento de toda a equipe. Em cima desse movimento de articulação para que o “Portas Abertas” possa alcançar o seu objetivo, Falcão, Alves, Krapas e Colinvaux (2003, p. 186) colocam que: “a possibilidade de aprendizagem de conceitos científicos durante uma visita a um museu ou instituição similar envolve, ainda questões intrínsecas à natureza desses espaços”. Portanto, toda a equipe do Museu, desde a gestão até os terceirizados, se envolve para articular as ações do “Portas Abertas”. Apesar de Clarke estar se referindo à linguagem dos profissionais que atuam em museus, seu

texto trata da comunicação com o público em uma visita. Assim, Clarke (2002, p. 123) escreve:

Assim, nos dias de hoje, a capacidade profissional chave em uma galeria de um museu é a habilidade de se comunicar. E boa comunicação implica uma afinidade com o receptor da mensagem. Não é suficiente dominar o assunto tratado na exposição, deve-se também compreender os visitantes e saber envolvê-los.

Diferentemente do mediador é a posição de um pesquisador do Museu Goeldi, no quesito de apresentação, uma vez que o mediador é o interlocutor, ou seja, é ele quem vai receber do cientista as informações de suas pesquisas e (re) transmiti-las ao público escolar. Quando o cientista fica frente a frente com os estudantes, há a exigência de que ele se comunique eficientemente com o público. Brandão (2013, p. 7) diz que “a educação está em todos os lugares, em casa, na rua, na igreja ou na escola, de um modo ou de muitos, todos nós envolvemos pedaços da vida com ela: para aprender, para ensinar, para aprender-e-ensinar”. Portanto, no museu o cientista também está popularizando a ciência. Ele é parte da formação de sujeitos.

Os públicos para cada local são diferenciados, pois apresentam formatos distintos. O Campus de Pesquisa tem ênfase no público comunitário da Terra Firme; no Parque Zoobotânico, a demanda é voltada a turistas e à população local, desde a primeira infância até idosos, por ser um espaço de visitação pública, ou seja, além das instituições agendadas, a visitação ao “Portas Abertas” tem o público espontâneo.

### **5.3.1 Coordenação de Ciências Humanas - COCHS**

Na Coordenação de Ciências Humanas, na área de Antropologia, é divulgado o trabalho de campo dos pesquisadores nas comunidades agropesqueiras do litoral do Pará por meio de fotografias. Também é divulgada a língua geral falada no Brasil; são divulgados estudos antropológicos sobre a saúde de populações indígenas; são demonstrados os usos do fruto açaí e dos demais elementos da palmeira do açaizeiro no cotidiano de comunidades ribeirinhas da região amazônica; ocorrem diálogos entre o setor de Etnografia do Museu Goeldi e estudantes do ensino básico do Município de Belém para discutir ideias sobre o patrimônio, memória, sociedade, museus e história.

Na última versão do “Portas Abertas”, em outubro de 2018, as Ciências Humanas, na área de Antropologia, apresentaram a Palestra: “Comunidades Tradicionais: História, Práticas e Contribuições ao Meio Ambiente e à Cultura”, ministrada pela Dra. Lourdes Furtado, com o objetivo de (a) sensibilizar os visitantes para um *olhar* sobre a sociodiversidade amazônica em seus particularismos sociais e ambientais, expressos nas comunidades locais ribeirinhas e costeiras, trabalhadas pela pesquisa antropológica, particularmente nas de pescadores tradicionais; (b) despertar interesse sobre os conhecimentos tradicionais ou locais produzidos por aquelas comunidades em relação com a biodiversidade; e, (c) mostrar a ciência que é produzida pelo Museu Goeldi.

A apresentação do Laboratório de Antropologia dos Meios Aquáticos – LAMAq aconteceu no próprio Laboratório e mostrou: **(a) quais as coleções científicas que existem nesse espaço; (b) o que é o Laboratório, a que e a quem se destina (estudantes, pesquisadores, comunidades em geral)?**

Com o tema “Da Aldeia ao Museu”, houve apresentação do caminho percorrido pelo objeto indígena que vai do local de origem ao contexto do museu.

A área de Linguística apresentou a atividade “Línguas faladas na Amazônia”, ou seja, tiveram uma conversa introdutória com o público, seguida por uma amostragem de histórias indígenas contadas em vídeos com legendas e pela prática de estudar uma língua indígena no campo.

Na Arqueologia, divulgam-se as pesquisas arqueológicas do MPEG, demonstrando as várias maneiras com que cultura e identidade são materializadas no meio físico, seja na forma de objetos portáteis ou de estruturas (semi) permanentes.

Em outubro de 2018, apresentaram-se as culturas arqueológicas da Amazônia por meio de réplicas, no salão da Arqueologia.

**Figura 18: Apresentação das culturas arqueológicas da Amazônia por meio de réplicas**



**Foto:** Hugo Chaves (2018).

A figura 18 mostra estatuetas em cerâmica antropomórfica da Cultura Marajoara, incorporadas ao acervo arqueológico do Museu Goeldi no início do Século XX. Junto à peça cerâmica original, encontram-se duas réplicas artesanais.

A figura é descrita da seguinte forma por Barreto (2017, p. 15):

Um dos tipos de testemunhos materiais mais comuns do passado pré-colonial da Amazônia, presente em grande número de exemplares no acervo do MPEG, são objetos cerâmicos que retratam escultoricamente corpos de seres humanos, e por vezes, meio-humanos meio animais, ou híbridos. Urnas funerárias, vasos antropomorfos, estatuetas, apêndices decorativos em forma de pequenos seres, desde sempre atraíram a atenção tanto de moradores locais, colecionadores, viajantes, exploradores e arqueólogos, coletando-os de forma seletiva em relação aos demais vestígios arqueológicos. Muitas vezes temos poucas informações sobre os contextos arqueológicos destes materiais, visto serem resultado de doações e não de projetos de pesquisa, e acabam desprezados por pesquisadores. No entanto, estes materiais, nas suas diferentes maneiras de representar indivíduos, linguagens, tecnologia e narrativas, refletem a enorme diversidade sociocultural do passado amazônico e podem ser estudados como verdadeiros índices da diversidade identitária.

Essas peças arqueológicas estão na Coleção da Coordenação de Ciências Humanas, área de Arqueologia, e ficaram expostas durante o “Portas Abertas” de 2018, dando oportunidade ao público para conhecê-las de perto.

### **5.3.2 Coordenação de Ciências da Terra e Ecologia - COCTE**

Na Coordenação de Ciências da Terra e Ecologia são divulgadas as atividades realizadas pelos alunos ligados ao Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica – PIBIC. Eles apresentam o patrimônio paleontológico da Amazônia e expõem os resultados de pesquisas do COCTE por meio de Painéis. Esta coordenação se organizou em 2018 em todo o prédio da COCTE por áreas e montou exposições para apresentar o estudo sobre Solo. Cumpriu a seguinte metodologia: Solos de Terra Preta Arqueológica, do pretérito ao futuro, incentivando pesquisas em inovação tecnológica. Foram colocados em exposição solos de TPA de sítios arqueológicos distintos, compostos integrantes do experimento TPN e parcelas retiradas da área de estudo em que a mistura foi depositada ao longo dos 14 anos de pesquisa. Também foi utilizada a demonstração de banners explicativos.

A proposta visa demonstrar a importância do conhecimento das características dos solos de Terra Preta Arqueológica (TPA) para o desenvolvimento de pesquisas voltadas à inovação tecnológica, utilizando o experimento Terra Preta Nova (TPN) para compor essas duas matrizes, que representam a evolução do entendimento do passado para a melhoria das condições ambientais do futuro.

A Paleontologia se preparou para o “Portas Abertas” 2018 com muito cuidado e precisão. Primeiramente, os visitantes assistiram a um vídeo de curta duração sobre como se dá o processo de fossilização de animais e plantas, a importância dos fósseis e quais suas principais aplicações. Depois, foram expostos no corredor do prédio da coordenação pôsteres e alguns fósseis do Acervo de principalmente da Amazônia.

Os alunos visitaram também o Laboratório de Microscopia Óptica para conhecer os microfósseis. O objetivo principal da Paleontologia foi apresentar o processo de fossilização de animais e plantas e a importância dos fósseis do acervo da Paleontologia, principalmente da Amazônia. A figura abaixo representa o momento em que a pesquisadora organiza os microscópios no Parque Zoobotânico, para que o público observe com maior precisão os materiais a serem apresentados.

**Figura 19: Pesquisadora do COCTE preparando o microscópio estereoscópico (lupa)**



Fonte – Eryck Jhonathan (2014).

A imagem retrata a observação através de microscópio estereoscópico (lupa) de microfósseis que viveram há mais de 15 milhões de anos e que ajudam a interpretar os ambientes pretéritos da Amazônia.

Ainda no COCTE, no Laboratório de Morfologia e Ecologia Funcional de Formigas, houve exposição da coleção didática e observação de formigas através da lupa. O objetivo foi apresentar a importância ecológica das formigas na Amazônia; mostrar a diversidade morfológica do grupo e o uso em estudos ambientais.

### **5.3.3 Coordenação de Zoologia - COZOO**

Na Coordenação de Zoologia é apresentada a Coleção Didática de invertebrados e demonstrado o processo de coleta e de conservação de insetos, quais são as principais espécies de invertebrados (principalmente insetos e aracnídeos) da Amazônia, quais são as espécies perigosas e quais transmitem doenças. Mostram-se também as principais diferenças entre as ordens de insetos e de aracnídeos. Além disso, demonstram-se como os espécimes são coletados, preparados e conservados na Coleção.

**Figura 20: Estudantes observando as caixas com amostras de borboletas**



**Fonte** – Eryck Jhonathan (2014).

Na COZOO informam aos visitantes dados sobre a importância e a utilidade das formigas; da pesquisa em Mastozoologia: do campo à Coleção científica. No GEMAM (Grupo de Estudos de Mamíferos Aquáticos da Amazônia) mostram a preparação do material de mamíferos aquáticos, catalogação e depósito na Coleção de Mamíferos, buscando explorar desde a taxonomia de alguns vegetais conhecidos na Amazônia até os sentidos humanos e a Etnobotânica, que traz ao público uma aproximação dos saberes científicos, possibilitando interligar ciência e cotidiano.

Na apresentação do Laboratório de Entomologia e Aracnologia foi organizada uma exposição sobre os Insetos e Aracnídeos – Diversidade e

Importância no Meio Ambiente, com o objetivo de apresentar a diversidade das espécimes amazônicas, os principais métodos de coleta e de conservação dos espécimes nas coleções de Entomologia e Aracnologia do Museu Goeldi.

Também foi feita apresentação sobre os Insetos bioindicadores da qualidade da água na Amazônia, um mundo desconhecido no fundo dos igarapés, cujo objetivo foi apresentar o estado atual de conhecimento sobre os insetos aquáticos, enfatizando os grupos bioindicadores da qualidade da água Ephemeroptera, Plecoptera e Trichoptera (EPT).

Ainda na Coordenação de Zoologia, área da Herpetologia, foi organizada uma exposição de espécimes da coleção didática, cujo objetivo foi a descrição dos métodos de coleta, mostrando as principais diferenças entre os grupos, além de como reconhecer as espécies peçonhentas. Na Visita ao Laboratório de Herpetologia foram descritos pelos curadores os métodos de coleta, mostrando as principais diferenças entre os grupos, além de ensinar como reconhecer as espécies peçonhentas.

**Figura 21: Visita ao Laboratório de Herpetologia**



Foto: Hugo Chaves (2018).

Figura 226: Visita ao Laboratório de Herpetologia



Foto: Hugo Chaves (2018).

A Figura 21 mostra exemplares dos espécimes de serpentes da Coleção herpetológica do Museu Goeldi. Os animais são fixados em formol e preservados em álcool 70%. Todos os vidros recebem um rótulo de identificação dos espécimes e são organizados nas prateleiras em ordem de família, gênero e espécie. O pote nas mãos do pesquisador é de uma cobra cega ou cobra de duas cabeças - *Amphisbaena Alba*.

Na Figura 22, o pesquisador está desenrolando uma pele de sucuri - *Eunectes murinus*. Foi conservada apenas a pele em via seca, porque foi usado um preparo a seco para curti-la. É o maior indivíduo de toda a Coleção, um espécime de aproximadamente 6 metros.

Na Coordenação de Zoologia também houve explicação sobre o estudo das formigas, cujo objetivo foi mostrar a estrutura morfológica, o ciclo, a nidificação e o papel das formigas na cadeia alimentar. Também foram mostrados os passos de um estudo taxonômico.

Na área de Mamíferos da Amazônia, os curadores fizeram a abertura da Coleção de Mamíferos do Museu Paraense Emílio Goeldi, apresentando uma mostra da diversidade de mamíferos amazônicos.

**Figura 23: Visita a Coordenação de Zoologia**



**Foto:** Hugo Chaves (2018).

A Figura 23 retrata os crânios de cetáceos *odontocetos*, da Coleção de Mamíferos do Museu Paraense Emílio Goeldi. Da esquerda para a direita: *Inia araguaiaensis* - boto-do-Araguaia; *Pontoporia blainvillei* – Toninha; *Sotalia guianensis* - boto cinza; *Delphinus delphis* - golfinho-comum. As espécies são da Costa Amazônica; apenas a *Pontoporia blainvillei* – Toninha é um golfinho costeiro que pode ser encontrado entre o Espírito Santo e a Argentina.

#### **5.3.4 Coordenação de Botânica - COBOT**

A Coordenação de Botânica se organiza apresentando aos visitantes alguns exemplos de plantas aromáticas, realizando uma dinâmica, chamada “adivinha que planta é essa?”, na qual os participantes são convidados a reconhecer as plantas

por meio do olfato. É mostrado aos visitantes como ocorre a destilação dos óleos essenciais, descrevendo e apresentando as vidrarias e as metodologias utilizadas.

O Laboratório de Biotecnologia de Propágulos e Mudas (LBPM) e o Herbário João Murça Pires estiveram abertos durante os dois dias de visitas.

No Laboratório de Biotecnologia de Propágulos e Mudas houve várias exposições e amostras, como:

1. Polinização e Dispersão: o ciclo reprodutivo de uma espécie, com o objetivo de ilustrar as diversas etapas do ciclo reprodutivo de espécies vegetais.
2. Anatomia para regeneração florestal, com o objetivo de demonstrar os princípios básicos da anatomia vegetal e sua importância para a restauração florestal.
3. Exsicata, a arte de preservar os vegetais, com o objetivo de Demonstrar procedimentos de preparo e uso de exsicatas, e sua importância científica.
4. Camu-camu: fruto com maior teor de vitamina C do mundo, com o objetivo de expor as características morfológicas do fruto e das etapas do desenvolvimento pós-seminal até as plântulas.
5. Sementes ornamentais, com objetivo de demonstrar a utilização das sementes nas diversas formas de ornamentação.
6. Epífitas de Belém, com o objetivo de apresentar aspectos morfológicos e a importância das epífitas.
7. Cadeia produtiva de chicória-do-Pará, com o objetivo de apresentar forma de propagação, produção de mudas, etapas do cultivo e diversos usos de *Eryngium foetidum* L.(chicória-do-Pará).

No Laboratório Adolpho Ducke (LAD), foram inicialmente apresentados aos alunos alguns exemplos de plantas aromáticas, realizando uma dinâmica (“adivinha que planta é essa?”), na qual os participantes foram convidados a reconhecer as plantas por meio do olfato. Em seguida, os visitantes conheceram alguns aspectos da destilação dos óleos, vidrarias e metodologias utilizadas. Posteriormente, foram apresentados alguns óleos essenciais existentes na Oleoteca do Laboratório Adolpho Ducke, por meio da distribuição de fitas de papel olfativas. Por fim, os visitantes foram convidados a interagir com um jogo da memória que aborda as plantas aromáticas e seus usos.

Em seguida, a descrição de como foram expostos os materiais do LAD e seus objetivos:

1. Exposição: Plantas aromáticas (folha, raiz, casca, flor, resina e etc.), com o objetivo de realizar uma dinâmica pelo olfato: “adivinha que planta é essa?”.

2. Exposição: Vidrarias e metodologias utilizadas para destilação, com o objetivo de apresentar aos visitantes alguns aspectos sobre como obter óleos essenciais.
3. Exposição: Um pouco da Oleoteca do Laboratório Adolpho Ducke, com o objetivo de fazer o público sentir o aroma de alguns óleos através de fitas de papel olfativas.
4. Dinâmica: Jogo da memória com plantas aromáticas, com o objetivo de estimular os alunos a exercitar a memória e ao mesmo tempo fixar alguns exemplos de plantas aromáticas e seus usos.

O Laboratório de Micologia – COBOT organizou uma exposição de espécimes de fungos macroscópicos (orelhas-de-pau e outros) e fungos microscópicos (ferrugens e fungos conidiais), com o objetivo de que o público pudesse conhecer a diversidade de fungos, por meio da visualização de suas diferentes formas.

A organização foi por meio de:

1. Demonstração de técnicas de coleta de fungos. Observação de fungos e microestruturas em estereomicroscópio e microscópio ótico.
2. Apresentação em banner da importância dos fungos para o homem e para o meio ambiente e linhas de pesquisa no MPEG.

O Laboratório de Anatomia Vegetal – LAVEG fez uma organização para cada espaço físico, de acordo com as séries e faixas etárias. Para o público infantil no Parque Zoobotânico foram oferecidas as atividades de pescaria de frutos e barbeiro (inseto vetor da doença de Chagas), jogo da memória de frutos e desenho para colorir do peixe-boi Omar, com as plantas que compõe sua dieta. Para os jovens e adultos foram apresentadas as pesquisas de bolsistas da pós-graduação e do PIBIC.

Figura 24: Apresentação do Laboratório de Anatomia Vegetal - LAVEG

## PESCARIA DE FRUTOS E INSETOS



**A e B-** Fila de acesso a pescaria. **C** - Cacho de açai com frutos maduros. **D-** Uma das espécies do inseto barbeiro vetor da doença de Chagas e pertencem a subfamília Triatominae. **E-** *Euterpe oleracea* Mart., açazeiro, pertence a família Arecaceae.

Foto: Alba Lins (2018).

Figura 25: Apresentação do Laboratório de Anatomia Vegetal - LAVEG

## OMAR, O PEIXE BOI BEBÊ QUE PERDEU SUA MÃE NO MAR

Praia do Garrote, Soure – PA

Igarapé do OMAR

**Plantas que o OMAR gosta de comer.**

***Crenea maritima*** Aubl. (Lythraceae)

***Eleocharis geniculata*** (L.)  
Roem. & Schult (Cyperaceae)

Usada no período seco

OMAR foi resgatado pelo Projeto Bicho d' água do Museu Paraense Emílio Goeldi.  
Será devolvido à natureza após o período de lactação.  
Alimenta-se de algumas plantas, mas ainda depende 50% de leite.

**BICHO D'ÁGUA**  
CONSERVAÇÃO SOCIOAMBIENTAL

Pesagem do OMAR

Foto: Alba Lins (2018).

No Campus foram expostos banners de trabalhos de anatomia e visita orientada ao Laboratório de Anatomia Vegetal (LAVEG).

As atividades ficaram assim distribuídas:

1. Pescaria, Jogo da Memória e desenho para colorir do Peixe boi Omar e de plantas que compõem sua dieta. O objetivo foi apresentar de maneira lúdica o estudo da Botânica no MPEG, bem como divulgar os estudos de Anatomia Vegetal realizados pelos bolsistas do LAVEG.
2. Exposições de banners e Visita Orientada ao Laboratório, com o objetivo de apresentar o laboratório de Anatomia Vegetal e suas atividades.

O Laboratório de Etnobotânica organizou suas pesquisas com a seguinte estrutura:

1. Conhecendo a Pesquisa Etnobotânica no Museu Paraense Emílio Goeldi:
  - Exposição dos artefatos da cultura amazônica, especialmente do estado do Pará.
  - A exposição trouxe os seguintes objetos: cestarias, drogas vegetais, frutos e sementes nativas.
  - Objetivos: Divulgar e valorizar o conhecimento etnobotânico de populações amazônicas.

### **5.3.5 Coordenação de Comunicação e Extensão - COCEX**

A Coordenação de Comunicação e Extensão é o setor diretamente responsável pela popularização da Ciência dentro do Programa “Museu Goeldi de Portas Abertas”, uma vez que a ela compete coordenar as atividades de Comunicação Social, de Museologia, de Informação e Documentação, de Editoração de livros, de Ouvidoria e Serviço de Informação ao Cidadão - SIC, além das desenvolvidas no Parque Zoobotânico.

A COCEX, por meio de suas coordenações, participa do “Portas Abertas” utilizando o espaço da Biblioteca Domingos Soares Ferreira Penna, com um acervo especializado em Ciências Naturais e Humanas com foco em Antropologia, Arqueologia, Botânica, Zoologia, Ciências da Terra, Ecologia e Linguística. Reúne um acervo valioso com cerca de 350.000 volumes, dentre estes uma coleção de aproximadamente 3 mil livros raros de inestimável valor histórico e científico; uma coleção de periódicos científicos que são base na região. Acervo que proporciona trabalhos básicos para qualquer pesquisa sobre a região Amazônica (Informação

retirada do site: <https://www.museu-goeldi.br/assuntos/bibliotecas/principal/quem-somos>).

A equipe organiza a Trilha dos livros nesse espaço, dando orientações aos jovens estudantes, professores e comunitários sobre a conservação de uma coleção e o uso de documentos bibliográficos. Organizam também a mostra da Coleção Fotográfica do Museu Goeldi e a mostra de documentos do Arquivo Guilherme de La Penha, propiciando conhecimentos sobre a história do Museu Goeldi e as práticas documentais arquivísticas realizadas no setor.

Em 2018, o Serviço de Informação e Documentação – SEIDO organizou uma Mostra da Coleção Fotográfica do Museu Goeldi, denominada “Mostra de Documentos do Arquivo Guilherme de La Penha”. O objetivo principal foi de apresentar o acervo do Arquivo Guilherme de La Penha para o público em geral, proporcionando conhecimentos sobre a História do Museu Goeldi, demonstrando ao público as práticas voltadas à gestão da documentação arquivística, como também as técnicas e os produtos utilizados na conservação da documentação arquivística.

**Figura 26: Mostra da Coleção Fotográfica do Museu Goeldi, denominada de Mostra de Documentos do Arquivo Guilherme de La Penha/MCTIC/MPEG**



**Foto:** Hugo Chaves (2018).

A imagem representativa do Arquivo Guilherme de La Penha é do Diploma de Sócio Honorário do Museu Paraense de História Natural e Etnografia, idealizado por Emílio Goeldi, com desenho/litografia de Ernest Lohse, para homenagear personalidades que colaboraram e apoiaram os trabalhos do Museu. O tamanho é de 42 cm X 55 cm.

A Biblioteca Domingos Soares Ferreira Penna organizou mais um ano da Trilha dos livros em uma Biblioteca, com o critério de 20 participantes por grupo. O objetivo foi permitir que o visitante tivesse compreensão de uma coleção e do uso de documentos bibliográficos com demonstração de uma trilha de livros e de periódicos dentro dessa Biblioteca.

### **5.3.6 Programa de Estudos Costeiros – PEC**

O Programa de Estudos Costeiros é um programa estruturante do Museu Paraense Emílio Goeldi, iniciado em 1997. Tem como missão conhecer os processos naturais e socioculturais para entender a formação, o funcionamento e a dinâmica da Zona Costeira do Norte do Brasil, envolvendo os estados do Pará, Maranhão e Amapá com ações prioritárias de pesquisas a curto e longo prazo, difundindo os resultados, capacitando recursos humanos qualificados, disponibilizando informações para o desenvolvimento sustentável, o planejamento ecológico e econômico para uso, o manejo e a conservação da costa amazônica.

Para a apresentação geralmente os pesquisadores organizam assim:

1. Palestras: abordagem multidisciplinar da sociobiodiversidade da área costeira amazônica.
2. Exposição Fotográfica: Cenas de aspectos ambientais, sociais e científicos da Costa Amazônica.
3. Acervo do PEC e de pesquisadores.
4. Stand de exposição de livros e artigos publicados pelo PEC.

**Figura 27: Exposição por meio de banners no Campus de Pesquisa**



**Foto: Ana Harada (2018).**

A Figura 27 representa uma amostra das atividades do PEC, objetivando contribuir para o fortalecimento do diálogo com a comunidade, trocando saberes e divulgando a pesquisa produzida pelo PEC nas várias áreas do conhecimento.

### **5.3.7 SERVIÇO DE EDUCAÇÃO – SEEDU/MPEG**

O Serviço de Educação é responsável pela gestão do Programa “Museu Goeldi de Portas Abertas”, como também pela apresentação de seus principais projetos e Núcleos. A Biblioteca de Ciências Clara Maria Galvão apresenta no Parque Zoobotânico o Carrinho da Leitura e Oficina de minilivro, o Clube do Pesquisador Mirim, os kits ilustrativos, o Núcleo de Visitas Orientadas e as Trilhas Interpretativas. A Figura 23 mostra o momento de apresentação da monitora, explicando a Trilha dos Mamíferos no Parque Zoobotânico.

**Figura 78: A monitora explicando sobre a Trilha dos Mamíferos**



Fonte – Eryck Jhonathan (2014).

A Trilha dos Mamíferos tem como objetivo sensibilizar os participantes acerca da importância dos mamíferos para o ecossistema, ratificando a importância desses animais em cativeiro para o estudo e a conservação das espécies. Os animais em destaque nesta Trilha são o Coatá-da-testa-branca (*Ateles marginatus*) e o macaco - aranha. As outras duas são as já conhecidas anta e ariranha – *Tapirus terrestres* e *Pteronura brasiliensis*, respectivamente.

### 5.3.8 Coletivo Jovens de Meio Ambiente do Pará – CJ

O Coletivo Jovens de Meio Ambiente, segundo Brasil (2005, p. 10):

São grupos informais que reúnem jovens representantes ou não de organizações e movimentos de juventude que têm como objetivo envolver-se com a questão ambiental e desenvolver atividades relacionadas à melhoria do meio ambiente e da qualidade de vida. Esses coletivos são como redes locais, para articular pessoas e organizações, circular informações de forma ágil, pensar criticamente o mundo a partir da sustentabilidade, planejar e desenvolver ações e projetos, produzir e disseminar propostas, que apontem para sociedades mais justas e equitativas, dentre outras ações e projetos, produzir e disseminar propostas, que apontem para sociedades mais justas e equitativas, dentre outras ações e realizações.

Com esse objetivo, foi criado em Belém do Pará, no ano de 2003, o Coletivo Jovens de Meio Ambiente do Pará – CJ, coordenado por um grupo de universitários com a ideia de melhorar o meio ambiente. Portanto, o CJ/PA é responsável por projetos como Virada dos Jovens Sustentáveis – que objetiva organizar jovens interessados e atuantes nas áreas de sustentabilidade, com o intuito de contribuir na divulgação e na popularização da ciência, da cultura, da inovação e do meio ambiente em escolas e nas comunidades. Executam também, desde 2016, o Projeto Ilhas Solares – que objetiva propagar o conhecimento da energia solar como energia limpa e renovável, em escolas e comunidades ribeirinhas, localizadas ao longo das ilhas próximas à grande Belém. Assim, por meio de parceria com o Museu Goeldi, em 2018, no “Portas Abertas”, o CJ apresentou a Exposição Coletivo Jovem de Meio Ambiente e o Protagonismo Jovem, com o objetivo de apresentar as temáticas de energia solar, sustentabilidade e as campanhas que já participaram.

### **5.3.9 Ponto de Memória do bairro da Terra Firme**

O Ponto de Memória do bairro da Terra Firme apresentou em 2018 no Campus de Pesquisa do Museu Goeldi, por meio da Exposição: Terra Firme – de tudo um pouco, as atividades com a comunidade do bairro da Terra Firme. A composição possui o seguinte roteiro:

1. Terra Firme: o bairro – localização do bairro da Terra Firme e suas principais características;
2. Terra Firme: dia – a – dia – amostra das principais características, simbologias e curiosidades da Terra Firme;
3. Terra Firme: é cultura – apresentação dos grupos culturais presentes na Terra Firme, principais agentes transformadores no bairro;
4. Terra Firme: ciência e educação – apresentação às instituições de pesquisa existente na Terra Firme;
5. Terra Firme: ciência e comunidade – relato da relação entre o bairro da Terra Firme e o Museu Paraense Emílio Goeldi, por meio do projeto “O Museu Goeldi leva Educação em Ciência à Comunidade”, atuante desde 1985;
6. Terra Firme: é memória – apresentação do Projeto Ponto de Memória da Terra Firme, atuante no bairro desde 2009;

7. Ponto de Memória da Terra Firme – principais ações realizadas pelo Ponto de Memória da Terra Firme.

**Figura 29: Exposição Terra Firme: de tudo um pouco**



**Foto:** Hugo Chaves (2018).

A imagem acima apresenta a exposição *Terra Firme: de tudo um pouco*. A exposição ficou no bosquinho, próximo à Botânica. Sua concepção foi com o intuito de divulgar a história e a memória do bairro da Terra Firme, em Belém (PA). A história e a memória do bairro são contadas por meio de nove (9) painéis com plotagem digital colorida e dois recursos expositivos interativos de sinalização, todos inspirados nas cores e nos símbolos característicos do bairro, como as bandeiras de vendas de açaí (*Euterpe Oleracea*), os cavaletes de propaganda de rua, a tipografia e os recursos visuais das feiras e dos mercados da Terra Firme. A ideia principal foi envolver o máximo de pessoas do bairro, desde a concepção à escolha do título, como também para a produção de painéis, estruturas metálicas, acabamento de suportes, recursos expositivos diversos, iluminação, material educativo e de segurança, e material de divulgação junto à comunidade e à sociedade em geral.

A Exposição *Terra Firme: de tudo um pouco* foi inaugurada no dia 12 de janeiro de 2013, e percorre o bairro, nas escolas, no Museu Goeldi e na Universidade Federal do Pará. Atualmente está exposta na Escola Estadual Mário Barbosa.

Voltando a 1985, observa-se que os registros fotográficos da atividade à época mostraram números ínfimos, o que é um dado *sui generis* devido a alguns setores, como a Arqueologia, não terem permitido o registro por questão de conservação das peças. Na década de 1990, com o advento das câmeras digitais, foi possível o Programa “Museu Goeldi de Portas Abertas” apresentar grande quantidade de fotografias. Neste contexto, Bassalo (2012, p. 59) justifica:

A fotografia é uma imagem que pode assumir papéis diferentes na pesquisa, que se referem a ilustração do texto ou a ser o próprio objeto da investigação. As fotografias podem ser utilizadas para referendar certa informação ou descrição apresentada na pesquisa cujos dados foram obtidos através de outra fonte/forma de investigação da realidade ou pode, ela mesma, a própria imagem, a foto, ser a fonte principal da investigação.

Dessa forma, a opção de usar as imagens representativas da pesquisa no corpo do texto concorda com Bassalo, no sentido de que o leitor tenha a possibilidade de conhecer os materiais científicos usados durante a exposição do “Museu Goeldi de Portas Abertas”.

## 5.4 Abrindo as portas do Museu Goeldi

Ao adentrar este campo metodológico da pesquisa, como Chizzotti (2010) explica, é necessário ir fundo nas fontes de informação, e assim foi neste estudo, com observações, levantamentos bibliográficos e documentos selecionados.

A pesquisa sobre um problema determinado depende das fontes de informação sobre o mesmo. As informações podem provir de observações, de reflexões pessoais, de pessoas que adquiriram experiências pelo estudo ou pela participação em eventos, ou ainda do acervo de conhecimentos reunidos em bibliotecas, centros de documentação bibliográfica ou de qualquer registro que contenha dados. (CHIZZOTTI, 2010, p. 16).

A primeira abordagem metodológica com pesquisa de campo ocorreu em 2016, por meio da aplicação de questionários aos seguintes sujeitos: estudantes, professores, pesquisadores, comunitários e mediadores. Funcionou como piloto para sondagem acerca do tema central deste estudo. Assim, o perfil encontrado é apresentado abaixo:

**Quadro 131: Perfil dos sujeitos que responderam ao questionário na 1ª fase da Pesquisa**

Estudantes/Professores/comunitários	Pesquisadores/ técnicos/ tecnologistas	Estagiários(as)/colaboradores.
<ul style="list-style-type: none"> <li>- Todos de Escolas Públicas, com nível de Ensino, de Fundamental a Superior.</li> <li>- Os comunitários, são Conselheiros (as) do Ponto de Memória do bairro da Terra Firme.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Servidores públicos, atuantes como pesquisadores e técnicos no MCTIC/Museu Paraense Emílio Goeldi.</li> <li>- em sua maioria brasileiros, paraenses e fora do Estado do Pará.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Os estagiários (as) são formalmente ligados ao Serviço de Educação do Museu Goeldi e os colaboradores, voluntários (as) de nível médio e superior.</li> </ul>

**Fonte:** elaboração da autora (2019).

Na análise desse quadro, percebe-se que, em sua maioria, os professores e os alunos são de instituições públicas, evidenciando o caráter público dos participantes no “Portas Abertas”. Em relação aos profissionais do Museu Paraense Emílio Goeldi, suas identidades revelaram servidores públicos federais, paraenses ou não, concursados na instituição. Os estagiários (as) e colaboradores aqui são os mesmos voluntários, indicados por universidades públicas e ou privadas.

Por ser uma pesquisa qualitativa, após a aplicação dos questionários direcionados aos sujeitos escolhidos, conforme já colocado no texto, a análise fluiu com mais precisão, devido à pesquisadora os ter observados antes, durante e após a sua participação no “Portas Abertas”. A seguir seguem as análises dessa primeira etapa de pesquisa de campo.

#### 5.4.1 Análise dos Questionários

Para analisar os questionários aplicados durante o “Portas Abertas” em 2016, fundamentou-se segundo Chizzotti (2010, p. 55):

O questionário consiste em um conjunto de questões pré-elaboradas, sistemática e sequencialmente dispostas em itens que constituem o tema da pesquisa, com o objetivo de suscitar das informantes respostas por escrito ou verbalmente sobre assunto que os informantes saibam opinar ou informar.

Assim, na área museológica, ou seja, entre os atores sociais profissionais do Museu Goeldi, foram entrevistadas 37 pessoas, entre pesquisadores, técnicos, estagiários e colaboradores. Para cada sujeito da pesquisa desta tese foram elaboradas questões de acordo com o encaminhamento epistemológico, as representatividades e o envolvimento dos mesmos com o objeto da pesquisa.

De acordo com os questionários e iniciando pelos profissionais do MPEG, a questão principal foi detectar a longevidade de participação no Programa “Museu Goeldi de Portas Abertas”:

**Quadro 22: Questão 1 do questionário profissionais do Museu Goeldi**

Profissional MPEG7	Primeira experiência, nela creio que me apresento de forma criativa e didática.
Profissional MPEG9	04 anos, sim. A entomologia sempre procura aumentar o acervo e trazer coisas que chamem a atenção.
Profissional MPEG 16	Primeira vez, acho importante inovar para promover o conhecimento e aproximar o campo de pesquisa para a comunidade.
Profissional MPEG25	31 anos.

**Fonte: Resultados das coletas de dados da pesquisa da Tese.**

Os quatro profissionais foram selecionados por considerarmos que as características e o tempo em que os mesmos atuam no Projeto “Portas Abertas” permitem verificar claramente as suas posições em relação ao tempo – comprometimento. Por exemplo, o profissional MPEG25 apenas cita os anos que participou, mas não complementa com sua experiência no mesmo.

Outro fator de tempo importante é o quanto cada grupo fica no local das exposições, o que nos leva a Marandino (2008, p. 20), que explica a comunicação com o público por meio da educação museal:

Durante as ações de mediação é fundamental a atenção aos aspectos mencionados sobre as características da pedagogia museal. O mediador deve, ao planejar suas ações e ao realizar a mediação com o público, considerar que este não deve ser exposto a longos períodos de exposição oral, não deve ser submetido à leitura de textos imensos, mas deve, sim, saber se localizar, se sentir à vontade para interagir, podendo dialogar com seus pares e com o mediador. Estes e outros elementos são decorrentes da especificidade que esses locais imprimem para ações educativas nele realizadas.

Todas essas recomendações de Marandino, em se tratando da Pedagogia Museal, são percebidas nas respostas dadas. Em cada ano de ação do “Portas Abertas” são apresentados temas diferenciados. Assim, a questão foi investigar quais temas foram escolhidos pelos entrevistados no ano de 2016.

**Quadro 143: Questão 2 do questionário profissionais do Museu Goeldi**

Profissional MPEG4	Invertebrados – conhecimentos sobre insetos e crustáceos e armadilhas.
Profissional MPEG12	Desenvolvimento sustentável – energia solar.
Profissional MPEG21	O trabalho intitulado “permeabilidade da praia do Atalaia frente a eventuais derrames de derivados de hidrocarbonetos” em forma de banner.
Profissional MPEG25	O Grupo Programa de Estudos Costeiros – PEC apresentou um circuito de banners, onde mostra a integração das várias aves de conhecimento

	(Antropologia, Botânica, Zoologia, Museologia) sobre a Zona Costeira.
Profissional MPEG26	Apresentamos o caminho do livro na Biblioteca e a organização da documentação administrativa e histórica da instituição.

**Fonte: Resultados das coletas de dados da pesquisa da Tese.**

Foi colocada a representatividade de cada coordenação de pesquisa e suas especificidades como formas de apresentar de uma maneira geral os temas abordados. Quando o Profissional MPEG4 cita o tema Invertebrados, refere-se à Coordenação de Zoologia – Setor da Entomologia; quando o Profissional MPEG12 diz Desenvolvimento Sustentável está se referindo ao trabalho realizado pelo Coletivo Jovens de Meio Ambiente do Pará – CJ, já detalhado neste estudo; os profissionais MPEG 21 e MPEG 25 destacam o trabalho dos pesquisadores no Programa de Estudos Costeiros PEC, também já apresentado aqui; o Profissional MPEG26 mostra a Biblioteca Domingos Soares Ferreira Penna.

Para escutar dos sujeitos entrevistados suas posições a respeito do “Portas Abertas” para o campo da educação, como também obter o pensamento sobre a tríade pesquisa – educação – epistemologia da educação museal, é que surgiu a questão e foi apresentado um número maior de posicionamentos dos mesmos.

**Quadro 24: Questão 3 do questionário profissionais do Museu Goeldi**

Profissional MPEG3	Muito importante porque contribui com a confluência do conhecimento, atingindo principalmente as novas gerações.
Profissional MPEG4	Uma excelente forma de transmissão de conhecimento.
Profissional MPEG6:	Muito interessante para que a ciência seja popularizada e difundida para a comunidade.
Profissional MPEG7	É essencial para fixar e interessar as crianças nos conhecimentos naturais. E o nome deve se manter o mesmo.
Profissional MPEG9	Excelente. Integrar pesquisa e educação é muito bom.
Profissional MPEG10	Muito produtiva, pois o contato lúdico com os alunos proporciona um aprendizado significativa.
Profissional MPEG11	Indispensável para a divulgação do conhecimento produzido pelo Campus de Pesquisa. Os jovens precisam de referências e essa é a importância do evento.
Profissional MPEG13	Aproxima as crianças, jovens e visitantes do meio científico, dá uma formação complementar aos alunos em relação a pesquisa. Desperta a curiosidade ao saber.
Profissional MPEG14	Excelente, pois é a maneira de expor para a sociedade que nos mantém o que realizamos dentro da instituição.

**Fonte: Resultados das coletas de dados da pesquisa da Tese.**

Ressalta-se que a maioria dos profissionais do Museu Goeldi apresentam uma avaliação positiva quanto ao Programa “Museu Goeldi de Portas Abertas”. A

relação entre as respostas e o programa, portanto, foi estabelecida considerando sua própria prática, reportando-se, assim, ao que Monaco (2013, p. 150) explica sobre essa prática educativa dos museus:

Ao se facilitar os encontros entre indivíduos que partilham de um mesmo domínio e detém um considerável sentimento de apreciação pelo seu trabalho, um movimento de reconhecimento mútuo poderia se evidenciar, promovendo a validação conjunta desse importante campo de conhecimento que congrega profissionais das mais diversas áreas.

Há concordância com as respostas apresentadas na questão 3, ou seja, todos compartilharam do mesmo domínio, apesar de terem respondido aos questionários em outros ambientes, isto é, em dias alternados e espaços de acordo com o que estava apresentando. Portanto, houve um complemento com a questão sobre a educação museal.

**Quadro 25: Questão 3 do questionário profissionais do Museu Goeldi**

Profissional MPEG24	Muito importante, além de incentivar os alunos, incentiva também os pesquisadores, pois estes gostam de demonstrar seus trabalhos. Para a educação museal? Incentivar os pesquisadores e chamar a atenção das autoridades para o Museu.
Profissional MPEG25	Possibilidade de cumprir a missão do Museu de difundir o conhecimento produzido e de sensibilizar os estudantes para as várias áreas que o museu desenvolve para a pesquisa. Para a educação museal? Sensibiliza os jovens para aspectos que, normalmente, a escola não cobre, o MPEG inclusive tem um setor com esta finalidade e deve cumprir com o papel de educador.
Profissional MPEG26	É dar oportunidade ao jovem estudante de conhecer uma instituição científica e como é organizada e disponibilizada a sua informação científica. Para a educação museal? É popularizar a cultura e a ciência.
Profissional MPEG27	É de dar maior visibilidade ao serviço, que muitos desconhecem e que o museu pode estar oferecendo a sociedade. Para a educação museal? É uma forma de demonstrar a outra finalidade do museu, a fim educacional.
Profissional MPEG29	Transferir o conhecimento adquirido ao longo do tempo de pesquisas e demonstrar a sociedade todo o conhecimento para estimular o aluno a pensar mais na Amazônia. E para a educação museal? Formar o cidadão, mostrar o acervo, o valor deste que o Museu possui.
Profissional MPEG30	Tentar aproximar mais a população das pesquisas científicas desenvolvidas no Museu. E, para a educação museal? Tentar fazer com que os pesquisadores divulguem mais as pesquisas desenvolvidas.
Profissional MPEG31	É a divulgação da ciência, divulgação do conhecimento científico. Espécie de alfabetização científica, quando o MPEG abre as portas é uma forma de desmitificar, mostrar que a ciência está perto. E, para a educação museal? É uma educação extracurricular (extra escolar), possui a função de ensinar sobre a importância da flora e da fauna, despertar a curiosidade que é um fator diferenciador.
Profissional MPEG33	Estimular o público alvo no que diz respeito a pesquisa e despertar o espírito crítico do aluno no que diz respeito a teoria e prática. E para a educação museal? Compartilhar o conhecimento adquirido durante a pesquisa.

Profissional MPEG35	Divulgação dos trabalhos realizados para a comunidade. E, para a educação museal? Importante, pois, os expositores têm a oportunidade de mostrar seus trabalhos e explicar a contribuição do mesmo para a sociedade.
Profissional MPEG37	Fundamental para a relação Goeldi/sociedade E, para a educação museal? Um reforço a ideia dos museus como lugar de cidadania e de mudança.

**Fonte: Resultados das coletas de dados da pesquisa da Tese.**

A importância dada por esses profissionais da área de ciências humanas e biológicas do Museu Goeldi à educação museal apresenta aspectos fundamentais para a popularização da ciência. Por todas essas respostas, a educação museal é fundamental para eles, principalmente pela mudança de rotina, pois o pesquisador sai de seus laboratórios, de suas coleções e fica frente a frente com os estudantes, como dito pelo Profissional MPEG35: “Importante, pois, os expositores têm a oportunidade de mostrar seus trabalhos e explicar a contribuição do mesmo para a sociedade”.

Nessa perspectiva, ao relatar o processo da educação nos museus, Martins (2011, p. 100) explica que:

as ações educativas criadas pelos educadores de museus ao longo dos anos adquiriram características específicas, moldadas não só pelas tipologias institucionais e de acervos, como também pelas demandas da sociedade na qual o museu se encontra inserido. Além desses, outro aspecto primordial para compreender a conformação dessas ações, são as tendências pedagógicas que as influenciaram. São esses aspectos que irão estruturar o que se conhece na contemporaneidade como a educação em museus.

Para conhecer a forma com que esses sujeitos da pesquisa se veem atuando no projeto, foi importante a Questão 4, que quis saber como eles se observam participando do “Portas Abertas”.

**Quadro 26: Questão 4 do questionário profissionais do Museu Goeldi**

Profissional MPEG1	É de fundamental importância para repassar conhecimentos desta casa da Ciência.
Profissional MPEG3	Na função de expositor, me vejo na obrigação de repassar meus conhecimentos sobre o assunto para as outras pessoas e crianças.
Profissional MPEG5:	É uma forma de ganhar mais conhecimento, pois, apresentamos para diferentes grupos de pessoas desde crianças até alunos de graduação e visitantes e você precisa diversificar o modo que explica.
Profissional MPEG14	Com agrado, é uma oportunidade muito boa de crescimento interpessoal e didática.
Profissional MPEG17	Como Bióloga minha participação no Museu de Portas Abertas foi guiar os estudantes durante a exposição dos répteis e anfíbios. Acho que consegui passar as informações básicas a respeito destes e contribuí para a educação ambiental.

Profissional MPEG19:	Importante pelo conhecimento sobre herpetologia que obtenho e posso transmitir para o público leigo de forma rápida.
Profissional MPEG20	Acho muito bom poder ajuda no evento, levando conhecimentos diversificados ao público.

**Fonte: Resultados das coletas de dados da pesquisa da Tese.**

De uma maneira geral, eles se colocam com muito profissionalismo e citam sua formação, não esquecendo o grande público. Entretanto, é notório que cada pesquisador dá destaque às suas atividades, sem mencionar as demais coordenações, o que é explicado pelo envolvimento em organizar e atuar nos dias das exposições.

Levando em consideração a interação entre o Museu Paraense Emílio Goeldi e a sociedade, foi questionado aos pesquisadores se havia sugestões para a atividade para os próximos anos, conforme abaixo:

**Quadro 27: Questão 5 do questionário profissionais do Museu Goeldi**

Profissional MPEG1	Que outras coordenações de Pesquisa possam vir mostrar suas coleções e trabalhos.
Profissional MPEG4	Sugiro que uma melhor disposição da organização de alunos, pois a um grande amontoado destes e uma melhor divulgação.
Profissional MPEG5	Uma maior divulgação do evento para que o público aumente mais.
Profissional MPEG6	Que possam ser distribuídos folders, livrinhos, jogos interativos para as pessoas, principalmente, as crianças. E que possa ser criado um espaço permanente de popularização da ciência: “a casa da ciência”.
Profissional MPEG9	Que organizem mais as crianças, além disso avisaram quanto a entrega do material de última hora.
Profissional MPEG14	Acho que ocorrer mais de 1 x ao ano, ou programar para que o público-alvo viesse em dias ou em horários diferentes, já que a didática para cada faixa etária é muito peculiar.
Profissional MPEG16	Maior divulgação do evento em escolas, e também escolas de ensino para crianças especiais e/ou orfanatos, ou o convite para participação de comunidades indígenas e quilombolas.
Profissional MPEG17	Não consegui identificar nenhum problema no Museu de Portas Abertas foi feito um ótimo trabalho.
Profissional MPEG24	Organização deve ser bem anterior, camisa padrão para todos os expositores, lanches para os expositores que ficam durante os dois turnos.
Profissional MPEG25	Em relação ao público alvo, deve haver grupo menores para melhorar a comunicação, com a presença permanente do professor e com maior tempo disponível.
Profissional MPEG27	Fazer planejamento para que ocorra mais vezes ao ano e buscar visibilidade da mídia externa para uma maior divulgação e se possível abranger mais escolas.
Profissional MPEG31	Haver uma popularização do Portas Abertas, que não seja restrito apenas um dia e poucas escolas que possa abranger diversos dias e escolas, produzir um calendário com agenda periódica, promover amplitude de tempo e a interação.
Profissional MPEG32	Que as coordenações sejam mais flexíveis com o material para a demonstração do público, maior colaboração de outros pesquisadores, assim “engrandece” o nome do Museu. Maior diálogo entre a administração

e as coordenações em relação ao Programa “Portas Abertas”.
--

**Fonte: Resultados das coletas de dados da pesquisa da Tese.**

A receptividade da questão acerca das sugestões para os próximos anos deu-se de forma clara e objetiva por parte dos entrevistados, dando ênfase à popularização da ciência, mas também com críticas em relação ao atendimento e à recepção dos estudantes. Em suas respostas, falam sobre organizar melhor os estudantes, ter cuidado com os horários, dar maior divulgação nas mídias, que outras Coordenações da pesquisa científica participem, e exigem maior interação da Coordenação de Administração-COADM e da Coordenação de Comunicação e Extensão - COCEX. Dão sugestões de que haja material impresso, como folders, jogos interativos, inclusive que a exposição seja permanente, criando um espaço ininterrupto de popularização da ciência: “a casa da ciência”. Com essa questão, houve a finalização das análises realizadas após a pesquisa por meio de aplicação de questionários aos profissionais do Museu Goeldi, começando as análises com as representatividades das instituições de ensino.

Assim, na área educacional foram entrevistados 19 professores e 25 alunos das escolas e das comunidades, sendo eles Escola Municipal Stelina Valmont; Escola Estadual Mário Barbosa; Escola de Aplicação/Universidade Federal do Pará - UFPA; Universidade do Estado do Pará – UEPA; Universidade da Amazônia – UNAMA e Ponto de Memória do bairro da Terra Firme, todos provenientes da Cidade de Belém do Pará. Foi elaborado um quadro, apresentando as instituições, o número de pessoas, perfil da área educacional e a presença da comunidade, conforme abaixo:

**Quadro 28: Entrevistados educacionais e culturais (comunidades)**

INSTITUIÇÕES	Nº DE PESSOAS	PERFIL
Universidade do Estado do Pará	03	Nível Superior
Universidade da Amazônia	02	Nível Superior
Escola Municipal Stelina Valmont	07	Ensino Fundamental
Escola Estadual Mário Barbosa	02	Ensino Fundamental
Escola de Aplicação da UFPA	04	Ensino Fundamental
Ponto de Memória da Terra Firme	07	Comunitários do bairro da Terra Firme.
TOTAL	25	

**Fonte:** elaboração da autora (2019).

Os questionários foram aplicados aos sujeitos da área educacional e agentes comunitários do bairro da Terra Firme e divididos em alunos e professores

do Ensino Fundamental e Superior. A dinâmica e a receptividade dos mesmos foi tranquila, pois todos aceitaram de pronto responder às questões, conforme abaixo:

A 1ª. Questão foi elaborada com a finalidade de descobrir até que ponto eles sabiam das atividades coordenadas pelo Serviço de Educação e em especial o objeto desta tese, ou seja, a questão foi se eles receberam informações sobre o “Museu Goeldi de Portas Abertas” na sua Instituição de Ensino antes de chegarem ao Museu, e se alguém na escola explicava a eles sobre a referida atividade.

**Quadro 29: Questão 1 do questionário alunos e comunidades**

Aluno2	Sim, que seria um dia destinado a informações acerca do museu, bem como atividades recreativas a crianças.
Aluno5	Sim, soube pelas redes sociais.
Aluno6	Não, não sabia que existia o local antes do passeio da escola.
Aluno7	Não, primeira vez que visito, achei que era um local como uma empresa.
Pmtf19	Sim, pela parceria com o Museu Goeldi.
Pmtf22	Sim, somos há muitos anos participantes desse projeto portas abertas.

**Fonte: Resultados das coletas de dados da pesquisa da Tese.**

Essa questão ficou bem dividida, pois é perceptível que os estudantes e os professores só participaram por indicação da instituição de ensino. Observa-se que apenas os agentes comunitários foram espontaneamente, por serem partícipes do Programa.

Na próxima questão, foram solicitadas informações sobre a experiência de cada um na atividade do Goeldi, e as respostas poderiam ser dadas por meio de desenho, ou relatos de sua trajetória na atividade. O desenho foi solicitado como opção aos que não quisessem relatar por escrito, uma vez que havia alunos do ensino fundamental. Entretanto, apenas um aluno fez o desenho, os restantes fizeram relatos por escrito.

**Quadro 30: Questão 2 do questionário alunos e comunidades**

Aluno1	A minha experiência foi ótima, vi animais empalhados, ouvi falar de várias plantas e animais interessantes, culturas indígenas e exposições, além de turmas com crianças de várias idades.
Aluno4	Não respondeu
Aluno5	Desenhou um coração e colocou dentro: lindo, perfeito!
Aluno11	vi os animais empalhados, armadilhas para captura de insetos e como são feitos.
Aluno17	as cobras e as borboletas foram as mais coisas mais interessantes que vi.
Pmtf19	Minha experiência vem de muitos anos em que fico como expositora falando do meu bairro, o bairro da Terra Firme.

Pmtf24	Vi muitas coisas boas para a população conhecer aqui no museu do campus.
--------	--

**Fonte - Resultados das coletas de dados da pesquisa da Tese.**

Percebe-se a atenção que a Coordenação de Zoologia, por meio das exposições do Setor da Entomologia, recebeu do público estudantil que, em sua maioria, citou as suas coleções. Já os comunitários do bairro da Terra Firme preferiram a parte social.

Nesta questão, a ideia foi saber o que foi vivenciado no “Museu Goeldi de Portas Abertas”, se houve vontade (interesse) de estudar uma das áreas científicas trabalhadas pelo Museu e quais as áreas mais impactantes.

**Quadro 31: Questão 3 do questionário alunos e comunidades**

Aluno5	Não.
Aluno7	Gostaria de trabalhar observando e pesquisando cobras.
Aluno8	Gostaria de trabalhar com borboletas.
Aluno9	Não gostaria de trabalhar com pesquisa.
Aluno13	Não gostaria de estudar áreas desenvolvidas aqui.
Aluno16	Gostaria de estudar biologia.
Aluno17	Gostaria de pesquisar insetos
Aluno18	Sim, principalmente a parte dos animais mortos dentro do pote com água e álcool.
Pmtf19	Gostaria, mas já não tenho idade.
Pmtf20	Sim, mas não tenho estudos.
Pmtf23:	Gostaria sim de saber mais sobre a pesquisa das ciências da terra.

**Fonte: Resultados das coletas de dados da pesquisa da Tese.**

Os alunos foram de uma sinceridade surpreendente ao dar um Não ou um Sim e, em sua maioria, mais uma vez destacamos o Setor da Entomologia. Outra coisa que chamou a atenção foram as respostas dos comunitários do bairro da Terra Firme que, por se colocarem na condição de velhos, manifestam interesse, mas acreditam não ter mais condições de estudar.

Como forma de instigá-los aos temas que gostariam de ver/observar no próximo “Portas Abertas”, houve solicitação para que os estudantes e os comunitários indicassem.

**Quadro 32: Questão 4 do questionário alunos e comunidades**

Aluno1	Não consigo pensar em sugestões, achei o trabalho ótimo.
Aluno2	Sustentabilidade, história dos monumentos do museu.
Aluno3	Não respondeu.
Aluno4	Não verifiquei problemas no Projeto, foi muito bem elaborado.
Aluno10	Um tema sugerido seria exposição de fósseis de dinossauro.
Aluno13	Gostaria de ver animais livres pelo próximo passeio no museu portas abertas.
Aluno14	Sem sugestões.
Aluno16	Gostaria de ver animais exóticos e que o passeio fosse mais prolongado.
Aluno17	Seria uma exposição de um número maior de coisas.
Pmtf21	Fotos dos companheiros trabalhando com a comunidade.
Pmtf25	Distribuir panfletos pra gente acompanhar o portas abertas.

**Fonte: Resultados das coletas de dados da pesquisa da Tese.**

Os alunos que responderam a esta questão falaram que a proposta é ótima, outros apresentaram propostas de educação ambiental, sugerindo sustentabilidade, animais livres, exposição de animais exóticos, mas também sugeriram exposição sobre fósseis de dinossauro, o que, pela missão do Museu Goeldi, não é possível, por tratar apenas de estudos sobre a Amazônia. Os comunitários da Terra Firme sugeriram imagens das pessoas atuantes nos movimentos sociais e distribuição de panfletos, ou seja, maior divulgação por meio de materiais impressos. Assim, encerrou-se a aplicação dos questionários com esses sujeitos.

Para os professores, as perguntas foram formuladas com o propósito de atingir principalmente o objetivo de indicar a continuidade das ações museais do Programa, por meio da elaboração de recursos pedagógicos dirigidos à comunicação das pesquisas científicas do Museu Goeldi.

Daí a questão sobre a participação dos professores nas ações em educação Museal do Museu Paraense Emílio Goeldi e em quais eles participavam.

**Quadro 153: Questão 1 do questionário dos professores**

Prof5:	Não, apenas hoje, que estou presenciando este belo trabalho.
Prof9	Costumo participar com a escola no MPEG.
Prof10	Sim. Dia do meio ambiente e dia da árvore.
Prof17	Primeira vez.
Prof18	Foi a primeira ação.

**Fonte: Resultados das coletas de dados da pesquisa da Tese.**

O retorno deu-se de acordo com a programação de educação museal administrada pelo Serviço de Educação, em datas comemorativas, como o Dia do

Meio Ambiente e a Festa Anual da Árvore. Entretanto, houve professores que estavam participando pela primeira vez da ação museal.

Em seguida, veio a questão feitas aos professores – se eles já haviam participado anteriormente do “Museu Goeldi de Portas Abertas”.

**Quadro 34: Questão 2 do questionário dos professores**

Prof1	Não. É a primeira vez.
Prof2	1ª vez. Gosto de investir em novas técnicas de ensino e procuro a forma mais didática de repassar o conhecimento para transformar a sociedade.
Prof7	Primeira vez, maravilhoso. Parabéns.
Prof9	Sim, desde o ano passado.
Prof15	Não.

**Fonte: Resultados das coletas de dados da pesquisa da Tese.**

Neste mapeamento, nota-se que a participação dos professores em sua maioria ocorreu pela primeira vez, e que eles estão propícios a retornar em novas apresentações do Programa.

Aguardamos os professores realizarem as visitas nas Coleções e nos Laboratórios para que aplicássemos as questões. Após sua visita às Coordenações, foi solicitada a opinião sobre a proposta do “Museu Goeldi de Portas Abertas” para o Campo da Educação, e suas respostas estão no quadro 35.

**Quadro 35: Questão 3 do questionário dos professores**

Prof2	É uma forma lúdica de fazer com que o aluno viva o conhecimento de forma prática e diferente da sala de aula. É uma atividade complementar muito importante no ensino.
Prof3	Toda atitude no sentido de contribuir é válida pois nós educadores estamos um pouco solitários e o grupo que nos recebeu foi muito importante para enriquecer nosso trabalho.
Prof4	é um estímulo para os jovens que ainda não tiveram contato com a ciência.
Prof7	Muito importante – contextualizar o amazônico. Contribui na relação teoria e prática.
Prof8	Muito bom, mas a programação deveria ser mais prolongada, que venha a complementar as aulas.
Prof9	Muito boa, pois proporciona uma aprendizagem única para os alunos.
Prof11	Muito educativo, momento único de interações com os alunos e o meio ambiente.
Prof18	Adorável, bem organizado, com a proposta abrangente e acessível, com vários nichos interessantes, curiosos e de fácil entendimento.

**Fonte: Resultados das coletas de dados da pesquisa da Tese.**

A questão tocava a opinião sobre a proposta do “Museu Goeldi de Portas Abertas” para o Campo da Educação. Apenas um professor sugeriu que a programação ocorresse em um maior tempo, mas em unanimidade os professores avaliaram-na de forma positiva e, referindo-se sempre à aprendizagem dos alunos dentro de um museu, confirmaram que este espaço é ainda ambiente de encantamento, entretenimento, e principalmente de educação. A afirmação vem de Pereira (2007, p. 11):

O museu é reconhecidamente, ainda, uma instituição de memória das sociedades, das nações, dos grupos, das comunidades e, portanto, detentora de coleções, de indícios patrimoniais e identitários. Trata-se de instituição social, cultural e histórica, promotora de argumentos culturais, políticos e éticos, vinculando-se, por isso, a uma temporalidade e às peculiaridades de uma sociedade. É, também, ambiente de encantamento, entretenimento, admiração, confronto e diálogo.

Esta questão serviu para medir até que ponto o corpo docente que acompanha os estudantes ao museu visualiza a sua importância para a relação museu-escola e se pode contribuir, fazendo o feedback entre as duas instituições, apesar de eles mesmos não apresentarem propostas após a participação no “Portas Abertas”, mas já reconhecerem que o museu é uma instituição detentora de coleções, de indícios patrimoniais e identitários importantes, como pontuado por Pereira. Em relação ao ensino-aprendizagem, após uma visita ao Museu Goeldi, em especial ao Programa “Museu Goeldi de Portas Abertas”, é que foi direcionada a questão aos professores: de que forma você prepara as suas turmas para a visita ao Museu.

**Quadro 36: Questão 4 do questionário dos professores**

Prof2	A escola foi selecionada pela SEDUC para participar do evento sem dar muitas informações.
Prof4	Conversamos sobre a importância de novas descobertas e sobre as pesquisas científicas realizadas em nossa Região.
Prof5	Ainda não estou fazendo um trabalho nesse sentido, mas a partir de agora pretendo fazer algo nesse sentido.
Prof10:	Não sabíamos desse projeto, mas sempre orientamos as turmas sobre a importância de um espaço como o museu.
Prof12	Não teve preparo.
Prof18	Palestras, trabalho de pesquisa, ações educativas e aulas interdisciplinares.
Prof19	Não respondeu

**Fonte: Resultados das coletas de dados da pesquisa da Tese.**

Fica claro em todas as respostas que os professores não conheciam e nem sabiam o que iam ver/conhecer na programação do Museu Goeldi. Eles foram

indicados pela instituição de ensino sem preparo anterior do que seria a atividade museal. Em relação a esse processo de comunicação entre as duas instituições Pereira (2007, p. 24) pontua que:

Os museus têm na comunicação uma de suas finalidades e funções. Mas eu falo de uma comunicação dialógica e reflexiva, concebida como processo de mediação entre sujeitos, objetos e propostas. Por isso, eles também são educadores, pois a comunicação que eles realizam pretende possibilitar a construção de uma relação renovada dos sujeitos com os registros de memória e o patrimônio, apresentando-se como instituição portadora de uma postura ética, formativa e humanizadora.

Nesta pesquisa foi detectado nas documentações estudadas que há uma preocupação por parte do Serviço de Educação para realizar a comunicação conforme colocado por Pereira. No item 4.3 é explicado como se dá esse processo comunicacional:

A etapa de visita em cada instituição de ensino é um momento de aproximação da equipe do Goeldi e equipe técnica das escolas. Durante essa visita, já fica agendada reunião com todos os representantes institucionais, o que acontece no Parque Zoobotânico. (Cf. Item 4.3)

Dessa forma, a explicação dessa falta de comunicação dentro das instituições de ensino a respeito da programação do Museu Goeldi está relacionada ao ambiente interno das mesmas instituições, a que o museu não tem acesso. É importante verificar este processo comunicacional. Sobre o “depois” da visita escolar ao Museu, surgiu a questão: a partir do “Museu Goeldi de Portas Abertas” que ideias você pode desenvolver em sala de aula?

**Quadro 37: Questão 4 do questionário dos professores**

Prof2:	Meu papel é de orientar os estudantes para não perderem o foco do que está sendo exposto.
Prof3	Respeito ao meio ambiente, produção de texto através das informações e do momento de alegria que viverá.
Prof5	a partir de agora colocarei em meu planejamento diário, o respeito pelos animais, pelas plantas e árvores, pelas pessoas que fazem esse belo trabalho neste espaço tão especial.
Prof7	Inúmeras: construir a memória amazônica; promover a pesquisa científica. Conservar os animais e entender a importância da proteção dos mesmos para o meio amazônico.
Prof10	Todas as exposições são excelentes pois casa com os assuntos ministrados em sala. Estaremos desenvolvendo trabalhos e exposições de acordo com o que vimos aqui.
Prof15	Aproveitar as informações.
Prof18	Diversas, com mais interação, miniprojetos ecológicos, etc.
Prof19	Nao respondeu.

**Fonte: Resultados das coletas de dados da pesquisa da Tese.**

As respostas seguiram para o caminho da região amazônica. Observa-se a preocupação dos professores em incentivar os jovens estudantes a preservarem, a conservarem o meio ambiente por meio dessas atividades museais. Para finalizar a aplicação dos questionários com os professores, lhes foram solicitadas sugestões para a continuidade do Programa “Museu Goeldi de Portas Abertas”.

**Quadro 38: Questão 6 do formulário dos professores**

Prof2	ter uma maior divulgação, buscar investimentos junto aos órgãos públicos, pois é uma ideia inovadora e importante para o conhecimento.
Prof4	Apesar de o trabalho do museu ser completo quando se trata de nossa biodiversidade, sugiro também evidenciar o trabalho de recuperação dos animais silvestres.
Prof7	Continue convidando as escolas, sobretudo aquelas localizadas na periferia.
Prof9	Que tenha mais atividades, pois ano passado havia muito mais a explorar.
Prof10	Mais divulgação e mais orientação para coordenação na hora do agendamento.
Prof18	Divulgar mais, com controle de horário por escola.
Prof19	Não respondeu.

**Fonte: Resultados das coletas de dados da pesquisa da Tese.**

A questão foi ao encontro do objetivo geral da tese, que é de *analisar para explicitar as questões ligadas à cultura científica, que perpassa o programa “Museu Goeldi de Portas Abertas”, no sentido de compor o campo da epistemologia da educação museal*. Dessa forma, as indicações dos professores, sobretudo pela evidência de interpretação e sensibilização pela cultura científica, dão indício da veracidade da afirmativa da criação desse novo campo, que é a epistemologia da educação museal.

#### **5.4.2 Análises das Entrevistas Semiestruturadas**

Considerando a escrita de Gamboa (2012, p. 25):

Hoje especialmente questiona-se o tipo de método utilizado nas investigações educativas e a forma de abordar os diferentes problemas; questiona-se a investigação empírica por privilegiar só algumas formas de investigar a multifacetária e contraditória realidade educativa; e coloca-se a necessidade de uma reflexão sobre o contexto da investigação de onde se obtém seu sentido.

Nesta nova fase, ou seja, para esta segunda etapa da pesquisa, foram selecionadas três mulheres como sujeitos da pesquisa, com o consentimento das mesmas – sendo uma pesquisadora do Museu Paraense Emílio Goeldi, uma estagiária do Serviço de Educação do Museu Goeldi e uma comunitária do Ponto de

Memória do bairro da Terra Firme. Os pseudônimos foram escolhidos por elas, homenageando mulheres por quem elas nutrem admiração. Representando a entrevistada da comunidade do bairro da Terra Firme, a sra. Maria José Pereira da Costa Almeida nasceu em São Domingos do Capim, foi moradora do bairro da Terra Firme por muitos anos e atuante no Centro Comunitário Bom Jesus. Os dados pessoais foram dados por um familiar da mesma em janeiro de 2019.

A monitora/mediadora entrevistada escolheu homenagear a Dra. Raimunda Potiguara (1947-2011), cujas informações do Lattes (colhidas em 05/12/2018) abaixo dispomos:

Possui graduação em Farmácia e Bioquímica pela Universidade Federal do Pará (1972), mestrado em Ciências Biológicas (Botânica) pelo Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia (1975) e doutorado em Ciências Biológicas (Botânica) pelo Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia (1987). Foi professor da Universidade Federal Rural da Amazônia e Atualmente e docente curso de pós-graduação de Universidade Federal Rural da Amazônia (UFRA) / Museu Paraense Emílio Goeldi (MPEG) e pesquisador titular III MCT - Museu Paraense Emílio Goeldi. Anatomista com experiência na área de Botânica nas famílias Palmae; Quinaceae; Leguminosae e coordenação da Carpoteca do Museu Paraense Emílio Goeldi.

A pesquisadora entrevistada escolheu homenagear a Dra. Berta Lange de Morretes, nascida em 1917 e falecida em 2016, cujas informações do Lattes (colhidas em 05/12/2018) abaixo dispomos:

Possui graduação em Ciências Naturais pela Universidade de São Paulo (1941). Atualmente é professor titular da Universidade de São Paulo. Tem experiência na área de Botânica, com ênfase em Anatomia Vegetal, atuando principalmente nos seguintes temas: anatomia, phaseolus vulgaris L., morfologia, anatomia foliar e cerrado. Grande incentivadora do " Prêmio Painel", instituído em 2001 Pelo CRBio-1. Realiza doação anual para a premiação dos melhores trabalhos científicos, onde 1º lugar recebe um valor de 1000 reais e o 2º e 3º lugares valores menores.

De posse desses dados e como forma de maior visualização, foi elaborado quadro contendo os dados pessoais dos sujeitos escolhidos para as entrevistas, assim como uma breve descrição de cada uma. Foram inseridas as palavras-chave, de sujeito-comunitária; sujeito-monitora/mediadora e; sujeito-pesquisadora, deixando claras as representatividades delas.

**Quadro 39: Perfil dos Sujeitos – Entrevista Semiestruturadas**

SUJEITOS	ENTREVISTADAS (PSEUDÔNIMO)	DESCRIÇÃO
SUJEITO: COMUNITÁRIA	Maria Almeida	Nasceu no dia 14 de maio de 1949, tem 69 alunos, estudou até o segundo ano do Ensino Médio, em

		escolas públicas, iniciou do Maranhão e em Belém, primeiramente foi a Escola Estadual Lauro Sodré. Relatou que quando veio do Maranhão não trouxe histórico escolar e por isso não pôde estudar, teve que fazer novamente o fundamental na Escola Estadual Brigadeiro Fontenelle, fez prova de Admissão no Instituto de Educação do Pará - IEP e novamente não pôde estudar por conta do histórico, parou de estudar, na Escola Lauro Sodré porque sua mãe adoeceu e voltou para o Maranhão, após a sua volta para Belém desistiu de estudar.
SUJEITO: MONITORA/ MEDIADORA	Raimunda Potiguara	Nascida em 13 de agosto de 1992, tem 27 anos, nasceu em Turiaçu, no Maranhão, acadêmica em Serviço Social, fez todo o processo, disse o seguinte: estudei em escola pública no bairro da Terra Firme, no Fundamental estudei na Escola Estadual Brigadeiro Fontenelle, no Ensino Médio já passei para a Escola Estadual Ulysses Guimarães e, daí do Ulysses eu comecei a estagiar no Museu, um amigo meu havia sido avaliado, pelo Serviço de Educação lá no Museu, ele foi convidado para ser estagiário lá, só que nessa época ele passou num Concurso, eu consegui ficar na vaga do estágio, comecei a trabalhar e abriu um norte e daí do estágio conheci muitos estudantes que rumo, fiz Marketing, gostava de outra área comecei a trabalhar hospital todo mundo falava que eu levava jeito para serviço social.
SUJEITO: PESQUISADORA	Berta Lange	Nasceu em 14 de novembro de 1947, tem 71 anos, é Bióloga, formada pela Universidade Federal do Pará - UFPa., no ano de 1982, possui Mestrado e Doutorado em Anatomia Vegetal na Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS. Informou que: meu Ensino Médio, estudei na Escola Estadual Magalhães Barata, o primário foi na Escola Estadual Souza Franco, depois fiz Obra Providência, nem existe mais, depois Colégio São Paulo, uma parte em Breves; estudei no mesmo colégio, fiz Admissão, Colégio Nossa. Sra. de Lourdes, em Icoaraci (interna), porque meus pais moravam em Breves.

**Fonte:** identificação dos sujeitos de pesquisa.

O roteiro de entrevistas seguiu com 9 questões, e foi diferenciado para cada sujeito. As entrevistas ocorreram em dias e locais diferenciados, sendo gravadas e com autorização prévia para o uso das respostas. Somente após a explicação da pesquisadora a respeito do tema da tese, da problemática, dos objetivos e da concordância de que seus nomes ficariam sob sigilo é que foram iniciadas as entrevistas. Como aponta Chizzotti (2010, p. 81) em relação aos aspectos da pesquisa qualitativa, “a delimitação é feita, pois, em campo onde a questão inicial é explicitada, revista e reorientada a partir do contexto e das informações das pessoas ou grupos envolvidos na pesquisa”.

Portanto, a receptividade das três entrevistadas foi 100% positiva. Elas ficaram à vontade para responder às perguntas, e em alguns momentos foi importante instigar e repetir algumas questões, seguindo mais uma vez a vertente de Chizzoti (2010, p. 82):

O pesquisador é parte fundamental da pesquisa qualitativa. Ele deve preliminarmente despojar-se de preconceitos, predisposições para assumir uma atitude aberta a todas as manifestações que observa, sem adiantar explicações nem conduzir-se pelas aparências imediatas, a fim de alcançar uma compreensão global dos fenômenos.

### 5.4.3 As entrevistas

Para detectar as ações em educação museal do Museu Goeldi de que elas participaram, tivemos o cuidado de observar se as mesmas citavam o “Portas Abertas”.

**Quadro 40: Quadro síntese dos depoimentos**

Maria Almeida	<i>Seminários, palestras, oficinas sobre educação, saúde,</i>
Raimunda Potiguara	<i>Sim, já participei da Festa Anual da Árvore, da Semana do Índio, dos aniversários do Museu, do Festival da Gastronomia Inteligente, das Trilhas Educativas dentro do Parque, e do Museu de Portas Abertas e, outras né? Que não lembro agora, mas tem várias atividades que a gente faz, que não tô lembrando agora.</i>
Berta Lange	<i>No Museu, quando eu entrei no Museu, nós não tínhamos a Museologia, estava desativada, então quem fazia as visitas, essas ações educacionais, receber colégio, era eu e Bira, porque éramos os únicos Biólogos que tinha, lá no Parque, não existia aqui. Então 79, 80, sabe, eu entrei em agosto de 1978 aqui como iniciação científica, então, aí a gente recebia os colégios, que aí precisava dar orientação, o Dr. Murça mandava a gente porque nós éramos Biólogos e tinham feito Licenciatura, mas a Raimundinha sempre gostava, Dr. Paulo, então, depois que o Pedro Lisboa chegou e tudo a gente sempre festejava o Dia da Árvore, a Semana do Meio Ambiente, a gente organizava, fazia exposições, de orquídeas então, uma vez, nós fechamos, ainda deve ter lá pela museologia, já tinha iniciado a Museologia, [...] eu fiz um painel pra mostrar tudo que era feito do arumã, do arumã, então, o arumã você tem a parte do caule, e a folha você usava antigamente, para embrulhar carne, embrulhar peixe e fazer a poqueca do matapi, que é aquele instrumento de pesca cilíndrico, que tem um cone nas extremidades, o camarão entra e depois não consegue sair, ele vai lá comer a coisa, então de que aquele matapi era feito? das talas da raphia theadigera [...] Dr. Scaff, era médico de lá, que se aposentou e veio para o Museu. Quando ele se aposentou novamente, que saiu, veio o Dr. Seixas Lourenço, que era da Geofísica da UFPa e veio e deu uma incrementada, depois dele veio o De La Penha, quando ele voltou ao Brasil e como o Museu pertence ao CNPq, ele veio pra cá, porque ele era paraense, ele veio pra cá, deu uma incrementada muito boa no Museu, ajeitou tudo porque ele era paraense, teve duas gestões, [...] o Goeldi ele planejou o Museu como uma visão holística, igual de uma Universidade, nem existia universidade ainda, conceito de universidade no mundo, Goeldi já tinha feito em 1800 aqui, de você ter uma relação de todas as áreas de</i>

	<p><i>Ciências Humanas, área de exatas, biológicas, com aquela visão de você ter pesquisa, dar aula né?, pesquisa e extensão, porque, se uma universidade, se ela não tem pesquisa, ela é um grupo escolar de terceiro grau, repete o que tem nos livros, e extensão, que não vai dar aula, hoje temos a pós graduação, você acaba ensinando, não fica um ensino tão curricular, mas o estágio você acaba ensinando, mas essa parte da extensão que a museologia tem e a educação estava dentro da museologia, isso não deixou de ser um planejamento do Goeldi, [...] De qualquer maneira, é uma educação porque é que se gerou aqui dentro, e sempre o planejamento faz aqui dentro, como é que você expõe e divulga o conhecimento gerado aqui?, através do boletim científico, da divulgação científica, que era o jornalzinho, que ainda tem o jornalzinho, o Destaque Amazônia e através das exposições, então, era pra ter uma exposição permanente dentro da Rocinha, que a gente bolava, desde a origem do Amazonas, dos povos, do Museu e tudo e, as temporárias e aí iam essas exposições temporárias [...] hoje lá tem um bando de fosseis para romper igual Brumadinho, área linda, o povo expulso da terra e praticamente vieram os meninos serem vendedores de tráficos aqui e as meninas vieram prostitutas e ficaram com as terras deles lá, então, nós que somos pagos para trabalhar com pesquisas, as pesquisas sociais e educacionais são muito importantes para você se posicionar numa hora dessa.</i></p>
--	---

**Fonte: Resultados das coletas de dados da pesquisa da Tese.**

Está clara a diferenciação entre as três entrevistadas, uma vez que, tanto Maria Almeida (34 anos) quanto Raimunda Potiguara (11 anos) apontaram as atividades de educação museal em que vêm participando ao longo dos anos, ou seja, na programação elaborada no âmbito do Serviço de Educação. Entretanto, Berta Lange vai além e faz um recorte histórico da instituição Museu Goeldi, falando de seus diretores, desde a gestão de quando entrou para a instituição, como também cita que foi juntamente com um colega do Departamento de Botânica que iniciou as primeiras atividades de educação museal no Museu Goeldi.

Dá uma aula de Botânica, apresenta as plantas e uma riqueza de detalhes no que era criado para a realização de tais ações, faz crítica sobre a Museologia não realizar exposições temporárias e ainda dá ideias de como poderiam ser organizadas as demais exposições. Segundo Alves, a exposição significa (2016, p. 196):

No contexto dos museus, a exposição faz parte de um sistema de comunicação mais geral que integra apresentação dos resultados da pesquisa efetuada sobre as coleções (catálogos, artigos, conferências, exposições) e o acesso aos objetos que compõem as coleções (exposições de longa duração e informações associadas).

Na longa narrativa de Berta Lange sobre a sua participação nas ações em educação museal, ela fala da situação atual do país em relação aos grandes desastres ecológicos, cita Brumadinho (MG), Carajás (PA) e, por fim, enaltece as

pesquisas na área de Ciências Humanas, da seguinte maneira: *as pesquisas sociais e educacionais são muito importantes para você se posicionar numa hora dessas*. Essa fala de uma pesquisadora da área biológica, se torna interessante e interdisciplinar. Chizzoti (2010, p. 28) aborda as diferenças dos métodos dos conhecimentos pela experimentação nas ciências físicas e naturais e as ciências humanas:

O método de comprovar conhecimentos pela experimentação *provocada* é uma etapa comum em ciências físicas e naturais. Consiste na observação, manipulação e controle do efeito produzido em uma dada situação, introduzindo uma modificação voluntária de uma variável dependente. A experimentação não é indispensável à ciência.

A pesquisadora Berta Lange, especialista da área de Botânica, em Anatomia Vegetal - é um ramo da botânica que se dedica a estudar a forma como as células, os tecidos e os órgãos das plantas se organizam. No exemplo que ela expõe na entrevista, dá a entender como é o seu trabalho e os seus experimentos: *trabalhava com madeira, levou microscópio pra lá, colocava lâmina de anatomia de madeira, explicava da madeira e tudo, a Léa, trabalhava com pólen, então, levava o microscópio, mostrava a polinização*.

Continuando com Chizzotti (2010, p. 28) na diferenciação entre as ciências humanas e as físicas e naturais, ele coloca o seguinte:

A experimentação em ciências humanas consiste na adoção de uma metodologia que assume uma lógica sistematizada de pesquisa para encontrar os liames que unem duas variáveis e que comprovem a veracidade ou falsidade de uma hipótese. Resume-se, praticamente, na observação sistemática de resultados para se estabelecer correlações entre efeitos e suas causas (experimentação *invocada*).

Outro aspecto de destaque nas respostas de Berta Lange se dá nas citações dos pesquisadores com que ela convive (eu). Portanto, quando ela cita Raimundinha, ela está se referindo à Dra. Raimunda Conceição de Vilhena Potiguara, pesquisador titular III MCT - Museu Paraense Emílio Goeldi. Anatomista, com experiência na área de Botânica nas famílias Palmae; Quinaceae; Leguminosae. Raimundinha, como era carinhosamente chamada, faleceu em 2011 e foi uma das grandes incentivadoras do Programa Institucional "Museu Goeldi de Portas Abertas". Como dito por Secco (2011, p. 1):

Proferiu várias palestras, organizou uma série de mini-cursos sobre sua especialidade, também enfatizando frutos e sementes, bem como apresentou diversos trabalhos em congressos nacionais e internacionais, sempre com seus alunos. Era pesquisadora titular, nível III, do Museu

Paraense Emílio Goeldi e tinha como principal meta a formação de jovens para o exercício da Botânica, e tanto era assim que orientou mais de 50 bolsistas, sendo que a maioria deles encontra-se atuando como docente e/ou pesquisador de diversas instituições da região Norte, como Museu Goeldi, UFRA, UEPA, UFPA, IEPA, entre outras, ou estão engajados em cursos de pós-graduação. Tinha uma especial predileção pelas Palmeiras, mas também pesquisou os aspectos anatômicos de Quinaceae, Sapotaceae, Araceae, Myrtaceae, Leguminosae, entre outras, sempre liderando a equipe do laboratório. Publicou 33 artigos em periódicos, um livro e oito capítulos de livros, sendo que deixou vários trabalhos ainda por concluir.

Raimundinha, como era carinhosamente conhecida, apesar de ter uma saúde muito delicada, destacava-se por ser uma figura alegre, comunicativa, bastante colaboradora e extremamente carinhosa em relação aos colegas de trabalho, e especialmente com seus orientandos, que para ela eram como verdadeiros filhos. Mas no dia 10 de junho de 2011, após um longo período de internamento em uma casa de saúde, ela partiu, deixando uma enorme lacuna nos corações de uma verdadeira legião de amigos, os quais ela tão bem conquistou. Tanto é assim que, hoje, não será exagero dizer que ela se imortalizou, pois continua muito querida na lembrança de todos nós, caminhando sorridente, miudinha e (quase sempre) descalça pelos corredores da Coordenação de Botânica do Museu Goeldi.

Ao longo da entrevista com Berta Lange, muitas vezes ela cita a pesquisadora Dra. Raimunda Potiguara. A outra questão veio como forma de ver a continuidade de eventos de que eles participam, além de saber se já haviam participado antes do “Portas Abertas” e, se sim, há quanto tempo. Seguem as respostas abaixo:

#### Quadro 41: Quadro síntese dos depoimentos

Maria Almeida	<i>Participo no Portas Abertas desde 1985. Desde quando participava no Centro Comunitário Bom Jesus. No primeiro ano, trouxe as crianças, de 4 a 6 anos, do Centro Comunitário Bom Jesus, e organizei com as professoras Graciete e Maria, a autorização dos pais não foi difícil, porque sempre trabalhava com os pais, porque a gente ia nas casas, para saber a realidade da família. Só atravessar a avenida Perimetral que era só uma pista.</i>
---------------	---

**Fonte: Resultados das coletas de dados da pesquisa da Tese.**

Maria Almeida está indicando o início do Programa “Museu Goeldi de Portas Abertas”, em 1985, quando cita o Centro Comunitário Bom Jesus, mas, conforme Quadros (2018, p. 109), “o trabalho de comunidades que a autora se refere é o projeto O Museu Goeldi leva Educação em ciência à comunidade, pertencente ao setor educativo da Instituição”.

Em relação ao Centro Comunitário Bom Jesus, na década de 1980 ele funcionava, além das atividades de lutas comunitárias e sociais, como creche escolar. No Trabalho de Conclusão de Curso de Graduação – TCC, intitulado “A

Educação como Direito Humano Fundamental: a experiência do Museu Goeldi em práticas de educação não formal no bairro da Terra Firme”, foi discutido em um de seus capítulos o Centro Comunitário Bom Jesus, cujo funcionamento é explicado por Quadros (2014, p. 42):

Como um espaço de reuniões para articulação em prol do espaço para moradia, foi também usado como abrigo para estes moradores que buscavam lugar para morar. Além disso, ali também foram ministradas aulas para crianças (filhos dos que ali habitavam) por professoras ditas “leigas”, já que não possuíam o mínimo de formação acadêmica, funcionou também por algum tempo um escritório jurídico que tinha o objetivo de gratuitamente auxiliar os moradores no que dizia respeito às primeiras lutas sociais travadas contra o Poder Público.

Pelas falas de seus sujeitos de Pesquisa, Quadros (2014, p. 51) fala com maiores detalhes da luta dos moradores para conseguir o título de posse, bem como sua importância como força política dos Centros Comunitários:

Como já observado nas falas anteriores, inicialmente, os moradores reivindicavam o direito de morar, reuniam-se em um barraco de madeira – que em seguida, foi batizado de Centro Comunitário Bom Jesus, fundado no dia 28 de julho de 1978 para decidir de que forma iriam organizar-se para manter as terras que estavam ocupando, pois como não eram pertencentes a eles, a insegurança era constante, por isso é observado no depoimento de Dona Madalena o receio de que a UFPA os retirasse dali ou mesmo “mandasse derrubar os barracos”.

Dessa forma, eles começaram a perceber a relevância dos Centros Comunitários enquanto “portadores de voz”, pois além de representar o bairro, era tido como uma espécie de “instrumento de resistência”, “escudo”, perante o Poder Público. Os moradores acreditavam na imagem forte que estes representavam na sociedade, impondo, assim, respeito. E, até hoje, explicitam que todas as conquistas do bairro, foram graças à união mantida, à época, nos Centros Comunitários, e dão ênfase ao Centro Comunitário Bom Jesus.

A outra entrevistada, Raimunda Potiguara, quando perguntada se já participou antes do “Museu Goeldi de Portas Abertas”, respondeu o seguinte:

**Quadro 42: Quadro síntese dos depoimentos**

Raimunda Potiguara	<i>Bom, eu participo dessa atividade desde 2008, desde quando entrei no estágio de Ensino Fundamental, que era o Pibic Jr, então, desde esse tempo a gente participa da organização, participa do monitoramento do Portas Abertas.</i>
--------------------	--

**Fonte: Resultados das coletas de dados da pesquisa da Tese.**

O Pibic Jr., a que ela faz referência, é um projeto de que participou no Museu Paraense Emílio Goeldi, financiado pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Pará – FAPESPA no período de 2008 a 2010. Atuou como monitora/

mediadora de ações de educação museal no Serviço de Educação do Museu Goeldi.

A resposta de Berta Lange foi direta e com precisão de datas, conforme abaixo:

**Quadro 43: Quadro síntese dos depoimentos**

Berta Lange	<i>Eu participei nos anos 90, depois fui para o doutorado e voltei em 2005, mas só fui mesmo voltar a participar em 2006, até agora.</i>
-------------	--

**Fonte: Resultados das coletas de dados da pesquisa da Tese.**

Segundo a Plataforma Lattes do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico - CNPq, consultado em 30 de maio de 2018, a entrevistada tem o seguinte texto informado pelo autor:

Possui graduação em Licenciatura Plena em Ciências Biológicas pela Universidade Federal do Pará (1982), mestrado em Botânica pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (1994) e doutorado em Botânica pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (2000 - 2005). Atualmente é pesquisador associado III do Museu Paraense Emílio Goeldi - MCT. Desenvolve pesquisa em Anatomia e morfologia vegetal, com ênfase em Araceae e macrófita aquática.

Assim, a observação de sua formação acadêmica com a sua participação no Programa “Museu Goeldi de Portas Abertas” está dentro do padrão, uma vez que, ao voltar do doutorado, fez uma pausa e no outro ano já voltou a atuar no Programa. A terceira questão da entrevista tem variadas respostas, porque foi sobre como elas começaram a participar do Programa “Museu Goeldi de Portas Abertas”.

**Quadro 164: Quadro síntese dos depoimentos**

Maria Almeida	<i>Nós já participávamos de oficinas de arte na madeira, oficinas de teatro para a comunidade com o Charles também, onça, as atividades eram aqui no Campus e Parque Zoobotânico. Primeiro, foi numa oficina aqui com Charles aqui, ainda era só os prédios sem nada, em um desses prédios no Campus para a comunidade aqui do bairro e depois a gente começou a levar as crianças lá para o Museu Emilio Goeldi. Primeiro eu, participei de uma oficina de educação para trabalhar com crianças dessa faixa etária, foi até lá, debaixo de árvores de um bambuzeiro, na roda de pessoas que trabalhavam com crianças, todos os Centros Comunitários, de todos os bairros, até da CCBB tinham. Veio as professoras, as merendeiras, Chiconá, Mariázinha. Veio também do centro comunitário da Paz.</i>
---------------	--

**Fonte: Resultados das coletas de dados da pesquisa da Tese.**

Maria Almeida tenta explicar a participação no “Portas Abertas” desde 1985, confundindo-se com as atividades de que participava, elaboradas pela equipe do Serviço de Educação do Museu Goeldi. Também falou das oficinas de xilogravura e

gravura em madeira que eram ministradas pelo arte-educador Charles Alves Gomes na década de 1980. Em seguida, fala das oficinas de que participava com o mesmo arte-educador, só que no Campus de Pesquisa do Museu Goeldi, na Avenida Perimetral, dizendo que *ainda era só os prédios sem nada, em um desses prédios no Campus para a comunidade aqui do bairro e depois a gente começou a levar as crianças lá para o Museu Emilio Goeldi*. Aqui novamente há um conflito de ideias sobre as bases físicas do Museu Goeldi, sem entender que, tanto o Parque Zobotânico quanto o Campus pertencem à mesma instituição – o Museu Paraense Emílio Goeldi.

Retomamos Canclini (2015, p. 169) que, quando fala da sede de um museu e de suas funções, afirma que “O museu é a sede cerimonial do patrimônio, o lugar em que é guardado e celebrado, onde se reproduz o regime semiótico com que os grupos hegemônicos o organizaram”.

Para Raimunda Potiguara, o começo de sua participação no Programa “Museu Goeldi de Portas Abertas”, deu-se assim:

#### Quadro 45: Quadro síntese dos depoimentos

Raimunda Potiguara	<i>Como já existia o trabalho O Museu Goeldi leva Educação em Ciência à comunidade, eu conheci o Campus, porque eu, moradora do bairro não conhecia o Campus, conhecia só o Museu aonde eu trabalhava, então, com o Portas Abertas, eu vim conhecer em forma de treinamento, já para a atividade, e aí eu achei muito legal esse trabalho, porque a gente conheceu mais e pode passar para os moradores que como eu, não conheciam, então, foi dessa forma que eu conheci o Campus, e o trabalho né do Portas Abertas e o porquê daquele muro na Terra Firme, porque aquele muro, porque a gente olha o muro e ninguém sabe o que é?</i>
--------------------	--

**Fonte: Resultados das coletas de dados da pesquisa da Tese.**

A entrevistada já começa explicando o que ela conhecia por meio do projeto “O Museu Goeldi leva Educação em Ciência à Comunidade”, com uma linguagem jovial, usando termos como *legal*; apesar de não deixar claro, explica o objetivo do “Portas Abertas”, quando diz: *eu conheci o Campus, porque eu, moradora do bairro não conhecia o Campus*, ou seja, somente por meio do “Portas Abertas” é que teve oportunidade de saber o que estava por trás daquele muro, conforme fala: *trabalho né do Portas Abertas e o porquê daquele muro na Terra Firme, porque aquele muro, porque a gente olha o muro e ninguém sabe o que é?*, volta ao tempo, em 1985, quando a comunidade da Terra Firme, por meio dos centros comunitários Da Paz, Santa Cruz e Bom Jesus, adentram pela primeira vez o Campus de Pesquisa.

Percebe-se por sua fala que apesar de ser formalmente estagiária na Instituição, ainda faz a mesma confusão com o que é o Museu Paraense Emílio Goeldi, assim dizendo: *conhecia só o Museu aonde eu trabalhava*, como se o Campus de Pesquisa não pertencesse à mesma instituição. Fica uma reflexão na escrita de Canclini (2015, p. 170):

hoje devemos reconhecer que as alianças, involuntárias ou deliberadas, dos museus com os meios de comunicação de massa e o turismo foram mais eficazes para a difusão cultural que as tentativas dos artistas de levar a arte às ruas.

Canclini diz isso por conta das mudanças na concepção de museus, pelo fato da crescente criação de ecomuseus, de museus comunitários e outros segmentos culturais. Quando Raimunda Potiguara diz: *porque eu, moradora do bairro não conhecia o Campus*, revela justamente aquelas mudanças na concepção dos museus.

O começo da participação de Berta Lange no Programa “Museu Goeldi de Portas Abertas” foi diferenciado das demais, pois ela é funcionária da instituição. Ela conta assim:

#### Quadro 176: Quadro síntese dos depoimentos

Berta Lange	<i>A convite da professora Helena e Raimundinha, para gente apenas dizer no Portas Abertas o que a gente fazia, então o que a gente fazia de Anatomia, que estuda as plantas, levava os microscópios, mostrando que plantas a gente estudava, e quando são crianças pequenas a gente procura colocar de uma forma lúdica, já fizeram peças de teatro, fizeram essa pescaria, foram eles que inventaram e eu só dei a continuidade, aqueles joguinhos, isso tudo é da época da Raimundinha, eu só estou dando continuidade, eu não inventei, só ia participar sempre com ela.</i>
-------------	--

**Fonte: Resultados das coletas de dados da pesquisa da Tese.**

Mais uma vez, é citada a Dra. Raimunda Potiguara, a Raimundinha. Quando Berta Lange diz que: *já fizeram peças de teatro, fizeram essa pescaria, foram eles que inventaram e eu só dei a continuidade, aqueles joguinhos*, está se referindo, ao que a Coordenação de Botânica apresenta durante o “Museu Goeldi de Portas Abertas”, ou seja, trata-se da *Exposição do Laboratório de Anatomia Vegetal – LAVEG, que fez uma organização para cada espaço físico e de acordo com as séries e faixas etárias. Para o público infantil no Parque Zoobotânico foram oferecidas as atividades: pescaria de frutos e barbeiro (inseto vetor da doença de Chagas), jogo da memória de frutos* (retirado do texto desta tese).

A fala de Berta Lange nesta questão sobre o processo formativo é associada a Freire (2015, p. 25):

É preciso, que pelo contrário, desde os começos do processo, vá ficando cada vez mais claro que, embora diferentes entre si, quem forma se forma e re-forma ao formar e quem é formado forma-se e forma ao ser formado. É neste sentido que ensinar não é transferir conhecimentos, conteúdos, nem *formar* é ação pela qual um sujeito criador dá forma, estilo ou alma a um corpo indeciso e acomodado.

A pesquisadora faz um alerta de alguma forma para essa ideia de Freire, uma vez que, apesar de não atuar em sala de aula e estar em laboratórios estudando uma espécie específica de plantas, tem o cuidado de elaborar materiais didáticos e observar as séries e as faixas etárias. Como Freire diz, ensinar não é transferir conhecimentos ou conteúdos, mas é ação.

A questão quatro é relacionada à contribuição do que elas acreditam que o Programa “Museu Goeldi de Portas Abertas” pode trazer para a comunidade científica. A comunitária Maria Almeida faz uma reflexão sobre a comunidade científica, referindo-se à formação de cada indivíduo:

#### Quadro 47: Quadro síntese dos depoimentos

Maria Almeida	<i>A partir do momento que os pesquisadores abrem as portas para mostrar o que faz para a comunidade, para os jovens principalmente, que estão na luta, para fazer uma faculdade, de realizar um sonho, é tudo na vida de uma pessoa.</i>
---------------	---

**Fonte: Resultados das coletas de dados da pesquisa da Tese.**

Já a monitora/mediadora reflete não só como monitora, mas também como moradora do bairro da Terra Firme, onde está instalado o Campus de Pesquisa do Goeldi.

#### Quadro 48: Quadro síntese dos depoimentos

Raimunda Potiguara	<i>Nesse período que eu participei do Portas Abertas, muitos dos alunos não tinham noção nenhuma do que eles iam ser, ah sim, alguns alunos, porque sempre acompanho no monitoramento, eles falam ah! eu vou ser cientista, vou ser um pesquisador, e, nesse período que passou, é, como sou moradora do bairro, eu vi muitos alunos passarem em Biologia, [...] nessas áreas assim, que abrem um norte para eles, então, a contribuição do Portas Abertas é muito importante, principalmente para as escolas do bairro, então, com essas visitas dentro do bairro, que é dentro do bairro o Campus de Pesquisa, eles buscam conhecer, a gente vê o interesse das crianças em cada área, quando ele chega em casa para contar, eles vão contar: olha, eu tinha medo de aranha e agora não tenho mais, [...] se formarem e ter uma graduação futuramente, e, nesse período de dezembro, a gente tem o vestibular, e a gente olha muito, alunos passarem em Biologia, Arqueologia, muita gente faz o Curso e passa, porque, eu vejo que daí houve interesse e houve uma sementinha do Portas Abertas em cada criança que veio aqui visitar, essa é a contribuição que tem o Portas Abertas.</i>
--------------------	---

**Fonte: Resultados das coletas de dados da pesquisa da Tese.**

Raimunda Potiguara atribui ao “Museu Goeldi de Portas Abertas” o incentivo aos jovens do bairro para cursarem Biologia, apesar de o “Portas Abertas” dinamizar todas as áreas de pesquisa, desde as Ciências Humanas (Antropologia, Linguística e Arqueologia), até as Ciências da Terra e Ecologia. A monitora/mediadora cita somente a Biologia mas, referindo-se à Coordenação de Zoologia destaca a Entomologia, que estuda os insetos. Tenta falar da Arqueologia, área das Ciências Humanas, mas não vai muito adiante.

Nesta questão, já explica que o Campus de Pesquisa está localizado no bairro da Terra Firme, e novamente dá ao Portas Abertas a aprovação no vestibular, dizendo que *“houve uma sementinha do Portas Abertas em cada criança que veio aqui visitar, essa é a contribuição que tem o Portas Abertas”*.

Em relação à contribuição do que elas acreditam que o Programa “Museu Goeldi de Portas Abertas” pode trazer para a comunidade científica, a pesquisadora o tempo todo aborda a questão do espírito científico. A seguir, suas falas:

**Quadro 49: Quadro síntese dos depoimentos**

Berta Lange	<p><i>Despertar o espírito científico na criança, nos jovens, conhecendo o que o Museu faz, o que pesquisa, pode-se dizer, e que a importância de um Museu para o estudo científico, porque, não existe estudo científico, sem uma coleção científica. O estudo científico sempre começou baseado em alguma coleção, como antigamente se dizia nas salas museológicas, se você tem uma coleçãozinha de pedra, você pegou não sei aonde, aonde você pegou essa pedra? Ela é formada de que? De onde ela veio? Será que ela tem origem vulcânica? Se ela faz parte da composição dali? Você pega uma plantinha, essa planta veio de onde? Será que ela era daqui da região, ou alguém trouxe para plantar? Um peixe, então, você fez uma coleção e despertou, todo o colecionador tem espírito de museólogo, você tem o herbário, o que é herbário? É a coleção de plantas, você tem toda a floresta, você pega o jornal, um ano, fecha, por onde você identifica a planta, você prensa ele numa cartolina padronizada, aí você vai dar o nome da espécie, da família, então, alguém que precisa lá, você quer fazer uma planta com um fármaco, qualquer remédio, então, qualquer remédio ele vem ou das plantas ou então de animal, então, você tem que saber o nome científico, não adianta você botar o nome vulgar, vamos dizer o arumã, na minha região chamam arumã e outras guarumã, por exemplo, a Raimundinha fez um trabalho com cipó d’alho, você tempera e usa em nem sei quantas espécies, cada uma tem quantidade. Eu acabei estudando o cipó d’alho, ela é ótima, fui lá no interior, você plantar na roça, as raízes dela remove a terra, enriquece a terra, e também serve como um controle biológico, com aquele cheiro não dá muito bicho, não precisa botar adubo, então o índio sabe disso, dona Chiquinha dá aula, porque planta por exemplo, um mamoeiro ali do lado, para não dar bicho, não precisa botar veneno, como disse Dra. Clara naquele dia hoje se ver que muitos do índice do autismo, veneno que vem do trigo, e aí a mãe vai dando para os seus filhos as pessoas vão tendo essas alterações.</i></p>
-------------	--

**Fonte: Resultados das coletas de dados da pesquisa da Tese.**

Bachelard (1996, p. 10) afirma que:

Insistiremos no fato de que ninguém pode arrogar-se o espírito científico enquanto não estiver seguro, em qualquer momento da vida do pensamento, de reconstruir todo o próprio saber. Só os eixos racionais permitem essa reconstrução. O resto é baixa mnemotecnica. A paciência da erudição nada tem a ver com a paciência científica.

Quando Berta Lange inicia seu posicionamento a respeito da contribuição que o Programa “Museu Goeldi de Portas Abertas” pode trazer para a comunidade científica, é enfática ao afirmar que é pelo despertar do espírito científico na criança e nos jovens, mesmo indo de encontro ao que Bachelard afirma.

Berta Lange, em sua narrativa, faz um recorte da pesquisa científica, explicando sobre uma *coleção científica* – mas, as coleções científicas biológicas, segundo, o site do Museu Goeldi,

Uma Coleção Científica tem o compromisso de preservar o acervo indefinidamente. Deve ser o registro permanente da herança natural do planeta e o investimento da sociedade neste tipo de coleção deve ser contínuo. Para tanto, é indicado que uma Coleção Científica deve ter o compromisso da instituição em que se encontra para a sua manutenção permanente. Vale lembrar que é comum a existência de ótimas coleções de determinado grupo de seres vivos onde há um pesquisador especialista neste grupo, em determinada instituição, mas que ao ocorrer o encerramento das atividades deste especialista na instituição, sem reposição ou interesse de outros pesquisadores, a coleção acaba se deteriorando. (Disponível em <http://ppbio.museu-goeldi.br>. Acesso em 05 nov 2018)

No Museu Goeldi existe um Conselho de Curadoria:

O Conselho de Curadoria das Coleções Científicas do Museu Paraense Emílio Goeldi foi instituído pela Ordem Interna nº 002/2002 e atua em conformidade com as Normas Gerais de Uso e Gerenciamento das Coleções do MPEG. A presidência do Conselho é exercida pelo coordenador de Pesquisa e Pós-Graduação do MPEG (CPPG) e a vice-presidência será do coordenador de Pesquisa substituto.

O Conselho de Curadoria é dividido em duas câmaras técnicas que abrigam as diferentes coleções institucionais:

Câmara de Biodiversidade e Ciências da Terra

Presidente: Dr. Cleverson Rannieri Meira dos Santos

Vice-presidente: Dr. Wolmar Benjamin Wosiacki.

Coleções:

a) Coleções Paleontológicas e de Minerais e Rochas- Maria Inês Feijó Ramos

b) Herbário - Pedro Lage Viana

c) Coleção de Fungos - Helén Sotão

- d) Coleção de Briófitas - Anna Luiza Ilkiu Borges Benkendorff
- e) Coleção Carcinológica e Invertebrados Não-artrópodos - Cleverton Rannieri Meira dos Santos
- f) Coleção Entomológica - Orlando Tobias Silveira
- g) Coleção Ictiológica - Wolmar Benjamin Wosiacki
- h) Coleção Herpetológica - Ana Lucia da Costa Prudente
- i) Coleção Ornitológica - Alexandre Padovan Aleixo
- j) Coleção Mastozoológica - José de Souza e Silva Junior
- k) Coleção Arachnida - Alexandre Bragio Bonaldo

Câmara de Ciências Humanas e Documentação

Presidente: Dra. Claudia Lopez

Vice-presidente: Dra. Doralice dos Santos Romeiro

Coleções:

- a) Coleção Etnográfica- Cláudia Lopez (CCH)
- b) Coleção Arqueológica – Maura Imazio (CCH)
- c) Coleção de Linguística - Denny Moore (CCH)
- d) Coleção Bibliográfica Essencial e Rara - Berenice de Figueiredo Bacelar (Biblioteca)
- e) Coleções Históricas Documentais - Doralice Romeiro (Biblioteca). (Disponível em <http://ppbio.museu-goeldi.br>. Acesso em 05 nov 2018)

Retornando à questão abordada por Berta Lange sobre seu posicionamento a respeito da contribuição que o Programa “Museu Goeldi de Portas Abertas” pode trazer à comunidade científica, ela assim cita: *dona Chiquinha dá aula, porque planta, por exemplo, um mamoeiro ali do lado, para não dar bicho, não precisa botar veneno, como disse Dra. Clara naquele dia hoje se ver que muitos do índice do autismo, veneno que vem do trigo, e aí a mãe vai dando para os seus filhos as pessoas vão tendo essas alterações.* Portanto, ela fala fluentemente sem se importar em explicar quem são as pessoas citadas.

Quadros (2018, p. 30) explica quem é Chiquinha:

Francisca Rosa, é moradora da Terra Firme desde o começo da ocupação, e durante as lutas comunitárias ocorridas na década de 70, em prol da moradia, conheceu Maria Francisca (uma das entrevistadas desse trabalho) e tornaram-se amigas. Desse modo, devido a diferença de estatura, os demais moradores passaram a chamá-las de Chiquinha e Chicona, sendo a primeira, como o apelido sugere, menor. Francisca Rosa prefere que a chamem desse modo, Chiquinha. Ela é moradora antiga do lugar, tem cabelos brancos, é mãe de quatro filhos, divorciada, católica, conselheira do Ponto de Memória, dona de casa e foi uma das professoras, sem formação, que atuou, lecionando no Centro Comunitário Bom Jesus.

Clara Takaki Brandão é médica e nutróloga, idealizadora do programa de orientação alimentar do Ministério da Saúde na década de 1990. Sobre a questão 5, que fala da importância do Programa “Portas Abertas” e da educação museal, as interlocutoras deram as seguintes respostas:

**Quadro 50: Quadro síntese dos depoimentos**

Maria Almeida	<i>É muito importante esse trabalho, porque é um aprendizado para a comunidade, para as pessoas que participam, principalmente para os jovens, adolescentes, para aqueles que estão querendo ser doutores, né? Que estão fazendo faculdade, isso é de grande importância na vida desses jovens, da comunidade, desse conhecimento.</i>
---------------	--

**Fonte: Resultados das coletas de dados da pesquisa da Tese.**

Assim como Raimunda Potiguara citou em respostas anteriores o “Museu Goeldi de Portas Abertas”, Maria Almeida cita o mesmo como incentivador para os jovens estudarem e se tornarem doutores. Pereira (2007, p. 12) analisa os museus, levando em consideração o que o público percebe deles, não somente como ambientes culturais, mas como lugares de educação: “Como olhar o museu e não pensá-lo como um espaço que preserva e educa? Educa não somente pela sua materialidade, mas também pelas palavras, pelos gestos, pelos saberes, pela sonoridade e silêncios, pelas relações que nele se estabelecem”.

A monitora/mediadora relatou sua opinião da importância do Programa “Museu Goeldi de Portas Abertas” da seguinte maneira:

**Quadro 51: Quadro síntese dos depoimentos**

Raimunda Potiguara	<i>Bom, é importante pra mim, porque, muita coisa a gente não conhece, muita coisa a gente não sabe, da Botânica, eu não sabia o que a Botânica fazia, eu não sabia o que a Arqueologia fazia, que a Zoologia fazia, então, isso é uma forma da gente mesmo buscar saber, saber, mesmo não tendo um norte pra gente futuramente, mas é importante a gente saber um pouquinho de cada setor, porque um dia quem sabe lá na frente eu precise de uma área dessa e eu já vou saber a quem buscar, no caso, a Botânica, eu não sabia que tinha, o trabalho deles é muito importante ali na Botânica, porque eles fazem todo um processo, tudinho e eu não sei, acho que futuramente se eu precisar de algum serviço, já sei a quem procurar, a Botânica, então é muito importante!</i>
--------------------	--

**Fonte: Resultados das coletas de dados da pesquisa da Tese.**

A monitora/mediadora fala da importância do “Portas Abertas” e sempre se coloca como exemplo, quando cita aquilo que não conhecia das áreas de pesquisa do Museu Goeldi. Assim, além de ela ser a pessoa que conduz os estudantes e os professores aos locais disponíveis a visitas, ela se diz aprendiz do que está

sendo ali exposto e explicado. Cita bastante as Coordenações de Botânica e Zoologia e mais uma vez tenta falar das Ciências Humanas, sem aprofundamento, apenas citando a palavra “Arqueologia”.

A respeito da questão 5, Berta Lange responde de maneira rígida e exaltada a esta questão, cita nomes de pesquisadores que têm opinião diversa da dela, fala abertamente que eles dizem que não acham que devem participar e se revolta, conforme abaixo:

**Quadro 52: Quadro síntese dos depoimentos**

Berta Lange	<i>Acho fundamental, bem básica, de você fazer a interação entre os pesquisadores e a comunidade que nos mantém, que paga o nosso salário, ela tem que saber o que a gente está fazendo aqui, então é importante que você divulgue, eu tenho muitos colegas que dizem ah!, eu não tenho obrigação de fazer isso, o pessoal passa aí na frente, nem sabe, mas ela paga imposto e é brasileiro, ela que paga o nosso salário, então, como eu sou doutora, estudei em escola pública, em universidade pública, sou funcionária pública, então, essa sociedade toda que me mantém, estou fazendo pesquisa, gerando conhecimentos em benefício da população, não é só para olhar o seu umbigo, então o Portas Abertas acho fundamental.</i>
-------------	--

**Fonte: Resultados das coletas de dados da pesquisa da Tese.**

Quando diz: como eu sou doutora, estudei em escola pública, em universidade pública, sou funcionária pública, então, essa sociedade toda que me mantém, estou fazendo pesquisa, gerando conhecimentos em benefício da população, não é só para olhar o seu umbigo, então o “Portas Abertas” acho fundamental! É uma reflexão corajosa e remonta à Paixão (2013, p. 49), que pontua que “a pesquisa e os seus resultados são bens públicos, e devem ser comunicados e socializados por meio dos veículos disponíveis institucionalmente”. Berta Lange, em vários momentos de sua entrevista, diz que estudou em escola pública, que é funcionária pública, o que é interpretado da mesma forma por Paixão (2013, p. 49):

O conhecimento produzido na Universidade é um bem público, que deve ser usado para o ensino e produção de novos estudos e pesquisas nas diversas áreas de atuação, não pode ficar restrito ao exercício vaidoso de individualidades que anunciam a desconstrução paradigmática e o fim das regras de construção do conhecimento em educação, como se fossem profetas dadaístas de um novo horizonte pragmático, sem história, sem filosofia, sem matriz, “contra o método”.

Berta Lange fala abertamente desse conhecimento produzido na Universidade ser um bem público, especialmente quando fala: *acho fundamental, bem básica, de você fazer a interação entre os pesquisadores e a comunidade que nos mantém, que paga o nosso salário, ela tem que saber o que a gente está*

fazendo aqui, então é importante que você divulgue, eu tenho muitos colegas que dizem ah!, eu não tenho obrigação de fazer isso, o pessoal passa aí na frente, nem sabe, mas ela paga imposto e é brasileiro, ela que paga o nosso salário. Portanto, concorda com Paixão quando ele explica que não pode ficar restrito ao exercício vaidoso de individualidades.

A questão específica para Berta Lange foi: O que mais lhe chamou atenção do “Portas Abertas” enquanto pesquisadora? Ela responde assim:

**Quadro 53: Quadro síntese dos depoimentos**

Berta Lange	<i>Essa interação entre as diferentes áreas de pesquisa que o museu tem né, porque o Goeldi tinha visão holística ciências Humanas, Ciências da Terra, dentro da Antropologia, índio, pescador, pesquisador e dentro do Zoo, todas as áreas, vertebrados e os invertebrados, essa interação entre os pesquisadores e contribuir para despertar o espírito científico na criança e assim a consciência de existir esta instituição aqui, para a gente gerar conhecimentos em benefício dessa comunidade, somos pagos graças à Deus, sou paga para fazer uma coisa que eu possa gerar, um dia desse um colega disse assim, ah meu compromisso era com a chefe com a Dra. Não senhor, o seu compromisso é com a Instituição, que paga o seu salário, você é servidor público, para você tem que saber. Seu compromisso serviço despertar servidor público benefícios, tem que dar o seu melhor em benefício da população.</i>
-------------	--

**Fonte: Resultados das coletas de dados da pesquisa da Tese.**

Lange inicia sua narrativa elogiando a gestão de Emílio Augusto Goeldi e suas ideias futuristas – naquela época já pensava em trabalhar no Museu Goeldi com as mesmas áreas científicas que atua até a atualidade. Um detalhe que chamou a atenção foi que, durante toda a entrevista, ela dá exemplo da Antropologia como representatividade da área de Ciências Humanas, ou seja, percebe-se que a área que mais marca a sua relação como pesquisadora da Botânica e de outras áreas é a Antropologia. Dá exemplo dos índios e dos pescadores, mas esquece a Linguística e a Arqueologia, que são subáreas estudadas nas Ciências Humanas.

Apresenta-se em suas narrativas como pessoa de muita religiosidade, sempre agradecendo a Deus por sua carreira de investigadora. Sobre ser uma cientista, Bezerra (2007, p. 152) aponta da seguinte maneira:

Desde cedo, ainda na graduação, o indivíduo que pretende seguir a carreira científica começa a aprender os códigos que pautarão toda a sua vida acadêmica. As regras formalmente elaboradas e publicadas, existem para todas as situações, desde a apresentação de trabalhos acadêmicos, a elaboração de monografias, dissertações e teses, a apresentação de projetos, a publicação de livros, a orientação à docentes e demais atividades pertinentes à carreira.

Pelas falas de Berta Lange, percebe-se que, mesmo seguindo todas as regras apontadas acima, ela mostra a vontade de compartilhar seus conhecimentos para a sociedade por meio das ações do “Portas Abertas”. Apesar de todo o rigor exigido em sua carreira, como Bezerra (2007, p. 152) aponta:

O rigor científico está em todas as etapas da carreira. Um cientista renomado passa por diversos estágios e provas. Via de regra, antes de atingir o ápice, o cientista é sempre aprendiz de algum outro. O orientador tem a responsabilidade de moldar o seu aprendiz para que ele venha a ser um dia um cientista.

Berta Lange, praticamente em todas as questões respondidas, cita a sua orientadora na Coordenação de Botânica, Dra. Raimunda Potiguara.

Para a comunitária Maria Almeida, a questão “O que mais lhe chamou atenção enquanto comunitária, em referência ao Portas Abertas?” teve a seguinte resposta:

**Quadro 5418: Quadro síntese dos depoimentos**

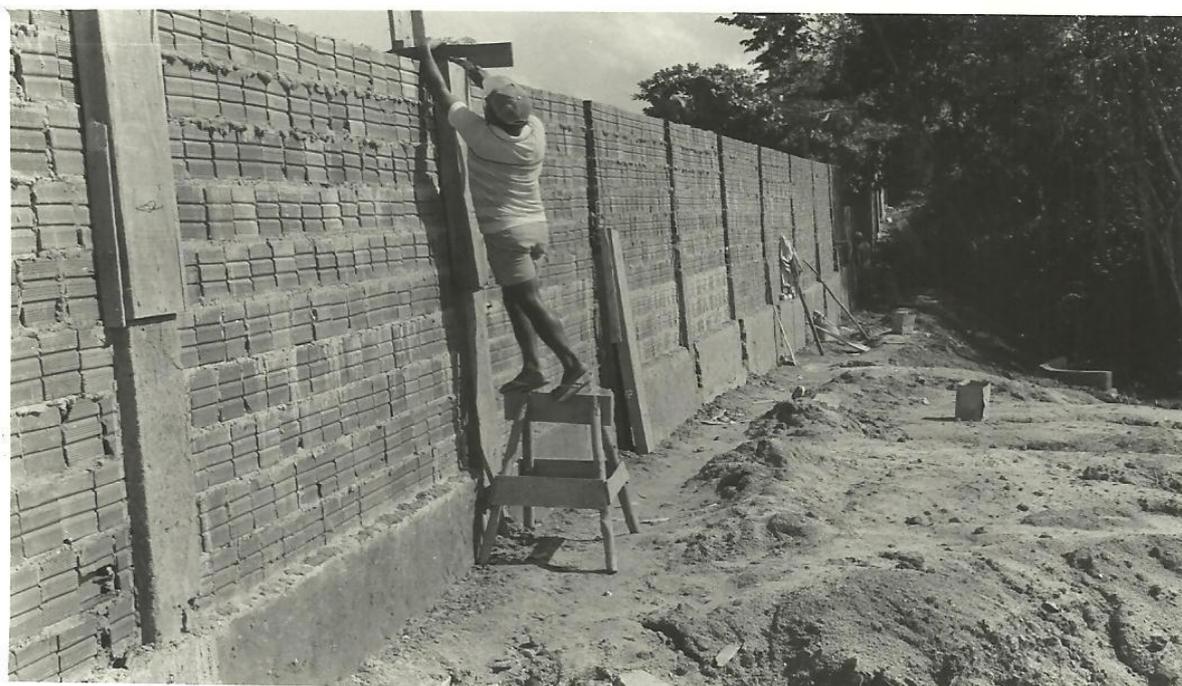
Maria Almeida	<i>Bem, o que mais me chama atenção, é, o que eu já aprendi de conhecimento nessa atividade, é como se eu estivesse assim fazendo vários cursos, várias oficinas, é um aprendizado para mim, para minha pessoa. E para a comunidade, acho que é importante, muito mais do que para mim, porque, é uma maneira de eles ficarem conhecendo através da gente, vindo com a gente aqui nas atividades, isso é, pessoas que não conhecia, morava aqui no bairro, mas não conhecia o trabalho e muitos ainda não conhecem, do bairro que não conhece o que tem aqui dentro, igual eu não conhecia, fui eu que questionei, em 1985.</i>
---------------	---

**Fonte: Resultados das coletas de dados da pesquisa da Tese.**

Nessa resposta há pontos a serem decifrados, quando ela afirma que *é como se eu estivesse assim fazendo vários cursos, várias oficinas, é um aprendizado para mim, para minha pessoa*. Portanto, após escutá-la com muito cuidado, foi possível entender que ela estava se referindo a todas as exposições apresentadas durante o “Portas Abertas”. Ainda diz mais: que as outras pessoas da comunidade aprendiam com ela, por meio do que ela vivenciava.

Quando diz que *do bairro que não conhece, o que tem aqui dentro, igual eu não conhecia, fui eu que questionei, em 1985*, é possível constatar que em sua memória veio o início. Quando ela fez a pergunta ao diretor Guilherme de La Penha, ela fez questão de dizer que foi ela mesma que questionou “o que existia atrás do muro? O que estava sendo construído na Avenida Perimetral, bairro da Terra Firme?”.

**Figura 30: Construção do Campus de Pesquisa, na década de 70.**



**Fonte:** Arquivo Guilherme de La Penha/MPEG – Reprodução: Mário Quadros.

Nesta imagem é retratada a construção do Campus de Pesquisa do Museu Paraense Emílio Goeldi, espaço da instituição que abrigaria as Coleções Científicas das Coordenações de Botânica, Zoologia, Ciências da Terra e Ecologia e Ciências Humanas. A fala da comunitária Maria Almeida, reflete a curiosidade que os moradores do bairro da Terra Firme tinham em relação ao muro.

Quadros (2014, p. 88) afirma essa curiosidade da comunidade da seguinte forma:

Ocorre que o Campus de Pesquisa foi construído e situa-se na Avenida Perimetral da Ciência, no bairro da Terra Firme, por isso, desde a sua “inauguração”, houve uma determinada curiosidade por parte dos moradores, que acreditavam não poder adentrar na instituição, por conta disso, eles queriam ter acesso ao local de alguma forma. A partir daí se dá o início da relação do Museu Paraense Emílio Goeldi com o bairro da Terra Firme.

Assim sendo, surge a relação entre o Museu Paraense Emílio Goeldi e a comunidade do bairro da Terra Firme, em 1985, conforme relatado em detalhes em um subitem próprio.

- A mediadora com o pseudônimo Raimunda Potiguara narrou da seguinte maneira o que mais lhe chamou a atenção em relação aos procedimentos educativos no “Portas Abertas”:

**Quadro 195: Quadro síntese dos depoimentos**

Raimunda Potiguara	<p><i>O que mais me chamou a atenção foi a atenção das crianças, porque eles chegam numa ansiedade tão grande aqui, são crianças mesmo que são mesmo danadinhas, mesmo, só que quando eles chegam, a gente faz a divisão e leva para cada setor, a gente passa toda a orientação, [...] eles respeitam e escutam o pesquisador a falar daquele determinado assunto, então, esse é um interesse muito grande que eu acho, que as crianças elas tem essa atenção em ouvir, que é diferente de tá dentro da sala de aula, porque na sala de aula o professor tá lá falando tudinho, só que aqui não, o professor ele tá falando e mostrando a prática, então, eles estão olhando, tão pegando em algumas peças que são autorizadas pelos pesquisadores, [...]. Os professores eles, como vi na escola do meu irmão daqui do bairro, eles falam, que têm certos assuntos, que falam dentro de aula, mas mostrando na pratica é bem melhor, então dentro da escola eles já passam esse assunto, e, os professores, alguns que não conheciam o Portas Abertas, que vieram a primeira vez, acharam o máximo isso, porque, eles só falavam de boca, só falavam dentro da sala e tinham por imagens nos livros, e não tinha como mostrar, e, eles quando descobriram essa fonte maravilhosa aqui na Terra Firme, [...]bom, todo ano eles falaram, todo ano a gente vai participar do Portas Abertas, porque, eles falam em sala de aula os professores, mas eles, é interessante eles mostrarem em laboratórios, mostrar as coisas que tem dentro daqui e nenhum lugar tem, só no museu tem, então, os professores eles saem muito gratificante, porque, o que eles rodam em sala de aula, eles estão podendo mostrar aqui para as crianças, então, é muito importante para os professores também esse momento.</i></p>
--------------------	--

**Fonte: Resultados das coletas de dados da pesquisa da Tese.**

A visão apresentada pela mediadora/ monitora mostra de maneira geral a situação educacional que ela observa no bairro da Terra Firme. Ela exalta a atuação dos pesquisadores durante o “Portas Abertas”, principalmente pelo comportamento dos alunos visitantes, mas também ressalta a possibilidade de o professor sair da sala de aula e apresentar o que os alunos só iam conhecer por meio dos livros.

Em relação à questão “de que forma você entende que o Museu deve interagir com a sociedade, se cabe a ele esse papel”, elas responderam assim:

**Quadro 206: Quadro síntese dos depoimentos**

Maria Almeida	<p><i>Sim, de uma maneira ou de outra ele está abrindo a mente, os olhos, para aquilo que é necessário para gente, em termos de conhecimento, em termos de cultura.</i></p>
Raimunda Potiguara	<p><i>Bom, cabe ao Museu, porque, dá feita que o pesquisador ele vai pesquisar, ele deve mostrar pra sociedade o que ele faz, porque, como é que vai haver interesse de uma criança a seguir aquele futuro, então, o pesquisador ele estuda, ele trabalha, mas ele tem que mostrar o trabalho dele, para incentivar outras pessoas, a gostarem daquilo, porque nem todo mundo gosta, como falei anteriormente, muita gente não conhece, então, com esse trabalho, os pesquisadores vão mostrar para todo mundo, as crianças no caso, os moradores do bairro, a incentivar até o prazer de gostar daquilo, de pegar numa aranha, de pegar numa cobra, então, isso é muito incentivador para comunidade,</i></p>

	<i>para incentivar as pessoas a gostarem daquela área.</i>
Berta Lange	<i>Cabe ao Museu, esclarecer ou divulgar, instituição pública com a missão de gerar conhecimentos, principalmente na região amazônica, em todas as áreas de que ele é composto, e divulgado através da Museologia, das suas exposições, de seu boletim científico, e de suas publicações, de divulgação científica, como artigos, nos jornais, jornalzinhos, entrevistas, então, de divulgar a geração de conhecimentos, que conhecimentos ele está gerando?, e, como instituição pública, sempre os servidores públicos, né? Tem que dar o seu melhor, em troca da sociedade como um todo, já que nós somos públicos, todo mundo tem o direito, todos tem o direito de saber, de conhecer, qual o conhecimento gerado, pesquisado aqui.</i>

**Fonte: Resultados das coletas de dados da pesquisa da Tese.**

As três interlocutoras admitiram que cabe ao Museu Goeldi interagir com a sociedade, apresentaram formas como o mesmo pode atuar e também fizeram cobranças, dizendo que é obrigação do pesquisador dar o retorno de suas pesquisas. Isso fica explícito na fala de Raimunda Potiguara, quando afirma que *dá feita que o pesquisador ele vai pesquisar, ele deve mostrar para a sociedade o que ele faz*. Berta Lange, sendo uma cientista, tem a visão de que *tem que dar o seu melhor, em troca da sociedade como um todo, já que nós somos públicos, todo mundo tem o direito, todos tem o direito de saber, de conhecer, qual o conhecimento gerado, pesquisado aqui*. Essas falas dos sujeitos investigados claramente dimensionam a valorização que atribuem ao “Museu Goeldi de Portas Abertas”.

A próxima questão questiona: “você acha importante que a comunidade conheça as pesquisas científicas realizadas no MPEG? Por quê?” Iniciamos por Maria Almeida:

#### **Quadro 57: Quadro síntese dos depoimentos**

Maria Almeida	<i>Muito importante, que tenha essas atividades aqui dentro e que os moradores conheçam, porque é uma maneira deles conhecerem o que as pessoas, o que os pesquisadores fazem no Campus, é um conhecimento a mais para a comunidade.</i>
---------------	--

**Fonte: Resultados das coletas de dados da pesquisa da Tese.**

A naturalidade com o que Maria Almeida fala do Campus de Pesquisa mostra claramente o conhecimento que ela tem do instituto, assim como a sua familiaridade com as pesquisas científicas ali estudadas. É notório que esse conhecimento foi possível graças aos anos de participação nos projetos do Museu Goeldi. As lembranças que surgem pelos anos envolvidos nessas ações museais e sociais é o que é traduzido no item *a memória como função social*, por Bosi (1994, p. 81):

É o momento de desempenhar a alta função da lembrança. Não porque as sensações se enfraquecem, mas porque o interesse se desloca, as reflexões seguem outra linha e se dobram sobre a quintessência do vivido. Cresce a nitidez e o número das imagens de outrora, e esta faculdade de lembrar exige um espírito desperto, a capacidade de não confundir a vida atual com a que passou, de reconhecer as lembranças e opô-las às imagens de agora.

Assim, nas suas lembranças, Maria Almeida muitas vezes voltava ao passado e falava de sua experiência como professora de crianças de 4 anos e do início de sua vivência no Museu Goeldi.

**Figura 31: Visita da Comunidade da Terra Firme no Campus de Pesquisa/MPEG**



**Fonte:** arquivo Serviço de Educação/Museu Paraense Emílio Goeldi.

Nesse item, a mediadora/ monitora Raimunda Potiguara apresenta suas impressões e, com uma interpretação um pouco confusa em alguns momentos, deixa perceptível o seu conhecimento do que existe no Campus de Pesquisa do Museu Goeldi:

**Quadro 58: Quadro síntese dos depoimentos**

Raimunda Potiguara	<p><i>Acho importante, porque aqui na Terra Firme, a gente é contemplado por vários laços de pesquisa, então, é importante as pessoas conhecerem, por exemplo, semana passada, uma cobra entrou aqui na casa de uma moradora do bairro da Terra Firme, então, ele sabendo o processo de pesquisa que tem dentro do Museu ou qualquer outra instituição, ele vai procurar, procurar um órgão específico para dar esse apoio pra ele, então, um morador que mora no muro do Museu ou no muro de uma outra instituição, ele tá ali, então ele sabendo da pesquisa que tem presente em cada instituição, então ele vai saber a quem recorrer, então, no caso desse, essa cobra foi acionada o curió-utinga que eles vieram, a base veio da Polícia, e pegou, apreendeu a cobra e devolveu de volta, se o Museu tivesse um trabalho com cobras e a comunidade estivesse ciente, ela vinham buscar o Museu para fazer essa apreensão da cobra.</i></p>
--------------------	--

**Fonte: Resultados das coletas de dados da pesquisa da Tese**

Ao afirmar, no início de sua fala, que *porque aqui na Terra Firme, a gente é contemplada por vários laços de pesquisas*, ela está se referindo às outras instituições de pesquisa que existem no bairro, conforme Quadros (2014, p. 19):

Vale lembrar que várias instituições de pesquisa e educação estão situadas no bairro, como: Campus de Pesquisa do Museu Paraense Emílio Goeldi (MPEG), Universidade Federal do Pará (UFPA), Universidade Federal Rural da Amazônia (UFRA), Empresa Brasileira de Pesquisa (EMBRAPA) e Escola de Aplicação da UFPA. Além disso, algumas instituições de ensino da rede pública estadual, municipal e privadas, como por exemplo: Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Mário Barbosa, E.E.E.F.M. Brigadeiro Fontenelle, Escola Municipal Parque Amazônia e Centro Educacional Piaget.

Importante ressaltar que a mediadora/ monitora dá o exemplo de uma cobra encontrada no bairro da Terra Firme e explica com propriedade que não é papel do Museu Goeldi fazer esse trabalho de resgate, e que a comunidade deve entender esse processo.

A mesma questão foi direcionada à representatividade da pesquisa: “você acha importante que a comunidade conheça as pesquisas científicas realizadas no MPEG? Por quê?”

**Quadro 59: Quadro síntese dos depoimentos**

Berta Lande	<i>Sim, por ser uma instituição pública, os servidores públicos que nela trabalham, tem o dever de divulgar, o que estão fazendo aqui, que conhecimento geraram, seja na área de Botânica, de Zoologia, de Ciências da Terra ou da Antropologia, então, a Antropologia como já se diz, estuda o homem, tudo relativo ao homem, quais os homens que existiram aqui, qual era a sua cultura, quais eram seus utensílios, através da cerâmica né? os pescadores, que utensílios de pesca eles usam?, em cada região tem uma maneira, por exemplo, fui fazer um trabalho que nunca publiquei, sobre os instrumentos de pesca no Marajó, interessante, como a água salgada e a água doce, ela separa os tipos, quem é do lado da água salgada, então você faz os cacuris, farinha goiabeira, amarrada com outro cipó, quem é da água doce jupati, faz os currais, completamente diferente, as plantas, os tipos de peixes da água salgada e de água doce são outros geralmente de escamas, meu pai que era do baixo amazonas são mais valorosos, mais gostosos, como ele era da água doce gabava que o dele era melhor.</i>
-------------	--

**Fonte: Resultados das coletas de dados da pesquisa da Tese.**

Maria Almeida e Raimunda Potiguara falam da importância da pesquisa científica do Museu Goeldi para o bairro; já Berta Lange, além de valorizar as pesquisas, fala novamente que é obrigação divulgar não só entre os pares, mas para a população em geral. Explica as áreas de pesquisa de responsabilidade da instituição e exemplifica não sua área de atuação, a Botânica, mas sim a de

Ciências Humanas, mais especificamente a Antropologia. Exemplifica com os conhecimentos tradicionais do Marajó e com as experiências de pesca de seu pai, já falecido. Mais uma vez sua emoção vem à tona.

A entrevista se encerra para Maria Almeida e Raimunda Potiguara, com a seguinte questão: “qual a percepção da comunidade do bairro da Terra Firme sobre o Programa como um meio de socialização do conhecimento científico?”.

**Quadro 60: Quadro síntese dos depoimentos**

Maria Almeida	<i>Muitos falam ah! Eu não sabia que tinha isso aí dentro, e é tão maravilhoso essas atividades aí dentro, quando vocês convidam a comunidade, as pessoas que vão se interessam, outros não se interessam, uns se interessam, mas outros não se interessam. Após passar o evento, eles vêm questionar: ah não me convidou? Eu disse não, nós convidamos a comunidade, agora, tem aqueles que não vão, e aqueles que vão, tem aqueles que se interessam, outros não se interessam pelas coisas que a gente divulga para eles, né? faz o convite. O que eu quero dizer é que o projeto continue cada vez mais e mais, e criando outras formas de lidar com o público.</i>
---------------	---

**Fonte: Resultados das coletas de dados da pesquisa da Tese.**

A última fala de Maria Almeida vai em direção à divulgação realizada para a comunidade do bairro da Terra Firme. Ela questiona o desinteresse das pessoas que ao mesmo tempo reclamam de não terem sido convidados, ou seja, retrata a situação da comunicação entre os grupos comunitários e ao final sugere a continuação do Projeto por meio de novas metodologias.

Canclini (2015) trata de mediações e de democratização, além de explanar sobre a pretensão dos artistas, dos jornalistas ou de qualquer trabalhador cultural de operar como mediador entre campos simbólicos nas relações entre grupos diversos. Isso contradiz o movimento do mercado rumo à concentração e à monopolização. Assim, a comunitária Maria Almeida posicionou-se como uma mediadora entre a comunitária e o Museu Goeldi, pois sente-se na obrigação de realizar a comunicação entre os grupos.

Nesse sentido, mais uma vez é importante o entrelaçamento da fala de Maria Almeida e Canclini (2015, p. 372):

Na medida em que diminui o papel do poder público como garantia de democratização informativa, da socialização de bens científicos e artísticos de interesse coletivo, esses bens deixam de ser acessíveis para a maioria. Quando a cultura deixa de ser assunto público, privatizam-se a informação e os recursos intelectuais nos quais se apoia parcialmente a administração do poder.

A questão analisada aqui é que Maria Almeida não aceita o papel de responsável pela comunicação das ações museais, que é o papel do poder público. Conforme Canclini, uma vez diminuído o papel do poder público, a benesse deixa de atingir a maioria da população.

Raimunda Potiguara encerra assim:

**Quadro 61: Quadro síntese dos depoimentos**

Raimunda Potiguara	<i>Nesse meio de 2008 até 2019 a gente tinha um impasse muito grande com os pesquisadores de não quererem abrirem as suas portas, então, no decorrer desses anos, alguns pesquisadores, eles avaliaram e analisaram, porque não abrir? Então, esse ano foi bem interessante, porque eu acho que 100% dos pesquisadores abriram, os que não abriram foi algum motivo que realmente não deu, minha percepção é essa, porque esse olhar que já existia desde 85, eles foram avaliar, analisar, porque para que eles vão pesquisar só para eles? Então, porque não abrir isso para a comunidade? Porque não levar mais o conhecimento? Então, acho que essa percepção, que eles tiveram agora essa sacada, foi muito importante para a sociedade, porque muita gente tem essa visão, poxa, o que é o campus de pesquisa? O que é a pesquisa da Antropologia? O que é Arqueologia? Então isso, eu acho que foi um alerta para os próprios pesquisadores, de pensar em agir, enquanto atividades do Portas Abertas.</i>
--------------------	---

**Fonte: Resultados das coletas de dados da pesquisa da Tese.**

A mediadora/ monitora faz um balanço do período de 11 anos em que atua no Programa “Museu Goeldi de Portas Abertas”. Opina a respeito do que observou nesse período no que toca a atuação dos cientistas e acredita que eles analisaram e refletiram acerca da importância de sua contribuição. Quando ela afirma *esse ano foi bem interessante, porque eu acho que 100% dos pesquisadores abriram*, está indicando o ano de 2018.

A pergunta final para a pesquisadora Berta Lange foi a seguinte: “qual a percepção da comunidade de pesquisadores sobre o Programa como um meio de socialização do conhecimento científico?”

**Quadro 62: Quadro síntese dos depoimentos**

Berta Lange	<i>Olha, os pesquisadores paraenses geralmente, que tiveram a sua formação, a iniciação científica e mestrado na região, sempre valorizam mais o Portas Abertas, se sentem assim, com o compromisso de divulgarem e fazerem essa interação, os pesquisadores de fora, geralmente, eles por desconhecimento do que é o Portas Abertas, da missão do Portas Abertas, dos objetivos do Portas Abertas, geralmente rejeitam e acham que eles, não tem nada a ver com eles, e que a pesquisa é só deles, e que eles estão aqui só para ter um salário, eles sentem-se descompromissados de fazer essa interação, isso que eu sinto, mas, geralmente quando você conversa com eles, [...]uma que já está bastante tempo aqui, do RJ, que é carioca e tudo, eles interagem muito bem, agora tem uns que não, por exemplo, outra, que diz que não gente eu não estou preparada para isso, então, o portas abertas ele nada mais é do que você dizer pra essa</i>
-------------	--

	<p><i>sociedade que nos mantem o que nós fazemos aqui e essa interação acho fantástica as professoras, acho fantástico, que são pessoas dedicadas e são comprometidas com a causa [...] e você fazer essa interação da instituição pública, geradora de conhecimento com a comunidade que a mantém, então, esse compromisso é a origem de tudo, quem não tem compromisso institucional, e de servidor público rejeita, você tem que ter a consciência de que você é um servidor público.</i></p>
--	--

**Fonte: Resultados das coletas de dados da pesquisa da Tese**

A pesquisadora faz uma análise crítica e dura da visão e da participação dos pesquisadores do Museu Paraense Emílio Goeldi no “Portas Abertas”. Segundo ela, os pesquisadores “de fora” não percebem a importância desta ação museal para a sociedade. Faz elogios à coordenação do “Portas Abertas” e explicita os objetivos do Programa com muita propriedade.

Berta Lange fala abertamente os nomes, sobrenomes e locais de origem dos pesquisadores que não participam do “Portas Abertas”, assim como o porquê da não participação. Afirma que *eles se sentem descompromissados de fazer essa interação*, mas de alguma maneira tenta convencê-los a participar, chegando a dialogar e tentar convencê-los a apresentar as suas pesquisas científicas.

Foram fundamentais as respostas das entrevistadas, sobretudo para confirmar a questão principal desta tese. Falaram da importância da educação museal e, de forma minuciosa, relatam as suas participações e enaltecem a área científica institucional, revelando interesse em participar do Programa.

No decorrer do estudo, cujo objetivo principal foi analisar as questões ligadas à cultura científica que perpassam o programa “Museu Goeldi de Portas Abertas”, no sentido de compor o campo da epistemologia da educação museal, houve todo o processo de construção do conhecimento. Neste sentido, segundo Gamboa (2012, p. 138):

Em cada enfoque epistemológico, tem-se uma maneira especial de conceber os processos lógicos necessários para construir o objeto do conhecimento. Entretanto, em cada enfoque, definem-se formas de delimitar os campos de observação, de tratar informações, de elaborar sequências lógicas e de construir uma interpretação sobre a realidade observada. Isso nos leva a descobrir diferentes maneiras de relacionar o sujeito com o objeto. Como esta temática aborda um dos problemas mais importantes da história da filosofia, relacionada com a questão do conhecimento.

É importante frisar que o enfoque epistemológico acerca do “Museu Goeldi de Portas Abertas” foi construído ao longo dos capítulos. Nesse sentido, foi possível relacionar o sujeito com o objeto, conforme a conceituação de Gamboa. Com todos os dados coletados e analisados nesta pesquisa, colhidos os depoimentos e

estabelecido o diálogo com a Epistemologia, é possível confirmar que o Programa, na sua construção interdisciplinar de socialização e popularização do conhecimento científico, promove a construção de elementos que, encadeados, compõem os suportes para a epistemologia da educação museal.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Problematizar e entrelaçar a epistemologia e a educação museal, voltados para uma ação educativa do Museu Paraense Emílio Goeldi e construir o desdobramento de criar uma nova categoria – a Epistemologia da Educação Museal, figurou como um exercício de compreensão e ao mesmo tempo de complexidade, pois foi uma longa caminhada, um longo debruçar nos estudos para responder aos questionamentos propostos por esta Tese de Doutorado em Educação.

Na construção deste texto um dos escopos foi apresentar um panorama do processo histórico dos museus, dos museus paraenses e especialmente do Museu Paraense Emílio Goeldi. Foi detalhado o Projeto “O Museu Goeldi leva Educação em Ciência à Comunidade”, assim como o Programa Institucional “O Museu Goeldi de Portas Abertas”. Nesse sentido, percorrer esse caminho de histórico dos referidos projetos e programas foi essencial para abrir espaço para o debate sobre a educação em um sentido amplo, até chegar na educação museal, tendo como pano de fundo uma pesquisa documental, a partir do Regimento Interno do Museu Paraense Emílio Goeldi e do Programa Nacional de Educação Museal. Além disso, para o debate teórico de educação museal, recorreremos a estudiosos do campo da museologia.

O Programa Institucional “O Museu Goeldi de Portas Abertas”, objeto deste estudo, pela primeira vez foi alvo de uma pesquisa acadêmica em uma tese de doutorado, dado comprovado pelo mapeamento realizado. A investigação teve como problemática: até que ponto o Programa Institucional “O Museu Goeldi de Portas Abertas” proporciona um ambiente pedagógico de socialização do conhecimento científico por meio de vários empreendimentos da ciência formal (áreas científicas), desenvolvidos no MPEG, de forma a contribuir para a construção do campo epistemológico da educação museal?

Para apresentar as respostas a essa questão, foi necessário estudar todas as suas faces e interfaces em consulta documental, em pesquisas bibliográficas; com autores da área de educação, da epistemologia, da museologia e da educação museal; em pesquisas de campo, por meio de questionários e entrevistas semiestruturadas, consultando os sujeitos advindos da comunidade do bairro da Terra Firme, monitores/mediadores e pesquisadores, envolvidos em várias áreas

científicas, culturais e educacionais, como a Botânica, Zoologia, Ciências da Terra e Ecologia, Ciências Humanas e a Comunicação e Extensão, uma vez que o objetivo geral da Tese foi analisar, para explicitar, as questões ligadas à cultura científica, que perpassam o programa “Museu Goeldi de Portas Abertas”, no sentido de compor o campo da epistemologia da educação museal.

Ao longo dos anos, os museus vêm passando por um processo de desmistificação e de modificação, com uma nova construção do que é ser museu – do conceito de museus. Nesse processo, começam como uma pequena sala, um pequeno espaço, que era restrito a determinados povos, determinadas populações, dadas suas condições culturais, econômicas, políticas. Em seguida, eles ganham um novo conceito, a fim de que se compreendam os museus como espaços de todos, de construção social que, para ser construído socialmente, precisa de gente, todo tipo de gente. Hoje em dia vários tipos de museus avançam, como exemplo, a museologia social, de céu aberto, pois são várias tipologias de museus surgindo o tempo todo, em um processo muito rápido.

Será que a partir desse novo entendimento os museus vêm acompanhando esse processo civilizatório? Ao longo dos anos que vêm passando não se dá mais para separar em dois grandes grupos – a sociedade dos excluídos daquela dos não excluídos, alta burguesia, porque os museus precisam de gente e não são construídos somente para a burguesia. Será que os museus vêm acompanhando esse processo? Será que o Museu Goeldi vem acompanhando esse processo? Partindo dessa premissa, seria o “Portas Abertas” uma forma de abranger todo e qualquer tipo de público? Não só aquele dito público culto, será que o museu transcende esses conceitos?

Com todos esses questionamentos aflorados, foi possível concluir que: 1. O Programa “Museu Goeldi de Portas Abertas” é um espaço interdisciplinar, de socialização e de popularização do conhecimento científico, por meio de processos educativos que envolvem diversos segmentos da sociedade paraense; 2. Ao expor conhecimentos científicos, isto é, submeter pedagogicamente o conhecimento científico, em uma relação com sujeitos, essa exposição da Ciência assegura que o “Museu Goeldi de Portas Abertas” estabelece uma composição capaz de contribuir com o campo da Epistemologia da Educação Museal.

O “Museu Goeldi de Portas Abertas” faz a integração entre as áreas científicas do Museu Goeldi por meio da Zoologia, da Botânica, das Ciências

Humanas, das Ciências da Terra e Ecologia, ou seja, o “Portas Abertas” tem uma Pedagogia interdisciplinar, de integração desses conhecimentos, pois eles se inter-relacionam, integrando ciências humanas e ciências naturais. Existe o diálogo entre os domínios, há momentos de interseção entre as ciências nesse espaço interdisciplinar, que acaba sendo uma contribuição efetiva para a construção da epistemologia da educação museal. O “Portas Abertas” integra isso tudo, pois populariza a ciência. Ele tira o Museu do alto da sua pirâmide de cristal, ele socializa a Ciência, ele é um espaço interdisciplinar de popularização da ciência.

O Programa Institucional “O Museu Goeldi de Portas Abertas” realmente proporciona o ambiente pedagógico de socialização do conhecimento científico, por meio das ações organizadas pelos pesquisadores e pelos demais envolvidos no Programa, cumprindo os princípios da Política Nacional de Educação Museal, como o previsto pelo princípio 2: a educação museal compreende um processo de múltiplas dimensões de ordem teórica, prática e de planejamento, em permanente diálogo com o museu e a sociedade.

Entretanto, é necessário estarmos atentos, pois, pelas análises documentais do Serviço de Educação, a parte teórica não aparece, apenas a fase de prática e de planejamento, ou seja, é primordial que a equipe educativa reveja os fundamentos filosóficos e as construções teórico-conceituais que dão suporte as ações, atividades e metodologias que se relacionam concretamente com o desenvolvimento do Programa em pauta.

Assim, diante da análise dos resultados obtidos nesta investigação e de todas as respostas obtidas ao longo da pesquisa desta tese, confirmamos que o “Museu Goeldi de Portas Abertas” contribui efetivamente para o campo epistemológico da Educação Museal paraense.

## REFERÊNCIAS

ABREU, Regina. **Síndrome de museus?** Rio de Janeiro: MEC / FUNARTE, 1994. (Série encontros e estudos, 2).

ALCÂNTARA, Camila de Fátima Simão de Moura. **Ponto de Memória:** experiências etnográficas no museu diferente de terra firme, Belém: UFPa, 2016. (Dissertação de Mestrado).

ALMEIDA, Adriana Mortara. **Tempo dos museus.** Ciências em museus, Belém: v. 3. 1991.

ALVES, Vânia Maria Siqueira. **Museus escolares no Brasil:** de recurso de ensino ao patrimônio e a museologia. Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro - Rio de Janeiro: MAST, 2016. Tese (Doutorado em Museologia e Patrimônio).

ARAGÓN, Luis E. Ciência, Educação e desenvolvimento da Amazônia. In: FAULHABER, P.; TOLEDO, P. M. de. **Conhecimento e Fronteira:** história da Ciência na Amazônia. Belém: Museu Paraense Emílio Goeldi, 2001.

ARAÚJO, Marcelo Mattos. **Musas:** Revista Brasileira de Museus e Museologia. Ano XIII, Nº 8. IBRAM. Brasília: 2018.

BACHELARD, Gaston. 1884-1962. **A Formação do Espírito Científico:** contribuição para uma psicanálise do conhecimento. Tradução Estela dos Santos Abreu. – Rio de Janeiro: Contraponto, 1996.

BARRETO, Cristiana Nunes Galvão de Barros. **Corpos de barro: representação e identidade nas cerâmicas antropomorfas da coleção arqueológica do Museu Goeldi. VII Seminário PCI do Museu Goeldi “Pegadas do homem na Amazônia”.** Belém: Museu Paraense Emílio Goeldi, 2017.

BARROS, Henrique Lins de. **Educação e Museu:** A Construção Social do Caráter Educativo dos Museus de Ciência. Rio de Janeiro: Access, 2003.

BASSALO, Lucélia de Moraes Braga. **Entre sentidos e significados:** um estudo sobre visões de mundo e discussões de gênero de jovens internautas. 244, [9] f., il. Tese (Doutorado em Educação). Universidade de Brasília, Brasília, 2012.

BERGSON, Henri, 1859-1941. **Memória e vida.** Textos escolhidos por Gilles Deleuze. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

BEZERRA, Maria das Graças Ferraz. **Cientistas, visitantes e guias nativos na construção das representações de ciência e paisagem na Floresta Nacional de Caxiuanã.** Universidade Federal do Pará – UFPa. Belém, 2007. (Tese de Doutorado).

BEZERRA, Maria das Graças Ferraz. **Floresta Nacional de Caxiuanã:** patrimônio biológico e cultural da Amazônia. Belém: Museu Paraense Emílio Goeldi, 2013.

BOSI, Ecléa. *Memória e sociedade: Lembranças de Velhos*. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

BOSI, Ecléa. **O Tempo Vivo da Memória**: ensaios de Psicologia Social. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.

BRANDÃO, Carlos Roberto Ferreira. *Pontos de Memória: metodologia e práticas em museologia social/Instituto Brasileiro de museus. Prefácio*. Organização dos Estados Ibero-americanos para a Educação, a Ciência e a Cultura. Brasília (DF): Phábrica, 2016.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **O que é Educação**. São Paulo: Brasiliense, 2013.

BRASIL, Ministério do Meio Ambiente. Diretoria de Educação Ambiental. Ministério da Educação. Coordenação – Geral de Educação Ambiental. **Coletivo Jovens de Meio Ambiente**: Manual Orientador, Brasília, 2005.

BRUNO, Maria Cristina Oliveira. **A Pesquisa em Museologia: o Programa Técnico-Científico do Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo**. Ciências em Museus. Belém: 1991.

BRUNO, Maria Cristina Oliveira. *Museologia: algumas idéias para a sua organização disciplinar*. **Cadernos de sociomuseologia**, Lisboa, n. 9, p. 9-33, 1996.

BRUNO, Maria Cristina Oliveira. **Museologia e museus**: princípios, problemas e métodos. Lisboa: ULHT, 1997.

BRUNO, Maria Cristina Oliveira. **Perspectivas Teóricas na Pesquisa em Educação em Museus (mesa redonda)**. Universidade de São Paulo, Museu de Arqueologia e Etnologia. São Paulo: 2012.

**Caderno da Política Nacional de Educação Museal**. Brasília, DF: Instituto Brasileiro de Museus - IBRAM, 2018.

CAMPOS, Vinício Stein. **Elementos de museologia**. São Paulo: Secretaria de Cultura, Esporte e Turismo, 1968.

CANCLINI, Néstor Garcia. **Culturas Híbridas**: estratégias para entrar e sair da modernidade. 4ª ed. 7. Reimp. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2015. (Ensaio Latino-americanos, 1).

CÂNDIDO, Manuelina Maria Duarte. **Gestão de museus, um desafio contemporâneo**: diagnóstico museologia e planejamento. 2ª Ed. Porto Alegre: Medianiz, 2013.

CARVALHO, E. M. SÁNCHEZ GAMBOA, S. O estado da arte da produção de conhecimento sobre as ações afirmativas nas universidades estaduais paulistas. **Revista Pedagógica**, Chapecó, v.16, n.32, p. 169-190, jan. /jul. 2014.

CAVALCANTE, Paulo B. **Guia Botânico do Museu Goeldi**. 3.ed. Belém: Museu Paraense Emílio Goeldi, 2006.

CAZELLI, Sibeles. **Divulgação científica em espaços não formais**. Belo Horizonte: Sociedade Brasileira de Zoológicos, 2000.

CAZELLI, Sibeles; MARANDINO, Martha; STUDART, Denise Coelho. Educação e Comunicação em Museus de Ciência: aspectos históricos, pesquisa e prática. In: GOUVÊA, Guaracira; MARANDINO, Martha; LEAL, Maria Cristina (orgs.). **Educação e Museu: a Construção Social do Caráter Educativo dos Museus de Ciência**. Rio de Janeiro: Access, 2003.

CHAQUIAM, Miguel. **Guilherme de La Penha: uma história do seu itinerário em três dimensões**. Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal – Rio Grande do Norte, 2012. (Tese de Doutorado).

CHIZZOTTI, Antônio. **Pesquisa em Ciências Humanas e Sociais**. São Paulo: Cortez, 2010.

CICILLINI, Graça Aparecida. **A produção do Conhecimento Biológico no Contexto da Cultura Escolar do Ensino Médio: a Teoria da Evolução como Exemplo**. Doutorado em Educação. Universidade Estadual de Campinas, 1997.

CLARKE, Giles. As Exposições vistas pelos olhos dos visitantes – a chave para o sucesso da comunicação em museus. In: **Anais Seminário Internacional de Implantação de Centros e Museus de Ciência** (1: 2002: Rio de Janeiro, RJ).

CONAMA (Conselho Nacional de Meio Ambiente) **RESOLUÇÃO Nº 266, DE 3 DE AGOSTO DE 2000**. Disponível em [https://licenciamento.cetesb.sp.gov.br/legislacao/federal/resolucoes/2000\\_Res\\_CONAMA\\_266.pdf](https://licenciamento.cetesb.sp.gov.br/legislacao/federal/resolucoes/2000_Res_CONAMA_266.pdf)

COSTA, Rogério H. da. **O mito da desterritorialização: do fim dos territórios à multiterritorialidade**. 6ª edição. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2011.

COSTA, Dayseane Ferraz da. **Quando o campo é o museu: uma etnografia da relação homem, tempo e os objetos na cidade de Belém**. (Tese de Doutorado). Universidade Federal do Pará: Belém, 2016.

CRESPÁN, José Luis; TRALLERO, Manuel. Museu e Sociedade. In: ROJAS, R.; CRESPIÁN, J. L.; TRALLERO, Manuel (org.). **Os Museus no Mundo**. Rio de Janeiro: 1979.

CRISPINO, Luís Carlos Bassalo; BASTOS, Vera Burlamaqui; TOLEDO, Peter Mann. **As Origens do Museu Paraense Emílio Goeldi: aspectos históricos e iconográficos (1860 – 1921)**. Belém: Paka-Tatu, 2006.

CUNHA, Osvaldo Rodrigues da. **Talento e Atitude: Estudos Biográficos do Museu Emílio Goeldi**, I. Coleção Alexandre Rodrigues Ferreira. Belém: Museu Paraense Emílio Goeldi, 1989.

CUNHA, Osvaldo Rodrigues da. Jacques Huber (1867 – 1914). **Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi**. Ciências Humanas. vol. 4, nº 3. Belém: Museu Paraense Emílio Goeldi. sept/DEC. 2009.

CUTRIM, Ana Cristina Y. Sawada. Implantação de métodos científicos de avaliação contínua da comunicação museal. **IV Seminário Internacional Museografia e Arquitetura de Museus, Museologia e Patrimônio**, 2014, Rio de Janeiro/ Madrid/ Lisboa, 2014.

DESVALLÉES, André; MAIRESSE, François. **Conceitos-chave de Museologia**. São Paulo: Comitê Brasileiro do Conselho Internacional de Museus Conselho Internacional de Museus, Pinacoteca do Estado de São Paulo Secretaria de Estado da Cultura, 2013.

DENDASCK, Carla. Estado da Arte. **Revista Científica Multidisciplinar Núcleo do Conhecimento**. 2017.

DIÁRIO OFICIAL DA UNIÃO (DOU) – Seção I – ISSN 1677 – 7042. Este documento pode ser verificado no endereço eletrônico <http://www.in.gov.br/autenticidade.html>. 2018.

FALCÃO, Andréa. **Museu e escola**: educação formal e não-formal. TV Escola/Salto para o futuro. Rio de Janeiro: Secretaria de Educação a Distância, Ministério da Educação. Nº 3 – Maio/2009.

FALCÃO, Douglas; ALVES, Fátima; KRAPAS, Sônia; COLINVAUX, Dominique. Museus de Ciência, Aprendizagem e Modelos Mentais: identificando relações. In: GOUVÊA, Guaracira.; MARANDINO, Martha; LEAL, Maria Cristina. (orgs.). **Educação e Museu**: a construção social do caráter educativo dos Museus de Ciência. Rio de Janeiro: Access, 2003.

FAPESPA – Fundação Amazônia de Amparo a Estudos e Pesquisas. **Pará em Números**. Belém (PA), 1ª Edição, 2018.

FERREIRA, Norma Sandra de Almeida. As pesquisas denominadas “Estado da Arte”. **Educação & Sociedade**, ano XXIII, no 79, Campinas, 2002.

FILHO, José Sobreiro; NETO, Adolfo da Costa Oliveira. Aprendizagem Territorial na Amazônia Ribeirinha: primeiras aproximações. In: SOUZA, Dayana Viviany Silva de; VASCONCELOS, Maria Eliane de Oliveira; HAGE, Salomão Antônio Mufarrej. (orgs.). **Povos Ribeirinhos da Amazônia**: educação e pesquisa em diálogo. Curitiba: CRV, 2017.

FORQUIN, Jean-Claude. **Escola e Cultura**: as bases sociais e epistemológica do conhecimento escolar. Porto Alegre: Artes Médicas, 1993.

FREIRE, Paulo. Criando métodos de pesquisa alternativa: aprendendo a fazê-la melhor através da ação. In: BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **Pesquisa participante**. São Paulo, Editora Brasiliense, 1981.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. 51ª ed – Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2015.

GADOTTI, Moacir. Revisão Crítica do Papel do Pedagogo na atual Sociedade Brasileira. Introdução a uma Pedagogia do Conflito. **Educação e Sociedade**. São Paulo: Centro de Estudos Educação e Sociedade (CEDES), 1978.

GAMBOA, Silvio Sánchez. **Pesquisa em Educação**: métodos e epistemologias. (2ª edição). Chapecó: Argos, 2012.

GAMBOA, Silvio Sánchez. **Projetos de pesquisa, fundamentos lógicos**: a dialética entre perguntas e respostas. Chapecó: Argos, 2013.

GARCIA, Viviane Aparecida Rachid. O **Processo de Aprendizagem no Zoológico Quinzinho de Barros**: análise da atividade educativa visita orientada a partir dos objetos biológicos. 2006. Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2006. (Dissertação de Mestrado).

GIBSON, Isabella Cristina Bagarrão. **Identificação dos Centros Comunitários e levantamento das ações realizadas no bairro da Terra Firme**, Belém – Pará Relatório Final apresentado à Bolsa PIBIC CNPq/MPEG. Belém: Museu Paraense Emílio Goeldi, 2011.

GRAMPA, Victor Henrique. **Incêndio no Museu Nacional**: considerações sobre um infortúnio não fortuito. São Paulo: OAB, 2018.

GROSSMANN, Martin; RAFFAINI, Patrícia; COELHO, Teixeira. Museu. In: COELHO, Teixeira. **Dicionário crítico de política cultural**. São Paulo: Iluminuras, Fapesp, 1997.

Guia dos Museus Brasileiros/Instituto Brasileiro de Museus. **MuseusBR**. Brasília: Instituto Brasileiro de Museus – IBRAM, Brasília: 2011.

IBRAM. **Museu e Turismo**: estratégia de cooperação. Brasília: IBRAM, 2014.

IBRAM. **Subsídios para a Elaboração de Planos Museológicos**. Brasília: IBRAM, 2016.

LA PENHA, Guilherme Maurício Souza Marcos. In: FAULHABER, Priscila.; TOLEDO, Peter Mann de. **Conhecimento e Fronteira**: história da Ciência na Amazônia. Belém: Museu Paraense Emílio Goeldi, 2001.

LIMA Nísia Trindade.; SÁ, Dominichi Miranda. (Organizadores). **Antropologia Brasileira**: Ciência e Educação na obra de Edgard Roquette-Pinto. Belo Horizonte: Editora UFMG/Rio de Janeiro: Editora Fiocruz; 2008.

LIMA, Diana Farjalla Correia. **Museologia-Museu e Patrimônio, Patrimonialização e Musealização**: ambiência de comunhão. Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi. Ciências Humanas, 2012. Belém: MPEG, 2012.

MARANDINO, Martha; VALENTE, Maria Esther; CAZELLI, Sibebe; ALVES, Fátima; GOUVÊA, Guaracira; FALCÃO, Douglas. Estudo do Processo de Transposição Museográfica em Exposição do MAST. In: GOUVÊA, Guaracira; MARANDINO, Martha; LEAL, Maria Cristina. (orgs.). **Educação e Museu: a construção social do caráter educativo dos Museus de Ciência**. Rio de Janeiro: Access, 2003.

MARANDINO, Martha. **Aspectos da Pedagogia Museal**. Educação em Museus: a mediação em foco. São Paulo, SP: FEUSP, 2008.

MARTINS, Luciana Conrado. **A Constituição da educação em museus: o funcionamento do dispositivo pedagógico por meio de um estudo comparativo entre museus de artes plásticas, ciências humanas e ciência e tecnologia**. / Tese de Doutorado em Educação. São Paulo: Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo, 2011.

MASSARANI, Luisa. Apresentação. In: MASSARANI, Luisa; MERZAGORA, Matteo; RODARI, Paola. (orgs.). **Diálogos & Ciência: mediação em museus e centros de ciência**. Rio de Janeiro: Museu da Vida/Casa de Oswaldo Cruz/Fiocruz, 2007.

MELO, Diogo Jorge de; CARVALHO, Luciana Menezes de; MONÇÃO, Vinicius de Moraes. **Novas Tendências em Museologia, Perspectivas para uma Museologia Amazônica. Anais (recurso eletrônico) /2º Seminário Brasileiro de Museologia**. Museu do Homem do Nordeste, Recife: 2015.

MELO, Diogo Jorge de; VERÍSSIMO, Wanderlena do Socorro Corrêa. **Considerações históricas e museais do Museu Arquivo/Histórico da Santa Casa Dr. Alípio Bordalo**. Anais (recurso eletrônico) /2º Seminário Brasileiro de Museologia. Museu do Homem do Nordeste, Recife: 2015.

MIRANDA, Evaristo Eduardo de. **Jardins Botânicos do Brasil**. São Paulo: Metalivros, 2009.

MONACO, Luciana Magalhães; MARANDINO, Martha. **Olhares sobre os diferentes contextos da biodiversidade: pesquisa, divulgação e educação**. São Paulo: GEENF/ FEUSP/INCTTOX, 2010.

MONACO, Luciana Magalhães. **O setor educativo de um museu de ciências: um diálogo com as comunidades de prática**. /Tese de Doutorado em Educação. São Paulo: Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo, 2013.

MORAIS, Ana Célia do Nascimento. **Educação, Saberes e Cultura: a produção intelectual do Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade do Estado do Pará/Dissertação de Mestrado em Educação**. Universidade do Estado do Pará, 173 fls. 2017.

MOREIRA, Gilberto Passos Gil. Os museus do Brasil estão bem vivos. In: JUNIOR, J do N.; CHAGAS, M de S. **Política nacional de museus**. Brasília: MinC, 2007.

OLIVEIRA, Cinthia Maria Rodrigues. **Pontos de Memória: metodologia e práticas em museologia social/Instituto Brasileiro de Museus, Organização dos Estados**

Ibero-americanos para a Educação, a Ciência e a Cultura. – Brasília (DF): Phábrica, 2016.

**O Museu Paraense Emílio Goeldi.** São Paulo: Banco Safra, 1986.

OVERAL, William Leslie. Meus anos amazônicos. In: FAULHABER, P.; TOLEDO, P. M. de. **Conhecimento e Fronteira: história da Ciência na Amazônia.** Belém: Museu Paraense Emílio Goeldi, 2001.

PAIXÃO, Carlos Jorge (Org.). **Educação e Conhecimento na Amazônia.** Belém: Editora UNAMA, 2004.

PAIXÃO, Carlos Jorge. Episteme dos Métodos. **Filosofia e Educação** (Revista da UNICAMP). Campinas – SP, v. 5, n. 2, p. 43-56, outubro, 2013 (Dossiê Epistemologia e Teorias da Educação).

PAIXÃO, Carlos Jorge; QUADROS, Helena do Socorro Alves. O Entrelaçamento de Teses em Educação em um museu científico: o Museu Paraense Emílio Goeldi. **RevISE – Revista Interdisciplinar do Instituto de Educação de Ananindeua** (Online) ISSN: 2359 – 4861 Vol. 5, N. 5 novembro/2016.

PARO, Vitor Henrique. **Educação como exercício do poder: crítica ao senso comum em educação.** 2ª. Edição. São Paulo: Cortez, 2010. (Coleção questões da nossa época; v.4).

PEREIRA, Júnia Sales, SIMAN, Lana Mara de Castro, COSTA, Carina Martins, NASCIMENTO, Sylvania Sousa do. **Escola e Museus: diálogos e práticas.** Belo Horizonte: Secretaria de Estado de Cultura/Superintendência de Museus; Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais/Cefor, 2007. 128p.

PEREIRA, Júnia Sales. **Escola e Museu: diálogos e práticas.** Belo Horizonte: Secretaria de Estado de Cultura/Superintendência de Museus/ Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais/Cefor, 2007.

PEREIRA, Marcele Regina Nogueira. **Educação Museal – entre dimensões e funções educativas: a trajetória da 5ª. Seção de Assistência ao Ensino de História Natural do Museu Nacional.** UNIRIO – MAST. Rio de Janeiro, 2010. (Dissertação de Mestrado).

PIRES, Débora de Oliveira (organizadora). **200 anos do Museu Nacional.** 1. ed. – Rio de Janeiro: Associação Amigos do Museu Nacional, 2017.

PNEM. **Plataforma de Diálogo para a Construção de um Programa de Educação Museal.** Instituto Brasileiro de Museus. Brasília (DF), 2016.

QUADROS, Camila Alves. **A Educação como direito humano fundamental: a experiência do Museu Goeldi em práticas de educação não formal no bairro da Terra Firme.** Universidade Federal do Pará (UFPA). Belém, 2014. (Trabalho de Conclusão de Curso de Graduação -TCC).

QUADROS, Camila Alves; SANJAD, Nelson Rodrigues. O Museu Goeldi como agente indutor do Direito Educacional em espaços formais, no bairro da Terra Firme, Belém (PA). **XXI Seminário de Iniciação Científica do Museu Goeldi**, 2013, Belém/PA.

QUADROS, Camila Alves. **Memória Social e Educação Popular**: um estudo sobre o Ponto de Memória da Terra Firme, Belém – Pará. UFPa. Belém, 2018. (Dissertação de Mestrado).

QUADROS, Helena do Socorro Alves; FERREIRA, Edna Souza. **O Museu Paraense Emílio Goeldi e a Comunidade do bairro da Terra Firme**: a educação ambiental mostrando novos rumos. Belém: UFPa/NUMA, 1996 (estudos do Numa, 6).

QUADROS, Helena do Socorro Alves. **Redescobrimo a Educação em Museus**: uma experiência no Parque Zoológico do Museu Paraense Emílio Goeldi. Belém (PA): Universidade da Amazônia, 2000. (Dissertação de Mestrado).

QUADROS, Helena do Socorro Alves. As visitas escolares no Museu Paraense Emílio Goeldi. **Workshop Sul-Americano & Escola de Mediação em Museus e Centros de Ciência**. Rio de Janeiro: Museu da vida – Casa de Oswaldo Cruz, 2008.

**Regimento Interno do Museu Paraense Emílio Goeldi**. Anexo - Portaria MCTIC nº 5.160, de 14.11.2016 – DOU de 16.11.2016, Seção I, Pág. 46.

**Relatório do Seminário Museu Goeldi de Portas Abertas**. Belém – PA: Serviço de Educação do Museu Paraense Emílio Goeldi. 2014.

**Relatório de Gestão**. Exercício 2016. Ministério da Ciência, Tecnologia, Inovações e Comunicações – MCTIC. Belém – PA. Museu Paraense Emílio Goeldi: 2016.

**Relatório de Gestão**. Exercício 2017. Ministério da Ciência, Tecnologia, Inovações e Comunicações – MCTIC. Belém – PA. Museu Paraense Emílio Goeldi: 2017.

**Relatório do Programa de Revitalização do Parque Zoológico**, Belém – PA. Museu Paraense Emílio Goeldi: 2008.

ROCQUE, Carlos. **História do Círio e da festa de Nazaré**. 1ª ed. ampliada. Belém: IOE, 2014.

RUIVO, Maria de Lourdes Pinheiro e SILVA, Carolina Joana da. **A importância do Instituto Nacional de Pesquisa do Pantanal para o conhecimento e a preservação do bioma Pantanal e o entendimento de suas interações ecológicas**. Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi. Cienc. Nat., Belém, v. 12, n. 2, p. 165-167, maio-ago. 2017.

SANJAD, Nelson Rodrigues. **A Coruja de Minerva**: o Museu Paraense entre o Império e a República, 1866 – 1907. 1ª Ed. Brasília: Instituto Brasileiro de Museus, 2010.

SANTOS, Angelo Oswaldo de Araújo. **Museus**: parada obrigatória dos turistas. Brasília, DF: IBRAM, 2014.

SANTOS FILHO, José Camilo dos; GAMBOA, Silvio Sánchez. **Pesquisa Educacional**: quantidade – qualidade. 8 ed. – São Paulo, Cortez, 2013 (Coleção Questões da Nossa Época).

SANTOS, Maria Célia Teixeira Moura. **Repensando a ação cultural e educativa dos museus**. Salvador: Centro editorial e didático da UFBA, 1990.

SANTOS, Maria Célia Teixeira Moura. Museu e Educação: conceitos e métodos. In: SANTOS, Maria Célia Teixeira Moura (org.). **Encontros museológicos**: reflexões sobre a museologia, a educação e o museu. Rio de Janeiro. Minc/IPHAN/DEMU, 2008, p. 125 – 146.

SCHEINER, Tereza Cristina. **Museus e museologia** – uma relação científica? Ciências em Museus. Belém, v.1, n.1, 1989.

SCHEINER, Tereza Cristina. **Repensando o museu integral**: do conceito às práticas. Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi. Ciências Humanas. Belém: Boletim Museu Paraense Emílio Goeldi, 2012, v.7, n.1, p. 15-30.

SECCO, Ricardo de Souza. **Obituário**: Raimunda Conceição de Vilhena Potiguara - 1947 – 2011. Acta Bot. Bras. vol.25 no.3 Feira de Santana Jul/Set. 2011.

SEVERINO, Antônio Joaquim. **Metodologia do trabalho científico**. 21 Ed. São Paulo: Cortez, 2000.

SEVERINO, Antônio Joaquim. Em foco: a filosofia da educação enfrentando a problemática educacional contemporânea. A busca do sentido da formação humana: tarefa da Filosofia da Educação. **Educ. Pesquisa**. vol.32 Nº.3 São Paulo Sept./Dec. 2006.

SOARES, Karol Gillet. **Por uma nova museografia**: os desafios museográficos de uma instituição polivalente como o Museu Goeldi. 2014 (Apresentação de Trabalho/Seminário).

SUANO, Marlene. **O que é Museu**. São Paulo: Brasiliense, 1986. (Coleção primeiros passos).

**Subsídios para a Elaboração de Planos Museológicos**. Instituto Brasileiro de Museus – IBRAM, Brasília: 2016.

VALENTE, Maria Esther. A Conquista do Caráter Público do Museu. In: GOUVÊA, Guaracira; MARANDINO, Martha; LEAL, Cristina (org.). **Educação e Museu**: a construção social do caráter educativo dos museus de ciência. 1ª ed. Rio de Janeiro: ACESS editora, 2003, v. 1, p. 21- 46.

VELTHEM, Lúcia Hussak Van; GUAPINDAIA, Vera. **Patrimônios entrelaçados**: coleções arqueológica e etnográfica. Reencontros: Emílio Goeldi e o Museu Paraense. Museu Paraense Emílio Goeldi, Belém: 2006.

VIANNA, Sonia Maria Pinheiro. **Museu universitário em área rural:** instrumento de valorização da cultura amazônica. (Dissertação de Mestrado). Fundação Escola de Sociologia e Política de São Paulo. São Paulo: 1989.

# ANEXOS

Portaria MCTIC nº 5.160, de 14.11.2016 – **DOU** de 16.11.2016, Seção I, Pág. 46.

## **REGIMENTO INTERNO DO MUSEU PARAENSE EMÍLIO GÖELDI**

### **CAPÍTULO I**

#### **DA CATEGORIA, SEDE E COMPETÊNCIA**

Art. 1º O Museu Paraense Emílio Goeldi - MPEG é unidade de pesquisa integrante da estrutura do Ministério da Ciência, Tecnologia, Inovações e Comunicações - MCTIC, na forma do disposto no Decreto nº 8.877, de 18 de outubro de 2016.

Art. 2º O MPEG é Instituição Científica e Tecnológica - ICT, nos termos da Lei nº 10.973, de 2 de dezembro de 2004, regulamentada pelo Decreto nº 5.563, de 11 de outubro de 2005.

Art. 3º A sede do MPEG está localizada na Avenida Governador Magalhães Barata, 376, São Brás, na cidade de Belém - PA, onde se encontra instalada sua administração central.

Art. 4º O MPEG tem como finalidade gerar e comunicar conhecimentos sobre os sistemas naturais e processos socioculturais relacionados à Amazônia.

Art. 5º Ao Museu Paraense Emílio Goeldi - MPEG compete:

- I - elaborar e executar programas, projetos e atividades de pesquisa e desenvolvimento técnico-científico, no âmbito de suas finalidades;
- II - comunicar conhecimento científico e tecnológico;
- III - formar recursos humanos no âmbito de suas finalidades;
- IV - desenvolver e disponibilizar serviços decorrentes de suas pesquisas, contratos, convênios, acordos e ajustes, resguardados os direitos relativos à propriedade intelectual;
- V - promover, patrocinar e realizar cursos, conferências, seminários e outros conclaves de caráter técnico-científico;
- VI - formar, manter e custodiar acervos científicos e documentais; e
- VII - fornecer subsídios para a formulação de políticas públicas para o desenvolvimento de projetos estratégicos para a Amazônia.

### **CAPÍTULO II DA ORGANIZAÇÃO**

Art. 6º O Museu Paraense Emílio Göeldi - MPEG tem a seguinte estrutura organizacional:

- I - Coordenação de Pesquisa e Pós-Graduação - COPPG
  - a) Serviço da Estação Científica Ferreira Penna - SECFP
  - b) Núcleo de Cooperação Internacional - NUCIT
  - c) Núcleo Editorial - Boletins - NUEBL
  - d) Núcleo de Serviço de Campo da Estação Científica Ferreira Penna - NUCFP II - Coordenação de Ciências Humanas - COCHS
- III - Coordenação de Botânica - COBOT
- IV - Coordenação de Ciências da Terra e Ecologia - COCTE V - Coordenação de Zoologia - COZOO
- VI - Coordenação de Comunicação e Extensão - COCEX
  - a) Serviço de Comunicação Social - SECOS
  - b) Serviço de Biblioteca - SEBIB
  - c) Serviço de Informação e Documentação - SEIDO
  - 1. Núcleo de Arquivo Guilherme de La Penha
  - d) Serviço de Parque Zoobotânico - SEPZO
  - e) Núcleo Editorial - Livros - NUELI

VII - Coordenação de Museologia - COMUS

a) Serviço de Educação - SEEDU

1. Núcleo de Museografia - NUMUS
2. Núcleo de Visitas Orientadas ao Parque Zoobotânico - NUVOP

VIII - Coordenação de Planejamento e Acompanhamento - COPAC

a) Serviço de Tecnologia da Informação - SETIC

b) Núcleo de Inovação e Transferência de Tecnologia - NUCIT

IX - Coordenação de Administração - COADM

a) Serviço de Orçamento e Finanças - SEOFI

b) Serviço de Gestão de Pessoas - SEGEP

c) Serviço de Compras e Patrimônio - SECOP

d) Serviço de Campus de Pesquisa - SECAP

e) Núcleo de Contratos e Convênios - NUCCO

f) Núcleo de Engenharia e Arquitetura - NUENA

Art. 7º O Museu Paraense Emílio Goeldi - MPEG tem como Órgão Colegiado vinculado o Conselho Técnico-Científico - CTC.

Art. 8º O MPEG será dirigido por Diretor, cujo cargo em comissão será provido pelo Ministro de Estado da Ciência, Tecnologia, Inovações e Comunicações.

Art. 9º O Diretor será nomeado a partir de lista tríplice elaborada por Comitê de Busca, criado pelo Ministro de Estado da Ciência, Tecnologia, Inovações e Comunicações.

§ 1º Observadas as prerrogativas do Ministro de Estado de exoneração ad nutum, faltando seis meses para completar efetivos quarenta e oito meses de exercício, o Conselho Técnico Científico - CTC encaminhará ao MCTIC a solicitação de instauração de um Comitê de Busca para indicação de um novo Diretor.

§ 2º O Diretor poderá ter dois exercícios consecutivos, a partir dos quais somente poderá ser reconduzido após intervalo de 48 meses.

§ 3º No caso de exoneração ad nutum o Ministro de Estado da Ciência Tecnologia nomeará diretor interino e o CTC encaminhará ao MCTIC a solicitação de instauração de um Comitê de Busca para indicação do Diretor.

§ 4º Para o desempenho de suas funções, o Diretor contará com um Assistente Técnico, cujas competências serão por ele estabelecidas em Portaria.

Art. 10. As coordenações do MPEG serão chefiadas por Coordenador, as divisões e os serviços por Chefe, cujos cargos em comissão serão providos pelo Ministro de Estado da Ciência, Tecnologia, Inovações e Comunicações.

Art. 11. Os ocupantes dos cargos em comissão e função gratificada serão substituídos, em suas faltas ou impedimentos, por servidores previamente designados na forma da legislação específica.

§ 1º O Diretor será substituído, em suas faltas ou impedimentos, por servidor previamente indicado por ele e nomeado pelo Ministro de Estado da Ciência, Tecnologia, Inovações e Comunicações.

§ 2º Os demais ocupantes dos cargos em comissão serão substituídos, em suas faltas ou impedimentos, por servidores previamente indicados por eles e nomeados pelo Diretor.

### CAPÍTULO III

#### COMPETÊNCIAS DAS UNIDADES

Seção I  
Da Coordenação de Pesquisa e Pós-Graduação

Art. 12. À Coordenação de Pesquisas e Pós-Graduação compete coordenar as atividades de Pesquisas e Pós-graduação, da Coordenação de Ciências Humanas, Ciências da Terra e Ecologia, da Coordenação de Botânica, da Coordenação de Zoologia, do Serviço da Estação Científica Ferreira Penna e dos Núcleos de Cooperação Internacional e Editorial dos Boletins do Museu Paraense Emílio Goeldi, cujas atribuições são:

I - assessorar o Diretor nos assuntos pertinentes ao desenvolvimento da pesquisa científica e inovação tecnológica no MPEG;

II - dirigir, coordenar e supervisionar os assuntos de caráter científico desenvolvidos no MPEG concernentes ao aperfeiçoamento, capacitação e afastamento do País do pessoal científico e tecnológico;

III - supervisionar as atividades de pós-graduação, bem como o processo de concessão de bolsas institucionais nas várias modalidades;

IV - acompanhar e avaliar as atividades de pós- graduação no âmbito de sua competência;

V- subsidiar a formulação de políticas pertinentes a formação de pessoal das carreiras de ciência e tecnologia no âmbito do MPEG;

VI - supervisionar e coordenar as ações da Estação Científica e Laboratórios Institucionais;

VII - supervisionar os programas estruturantes do MCTIC em que o MPEG participe;

VIII - planejar e gerenciar a utilização dos recursos institucionais destinados á pesquisa;

IX - presidir e supervisionar as atividades do conselho de curadoria e supervisionar as atividades dos demais conselhos científicos;

X- supervisionar as atividades dos comitês de ética na pesquisa;

XI - coordenar e Supervisionar as ações das revistas científicas do MPEG;

XII - tipificar, apoiar e supervisionar o desenvolvimento de projetos institucionais;

XIII- coordenar e supervisionar as ações de cooperação científica nacionais e internacionais;

XIV - promover a integração e supervisionar as ações integradas entre a pesquisa e a divulgação científica; e

XV - exercer outras competências que lhe forem cometidas no seu campo de atuação.

Art. 13. Ao Serviço da Estação Científica "Ferreira Penna" compete gerir e executar atividades do plano de ação da ECFPn, bem como planejar os recursos e executar os serviços de limpeza, manutenção e conservação predial e mobiliário e a gestão de contas públicas, visando a funcionalidade das atividades desenvolvidas na base física da ECFPn em Caxiuanã e Breves, cuja atribuições são:

I - planejar e acompanhar as pesquisas realizadas no âmbito da ECFPn;

II - acompanhar as atividades do plano de manejo da Floresta Nacional de Caxiuanã, que podem afetar as atividades da ECFPn;

III - controlar o acesso às dependências físicas da ECFPn; e

VI - exercer outras competências que lhe forem cometidas no seu campo de atuação.

Art. 14. Ao Núcleo de Cooperação Internacional compete Identificar e estabelecer atos de cooperação junto a organismos cujos interesses sejam compatíveis com os previstos na missão institucional com ênfase na pesquisa e comunicação de ciência sobre a Amazônia, cujas atribuições são:

I - planejar, coordenar e acompanhar a celebração e execução de Convênios e Acordos Internacionais de interesse do MCTIC/MPEG;

II - definir e apresentar à direção do MPEG o Manual para celebração de Convênios e Acordos Internacionais;

III - prospectar oportunidades de cooperação;

IV - identificar e apontar potenciais parceiros;

- V- negociar as melhores e mais eficientes formas de colaboração;
- VI - observar e respeitar a real capacidade de execução de compromissos de cooperação; e
- VII - exercer outras competências que lhe forem cometidas no seu campo de atuação.

Art. 15. Ao Núcleo Editorial - Boletins compete editar e produzir os periódicos do Museu Paraense, cujas atribuições são:

- I - zelar pela qualidade científica do que é publicado pelos periódicos;
- II - zelar pela organização, rigor e transparência dos procedimentos editoriais;
- III - exercer outras competências que lhe forem cometidas no seu campo de atuação.

Art. 16. Ao Núcleo de Serviço de Campo da Estação Científica Ferreira Penna compete executar as atividades de fiscalização e acompanhamento de manutenção, bem como a conservação predial e mobiliário e a gestão de contas públicas, visando a funcionalidade das atividades desenvolvidas na base física da ECFPn em Caxiuanã e Breves, cuja atribuições são:

- I - executar as atividades de apoio operacional das bases físicas da ECFPn em Caxiuanã e Breves;
- II - fiscalizar e gerenciar os contratos de terceirização, fornecimento de alimentação e contas públicas, para o pleno funcionamento da ECFPn; e
- III - exercer outras competências que lhe forem cometidas no seu campo de atuação.

## Seção II

### Da Coordenação de Ciências Humanas

Art. 17. À Coordenação de Ciências Humanas compete programar, estimular e desenvolver estudos e pesquisas no campo das Ciências Humanas na Amazônia, particularmente nas áreas de Antropologia, Arqueologia e Linguística, cujas atribuições são:

- I - coordenar, analisar e acompanhar projetos de pesquisa com ou sem financiamento;
- II - desenvolver e submeter trabalhos à publicações;
- III - realizar viagens e expedições científicas de interesse da área de atuação;
- IV - coordenar e participar de eventos de interesse da área de atuação;
- V - apoiar e orientar os processos relativos à Pós-Graduação;
- VI - realizar orientações em programas diversos;
- VII - coordenar e participar de atividades de divulgação científica e cultural;
- VIII - participar de comitês, comissões, curadoria relativos a área de interesse da coordenação;
- IX - contribuir para a formulação de políticas públicas a partir de sua área de interesse;
- X- manter e dinamizar pesquisas relacionadas aos acervos científicos de etnografia, arqueologia e linguística; e
- XI - exercer outras competências que lhe forem cometidas no seu campo de atuação;

## Seção III

### Da Coordenação de Botânica

Art. 18. À Coordenação de Botânica compete programar, coordenar, estimular e desenvolver estudos e pesquisas nas áreas de sistemática vegetal e micologia, morfologia e anatomia vegetal, ecologia vegetal, manejo e conservação e botânica econômica, etnobotânica e fitoquímica, cujas atribuições são:

- I - coordenar, analisar, acompanhar e desenvolver projetos de pesquisa;
- II - desenvolver e submeter trabalhos à publicações;
- III - realizar viagens e expedições científicas de interesse da área de atuação;
- IV - organizar, coordenar e participar de eventos de interesse da área de atuação;
- V- apoiar e orientar atividades de Pós Graduação e iniciação científica;
- VI - realizar orientações em programas diversos;
- VII - coordenar e participar de atividades de divulgação científica e cultural;

- VIII - participar de comitês, comissões, curadoria relativos a área de interesse da coordenação;
- IX - contribuir para a formulação de políticas públicas a partir de sua área de interesse;
- X- criar, manter, ampliar, catalogar dinamizar pesquisas sobre o acervo científico da flora, principalmente amazônica; e
- XI - exercer outras competências que lhe forem cometidas no seu campo de atuação.

#### Seção IV

##### Da Coordenação de Ciências da Terra e Ecologia

Art. 19. À Coordenação de Ciências da Terra e Ecologia compete programar, coordenar, estimular e desenvolver estudos e pesquisas nas áreas de geociências e ecologia, incluindo o Campus Avançado - Pantanal/Mato Grosso, cujas atribuições são:

- I - coordenar, analisar e acompanhar projetos de pesquisa com ou sem financiamento;
- II - desenvolver e submeter trabalhos à publicações;
- III - realizar viagens e expedições científicas de interesse da área de atuação;
- IV - coordenar e participar de eventos de interesse da área de atuação;
- V - apoiar e orientar os processos relativos a Pós Graduação;
- VI - realizar orientações em programas diversos;
- VII - coordenar e participar de atividades de divulgação científica e cultural;
- VIII - participar de comitês, comissões, curadoria relativos a área de interesse da coordenação;
- IX - contribuir para a formulação de políticas públicas a partir de sua área de interesse;
- X- criar, manter, ampliar, catalogar e dinamizar pesquisas relacionadas aos acervos científicos de Minerais e Rochas, Solos, Paleontologia e Palinologia; e
- XI - exercer outras competências que lhe forem cometidas no seu campo de atuação.

#### Seção V

##### Da Coordenação de Zoologia

Art. 20. À Coordenação de Zoologia compete programar, coordenar, estimular e desenvolver estudos e pesquisas sobre biossistemática, biogeografia e ecologia animal, cujas atribuições são:

- I - coordenar, analisar, acompanhar e desenvolver projetos de pesquisa;
- II - desenvolver e submeter trabalhos à publicações;
- III - realizar viagens e expedições científicas de interesse da área de atuação;
- IV - organizar, coordenar e participar de eventos de interesse da área de atuação;
- V- apoiar e orientar atividades de Pós Graduação e iniciação científica;
- VI - realizar orientações em programas diversos;
- VII - coordenar e participar de atividades de divulgação científica e cultural;
- VIII - participar de comitês, comissões, curadoria relativos a área de interesse da coordenação;
- IX - contribuir para a formulação de políticas públicas a partir de sua área de interesse;
- X- manter e dinamizar pesquisas relacionadas aos acervos científicos de animais vertebrados e invertebrados; e
- XI - exercer outras competências que lhe forem cometidas no seu campo de atuação.

#### Seção VI

##### Da Coordenação de Comunicação e Extensão

Art. 21. À Coordenação de Comunicação e Extensão compete coordenar as atividades de Comunicação Social, de Museologia, de Informação e Documentação, de Editoração de livros, Ouvidoria e Serviço de Informação ao Cidadão - SIC, além das desenvolvidas no Parque Zoobotânico, cujas atribuições são:

- I - assessorar o Diretor nos assuntos pertinentes à comunicação da ciência e à divulgação de acervos científicos nas áreas de atuação do MPEG e sobre a Amazônia;

II - coordenar, supervisionar e acompanhar as atividades desenvolvidas pelo Serviço do Parque Zoológico, Serviço de Comunicação Social, Coordenação de Museologia, Coordenação de Informação e Documentação, Núcleo Editorial de livros, Ouvidoria e Serviço de Informação ao Cidadão - SIC;

III - propor e supervisionar a execução de programas, projetos e ações relativas à museologia, educação, comunicação, informação, documentação e parque zoológico;

IV - presidir e convocar, mensalmente, órgão(s) colegiado(s) que venham a ser criados pelo Diretor destinados a deliberação de assuntos pertinentes a Comunicação e Extensão do MPEG;

V. planejar e gerenciar a utilização dos recursos institucionais destinados à Comunicação e extensão;

VI - presidir e convocar, mensalmente, órgão(s) colegiado(s) que venham a ser criados pelo Diretor destinados a deliberação de assuntos pertinentes a Comunicação e Extensão do MPEG;

VII - promover e acompanhar ações de integração das atividades das áreas da Comunicação e Extensão;

VIII - promover a integração e supervisionar as ações integradas entre a pesquisa e a divulgação científica; e

IX - exercer outras competências que lhe forem cometidas no seu campo de atuação.

Art. 22. Ao Serviço de Comunicação Social compete construir e consolidar a imagem do Museu Goeldi perante seus diferentes públicos, visando à divulgação do conhecimento científico sobre a sociobiodiversidade da Amazônia, cujas atribuições são:

I - desenvolver atividades de assessoria de imprensa da direção do Museu Goeldi;

II - organizar o serviço de clipping de notícias de interesse do MPEG, mantendo um acervo de notícias na intranet;

III - monitorar a inserção do MPEG na mídia;

IV - manter o acervo de Informações Jornalística sobre a Amazônia - BDIJAm; V - organizar e desenvolver ações de comunicação interna;

VI - planejar e organizar, veículos de comunicação institucional do MPEG; VII - gerenciar o Portal e a intranet do MPEG;

VIII - desenvolver projetos e pesquisas sobre a comunicação pública da ciência e o desempenho do setor junto à comunidade interna e externa do MPEG;

IX- elaborar, orientar e acompanhar a produção de material promocional institucional;

X- manter o Laboratório de Comunicação Multimídia - LabCom, propondo o emprego de recursos multimídias, ferramentas de educomunicação e planos de comunicação integrada dos projetos institucionais estratégicos;

XI - planejar e gerenciar os perfis institucionais nas mídias sociais;

XII - propor campanhas institucionais, programas de integração, de responsabilidade social, ambiental, cultural e de gestão de crises; pesquisas de opinião e mercado, organizar eventos institucionais; e

XIII - exercer outras competências que lhe forem cometidas no seu campo de atuação.

Art. 23. Ao Serviço de Biblioteca compete disseminar informações bibliográficas, atendimento ao público sobre as áreas de atuação do Museu e sobre a Amazônia, cujas atribuições são:

I - coordenar as atividades desenvolvidas pela Biblioteca Domingos Soares Ferreira Penna, para seu funcionamento sistêmico;

II - possibilitar o acesso dos usuários às informações e documentos disponíveis em seus diversos suportes;

III - implementar e controlar a circulação de documentos do acervo da biblioteca;

IV - promover a disseminação da informação científica e tecnológica nas áreas de atuação do MPEG e Amazônia; e

V- exercer outras competências que lhe forem cometidas no seu campo de atuação.

Art. 24. Ao Serviço de Informação e Documentação compete gerenciar, as atividades do Núcleo de Arquivo, além de preservar e disseminar acervos bibliográficos e arquivísticos das áreas de atuação do Museu Goeldi e Amazônia, cujas atribuições são:

- I - coordenar e Incentivar estudos com acervo científico e promover tecnologias para sua gestão;
- II - participar de convênios, planos e programas de cooperação visando ampliação das pesquisas em rede;
- III - estabelecer normas, padrões, procedimentos do fluxo de informação, visando disseminação do produto final, a informação;
- IV - promover e prover condições para preservação e conservação preventiva dos acervos bibliográficos e arquivísticos;
- V- desenvolver e acompanhar instrumentos de avaliação de documentos, conforme legislação pertinente;
- VI - coordenar o funcionamento sistêmico do trato de documentos bibliográficos e arquivísticos;
- VII - prover condições de acesso aos acervos bibliográficos por meio de Sistemas integrados;
- VIII - incentivar e prover condições para estudos e pesquisa com o acervo bibliográfico e arquivístico;
- IX - interagir com as demais coordenações do MPEG nos assuntos pertinentes à documentação e informação científica;
- X- gerenciar junto com o Arquivo a custódia de acervos privados;
- XI - resgatar acervos visando a preservação de patrimônios científicos de interesse para o Museu e Amazônia;
- XII- desenvolver sistemas de classificação, thesaurus e outros instrumentos próprios para o tratamento da informação de acordo com as especificidades da biblioteca;
- XIII - elaborar instrumentos de pesquisa (guias, catálogos, inventários, edições de fontes, bases de dados e outros) a fim de disseminar informações e documentos dos acervos arquivísticos;
- XIV - elaborar e propor planos de conservação, organização, descrição e comunicação do acervo bibliográfico e arquivístico, recorrendo às novas tecnologias, nomeadamente no processamento de dados e na transferência de suportes;
- XV - coordenar a comissão de avaliação de periódicos; XVI - coordenar o inventário do acervo bibliográfico;
- XVII - Supervisionar a prestação de contas da venda e distribuição de publicações; e
- XVIII - exercer outras competências que lhe forem cometidas no seu campo de atuação.

Art. 25. Ao Núcleo de Arquivo Guilherme de La Penha compete Gerenciar informações e documentos arquivísticos para a preservação da memória institucional e da Amazônia, cujas atribuições são:

- I - garantir o funcionamento sistêmico do Arquivo Guilherme de La Penha;
- II - promover, implementar e gerenciar a política de conservação preventiva do patrimônio documental do MPEG;
- III - implementar a gestão documental do MPEG, bem como executar e controlar o registro, a tramitação e a expedição de documentos e processos administrativos da instituição;
- IV - transferir, recolher e organizar o acervo documental produzido, recebido e acumulado pelo MPEG em suas fases corrente, intermediária e permanente, qualquer que seja o suporte físico;
- V- elaborar e implementar o Plano de Classificação de Documentos de Arquivo, a Tabela de Temporalidade e demais instrumentos técnicos, em consonância com o disposto na legislação pertinente;
- VI - possibilitar o acesso dos usuários às informações e documentos disponíveis em seus diversos suportes;
- VII - proporcionar a custódia temporária ou permanente de acervos privados de interesse do MPEG, garantindo a organização, o acesso, a conservação e a divulgação dos mesmos;
- VIII - promover o resgate e a preservação do patrimônio documental privado de valor permanente da região;

IX - divulgar os trabalhos desenvolvidos pelo arquivo em eventos e publicações específicas da área; e

X- exercer outras competências que lhe forem cometidas no seu campo de atuação.

Art. 26. Ao Serviço do Parque Zoobotânico compete: gerir, conservar e informar sobre os acervos vivos em exposição, bem como planejar e executar os serviços de limpeza interna, manutenção e conservação predial e gestão de contas públicas, visando a realização das atividades no Parque Zoobotânico, cujas atribuições são:

I - gerenciar, conservar e comunicar conhecimentos sobre os acervos vivos existentes no Parque Zoobotânico;

II- realizar pesquisas referentes ao acervo vivo do Parque Zoobotânico;

III- planejar e coordenar o processo de licenciamento ambiental e outorga de poços, visando à manutenção da licença operacional do Parque Zoobotânico;

IV- dar suporte e atuar em conjunto com as demais subunidades da Coordenação de Comunicação e Extensão em programas e projetos de divulgação de conhecimentos e acervos;

V- colaborar com as atividades de manutenção, limpeza e segurança do Parque Zoobotânico;

VI - viabilizar infraestrutura em conjunto com as demais subunidades da Coordenação Comunicação e Extensão para o manejo e conservação do acervo vivo do Parque Zoobotânico;

VII- planejar e acompanhar, anualmente, recursos para a execução dos serviços de limpeza e conservação de áreas internas e externas dos prédios, pequenos reparos e restauração de imóveis, móveis e viveiro dos animais, locação de máquinas fotocopadoras e telefonia fixa e móvel do Parque Zoobotânico;

VIII - orientar e controlar a execução dos serviços de limpeza e conservação de áreas internas e externas dos prédios, pequenos reparos e restauração de imóveis, móveis e viveiro dos animais do Parque Zoobotânico do MPEG;

IX - realizar reparos nas instalações hidro-sanitárias, elétricas, telefônicas e de refrigeração do Parque Zoobotânico;

X- planejar e executar o transporte de materiais e móveis entre os setores do Parque Zoobotânico;

XI - gerenciar e fiscalizar os contratos de contas públicas (energia elétrica, água, correios) e serviços continuados referentes ao Parque Zoobotânico;

XII - acompanhar e supervisionar a execução das atividades de transporte do Parque Zoobotânico e de protocolo;

XIII - fazer atividades de Restauo e Manutenção do Patrimônio do Parque Zoobotânico; e

XIV - exercer outras competências que lhe forem cometidas no seu campo de atuação.

Art. 27. Ao Núcleo Editorial - Livros compete editar, produzir e fomentar a publicação de livros científicos e técnico-científicos, nas áreas de atuação do Museu Paraense Emílio Goeldi e interdisciplinares, cujas atribuições são:

I - zelar pela qualidade de conteúdo científico, técnico ou educativo das publicações produzidas pelo Núcleo Editorial de Livros do MPEG;

II - zelar pelo padrão editorial e gráfico das publicações produzidas pelo Núcleo Editorial de Livros do MPEG;

III - realizar o Planejamento das atividades do Núcleo Editorial de Livros do MPEG, de acordo com as demandas institucionais;

IV - realizar atividades gerenciais, logística e divulgação de publicações do Núcleo Editorial de Livros; e

V- exercer outras competências que lhe forem cometidas no seu campo de atuação.

Seção VII

Da Coordenação de Museologia

Art. 28. À Coordenação de Museologia compete coordenar as atividades do Núcleo de Museografia e do Serviço de Educação, a fim de transmitir ao público o conhecimento científico relativo à natureza, às sociedades e ao patrimônio material e imaterial, cujas atribuições são:

I - buscar junto às coordenações de pesquisa e especialistas, o embasamento científico para ações museais de iniciativas externas e internas;

II - atender a demanda das coordenações de pesquisa quanto à difusão do resultado de suas pesquisas;

III - promover e executar pesquisas de caráter museológico nas áreas de atuação do MPEG;

IV - prover o acesso do público ao Parque, qualificando a visitação aos vários ambientes nele localizados através de ações museais;

V - buscar meios materiais, financeiros e legais para concretizar os diversos projetos museais

VI - elaborar e coordenar o plano anual de exposições do MPEG;

VII - desenvolver projetos museográficos e expográficos para as exposições montadas pelo MPEG e para os espaços onde a instituição estiver representada;

VIII - realizar ações de comunicação expográfica e educativa nas áreas de interesse do MPEG;

IX - procurar capacitar, qualificar e atualizar permanentemente o seu pessoal através de atividades, cursos, visitas técnicas, etc. relativas à área;

X - supervisionar e controlar o acesso do público aos espaços expositivos do MPEG;

XI - avaliar e emitir parecer sobre propostas de intervenção nos espaços de acesso público do MPEG; e

XII - exercer outras competências que lhe forem cometidas no seu campo de atuação.

Art. 29. Ao Serviço de Educação compete planejar e executar programas educativos e de inclusão social, de acordo com as especificidades dos diversos públicos do Museu Goeldi visando o desenvolvimento sociocultural e o exercício da cidadania das populações amazônicas, bem como gerenciar as atividades do Núcleo de Visitas Orientadas, cujas atribuições são:

I - participar na concepção e execução das ações educativas e de divulgação do conhecimento científico, de acordo com a política institucional;

II - promover cursos, oficinas, palestras e treinamentos para professores, estudantes de nível superior, profissionais especializados, monitores e estagiários, terceira idade;

III - manter e dinamizar a Coleção Didática Emília Snethlage e a Biblioteca de Ciências Clara Maria Galvão;

IV - produzir e dinamizar material educativo nas diversas áreas do conhecimento da instituição;

V - manter e dinamizar a Coleção Didática Emília Snethlage e a Biblioteca de Ciências Clara Maria Galvão;

VI - promover a iniciação científica de estudantes do ensino fundamental por meio do Clube do Pesquisador Mirim;

VII - realizar práticas educativas que estimulem a organização social de comunidades amazônicas para a melhoria de suas condições de vida e reconhecimento de sua identidade e seu patrimônio cultural;

VIII - promover a formação de recursos humanos para a pesquisa na Educação (em ciência, museal, ambiental e patrimonial), por meio de bolsas de iniciação científica;

IX - atender o público escolar por meio de programas educativos planejados pelo Núcleo de Visitas Orientadas/NUVOP;

X - promover a prática de atividades terapêuticas e da qualidade de vida da terceira idade;

XI - divulgar os processos educativos gerados no setor, por meio de publicações e eventos técnicos científicos;

XII - participar em fóruns, redes e projetos institucionais e interinstitucionais, visando o fortalecimento de políticas públicas;

XIII - realizar práticas educativas de caráter lúdico e cultural voltadas para o público em geral do PZB; e

XIV - exercer outras competências que lhe forem cometidas no seu campo de atuação.

Art. 30. Ao Núcleo de Museografia compete planejar e executar as ações museográficas e de identidade visual voltadas para a transmissão de conhecimentos científicos sobre a Amazônia, cujas atribuições são:

- I - elaborar e executar projetos de pesquisa museográfica e áreas afins nos campos de interesse do MPEG;
- II - realizar o planejamento anual de atividades com a concepção, execução e avaliação museográfica de ações expositivas de iniciativa do MPEG, e/ou em parceria com outras instituições;
- III - estabelecer, juntamente com as curadorias das Coleções do MPEG, normas de conservação e manutenção periódica dos acervos expostos;
- IV - manter as exposições do MPEG e os acervos nelas utilizados em condições adequadas de conservação;
- V - organizar e participar de congressos, seminários, oficinas, palestras e cursos de Museografia e áreas afins;
- VI - planejar e acompanhar a programação visual do MPEG;
- VII - realizar a concepção e produção de material informativo dos eventos do setor de museografia, em qualquer tipo de mídia ou material;
- VIII - manter o banco de dados das ações expositivas do Museu Goeldi; e
- IX - exercer outras competências que lhe forem cometidas no seu campo de atuação.

Art. 31. Ao Núcleo de Visitas Orientadas ao Parque Zoobotânico compete dar atendimento às escolas, creches, centros comunitários e afins que agendam visitas ao Parque Zoobotânico, com o objetivo de propiciar visitas com o máximo de aproveitamento por parte do público, cujas atribuições são:

- I - atender às escolas (e outros grupos) que visitam o Parque Zoobotânico com finalidade educativa, tendo como princípio básico a Educação Ambiental, suscitando a sensibilidade ecológica e a percepção abrangente quanto aos problemas ambientais urbanos e da região Amazônica;
- II - agendar as visitas de escolas, creches ou grupos comunitários ao Parque Zoobotânico;
- III - criar e manter atualizado um cadastro das instituições de ensino que visitam o Parque Zoobotânico, com as seguintes informações: nome da escola, diretor, vice- diretor, endereço, correio eletrônico, telefones entre outros;
- IV - criar e manter atualizado um cadastro com o nome e o contato dos professores ou profissionais que participam de cursos e atividades promovidos pelo NUVOP;
- V - orientar as escolas e os professores na preparação e realização da visita ao parque, sugerindo roteiros e atividades, bem como oferecer monitores quando solicitado e quando não houver professores ou líderes de grupo preparados para tal;
- VI - colaborar com o desenvolvimento e divulgação de material informativo sobre o Parque Zoobotânico e o MPEG, como folders, mapas, cartilhas, vídeos e multimídia;
- VII - promover cursos de preparação para visitas ao Parque Zoobotânico e para a utilização do material didático oferecido pelo MPEG;
- VIII - apoiar atividades educativas e campanhas promocionais relacionadas ao Parque Zoobotânico;
- IX - participar de pesquisas de público e de avaliação de atividades educativas no Parque Zoobotânico; e
- X - exercer outras competências que lhe forem cometidas no seu campo de atuação.

#### Seção VIII

##### Da Coordenação de Planejamento e Acompanhamento

Art. 32. À Coordenação de Planejamento e Acompanhamento compete coordenar o planejamento institucional, o serviço de tecnologia da informação e gerenciar as atividades do Núcleo de Inovação e Transferência da Tecnologia, visando o desenvolvimento de programas, projetos e ações do MPEG, cujas atribuições são:

- I - coordenar a elaboração, implantação e o acompanhamento do Plano Diretor do MPEG;

II - proceder os acompanhamentos e avaliações periódicas de execução dos planos e projetos em andamento no MPEG;

III - elaborar e acompanhar a proposta orçamentária, as solicitações de créditos suplementares e de outros recursos destinados ao desenvolvimento de programas e projetos do MPEG;

IV - realizar o processo de avaliação institucional;

V- acompanhar as programações de trabalho multisetoriais que objetivem a captação de recursos para a implantação de programas, projetos e atividades no MPEG;

VI - coordenar a articulação institucional e interinstitucional, objetivando a negociação de projetos científicos, tecnológicos e inovativos e a captação de recursos externos;

VII - supervisionar, coordenar e acompanhar ações relacionadas a transferência tecnológica;

VIII - manter atualizado o Sistema de Informações Gerenciais (SIGTEC); e

IX - exercer outras competências que lhe forem cometidas no seu campo de atuação.

Art. 33. Ao Serviço de Tecnologia da Informação, compete prover soluções em serviços de Tecnologia da Informação e em Pesquisa Computacional Aplicada alinhado ao do Plano Diretor de Tecnologia da Informação - PDTI e ao Plano Diretor do Museu Paraense Emílio Goeldi, cujas atribuições são:

I - planejar, coordenar, acompanhar e implementar soluções de Tecnologia da Informação do MPEG;

II - gerenciar Contratos de TI;

III - coordenar a elaboração, implantação e acompanhamento do Plano Diretor de Tecnologia da Informação (PDTI) do MPEG;

IV - gerenciar Projetos de Softwares;

V- gerenciar Projetos de Infraestrutura;

VI - gerenciar Serviços de suporte a usuários;

VII - gerenciar Projetos de Pesquisa em Computação Aplicada; VIII - prospectar Novas Tecnologias de Tecnologia da Informação; IX - gerenciar serviços de redes de comunicação de dados;

X- gerenciar serviços de Datacenter;

XI - coordenar comitê de Tecnologia da Informação;

XII - coordenar comitê de Segurança da Informação;

XIII - coordenar a articulação institucional e interinstitucional, visando a realização de projetos tecnológicos alinhados ao Planejamento Estratégicos do MPEG;

XIV - atender as demandas de regulamentação, legislação e determinações institucionais e ministeriais;

XV - coordenar capacitação de servidores e demais colaboradores na utilização de soluções de Tecnologia da Informação; e

XVI - exercer outras competências que lhe forem cometidas no seu campo de atuação.

Art. 34. Ao Núcleo de Inovação e Transferência de Tecnologia compete proteger o conhecimento gerado no Museu Paraense Emílio Goeldi, promovendo a transferência para o setor produtivo, visando a geração de negócios sustentáveis para a Amazônia e para o Brasil, cujas atribuições são:

I - propor, executar, avaliar e revisar a política institucional de estímulo à inovação e outras formas de transferência de tecnologia à sociedade;

II - mapear e acompanhar sistematicamente os grupos de pesquisa, identificando competências e tecnologias geradas e monitorando os resultados decorrentes de atividades e projetos de pesquisa para a promoção de inovações e transferências de tecnologias;

III - analisar e opinar sobre a estratégia de proteção da propriedade intelectual das criações desenvolvidas na instituição, sendo responsável pela gestão destes ativos;

IV - receber, prospectar e monitorar sistematicamente demandas de mercado e de setores de interesse da sociedade passíveis de serem atendidas por grupos de pesquisas das instituições associadas;

V- participar de negociações para a comercialização e transferência de tecnologia, incluindo a oferta de serviços e competências tecnológicas institucionais, orientando e apoiando as unidades do MPEG na elaboração de critérios para levantamento dos custos das pesquisas e utilização dos laboratórios, precificação de serviços tecnológicos e valoração de tecnologias;

VI - promover o aprendizado do público interno e externo sobre processos ligados à inovação tecnológica, por meio da promoção de cursos, seminários, workshops e outros eventos, com ênfase à articulação de atividades integradas entre institutos de pesquisa e atores sociais externos;

VII - acompanhar a atuação do Arranjo de Núcleos de Inovação Tecnológica da Amazônia Oriental (REDENAMOR);

VIII - conceber, executar e avaliar programas, metas e ações no PDU MPEG relacionadas às atribuições acima mencionadas sob a responsabilidade do NIT; e

IX - exercer outras competências que lhe forem cometidas no seu campo de atuação.

## Seção IX

### Da Coordenação de Administração

Art. 35. À Coordenação de Administração compete coordenar e supervisionar as ações e políticas de gestão administrativa, financeira, contábil, de gestão de pessoas e patrimonial, a fim de manter a infraestrutura Institucional e de recursos humanos, para o desenvolvimento de pesquisas e difusão científica, bem como gerenciar as atividades do Núcleo de Contratos e Convênios, cujas atribuições são:

I - formular e propor diretrizes e planos referentes à administração dos recursos, supervisionando a execução dos planos aprovados;

II - administrar o plano de contas e o plano operacional nos aspectos orçamentário, contábil e financeiro, bem como as suas atividades, de acordo com normas internas e legislação pertinente;

III - fornecer infraestrutura administrativa às unidades organizacionais, promovendo a manutenção preventiva e corretiva das instalações;

IV - coordenar a execução de compras de bens e serviços no País e no exterior;

V- prestar assessoramento e apoio administrativo à comissão permanente de licitação, em todas as fases do processo licitatório, de acordo com a legislação pertinente a cada área;

VI- elaborar e conferir relatórios, quadros demonstrativos orçamentários, financeiros e contábeis entre outros documentos específicos, por determinação superior de sua área de atuação, ou para atendimento à solicitações de órgãos supervisores e de controle interno e externos;

VII- elaborar, em conjunto com as demais unidades organizacionais envolvidas, os procedimentos descritivos dos processos sob sua gestão ou por cujo desenvolvimento for responsável; e

VIII - exercer outras competências que lhe forem cometidas no seu campo de atuação.

Art. 36. Ao Serviço de Orçamento e Finanças compete processar a execução orçamentária, financeira e contábil, em conformidade com as normas legais e dos órgãos de controle, cujas atribuições são:

I - acompanhar os créditos recebidos pela instituição, fazendo os respectivos registros;

II - emitir empenhos e pré-empenhos;

III - elaborar a programação financeira de desembolsos;

IV - efetuar pagamentos;

V- realizar outras movimentações orçamentário-financeiras;

VI - manter a regularidade fiscal da instituição junto aos órgãos competentes;

VII - dar suporte no acompanhamento da arrecadação de receitas próprias;

VIII - realizar consultas e emitir relatórios, quadros demonstrativos orçamentários, financeiros e contábeis, entre outros documentos específicos, por determinação superior de sua área de atuação, ou para atendimento a solicitações de órgãos supervisores e de controle interno e externos;

IX - efetuar o registro dos atos e fatos administrativos através da emissão dos documentos contábeis correspondentes;

X- efetuar e analisar as conciliações bancárias, propondo medidas para eliminação das pendências existentes;

XI - receber, conferir, organizar e arquivar os movimentos financeiros, com a documentação básica anexada, exercendo a guarda e conservação dos mesmos;

XII - elaborar as prestações de contas dos recursos disponibilizados ao MPEG, quando as despesas forem por ele diretamente executadas, bem como conferir relatórios, quadros demonstrativos orçamentários, financeiros e contábeis, entre outros documentos específicos, por determinação superior de sua área de atuação, ou para atendimento às solicitações de órgãos supervisores de controle interno e externos;

XIII - elaborar, em conjunto com as demais unidades organizacionais envolvidas, os procedimentos descritivos dos processos sob sua gestão ou por cujo desenvolvimento for responsável;

XIV - dar suporte a elaboração das tomadas de contas; XV - controlar a emissão de diárias e passagens; e

XVI - exercer outras competências que lhe forem cometidas no seu campo de atuação.

Art. 37. Ao Serviço de Gestão de Pessoas compete assistir e desenvolver os servidores do Museu Paraense Emílio Goeldi nas áreas de benefícios, saúde, segurança, capacitação, qualificação, avaliação de desempenho, cadastro e pagamentos de pessoal, visando bom desempenho do servidor, bem como a qualidade de vida no ambiente de trabalho para o alcance da missão institucional, cujas atribuições são:

I - planejar, desenvolver, coordenar e monitorar programas e projetos visando melhorias no Sistema de Gestão de Pessoas;

II - orientar os servidores sobre seus direitos e deveres;

III - atender às solicitações dos Órgãos de Controle;

IV - gerenciar e executar a lotação e movimentação interna dos servidores;

V- realizar Processos Administrativos: admissão, afastamentos temporários e desligamentos de pessoal - cessão, requisição, exercício provisório, licenças, remoção, aposentadorias, exoneração; avaliação de estágio probatório; avaliação de desempenho funcional; progressão/promoção funcional; requerimentos de gratificações e adicionais remuneratórios; perícias médicas; capacitação e qualificação profissional; pagamentos e descontos em folha; pensões; abonos e auxílios financeiros;

VI - emitir documentos referentes a pessoal: declarações; certidões; portarias; mapas de tempo de serviço; relatórios; memorandos; ofícios; notas técnicas; recibos de pagamentos;

VII - realizar acompanhamento e assistência social do servidor;

VIII - processar e instruir as solicitações de apoio de recursos humanos necessárias a realização de projetos, contratos e convênios e outros acordos firmados pelo MPEG;

IX - identificar necessidades de capacitação e desenvolvimento de pessoal: planejar e coordenar a realização de cursos e treinamentos, encontros, palestras, seminários e similares;

X- realizar a movimentação financeira mensal da folha de pagamento;

XI - organizar e manter atualizados os assentamentos funcionais dos servidores ativos, inativos e recursos humanos agregados;

XII - orientar e supervisionar a execução do controle de férias, frequência e licença;

XIII - exercer outras competências que lhe forem cometidas no seu campo de atuação.

Art. 38. Ao Serviço de Compras e Patrimônio compete planejar e gerenciar processos licitatórios, de compras de materiais, bem como a gestão patrimonial e do almoxarifado, cujas atribuições são:

I - orientar e coordenar a execução e acompanhamento das ações relativas à administração de material e de patrimônio, contratos, serviços e importação;

II - instruir, no que couber, os processos licitatórios de obras, serviços e aquisição de bens;

III - instruir os procedimentos de compras, de contratação de serviços comuns demandados pelas diversas unidades do MPEG, agendando-as ao longo do exercício financeiro, utilizando os sistemas operacionais do Governo Federal;

IV - supervisionar a classificação do cadastro de bens móveis, a codificação e catalogação, bem como a movimentação e saída de material permanente;

V - manter atualização de dados e elaborar relatórios de carga e termos de responsabilidade, e de processos de desfazimento e baixa de bens patrimoniais;

VI - promover o acompanhamento, a regularização e avaliação depreciativa do patrimônio do MPEG;

VII - inventariar anualmente os bens móveis e imóveis do MPEG orientando a elaboração dos inventários dos demais setores;

VIII - definir o estoque mínimo e a baixa de material inservível; e

IX - exercer outras competências que lhe forem cometidas no seu campo de atuação.

Art. 39. Ao Serviço de Campus de Pesquisa compete, planejar os recursos e executar os serviços de limpeza, manutenção e conservação predial e mobiliário e a gestão de contas públicas, visando a funcionalidade das atividades desenvolvidas, cujas atribuições são:

I - organizar, controlar e acompanhar as atividades de apoio administrativo e operacional do Campus de Pesquisa em articulação com a Coordenação Administrativa;

II - prestar suporte administrativo e operacional à realização de atividades do MPEG, no Campus;

III - fiscalizar, acompanhar e controlar as atividades de: serviços gerais, limpeza, manutenção predial, reprografia, vigilância armada e controle de pragas urbanas;

IV - administrar, fiscalizar e controlar a execução dos serviços de implementação e manutenção dos sistemas telefônicos, elétricos, hidrossanitários, de refrigeração e das demais instalações do Campus;

V - administrar, fiscalizar e controlar as faturas energia elétrica, de combustível e a distribuição de gás GLP, água natural e mineral;

VI - fiscalizar, supervisionar, prestar suporte administrativo e controlar as atividades de transporte no Campus de Pesquisa e de manutenção e licenciamento veicular do MPEG;

VII - gerenciar e fiscalizar os contratos de contas públicas (energia elétrica, água, correios) e serviços continuados referentes ao Campus de Pesquisa; e

VIII - exercer outras competências que lhe forem cometidas no seu campo de atuação.

Art. 40. Ao Núcleo de Contratos e Convênios compete gerenciar contratos de serviços e convênios ou instrumentos congêneres, visando suprir as necessidades de contratação de serviços, fornecimento de bens e celebração de parcerias interinstitucionais para o alcance dos objetivos institucionais, cujas atribuições são:

I - acompanhar a execução dos contratos e atas, bem como orientar e adotar as providências necessárias à regularização das faltas ou defeitos observados em face das ocorrências registradas pelos fiscais relacionadas com a execução dos contratos;

II - notificar, por escrito, a Contratada sobre todas as ocorrências que possam vir embaraçar os serviços/fornecimentos contratados;

III - solicitar aos fiscais de contratos e posterior remessa à Coordenação de Administração, até o último dia útil mês de novembro de cada exercício o demonstrativo das necessidades financeiras para os contratos ainda em vigor no exercício seguinte;

IV - encaminhar à Diretoria, formalmente, quando do término da vigência do contrato, a liberação da garantia contratual em favor da contratada;

V - analisar a pertinência dos eventuais pedidos de equilíbrio econômico financeiro, repactuações e aditivos dos contratos, bem como orientar e acompanhar a execução destes;

VI - analisar todos os atos do MPEG/MCTIC relativos à execução do contrato, em especial aplicação de sanções ou alteração do contrato;

VII - analisar as situações relacionadas às obrigações previdenciárias e trabalhistas nos contratos de serviços no que diz respeito à mão de obra exclusiva, para fins de posterior pagamento;

VIII - acompanhar em conjunto com os fiscais, respeitando os critérios legais e de oportunidade e conveniência, as prorrogações dos contratos de serviço com antecedência mínima de 120 dias da data do encerramento das suas vigências;

IX - observar qual é a data-base da categoria prevista na Convenção Coletiva de Trabalho - CCT.

X- solicitar pagamentos e empenhos dos contratos de serviços, nas modalidades original, reforço e anulação de empenho, bem como conferir documentação encaminhada pelos fiscais para pagamentos dos Contratos;

XI - autuar e encaminhar os processos administrativos por descumprimento de contrato;

XII - autuar e acompanhar processos de acordos de cooperação e convênios; e

XIII - exercer outras competências que lhe forem cometidas no seu campo de atuação.

Art. 41. Ao Núcleo de Engenharia e Arquitetura compete planejar, coordenar, fiscalizar a execução de projetos executivos, obras e os serviços de engenharia e arquitetura realizados no âmbito do MPEG, cujas atribuições são:

I - atualizar as demandas por projetos, obras e serviços de engenharia e arquitetura no âmbito do MPEG;

II - revisar e atualizar os Planos Diretores e compatibilizá-los às demandas por obras e serviços de engenharia e arquitetura, definindo prioridades para o Campus de Pesquisa, PZB e ECFPn;

III - elaborar Termos de Referência com informações básicas para licitação (Registro de Preços) para contratar eventualmente os serviços de elaboração de projetos executivos, orçamentos para os projetos existentes e hora/homem (h/h) para fiscalizar os serviços e obras de engenharia;

IV - coordenar e fiscalizar a execução por terceiros de projetos, obras e serviços de engenharia e arquitetura no Campus de Pesquisa, PZB e ECFPn, com base na Legislação Federal pertinente e no memorial descritivo e cronograma físico-financeiro das mesmas;

V- padronizar (criar modelos) atestados de visita técnica; relatórios técnicos; atestados de vistoria; termos de recebimento de obras (provisório e definitivo); atestados de capacidade técnica; atestados em faturas; orientações a empresas e receber os serviços de execução de projetos, obras e serviços de engenharia e arquitetura no âmbito do MPEG;

VI - solicitar a direção do MPEG a colaboração eventual de outros funcionários, bolsistas e estagiários na elaboração de projetos, acompanhamento e fiscalização da execução por terceiros de obras e serviços de engenharia e arquitetura no âmbito do MPEG;

VII - reunir, organizar e indicar a digitalização por terceiros do acervo de plantas, desenhos, gravuras, fotografias e outros (projetos executivos incluindo arquitetura, estrutura, hidro-sanitário, elétrico, ar-condicionado, lógica, telefonia, segurança eletrônica e outros) dos prédios do Campus de Pesquisa, PZB, e ECFPn;

VIII - manter a direção do MPEG informada dos problemas e soluções adotadas no âmbito dos projetos e obras de engenharia e arquitetura em andamento; e

IX - exercer outras competências que lhe forem cometidas no seu campo de atuação.

## CAPÍTULO IV ÓRGÃO COLEGIADO

### Seção I

#### Conselho Técnico Científico

Art. 42. O Conselho Técnico Científico - CTC é órgão colegiado com função de deliberação e assessoramento ao Diretor no planejamento das atividades científicas e tecnológicas do MPEG.

Art. 43. O CTC contará com onze membros, todos nomeados pelo Ministro de Estado da Ciência, Tecnologia, Inovações e Comunicações, e terá a seguinte composição:

I - o Diretor do MPEG, que o presidirá;

II - três servidores, de nível superior, do quadro permanente das carreiras de Pesquisa em Ciência e Tecnologia, de Desenvolvimento Tecnológico e de Gestão, Planejamento e Infraestrutura em Ciência e Tecnologia;

III - três membros dentre os dirigentes ou titulares de cargos equivalentes em unidades de pesquisa do Ministério da Ciência, Tecnologia, Inovações e Comunicações, ou de outros órgãos da Administração Pública, atuantes em áreas afins às do MPEG; e

IV - quatro representantes da comunidade científica e tecnológica, não pertencentes às carreiras do Ministério, de setores produtivos e de movimentos sociais, atuantes em áreas afins às do MPEG.

Parágrafo único. Os membros mencionados nos incisos II, III e IV terão o mandato de dois anos, admitida uma única recondução, e serão escolhidos da seguinte forma:

a) Os do inciso II serão indicados a partir de lista tríplice, obtida a partir de eleição promovida pela Diretoria da Unidade, entre os servidores do quadro permanente das carreiras de Pesquisa em Ciência e Tecnologia, de Desenvolvimento Tecnológico e de Gestão, Planejamento e Infraestrutura em Ciência e Tecnologia;

b) Os do inciso III serão indicados, fundamentadamente, pelo CTC; e

c) Os do inciso IV serão indicados a partir de lista tríplice elaborada pelo CTC, na forma do Regimento Interno.

Art. 44. Compete ao CTC:

I - apreciar e opinar a respeito da implementação da política científica e tecnológica, pós-graduação, comunicação, gestão e suas prioridades;

II - pronunciar-se sobre o relatório anual de atividades, bem como avaliar os seus resultados;

III - apreciar e opinar a respeito das diretrizes de qualificação de pessoal e valorização institucional;

IV - opinar sobre critérios de avaliação funcional e acompanhar a avaliação de desempenho de servidores do quadro de pesquisadores, tecnologistas e dos analistas de C&T, quanto as atividades que influenciem diretamente nos resultados científicos e tecnológicos do MPEG;

V - acompanhar a aplicação dos critérios de avaliação de desempenho institucional, em conformidade com os critérios definidos no Termo de Compromisso de Gestão;

VI - participar efetivamente, através de um de seus membros externos ao MPEG, indicado pelo Conselho, da Comissão de Avaliação e Acompanhamento do Termo de Compromisso de Gestão; e

VII - apreciar e opinar a respeito de matérias que lhe forem submetidas pelo Diretor.

Art. 45. O funcionamento do CTC será disciplinado na forma de Regimento Interno, produzido e aprovado pelo próprio Conselho.

## CAPÍTULO V ATRIBUIÇÕES DOS DIRIGENTES

Art. 46. Ao Diretor incumbe:

I - planejar, coordenar, dirigir e supervisionar as atividades do MPEG; II - exercer a representação do MPEG;

III - convocar e presidir as reuniões do Conselho Técnico-Científico - CTC; e

IV - executar as demais atribuições que lhe forem conferidas em ato específico de delegação de competência.

Art. 47. Aos Coordenadores incumbe coordenar e supervisionar a execução das várias atividades a seu cargo.

Art. 48. Aos Chefes de Serviço orientar, acompanhar ou efetuar a realização das tarefas pertinentes à sua área de atuação.

## CAPÍTULO VI DISPOSIÇÕES GERAIS

Art. 49. O MPEG celebrará, anualmente, com a Diretoria de Gestão das Unidades de Pesquisa e Organizações Sociais - DPO do MCTIC, um Termo de Compromisso de Gestão, no qual serão

estabelecidos os compromissos da equipe de gestão do MPEG e da DPO com a finalidade de assegurar a excelência científica e tecnológica da entidade.

Art. 50. O Diretor poderá, sem qualquer custo adicional, formar outras unidades colegiadas internas, assim como constituir comitês para promover a interação entre as unidades da estrutura organizacional do MPEG ou entidades externas, podendo, ainda, criar grupos de trabalho e comissões especiais, em caráter permanente ou transitório, para fins de estudos ou execução de atividades específicas de interesse do MPEG.

Art. 51. O MPEG poderá criar Núcleo de Inovação Tecnológica - NIT, individualmente, ou em parceria com outras Instituições Científicas e Tecnológicas - ICT como finalidade de gerir sua política de inovação.

Art. 52. Os casos omissos e as dúvidas surgidas na aplicação do presente Regimento Interno, serão solucionados pelo Diretor, ouvido, quando for o caso, o Diretor de Gestão das Unidades de Pesquisa e Organizações Sociais.



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL  
MINISTÉRIO DA CULTURA  
INSTITUTO BRASILEIRO DE MUSEUS - IBRAM

### **CARTA DE BELÉM-PA**

**Princípios e Parâmetros para a criação e posterior implementação da  
Política Nacional de Educação Museal**

Realizou-se no Hangar Centro de Convenções, em Belém, nos dias 24 e 25 de novembro de 2014, durante o 6º Fórum Nacional de Museus, o Encontro Nacional do Programa Nacional de Educação Museal-PNEM com o objetivo de definir os princípios e parâmetros para a criação e posterior implementação da Política Nacional de Educação Museal.

A demanda por uma Política Nacional de Educação Museal foi evidenciada no I Encontro de Educadores do Ibram, realizado em Petrópolis em 2010, onde se analisou a conjuntura e o desenvolvimento histórico da educação museal no Brasil, lançando os subsídios necessários para a construção de uma política que fortalecesse e consolidasse o campo, existente desde 1927 no país, com a implantação do primeiro setor educativo institucionalizado no Museu Nacional, no Rio de Janeiro.

Tendo como base a Carta de Petrópolis e documentos políticos da área museal, tais como Plano Nacional de Cultura, Política Nacional de Museus, Estatuto de Museus e Plano Nacional Setorial de Museus, foram formuladas propostas no Fórum Virtual do Programa Nacional de Educação Museal, contando com 708 pessoas cadastradas e 55 articuladores, entre profissionais de educação museal e representantes da sociedade civil e em 23 Encontros Regionais, realizados em 13 unidades da federação, que reuniram cerca de 650 pessoas, elencando 57 diretrizes.

A Plenária Final resultou nos princípios e encaminhamentos apresentados abaixo e na proposta de formulação da minuta da Política Nacional de Educação Museal, a ser elaborada pela equipe do PNEM, tendo como base os documentos historicamente criados para a elaboração da Política, de acordo com o texto abaixo:

PRINCÍPIO 1: Estabelecer a educação museal como função dos museus reconhecida nas leis e explicitada nos documentos norteadores, juntamente com a preservação, conservação, comunicação e pesquisa.

PRINCÍPIO 2: A educação museal compreende um processo de múltiplas dimensões de ordem teórica, prática e de planejamento, em permanente diálogo com o museu e a sociedade.

PRINCÍPIO 3: Garantir que cada instituição possua setor de educação museal, composto por uma equipe qualificada e multidisciplinar, com a mesma equivalência apontada no organograma para os demais setores técnicos do museu, prevendo dotação orçamentária e participação nas esferas decisórias do museu.

PRINCÍPIO 4: Cada museu deverá construir e atualizar sistematicamente a sua Política Educacional, em consonância ao Plano Museológico, levando em consideração as características institucionais e dos seus diferentes públicos, explicitando os conceitos e referenciais teóricos e metodológicos que embasam o desenvolvimento das ações educativas.

PRINCÍPIO 5: Assegurar, a partir do conceito de Patrimônio Integral, que os museus sejam espaços de educação, de promoção da cidadania e colaborem para o desenvolvimento regional e local, de forma integrada com os diversos setores dos museus.

Neste sentido, apontamos como o próximo passo da criação e posterior implementação da Política Nacional de Educação Museal a realização do II Encontro Nacional do PNEM para votar o texto final da Política Nacional de Educação Museal, no segundo semestre de 2015, de acordo com as seguintes premissas:

- Garantir a sistematização de conteúdos dos documentos criados no processo de construção da PNEM, para a construção da minuta em reuniões presenciais da equipe do PNEM, no primeiro semestre de 2015.
- Ampla divulgação da minuta da Política Nacional de Educação Museal e da realização do II Encontro Nacional do Programa Nacional de Educação Museal (II ENPNEM), entre

os profissionais da educação museal, instituições culturais e educacionais, com antecedência mínima de 3 meses;

- Parceria entre o Ministério da Cultura, em especial o IBRAM, e outros Ministérios, o ICOM, os Sistemas Estaduais e Municipais de Museus, Secretarias de Educação, Cultura e afins, REMs, Museus públicos e privados, entre outras instituições e organizações, para a divulgação e construção do II ENPNEM;
- Garantia de ampla participação nacional nos fóruns de decisão e encaminhamento;
- Posterior garantia dos trâmites oficiais para a institucionalização da Política Nacional de Educação Museal, com a publicação de Documento Norteador e devidos encaminhamentos legais;
- Manutenção dos processos democráticos de consulta e participação dos educadores museais e da sociedade civil na elaboração, implementação e avaliação da Política Nacional de Educação Museal.

Ressaltando que o PNEM e a Política Nacional de Educação Museal são iniciativas pioneiras no campo e fundamentais para o fortalecimento e democratização do acesso à memória, à educação e à cultura, é imprescindível sua efetiva criação, posterior implementação e consolidação nos parâmetros acima descritos.

Assinam esta carta:

Equipe PNEM-IBRAM

Cynthia Oliveira - COMUSE

Dalva de Paula - COMUSE

Daniele de Sá Alves – UFJF/GT Gestão

Diego Vivian – Museu das Missões/ GT Museus e Comunidades

Diogo Tubbs – Museu Histórico Nacional/ GT Comunicação

Fernanda Castro – Museu da Chácara do Céu/ GT Redes e Parcerias

Kátia Frecheiras – Museu da República/ GT Formação, capacitação e qualificação

Isabel Portella – Museu da República/ GT Acessibilidade

Mônica Padilha – COMUSE

Ozias de Jesus Soares – Museu da Chácara do Céu/ GT Perspectivas Conceituais

Rafaela Gueiros – CGSIM/ GT Profissionais de Educação Museal

Renata Almendra – COMUSE

Rita Coitinho – Museu Victor Meirelles/ GT Estudos e Pesquisas

Abigail do Perpétuo Socorro e Silva – Estudante

Adrielly Ribas Moraes – Museu da Maré

Alice Bemvenuti – ULBRA / Grêmio Esportivo Ferrinho

Ana Cláudia dos Santos da Silva – Museu Paraense Emílio Goeldi

Ana Maria Pereira Lopes – Fundação Padre Anchieta – TV Cultura

Antonia Ferreira Soares – Museu de Favela/RJ  
Cecília Volkmer Ribeiro – COFEM e COREM/RS  
Cid Clay Costa Cardoso – Museu Sacaca  
Davidson Panis Kaseker – SISEM/SP  
Denilson Cristiano Antonio – REM/SC e Museu Hassis  
Edson Pereira – Museu da Família  
Elisa de Souza Martinez – Casa de Cultura da América Latina / UNB  
Fabiana de Lima Sales – Museu da Abolição /IBRAM e REMIC/PE  
Fátima Romualdo da Silva – Museu da Maré  
Gleyce Kelly M. Heitor – Museu de Arte do Rio / RJ  
Hagé Gelvai - Museu da Família  
Iris Letiere Santos de Menezes – COJAN/SIM/SECULT  
João Maria de Araújo de Lima – SEECD/Museu Nísia Floresta  
Liz Renata Lima Dias – Museu Casa Histórica de Alcântara – IBRAM/MinC  
Luciana Conrado Martins – PERCEBE  
Luciana Marques de Souza Eidam – Museu da Família  
Luiza de Souza Lima Pacheco – RIMC/BH  
Manuela Dias de Melo – UFPE  
Márcia Helena da Silva Pontes – SIM/SECULT/PA  
Márcia Isabel Teixeira de Vargas – REM/RS  
Maria da Penha Teixeira de Souza –Museu Vivo Olho do Tempo e REM/PB  
Maria Elizabete de Azevedo – Museu dos Brinquedos  
Marina Sartori de Toledo – Museu da Língua Portuguesa  
Mayara da S. de A. Rodrigues – UFPA  
Milene Chiovatto (Mila) – Pinacoteca do Estado de São Paulo  
Mona Ribeiro Nascimento – REM/BA  
Nádia Helena Oliveira Almeida– ABREMC / Ecomuseu de Maranguape  
Nathalia Santos Costa – Museu Militar do Comando Militar do Sul  
Odinella Silva Tergino Bezerra – SECULT/FUNCARTE/Prefeitura de Natal  
Paula Fernanda Silva de Almeida – UFPA  
Pedro Augusto da Silva Reis – Museu Vigia /PA  
Raul Ivan Raiol de Campos – UFPA  
Sílvia G. Paes Barreto – Museu do Homem do Nordeste / Fundação Joaquim Nabuco  
Zenaide de Paiva – SIM-SCULT/PA

Belém, 25 de novembro de 2014



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL  
MINISTÉRIO DA CULTURA  
INSTITUTO BRASILEIRO DE MUSEUS – IBRAM

**CARTA DE PORTO ALEGRE**

Realizou-se na Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, nos dias 2 e 3 de junho de 2017, durante o 7º Fórum Nacional de Museus, o 2º Encontro Nacional do Programa Nacional de Educação Museal, que concluiu o processo consultivo de construção da Política Nacional de Educação Museal-PNEM.

Completo-se, assim, uma demanda histórica do campo, que dá início a um novo período de igual importância: de encaminhamentos e implementação das diretrizes definidas.

A partir de agora, a PNEM passa a ser o documento orientador para os sujeitos e instituições no que tange à educação museal. O desafio é fazer valer os princípios e diretrizes que constam no documento final e colocá-los em prática, sob orientação do Ibram e demais órgãos do poder público responsáveis pela implementação de políticas públicas de museus.

Para isso, os educadores museais e demais participantes do 2º Encontro Nacional do PNEM, hoje reunidos, apontam como passos necessários ao desenvolvimento da Política:

- Publicar o Caderno da Política Nacional de Educação Museal, com o conteúdo mais detalhado da proposta, um glossário, sua memória, seu histórico de construção e proposições para sua implementação;
- Realizar pesquisas, lideradas pelo IBRAM e com colaboração das Redes de Educadores em Museus e dos articuladores do PNEM, sobre o atual estágio de desenvolvimento da educação museal no Brasil;
- Realizar o 1º Encontro Nacional de Educação Museal, até o 8º Fórum Nacional de Museus, para discutir o desenvolvimento e implementação da Política Nacional de Educação Museal, conceitos e práticas do campo;



- Garantir um espaço para discussão das questões da educação museal nos Fóruns Nacionais de Museus;
- Incentivar a realização de seminários regionais para discussão e implementação da PNEM em parceria com as Redes de Educadores em Museus e articuladores regionais do Programa Nacional de Educação Museal.

**Assinam a Carta de Porto Alegre:**

Alline A. S. da Silva  
 Angelo R. Biléssimo  
 Átila Tolentino  
 Cinthia Oliveira  
 Cristine Pieske  
 Dalva de Paula  
 Daniele de Sá Alves  
 Danilo Melo  
 Denilson Antônio  
 Diego L. Vivian  
 Diogo Tubbs  
 Dora Medeiros  
 Felipe Tenório  
 Fernanda Castro  
 Fernanda Maziero Junqueira  
 Fernando Antônio Neto Lobo  
 Isabel Portella  
 Janaina Melo  
 Jezulino Lúcio Mendes Braga  
 Joana Ragattieri Adam  
 João Pedro Rodrigues da Conceição  
 Jocenaide M<sup>a</sup> Rosseto  
 José do Nascimento Jr.  
 José Nascimento  
 José Rui Guimarães Mourão  
 Juliana M. L. Pons  
 Junio F. Lima  
 Kátia Frecheiras  
 Leandro Nery Nunes

Luciana Conrado Martins  
 Luiza de Souza Lima Macedo  
 Magaly Cabral  
 Manuelina Maria Duarte Cândido  
 Márcia Vargas  
 Maria Helena G. Carvalho Tavares  
 Maria Iraci S. Monetiro  
 Maristela Simão  
 Milene Chiovatto  
 Moises Bezerra de Moraes  
 Mona Nascimento  
 Mônica Padilha Fonseca  
 Natália Maranhão  
 Newton Fabiano  
 Ozias de Jesus Soares  
 Paola Haber Maués  
 Paulo Roberto Melo Sousa  
 Paulo Roberto Sangos Pontes  
 Rafaela Gueiros  
 Renata Bittencourt  
 Ricardo Ridrigues  
 Rita de Cássia Oliveira Valle  
 Rudival F. Melo  
 Sidney Gonçalves do Vale  
 Thomas Xavier Carneiro  
 Vitor Rocha  
 Wellington Ricardo

Porto Alegre, 3 de junho de 2017.



# DIÁRIO OFICIAL DA UNIÃO



Publicado em: 13/12/2017 | Edição: 238 | Seção: 1 | Página: 1-6  
 Órgão: Ministério da Cultura / Instituto Brasileiro de Museus

## PORTARIA Nº 422, DE 30 DE NOVEMBRO DE 2017

Dispõe sobre a Política Nacional de Educação Museal - PNEM e dá outras providências.

O PRESIDENTE DO INSTITUTO BRASILEIRO DE MUSEUS - IBRAM, no uso da atribuição que lhe confere o art. 20, inciso IV, anexo I, do Decreto nº 6.845, e tendo em vista o disposto na Lei nº 11.904, de 14 de janeiro 2009 e no Decreto nº 8.124, de 17 de outubro de 2013, e

CONSIDERANDO a aprovação da Carta de Petrópolis, documento resultante do 1º Encontro de Educadores do Ibram, realizado no Museu Imperial/Ibram, no ano de 2010, que oferece subsídios para a construção de uma Política Nacional de Educação Museal;

CONSIDERANDO o processo de consulta e construção participativa para a constituição do Programa Nacional de Educação Museal, iniciado em 2012, por meio de espaço virtual (Blog - <http://pnem.museus.gov.br>) composto por eixos temáticos coordenados por servidores do Ibram, com o objetivo de reunir reflexões, discussões e receber propostas relativas à educação museal;

CONSIDERANDO a realização de 23 encontros presenciais regionais, com a colaboração de articuladores do campo e das Redes de Educadores em Museus - REMs, e com o intuito de discutir documento preliminar, resultado das propostas enviadas nos fóruns virtuais do Blog;

CONSIDERANDO a aprovação da Carta de Belém, documento resultante do 1º Encontro Nacional do Programa Nacional de Educação Museal, realizado no âmbito do 6º Fórum Nacional de Museus, na capital do estado do Pará, em novembro de 2014, contendo os cinco princípios que norteiam a Política Nacional de Educação Museal (PNEM), que tomam como base as diretrizes do eixo temático Perspectivas Conceituais;

CONSIDERANDO a aprovação do documento final, com os princípios e diretrizes da PNEM, resultante do 2º Encontro Nacional do Programa Nacional de Educação Museal, realizado no âmbito do 7º Fórum Nacional de Museus em Porto Alegre-RS, em junho de 2017;

CONSIDERANDO que a PNEM é fruto do trabalho coletivo realizado por servidores do Ibram, educadores museais, integrantes das REMs, professores dos diversos níveis e esferas de ensino, estudantes, profissionais e usuários de museus, resolve:

Art. 1º Estabelecer a Política Nacional de Educação Museal - PNEM, que visa à organização, ao desenvolvimento, ao fortalecimento e à fundamentação do campo da educação museal no Brasil.

Parágrafo único. A PNEM é um conjunto de princípios e diretrizes que tem o objetivo de nortear a realização das práticas educacionais em instituições museológicas, fortalecer a dimensão educativa em todos os setores do museu e subsidiar a atuação dos educadores.

Art. 2º Para fins desta Portaria compreende-se por Educação Museal um processo de múltiplas dimensões de ordem teórica, prática e de planejamento, em permanente diálogo com o museu e a sociedade.

Art. 3º A presente Portaria destina-se ao campo museal brasileiro como um todo, reconhecendo os museus e os processos museológicos como lugares ideais para a prática dos princípios e diretrizes aqui formalizados.

Parágrafo Único. Esta portaria adota as definições de museu e processos museológicos do artigo 2º, incisos IX e X, respectivamente, do Decreto nº 8.124/2013:

- museu - instituição sem fins lucrativos, de natureza cultural, que conserva, investiga, comunica, interpreta e expõe, para fins de preservação, estudo, pesquisa, educação, contemplação e turismo, conjuntos e coleções de valor histórico, artístico, científico, técnico ou de outra natureza cultural, abertos ao público, a serviço da sociedade e de seu desenvolvimento;

- processo museológico - programa, projeto e ação em desenvolvimento ou desenvolvido com fundamentos teórico e prático da museologia, que considere o território, o patrimônio cultural e a memória social de comunidades específicas, para produzir conhecimento e desenvolvimento cultural e socioeconômico.

Art. 4º São princípios da PNEM:

I - estabelecer a educação museal como função dos museus, reconhecida nas leis e explicitada nos documentos norteadores, juntamente com a preservação, comunicação e pesquisa;

II - a educação museal compreende um processo de múltiplas dimensões de ordem teórica, prática e de planejamento, em permanente diálogo com o museu e a sociedade;

III - garantir que cada instituição possua setor de educação museal, composto por uma equipe qualificada e multidisciplinar, com a mesma equivalência apontada no organograma para os demais setores técnicos do museu, prevendo dotação orçamentária e participação nas esferas decisórias do museu;

IV - cada museu deverá construir e atualizar sistematicamente o Programa Educativo e Cultural, entendido como uma Política Educacional, em consonância ao Plano Museológico, levando em consideração as características institucionais e dos seus diferentes públicos, explicitando os conceitos e referenciais teóricos e metodológicos que embasam o desenvolvimento das ações educativas;

V - assegurar, a partir do conceito de Patrimônio Integral, que os museus sejam espaços de educação, de promoção da cidadania, e colaborem para o desenvolvimento regional e local, de forma integrada com seus diversos setores.

Parágrafo Único. De acordo com as conclusões e recomendações do I Encontro do Comitê Regional para a América Latina e Caribe, do Comitê Internacional para Museologia do Conselho Internacional de Museus (ICOM) para América Latina e Caribe (ICOFOM LAM), realizado em Buenos Aires, em 1992, considera-se Patrimônio Integral o conjunto que abrange as coleções de museus e seu entorno, incluindo as manifestações imateriais da cultura.

Art. 5º São diretrizes da PNEM:

Eixo I - Gestão

I - incentivar a construção do Programa Educativo e Cultural, entendido como uma Política Educacional, definido a partir da missão do museu, pelo setor de educação museal, em colaboração com os demais setores do museu e a sociedade;

II - promover o desenvolvimento do Programa Educativo e Cultural no Plano Museológico e estabelecer entre suas atribuições: missão educativa; referências teóricas e conceituais; diagnósticos de sua competência; descrição dos projetos e plano de trabalho; registro, sistematização e avaliação permanente de suas atividades e formação continuada dos profissionais do museu;

III - incentivar mecanismos de financiamento, fomento e apoio a programas, projetos e ações educativas museais, complementando sua dotação orçamentária permanente;

IV - incorporar a contribuição dos setores de educação museal como parte integrante das programações e na constituição da memória do museu por meio do registro e divulgação de suas ações.

Eixo II - Profissionais, formação e pesquisa

I - promover o profissional de educação museal, incentivando o investimento na formação específica e continuada de profissionais que atuam no campo;

II - reconhecer entre as atribuições do educador museal: a atuação na elaboração participativa do Programa Educativo Cultural; a realização de pesquisas e diagnósticos de sua competência; a implementação dos programas, projetos e ações educativas; a realização do registro, da sistematização e da avaliação dos mesmos; e promover a formação integral dos indivíduos;

III - fortalecer o papel do profissional de educação museal, estabelecendo suas atribuições no Programa Educativo e Cultural em conformidade com a PNEM;

IV - valorizar o profissional da educação museal, incentivando a formalização da profissão, o estabelecimento de planos de carreira, a realização de concursos públicos e a criação de parâmetros nacionais para a equiparação da remuneração nas várias regiões do país;

V - potencializar o conhecimento específico da educação museal de forma a consolidar esse campo, por meio da difusão e promoção dos trabalhos realizados, do intercâmbio de experiências e do estímulo à viabilização de cursos de nível superior em educação museal;

VI - valorizar a troca de experiências por meio de parcerias nacionais e internacionais para a realização de estágios profissionais em educação museal;

VII - fortalecer a pesquisa em educação em museus e em contextos nos quais ocorrem processos museais, reconhecendo esses espaços como produtores de conhecimento em educação;

VIII - promover o desenvolvimento e a difusão de pesquisas específicas do campo por meio da articulação entre os setores educativos e agências de fomento científico, universidades e demais instituições da área;

IX - promover, em colaboração com outros setores dos museus, diagnósticos, estudos de público e avaliação, visando à verificação do cumprimento de sua função social e educacional.

#### Eixo III - Museus e sociedade

I - estimular a colaboração entre órgãos públicos e privados de educação, promovendo a difusão da educação museal, em consonância com a PNEM, visando à formação integral;

II - incentivar e apoiar a criação e o fortalecimento de redes de profissionais da educação museal, visando à articulação, ao crescimento e à difusão da profissão e do campo da educação museal;

III - promover a acessibilidade plena ao museu, incentivando a formação inicial e continuada dos educadores museais para o desenvolvimento de programas, projetos e ações educativas acessíveis;

IV - estimular, promover e apoiar a sustentabilidade ambiental, econômica, social e cultural nos programas, projetos e ações educativas, respeitando as características, as necessidades e os interesses das populações locais, garantindo a preservação da diversidade e do patrimônio cultural e natural, a difusão da memória sociocultural e o fortalecimento da economia solidária;

V - promover programas, projetos e ações educativas em colaboração com as comunidades, visando à sustentabilidade e incentivando a reflexão e a construção coletivas do pensamento crítico;

VI - estimular e ampliar a troca de experiências entre museu e sociedade, incentivando o uso de novas tecnologias, novas mídias e da cultura digital.

#### Art. 6º O Instituto Brasileiro de Museus (Ibram) compromete-se a:

I - realizar, de preferência no âmbito do Fórum Nacional de Museus, Encontros Nacionais de Educação Museal para discutir o desenvolvimento e implementação da PNEM, bem como conceitos e práticas do campo.

II - gerir o Blog (<http://pnem.museus.gov.br>), canal de comunicação, articulação e informação sobre a Educação Museal.

III - possibilitar a criação de uma instância representativa e consultiva da PNEM, que poderá ser integrada por servidores do Ibram, educadores museais, professores dos diversos níveis e esferas de ensino, estudantes, profissionais e usuários de museus integrantes ou não das Redes de Educadores em Museus, com o objetivo de debater e construir ações conjuntas e para acompanhamento da implementação da PNEM.

# APÊNDICES

## **APÊNDICE A: QUESTIONÁRIO APLICADO A PESQUISADORES / TÉCNICOS / ESTAGIÁRIOS / COLABORADORES**

Belém, 19 de outubro de 2016.

Prezado (a) Sr (a),

### **PESQUISADORES/TÉCNICOS/ESTAGIÁRIOS/COLABORADORES**

Solicitamos a sua atenção para responder a este questionário, que faz parte da ação “MuseuGoeldi de Portas Abertas 2016”, desenvolvida pelo Serviço de Educação da Coordenação de Museologia, Museu Paraense Emílio Goeldi e de pesquisa para a Tese de Doutorado em Educação: A Epistemologia da Educação Museal na Amazônia Paraense: um estudo sobre o Programa O Museu Goeldi de Portas Abertas, da doutoranda Helena do Socorro Alves Quadros, pelo Programa de Pós-graduação em Educação – PPGED, da UFPa.

O objetivo deste instrumento de pesquisa é coletar dados sobre as ações do projeto “Museu Goeldi de Portas Abertas 2016” desenvolvido pelo MPEG há mais de 30 anos e objeto de Tese de Doutorado em Educação – UFPa. Ao responder a este questionário, V. Sa. concordará com a divulgação das informações em relatórios de pesquisa, artigos científicos e apresentações de trabalhos em eventos.

Agradecemos a sua disponibilidade e participação.

Atenciosamente,

Dr. Carlos Jorge Paixão  
PPGED/UFPa.  
Orientador

Helena do Socorro Alves Quadros  
Tecnologista Sênior/Museu Paraense Emílio Goeldi  
Doutoranda em Educação - PPGED/UFPa

**TESE: A EPISTEMOLOGIA DA EDUCAÇÃO MUSEAL NA AMAZÔNIA  
PARAENSE: UM ESTUDO SOBRE O PROGRAMA O MUSEU GOELDI DE  
PORTAS ABERTAS**

**1. Identificação**

Coordenação:

Formação:

**2. Educação Museal no Processo de Educação Escolar**

1a.. Para você qual a importância do Museu Goeldi de Portas Abertas, atividade do Serviço de Educação do Museu Goeldi?

1aa – E, para a Educação Museal?

2a. Há quanto tempo você participa dessa atividade?

3a. O que você apresentou para o público este ano e de que forma?

4a. Quais suas sugestões para esta atividade para os próximos anos? Levando em consideração a interação do Museu Paraense Emílio Goeldi e a Sociedade?

## APÊNDICE B: QUESTIONÁRIO APLICADO AOS ALUNOS

Belém, 19 de outubro de 2016.

Prezado (a) Sr (a),

**ALUNOS (AS),**

Solicitamos a sua atenção para responder a este questionário, que faz parte da ação “MuseuGoeldi de Portas Abertas 2016”, desenvolvida pelo Serviço de Educação da Coordenação de Museologia, Museu Paraense Emílio Goeldi e de pesquisa para a Tese: A Epistemologia da Educação Museal na Amazônia Paraense: um estudo sobre o Programa O Museu Goeldi de Portas Abertas, da doutoranda Helena do Socorro Alves Quadros, pelo Programa de Pós-graduação em Educação –PPGED, da UFPa.

O objetivo deste instrumento de pesquisa é coletar dados sobre as ações do projeto “MuseuGoeldi de Portas Abertas 2016” desenvolvido pelo MPEG há mais de 30 anos e objeto de Tese de Doutorado em Educação – UFPa. Ao responder a este questionário, V. Sa. concordará com a divulgação das informações em relatórios de pesquisa, artigos científicos e apresentações de trabalhos em eventos.

Agradecemos a sua disponibilidade e participação.

Atenciosamente,

Dr. Carlos Jorge Paixão  
PPGED/UFPa. Orientador

Helena do Socorro Alves Quadros  
Tecnologista Sênior/Museu Paraense Emílio Goeldi  
Doutoranda em Educação - PPGED/UFPa

**TESE: A EPISTEMOLOGIA DA EDUCAÇÃO MUSEAL NA AMAZÔNIA  
PARAENSE: UM ESTUDO SOBRE O PROGRAMA O MUSEU GOELDI DE  
PORTAS ABERTAS**

1. Identificação

Instituição de Ensino:

Série ou Semestre:

Qual a sua idade?

2. Museu Goeldi de Portas Abertas 2016 1a.. Você teve informações sobre o Museu Goeldi de Portas Abertas, atividade do Serviço de Educação do Museu Goeldi, na sua Instituição de Ensino antes de vir participar? Quais informações e por quem?

2a. O que você viu hoje no Museu Paraense Emílio Goeldi?

3a. A partir do que você vivenciou no Museu Goeldi de Portas Abertas, sentiu vontade de estudar uma das áreas científicas trabalhadas pelo Museu? Qual (is)?

4a. Dê sugestões de temas para o Museu Goeldi de Portas Abertas para os próximos anos?

## APÊNDICE C: QUESTIONÁRIO APLICADO AOS PROFESSORES

Belém, 19 de outubro de 2016.

Prezado (a) Sr (a),

### **PROFESSOR (A)**

Solicitamos a sua atenção para responder a este questionário, que faz parte da ação “Museu Goeldi de Portas Abertas 2016”, desenvolvida pelo Serviço de Educação da Coordenação de Museologia, Museu Paraense Emílio Goeldi e de pesquisa para a Tese de Doutorado em Educação: A EPISTEMOLOGIA DA EDUCAÇÃO MUSEAL NA AMAZÔNIA PARAENSE: UM ESTUDO SOBRE O PROGRAMA O MUSEU GOELDI DE PORTAS ABERTAS, da doutoranda Helena do Socorro Alves Quadros, pelo Programa de Pós-graduação em Educação – PPGED, da UFPa.

O objetivo deste instrumento de pesquisa é coletar dados sobre as ações do projeto “MuseuGoeldi de Portas Abertas 2016” desenvolvido pelo MPEG há mais de 30 anos e objeto de Tese de Doutorado em Educação – UFPa. Ao responder a este questionário, V. Sa. concordará com a divulgação das informações em relatórios de pesquisa, artigos científicos e apresentações de trabalhos em eventos.

Agradecemos a sua disponibilidade e participação.

Atenciosamente,

Dr. Carlos Jorge Paixão  
PPGED/UFPa. Orientador

Helena do Socorro Alves Quadros  
Tecnologista Sênior/Museu Paraense Emílio Goeldi  
Doutoranda em Educação - PPGED/UFPa

**TESE: A EPISTEMOLOGIA DA EDUCAÇÃO MUSEAL NA AMAZÔNIA PARAENSE: UM ESTUDO SOBRE O PROGRAMA O MUSEU GOELDI DE PORTAS ABERTAS**

**1. Identificação**

Instituição de Ensino:

Qual disciplina você leciona:

Você atua em qual (is) escola (s):

**2. Museu Goeldi de Portas Abertas 2016**

1a. você participa das ações em educação museal do Museu Paraense Emílio Goeldi? Qual (is)?

2a. Você já participou antes do “Museu Goeldi de Portas Abertas”?

3a. Após sua visita nas Coordenações, qual a sua opinião sobre a proposta do “Museu Goeldi de Portas Abertas” para o campo da Educação?

4a. De que forma você prepara as suas turmas para o “Museu Goeldi de Portas Abertas”?

5a. A partir do “Museu Goeldi de Portas Abertas” que ideias você pode desenvolver em sala de aula?

6a. Que sugestões você pode dar ao “Museu Goeldi de Portas Abertas”?

## APÊNDICE D – ENTREVISTA COM PESQUISADORA DO MUSEU GOELDI



### TESE: A EPISTEMOLOGIA DA EDUCAÇÃO MUSEAL NA AMAZÔNIA PARAENSE: UM ESTUDO SOBRE O PROGRAMA O MUSEU GOELDI DE PORTAS ABERTAS

Doutoranda: Helena do Socorro Alves Quadros

Orientador: Dr. Carlos Jorge Paixão

#### QUESTÃO – PROBLEMA:

- Até que ponto o Programa Institucional O Museu Goeldi de Portas Abertas proporciona um ambiente pedagógico de socialização do conhecimento científico por meio de vários empreendimentos da ciência formal (áreas científicas), desenvolvidos no MPEG de forma a contribuir para a construção do campo epistemológico da educação museal?

#### OBJETIVOS:

- Objetivo geral é analisar para explicitar as questões ligadas a cultura científica que perpassa o programa Museu Goeldi de Portas Abertas no sentido de compor o campo da epistemologia da educação museal.

- Objetivos específicos: a) examinar os documentos institucionais do Museu Paraense Emílio Goeldi; b) examinar os documentos ligados ao programa Museu Goeldi de Portas Abertas; c) identificar a relação dos sujeitos da comunidade com elementos ligados à cultura científica socializada no Programa Museu Goeldi de Portas Abertas; d) documentar eventos do Programa Museu Goeldi de Portas Abertas; e) documentar sujeitos, o movimento dos sujeitos se relacionando com os eventos do Programa Museu Goeldi de Portas Abertas.

#### Entrevista com Pesquisadora:

##### I. Identificação

Nome:

Faixa etária:

Formação:

## II – Roteiro de Entrevista

1. Você participa das ações em educação museal do Museu Paraense Emílio Goeldi? Qual (is)?
2. Você já participou antes do Museu Goeldi de Portas Abertas? Se sim, há quanto tempo você participa dessa atividade?
3. Como você começou a participar do Programa Museu Goeldi de Portas Abertas?
4. Qual contribuição você acredita que o Programa Museu Goeldi de Portas Abertas pode trazer para a comunidade científica?
5. Para você qual a importância do Programa Museu Goeldi de Portas Abertas, atividade do Serviço de Educação do Museu Goeldi? E, para a Educação Museal?
6. O que mais lhe chamou atenção enquanto pesquisadora?
7. De que forma você entende que o Museu deve interagir com a sociedade? Você acha que cabe a ele esse papel?
8. você acha importante que a comunidade conheça as pesquisas científicas realizadas no MPEG? Por quê?
9. Qual a percepção da comunidade de pesquisadores sobre o Programa como um meio de socialização do conhecimento científico?

## **APÊNDICE E – ENTREVISTA COM COMUNITÁRIA DO BAIRRO DA TERRA FIRME**



### **TESE: A EPISTEMOLOGIA DA EDUCAÇÃO MUSEAL NA AMAZÔNIA PARAENSE: UM ESTUDO SOBRE O PROGRAMA O MUSEU GOELDI DE PORTAS ABERTAS**

Doutoranda: Helena do Socorro Alves Quadros

Orientador: Dr. Carlos Jorge Paixão

#### **QUESTÃO – PROBLEMA:**

- Até que ponto o Programa Institucional O Museu Goeldi de Portas Abertas proporciona um ambiente pedagógico de socialização do conhecimento científico por meio de vários empreendimentos da ciência formal (áreas científicas), desenvolvidos no MPEG de forma a contribuir para a construção do campo epistemológico da educação museal?

#### **OBJETIVOS:**

- Objetivo geral é analisar para explicitar as questões ligadas a cultura científica que perpassa o programa Museu Goeldi de Portas Abertas no sentido de compor o campo da epistemologia da educação museal.

- Objetivos específicos: a) examinar os documentos institucionais do Museu Paraense Emílio Goeldi; b) examinar os documentos ligados ao programa Museu Goeldi de Portas Abertas; c) identificar a relação dos sujeitos da comunidade com elementos ligados a cultura científica socializada no Programa Museu Goeldi de Portas Abertas; d) documentar eventos do Programa Museu Goeldi de Portas Abertas; e) documentar sujeitos, o movimento dos sujeitos se relacionando com os eventos do Programa Museu Goeldi de Portas Abertas.

#### **Entrevista com comunitária do bairro da Terra Firme:**

##### **I. Identificação**

Nome:

Faixa etária:

Formação:

## II – Roteiro de Entrevista

1. Você participa das ações em educação do Museu Paraense Emílio Goeldi? Qual (is)?
2. Você já participou antes do Museu Goeldi de Portas Abertas? Se sim, há quanto tempo você participa dessa atividade?
3. Como você começou a participar do Programa Museu Goeldi de Portas Abertas?
4. Qual contribuição você acredita que o Programa Museu Goeldi de Portas Abertas pode trazer para a cultura científica?
5. Para você qual a importância do Programa Museu Goeldi de Portas Abertas, atividade do Serviço de Educação do Museu Goeldi? E, para a Educação Museal?
6. O que mais lhe chamou atenção enquanto comunitária?
7. De que forma você entende que o Museu deve interagir com a sociedade? Você acha que cabe a ele esse papel?
8. você acha importante que a comunidade conheça as pesquisas científicas realizadas no MPEG? Por quê?
9. Qual a percepção da comunidade do bairro da Terra Firme sobre o Programa como um meio de socialização do conhecimento científico?

## **APÊNDICE F – ENTREVISTA COM A MEDIADORA/MONITORA DO MUSEU PARAENSE EMÍLIO GOELDI.**



### **TESE: A EPISTEMOLOGIA DA EDUCAÇÃO MUSEAL NA AMAZÔNIA PARAENSE: UM ESTUDO SOBRE O PROGRAMA O MUSEU GOELDI DE PORTAS ABERTAS**

Doutoranda: Helena do Socorro Alves Quadros  
Orientador: Dr. Carlos Jorge Paixão

#### **QUESTÃO – PROBLEMA:**

- Até que ponto o Programa Institucional O Museu Goeldi de Portas Abertas proporciona um ambiente pedagógico de socialização do conhecimento científico por meio de vários empreendimentos da ciência formal (áreas científicas), desenvolvidos no MPEG de forma a contribuir para a construção do campo epistemológico da educação museal?

#### **OBJETIVOS:**

- Objetivo geral é analisar para explicitar as questões ligadas a cultura científica que perpassa o programa Museu Goeldi de Portas Abertas no sentido de compor o campo da epistemologia da educação museal.

- Objetivos específicos: a) examinar os documentos institucionais do Museu Paraense Emílio Goeldi; b) examinar os documentos ligados ao programa Museu Goeldi de Portas Abertas; c) identificar a relação dos sujeitos da comunidade com elementos ligados a cultura científica socializada no Programa Museu Goeldi de Portas Abertas; d) documentar eventos do Programa Museu Goeldi de Portas Abertas; e) documentar sujeitos, o movimento dos sujeitos se relacionando com os eventos do Programa Museu Goeldi de Portas Abertas.

#### **Entrevista com mediadora (monitora) do Programa Museu Goeldi de Portas Abertas**

##### **I. Identificação**

Nome:

Faixa etária:

Formação:

## **II – Roteiro de Entrevista**

1. Você participa das ações em educação museal do Museu Paraense Emílio Goeldi? Qual (is)?
2. Você já participou antes do Museu Goeldi de Portas Abertas? Se sim, há quanto tempo você participa dessa atividade?
3. Como você começou a participar do Programa Museu Goeldi de Portas Abertas?
4. Qual contribuição você acredita que o Programa Museu Goeldi de Portas Abertas pode trazer para a comunidade científica?
5. Para você qual a importância do Programa Museu Goeldi de Portas Abertas, atividade do Serviço de Educação do Museu Goeldi? E, para a Educação Museal?
6. O que mais lhe chamou atenção enquanto mediadora/monitora?
7. De que forma você entende que o Museu deve interagir com a sociedade? Você acha que cabe a ele esse papel?
8. você acha importante que a comunidade conheça as pesquisas científicas realizadas no MPEG? Por quê?
9. Qual a sua percepção sobre o Programa como um meio de socialização do conhecimento científico?



## TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Declaro, por meio deste termo, que concordei em ser entrevistada e/ou participar na pesquisa de campo referente à pesquisa intitulada A Epistemologia da Educação Museal na Amazônia Paraense: Um estudo sobre o Programa O Museu Goeldi de Portas Abertas, da Doutoranda Helena do Socorro Alves Quadros.

Fui informada, ainda, de que a pesquisa é orientada pelo Professor Doutor Carlos Jorge Paixão a quem poderei contatar / consultar a qualquer momento que julgar necessário por meio do e-mail [cjp@ufpa.br](mailto:cjp@ufpa.br).

Afirmo que aceitei participar por minha própria vontade, sem receber qualquer incentivo financeiro ou ter qualquer ônus e com a finalidade exclusiva de colaborar para o sucesso da pesquisa. Fui informado (a) dos objetivos estritamente acadêmicos do estudo.

Minha colaboração se fará de forma anônima, por meio de gravação de voz a ser (forma de coleta da informação) a partir da assinatura desta autorização. O acesso e a análise dos dados coletados se farão apenas pela pesquisadora e/ou seu orientador.

Belém, de de 2018.

Assinatura do(a) participante: \_\_\_\_\_

Assinatura do(a) pesquisador(a): \_\_\_\_\_

Assinatura do(a) testemunha(a): \_\_\_\_\_

## TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM

Neste ato, eu....., CPF nº.....AUTORIZO o uso das fotografias para fins exclusivamente de pesquisa acadêmica desenvolvida pela pesquisadora em Educação, Helena do Socorro Alves Quadros, a ser publicado nos formatos impresso e virtual, para a sua Tese de Doutorado em Educação: A Epistemologia da Educação Museal Paraense: um estudo sobre o Programa O Museu Goeldi de Portas Abertas.

A presente autorização é concedida em caráter gratuito, permanente e irrevogável, inexistindo qualquer ônus ou obrigação de remuneração por parte do licenciado ou de terceiros expressamente autorizados por este.

Belém (PA), outubro de 2018.

assinatura

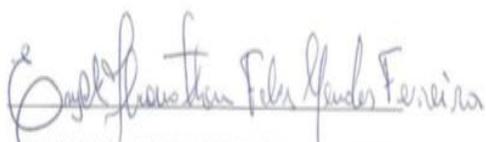
---

## TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM

Neste ato, eu, ERYCK JOHNATHAN FELIS MENDES FERREIRA, CPF nº 010.904.472-05, AUTORIZO o uso das fotografias (figuras: 07, 08, 09, 10, 11,12,13), para fins exclusivamente de pesquisa acadêmica desenvolvida pela pesquisadora em Educação, Helena do Socorro Alves Quadros, a ser publicado nos formatos impresso e virtual, para a sua Tese de Doutorado em Educação "A Ciência sem luvas: o Museu Goeldi de Portas Abertas e a Epistemologia da Educação Museal na Amazônia".

A presente autorização é concedida em caráter gratuito, permanente e irrevogável, inexistindo qualquer ônus ou obrigação de remuneração por parte do licenciado ou de terceiros expressamente autorizados por este.

Belém (PA), 19 de outubro de 2016.



ERYCK JOHNATHAN FELIS MENDES FERREIRA